

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

**FUTEBOL, IMPRENSA E CIDADE: O PROCESSO DE ESPECIALIZAÇÃO DA  
CRÔNICA ESPORTIVA EM FORTALEZA (1921-1930).**

**Vicente Moreira Maia Neto**

**Dissertação apresentada ao Programa  
de Pós-Graduação em História Social  
da Universidade Federal do Ceará,  
como requisito parcial à obtenção do  
título de Mestre, sob orientação do  
Prof. Dr. Frederico de Castro Neves.**

**Fortaleza, junho de 2014.**

**FUTEBOL, IMPRENSA E CIDADE: O PROCESSO DE ESPECIALIZAÇÃO DA  
CRÔNICA ESPORTIVA EM FORTALEZA (1921-1930).**

Vicente Moreira Maia Neto.

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História Social, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Aprovada em: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

---

Prof. Dr. Frederico de Castro Neves  
Universidade Federal do Ceará – UFC  
(orientador)

---

Prof. Dr. Antonio Luiz Macêdo e Silva Filho  
Universidade Federal do Ceará – UFC

---

Profa. Dra. Irenísia Torres de Oliveira  
Universidade Federal do Ceará – UFC

**Em memória de meu falecido pai,  
Pedro. Dedicado aos meus avós,  
“Miltão” e “Lira”, pela calma e  
perseverança aprendidas. Também  
dedicado às mulheres de minha vida,  
“Leiry”, Kelvia e Karine, meus  
amores.**

## **Agradecimentos:**

Durante esta minha jornada na pós-graduação, muitos colegas de profissão e pessoas queridas me foram generosas e solícitas; pacientes e compreensivas. A elas minha gratidão, meu sincero muito obrigado.

Agradeço a CAPES pela bolsa de pesquisa concedida.

Agradeço aos professores que me acompanharam desde o Programa de Educação Tutorial (PET/História), na graduação, enquanto tutores, professores Almir Leal de Oliveira e Antônio Gilberto Ramos Nogueira; e aos colegas e amigos de bolsa, que entre uma atividade e outra, entre uma noitada e um texto compartilhado, foram verdadeiros companheiros, em especial Antônio José, Bruno de Brito, Leonardo Ibiapina, Mariana de Sousa e Ramona Jerônimo.

Sou grato pela companhia dos colegas de ofício, luta e vida, alguns desde a graduação, outros encontrados no mestrado, os amigos Alysson Queiroz, Francisco Eduardo, Francisco Thiago, Gustavo Magno, Israel Carvalho, João Paulo, Juliana Hollanda, Luciana Reges, Nivea Monteiro, Paulo Giovanni, Pedro Baptista, Priscylla Lima, Renato Freire, Renato Mesquita e Victor Emmanuel. Agradeço ainda a generosidade de Leonardo Ibiapina, Juliana Hollanda e Renato Freire, ao me concederem indicações e fontes de pesquisa.

Agradeço aos professores Antônio Luiz Macêdo e Meize Regina, pelas suas colaborações quando das disciplinas do mestrado “Cultura e Cidade” e “Tópicos Especiais em Cultura e Poder: História e Imagem”, respectivamente. Momentos em que aproveitei e dei início à redação dos capítulos primeiro e segundo da dissertação, discutindo questões como a relação do espaço e a história; e da produção e intencionalidade dos objetos culturais. Agradeço também à professora Irenísia Torres, que participou da minha banca de qualificação, ao lado do próprio professor Antônio Luiz e do meu orientador, Frederico de Castro Neves.

Agradeço de forma especial ao professor “Fred”, por todos estes anos de orientação, desde o meu ingresso nas discussões do grupo de pesquisa “História e Memória do Futebol Cearense”, em 2008. Sua contribuição à pesquisa, nas inúmeras vezes em que se fazia o exercício de escrita e crítica do projeto, foi ao mesmo tempo criteriosa, atenciosa e afetuosa. Lembro ainda dos colegas que contribuíram no grupo com o fomento de discussões e debates, principalmente os professores Rodrigo Pinto, Lídia Noêmia e João Vianey.

Por fim, agradeço a todos aqueles próximos o bastante, que tornaram a vivência e a convivência da minha jornada algo menos inglório, só por estarem por perto. Sou eternamente grato à minha mãe, “Leiry”; minha irmã, Kelvia; e meus avós, Milton e “Lira”. A todos eles eu dedico esta dissertação, juntamente com meu saudoso pai, Pedro, que partiu em fevereiro de 2012; e minha namorada, Karine, presente em todos os momentos. A minha irmã, agradeço também pela ajuda na parte gráfica da dissertação.

Lembro ainda de todo o sacrifício coletivo de minha família para que a 3º geração, a dos netos de Milton e “Lira”, concluíssem uma graduação. Nesse sentido, extendo meus agradecimentos aos meus tios, Regis e Miltomar, que participaram também da minha formação e dos primeiros chutes na bola, ensinados pelo seu Milton; e aos meus primos, que dividiram boas tardes de estudo e brincadeiras, principalmente a Ana Jessica.

Ainda dentre aqueles que tornaram menos solitário o exercício de escrita, agradeço novamente aos inseparáveis amigos dos últimos anos, Francisco Thiago, Gustavo Magno, Israel Carvalho, João Paulo, Paulo Giovanni, Renato Mesquita e Victor Emmanuel; e aos familiares da minha namorada, principalmente seus pais, D. Nilza, em memória, e seu Nelson, excelente companheiro de cervejas e conversas.

Sou grato também às pessoas que me deram carinho e apoio quando da morte de meu pai, sendo impossível não mencionar a dedicação do meu tio “Doiô”, da minha tia Maria do Carmo e da grande amiga Genilce. Sem eles e minha mãe dificilmente conseguiria solucionar todas as questões que envolviam meu “velho”; dificilmente conseguiria me dedicar completamente à finalização da redação do texto.

A todos, muito obrigado!

## **Resumo:**

O presente trabalho tem por objetivo discutir as relações entre o futebol, o espaço urbano e a imprensa fortalezense, durante o processo de especialização da crônica esportiva nos anos 1920. O assunto principal da dissertação é a correlação entre práticas culturais e concepções ideológicas tradicionais e modernas, gerando uma série de conflitos de natureza política e econômica entre diferentes grupos sociais que se apropriavam do jogo de bola em Fortaleza. Nesse sentido, o trabalho tem a finalidade de discutir três temas maiores: a relação entre o futebol e o espaço urbano fortalezense; a relação entre o futebol e a prática da produção cultural impressa em jornais da cidade; e a relação entre o futebol e a constituição de identidades no contexto do período entre guerras mundiais e de formação de grandes metrópoles urbanas, marcadas pela migração em massa e advento das classes média e operária no Brasil e América Latina.

**Palavras-chaves:** Futebol; Imprensa; Cidade; Crônica Esportiva.

## **Resumé:**

Le travail present a pour objectif discuter les relations entre le football, l'espace urbain et la presse fortalezense, pendant le procés d'especialization de la cronique sportive dans les annés 1920. Le sujet principale c'est les liesons entre les pratiques culturelles et les conceptions idéologiques traditionnelles et modernes, en generant une série de conflits de nature politique et économique entre les differents groupes sociaux que s'aproprient du jeu de balle en Fortaleza. Dans ce cas, le travail a l'objectif de penser trois questions principaux: discuter la relation entre le football et l'espace urbain fortalezense; débattre la relation entre le football et la pratique de la production culturelle de la presse dans le journaux de la ville; et mettre en question la relation entre le football et la constitution de les identités dans le contexte du period pós-guerre mondiale et pendant le contexte de la formation de les grands métropoles urbains, elles aient marqués pour la migration en masse et l'avent de les nouvelles classes sociaux (moyen et ouvrier) dans le Brésil et Amérique Latine.

**Mots de la clef:** Football; Presse; Ville; Cronique Sportive.

## Sumário:

**Considerações iniciais: O futebol como um fenômeno mundial. (p. 08).**

**- Cap. 1 – Futebol e cidade. (p.p. 21-73).**

**1.1 – Configuração social e espacial do futebol em Fortaleza. (p. 21).**

**1.2 – Metáforas da civilização e da saúde: o discurso “hygienista” e da “educação physica”. (p. 52).**

**- Cap. 2 – Futebol e imprensa. (p.p. 74-104).**

**2.1 – Representações da relação entre futebol e imprensa. (p. 74).**

**2.2 – A especialização da crônica esportiva. (p. 92).**

**- Cap. 3 – Futebol e identidades. (p.p. 105-157).**

**3.1 – O futebol como síntese de identidades nas metrópoles: o futebol de rua. (p. 105).**

**3.2 – Clubes e seleções: o poder representativo do futebol. (p. 123).**

**Considerações finais: O futebol entre o passado e o futuro. (p. 158).**

**Anexos: (p.p. 162-163).**

**Mapa geral de Fortaleza atual – Difusão do futebol em Fortaleza e outras cidades do Estado do Ceará – 1921/1930. (p. 162).**

**Mapa do Centro de Fortaleza atual – Área de atuação dos circuitos – 1921/1930. (p. 163).**

**Fontes: (p. 164).**

**Bibliografia: (p. 166).**

## **Considerações iniciais: O futebol como um fenômeno mundial.**

A história do futebol não pode ser dissociada da história geral das civilizações (FRANCO JR.: 2007, p. 24).

Dizer que o futebol se relaciona com a história dos povos e com o processo de civilização, como sugere a passagem acima, define esta atividade como um jogo, uma diversão (“play”: uma ação), e como um esporte (“game”: um substantivo), que ao mesmo tempo encerra aspectos antropológicos, religiosos e sociológicos em comum a várias culturas humanas, assim como se relaciona intersticialmente ao Império Britânico e ao que dele se tornou seu legado: a Revolução Industrial e o Neocolonialismo. Como uma ação humana, os jogos de condução de bola com os pés ou as mãos são milenares e multiculturais. Como um conteúdo da história, o futebol se relaciona com a sua esportivização a partir do século XIX.

Conceitualmente, o futebol pode ser compreendido tematicamente em torno da categoria de “jogo”, tal como pensou Johan Huizinga (2008), exercendo várias funções na cultura humana, tais como a liberdade, a autarquia, a falta de pretensão, a não-seriedade, a luta, a representação da comunidade e a criação de regras mais ou menos fluidas, mas que ao mesmo tempo é um conceito histórico, pois ligado ao fenômeno esportivo e à criação do *Football Association – Soccer*<sup>1</sup>, expressão abreviada utilizada na Inglaterra do XIX em oposição ao *Rugger (Rugby Football Union)*, posteriormente enraizado nos Estados Unidos e Austrália.

Portanto, o futebol está inserido num processo histórico temporalmente e espacialmente (Industrialização e Império Britânico) bem definido, tendo como uma de suas características e resultados a internacionalização (Imperialismo/Neocolonialismo) desta atividade, muito embora esteja prenhe de várias características culturais do jogo, o que talvez expliquem determinados aspectos antropológicos e sociológicos da sua popularização, tal qual a aposta, a gozação, a camaradagem, o espírito clânico (HUIZINGA: 2008; FRANCO JR: 2007; TOMLINSON & YOUNG: 2006).

Não se trata aqui, porém, tentar estabelecer todas as nascentes que deram origem ao futebol, passando por uma longa descrição dos jogos com bola ao longo da história da cultura humana. Nem se trata de conceber o futebol como uma criação inglesa sob sua tutela e zona de “influência”. Não se pretende inventariar as origens. Gostaria de advertir, antes de tudo, que o objetivo é desnaturalizar, desarmonizar, dissecar o

---

<sup>1</sup> Sobre a utilização da expressão “soccer”, em oposição ao rúgbi, ver DUNNING: 2003. Para outros aspectos no vocabulário futebolístico e suas respectivas traduções na Europa e América, ver também FRANCO JR: 2007. Para o caso específico da Itália e a denominação de “calcio”, ver FOOT: 2006.

discurso sobre os começos e traçar um perfil pormenorizado dos conteúdos das práticas e suas representações.

À revelia de sua ancestralidade popular, o *football* na Inglaterra foi esportivizado nesta ilha durante o século XIX, no interior das *public schools*, por adolescentes de uma insurgente classe média e remanescentes das famílias nobres e aristocráticas, tendo como principal característica um processo de regulamentação do jogo que polarizou gradualmente a sua prática em duas formas, uma que prevê o predomínio da condução da bola com as mãos (*Rugby*) e outro que prevê o predomínio do uso dos pés para conduzi-la à baliza adversária (*Association*).

O fato de que no Brasil o rúgbi não teve relevante difusão e aceitação não muda a importância desta questão, aparentemente supérflua. Num estudo clássico e seminal sobre o assunto, Anatol Rosenfeld (2007, p. 71) argumenta que “um êxito tão exclusivo como o do futebol no Brasil, com a completa repressão do jogo de rúgbi, igualmente exercido a princípio, dá o que pensar”. E dá mesmo, pois o desenvolvimento do futebol se deu através da repressão do rúgbi, numa rivalidade que remonta às origens regulamentadoras do jogo durante o século XIX, mas que permanecem imbricadas na sua marcha em direção às demais ilhas da Grã-Bretanha, Europa continental e América latina. Não é absurdo pensar em termos militares, já que a disputa era por territórios. E se o futebol teve maior êxito ao final, isto não quer dizer que a difusão e maior aceitação do rúgbi na Oceania e América do Norte não tenham seguido o mesmo procedimento repressor em relação ao seu “irmão-concorrente”.

No interior das escolas públicas inglesas, na transição do XVIII para o XIX, o futebol era o nome genérico para um conjunto de práticas, proibidas, inclusive, pelo Estado repetidas vezes desde o século XIV, onde as regras do jogo seguiam os costumes locais e regionais, não havendo campo específico, número de jogadores delimitados, nem a noção de isonomia e equidade da disputa, nem a delimitação repressora da condução com as mãos ou com os pés. O jogo era praticado como uma forma de contrassenso à ordem escolar e à autoridade dos professores e adultos.

Neste aspecto, o futebol nas escolas inglesas era muito semelhante ao futebol de origem popular, como o *hurling*<sup>2</sup>, por exemplo. No entanto, após este primeiro momento de virada dos séculos, com o equilíbrio posterior dos conflitos entre

---

<sup>2</sup> Jogo praticado nas ilhas britânicas, composto por número incerto de contendentes em cada equipe, tinha como objetivo levar uma bola até a paróquia ou vila adversária. Além de se conduzir a bola com as mãos e com os pés, existiam jogadores à cavalo, com participação limitada nos confrontos. Sobre o jogo, ver FRANCO JR: 2007 e DUNNING: 2003.

professores e estudantes e a ocorrência da privatização das *publics schools*, o futebol passou por uma intensa marginalização cultural de sua origem popular a partir da introdução oficial do jogo nos colégios, como uma ferramenta de equilíbrio social. Desta forma, até o ano de 1871, o século XIX demarcou o processo de bifurcação do jogo em duas modalidades concorrentes, que competiam sobre a legitimação do novo esporte, como uma questão de hierarquia e prestígio entre as escolas e universidades, no início, e entre clubes e instituições oficiais dos novos esportes, ao final. Neste ínterim foram formuladas as primeiras regulamentações do futebol e as primeiras instituições.

Em 1845, na escola de Rugby, se deu o início o processo de regulamentação do futebol em regras escritas. Em 1847, foi a vez de Eton formular as suas. O interessante destas duas datas são os aspectos sociais em que o futebol foi forjado. Entre 1830 e 1850, de uma forma geral, nas escolas de Rugby, Eton, Harrow, Westminster e Charterhouse, para citar as mais conhecidas, passou-se a debater sobre a necessidade de regulamentar as regras do futebol. Segundo Eric Dunning, não se trata de pensar na polarização entre Rugby e Eton, mas de pensar a coprodução das duas formas de se jogar futebol dentro de um ambiente social conflituoso: as escolas e universidades. Em resumo,

*Desde el punto de vista sociológico, es más plausible suponer que el rugby y el fútbol fueron coproducidos. Es decir, es más fácil asumir que se originaran, no sólo de forma aislada en escuelas públicas concretas, sino en el campo social más amplio compuesto por todas las escuelas públicas del período particular de la industrialización, urbanización, civilización y formación del Estado que se alcanzó en Gran Bretaña entre las décadas de 1830 y 1850. Fue un período durante el cual crecía la tensión entre las clases terratenientes y la pujante burguesía, y las tensiones por el estatus se reflejaban en las relaciones entre las escuelas públicas, ejerciendo un papel en su desarrollo en muchos aspectos de formas diametralmente opuestas de jugar al football.* (DUNNING: 2003, p.p. 113-114).

Salutar desta coprodução do futebol nas escolas e universidades inglesas é o fato de que mesmo após a criação da FA (*Football Association*), em 1863, outras universidades, escolas e clubes recém-fundados persistiam na utilização das mãos para domínio e condução da bola. A data definitiva da separação entre o jogo com as mãos e com os pés foi quando se criou a RFU (*Rugby Football Union*), em 1871. No entanto, muito antes da separação institucional, o período de regulamentação do jogo representa dois aspectos sociais mais gerais.

Em primeiro lugar, a tensão social entre aristocracia e a nova burguesia enriquecida e ascendente, onde Eton, a segunda escola mais antiga da ilha, situada em Windsor, território ocupado pela corte real inglesa desde o século XVI, representava a

manutenção da distinção social, do prestígio, status e poder aristocrático local. Enquanto Rugby, escola fundada em finais do século XVIII, foi a primeira a ser reformada nos moldes da privatização das escolas inglesas na década de 1820, representando a violência e a força do arrivismo capitalista. Daí alguns historiadores e sociólogos (FRANCO JR: 2007; DUNNING: 2003; ELLIAS & DUNNING: 1992; e ROSENFELD: 2007) creditarem ao *association* maior autocontrole, pois no cerne das tensões inglesas do período da industrialização foi a que mais se preocupou com a transformação da violência em elemento simbólico do jogo, regrando a força do contato físico (regra da carga), a condução da bola (regra da não condução nem toque com as mãos, exceto em laterais e defesas do goleiro) e a vantagem de posição no campo de jogo (regra do impedimento). Todas estas regulamentações tinham uma dimensão ética, o impedimento era inclusive considerado como uma emboscada (*sneaking around*).

Em segundo lugar, as regulamentações do futebol indicavam uma nova relação com a disciplina, o tempo e o trabalho. Muito embora fosse uma atividade amadora, segundo a ética desportiva do início do jogo, esta representação de uma nova forma de lidar com o tempo e o espaço é também uma oposição da origem social dos esportes em relação aos jogos tradicionais, pois estes eram fluidos e regulados segundo o costume, seja ele aristocrático (a caça) ou da cultura popular (as várias modalidades ancestrais de futebol praticados na Inglaterra e França, por exemplo). A precisão dos esportes temporal-espacial e o autocontrole foram diretrizes que coincidiram com a demanda industrial de produção. Sobre este aspecto dos esportes em geral, e do futebol em específico, Nicolau Sevcenko argumentou que o jogo é uma metáfora do mundo em processo de industrialização do século XIX.

A invenção dos esportes em fins do século XIX, embora tenha se alimentado dessa tradição [jogos tradicionais de origem cultural popular ou aristocrática], deu origem a coisa completamente diversa. O que caracteriza por excelência essa nova atividade é a pressão dos desempenhos contra o rigor do cronômetro, a circunscrição precisa do espaço da ação, a definição de regras fixas e padrões de arbitragem e sua institucionalização em ligas locais, nacionais e internacionais. Desempenhos medidos na linguagem abstrata dos números, desenvolvidos no espaço abstrato, num tempo padronizado, segundo um andamento meticulosamente normatizado e configurados em uma escala global. O clímax dessas práticas metodizadas se cristalizam nas Olimpíadas e nas Copas do Mundo de futebol. (SEVCENKO: 1994, p. 32. Grifos meus entre colchetes).

Não é difícil perceber na composição regulamentar do futebol elementos semelhantes ao que E. P. Thompson (2010) assinalou, em seu famoso artigo “Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial”, sobre a mudança de percepção desta

categoría para a classe trabalhadora entre os séculos XVIII e XIX na Inglaterra, onde a industrialização e o trabalho foram metodizados segundo regras de produção que objetivavam o controle do tempo da natureza, contrapondo a produção capitalista em larga escala e eternamente em expansão ao trabalho por tarefa e encomenda.

A esportivização do futebol, seja na versão de Eton ou de Rugby, era correlata da metodização do tempo e do trabalho durante o processo de industrialização na Inglaterra. E muito embora fosse um momento de lazer orientado pela ideologia distintiva e amadorística no início das primeiras ligas inglesas e britânicas, o futebol não tardou a se inserir na lógica de produção capitalista, onde as partidas de futebol passaram a ter conotação de espetáculo, com cobrança de ingressos, e o jogador, ainda no século XIX, foi considerado um novo tipo de profissional.

Por seu próprio mérito, o futebol foi galgando paulatinamente lugar nos espaços sociais e nos corações de seus praticantes. O mesmo pode ser dito em relação ao rúgbi, pois os dois estão inseridos dentro de uma lógica estudantil de “culto aos jogos”, que das escolas públicas passaram às universidades, principalmente a partir da década de 1840, como um espaço de continuidade à formação intelectual e também esportiva pós-período escolar. No entanto, o futebol galgou espaço nas duas principais universidades inglesas, Cambridge e Oxford, espaço chave para sua posterior expansão para além dos muros estudantis, pois adepta do jogo conduzido pelos pés, dando chutes na bola, num movimento concomitante de associação estudantil já na fase adulta e fundação dos primeiros clubes de “futebol embrionário”, no entorno de Londres, entre eles o Crystal Palace (1860), o Notts County (1862) e o Barnes (1862). (DUNNING: 2003; e WAHL: 2006).

Ainda neste processo, a FA foi fundada em 1863, após encontro de 11 clubes, dos quais metade definiram os rumos do esporte em direção ao jogo conduzido pelos pés. Em 1871, a RFU foi fundada, dando início consciente à disputa por espaço dos dois esportes no meio social e esportivo. No mesmo ano é inaugurada a Copa da Inglaterra, a FA Cup, como resposta ao seu “irmão-concorrente”. Neste interim, os jogos passam a ser descritos nas crônicas jornalísticas inglesas (DUNNING: 2003).

Daí em diante o que se assiste é uma rápida difusão do esporte na Inglaterra, quando em 1885 já se considera uma prática profissional o jogo e o jogador de futebol, vinte anos antes da fundação da FIFA (1904), e em 1888 é fundada a “*Football League*”, primeira liga nacional de futebol do mundo. Neste interim, o futebol é difundido também pelo continente e pela América, sendo exportado como um costume

“*very, very british*” (FRANCO JR: 2007), mas que à revelia dos ingleses, também ganhou os corações dos europeus<sup>3</sup> e latinos americanos, numa diversidade de apropriações e traduções do jogo.

Como um esporte imperial, onde o futebol teve sucesso o rúgbi foi repreendido. No entanto, a sua difusão pelo mundo contrariou muito as diretrizes britânicas do esporte, pois como prática de afirmação distintiva da cultura inglesa, o pipocar de clubes e ligas entre os finais do século XIX e início do XX, até a primeira grande guerra, na Europa e América, inclusive nos lugares mais recônditos, denotou, antes de tudo, uma dinâmica migratória extrema, onde o futebol foi constante objeto de trocas culturais entre estudantes, trabalhadores e burocratas do império e das empresas capitalistas inglesas. Portanto, uma dinâmica rica em diversidade e especificidades. Após a queda dos impérios, o jogo se nacionaliza até pouco antes da Segunda Guerra Mundial, no período de apogeu do nacionalismo no mundo.

\*\*\*

No Brasil, o futebol ocorreu através de diferentes matrizes e lugares. Ao contrário da maioria dos outros países, o esporte primeiro chegou numa zona não portuária, porém bastante rica, na província de São Paulo. Os primeiros relatos tratam de formas embrionárias de futebol praticadas em escolas paulistas, sob o suporte de padres brasileiros que inseriram os jogos em seus domínios, como uma atividade de lazer no intervalo das aulas, ainda na década de 1870 (ver FRANCO JR.: 2007; e ROSENFELD: 2007).

No entanto, as iniciativas que surtiram maior efeito na difusão inicial do jogo se relacionam com a intervenção de estudantes nos hábitos dos clubes de imigrantes situados no Brasil (MIRANDA: 2000; ROSENFELD: 2007). Charles Miller e Oscar Cox eram brasileiros filhos de imigrantes europeus, que após retorno da Inglaterra (1894) e Suíça (1897), onde foram completar seus estudos, retornaram com um verdadeiro arsenal litúrgico, e com a determinação missionária de tornar clubes de cricket, remo e turfe em lugares propícios ao futebol. Porém, estes clubes (Rio Cricket Club, por exemplo) eram bastante restritivos quanto à proliferação de costumes “*very britshs*” entre os nativos, e mesmo quando da fundação de novos clubes destinados principalmente ao futebol, caso do Paulistano F. C. e do Fluminense F. C., a áurea

---

<sup>3</sup> Ver a respeito FOOT: 2006, para o caso italiano; TOMLINSON & YOUNG: 2006, para o caso alemão; e WAHL: 2006, para o caso genérico da difusão do futebol pelo continente europeu.

distintiva e amadorística foi mantida, como um mecanismo de marginalização dos setores pobres e mestiços da sociedade, que de forma incipiente e simultânea, tinham acesso aos jogos em praças, cais de portos e preenchendo eventualmente as lacunas das equipes nas partidas entre empresas britânicas.

No caso de Fortaleza, os clubes que foram fundados, durante a Primeira Guerra Mundial, não pertenciam a uma tradição esportiva, mas principalmente a uma tradição social de associação, caso dos clubes literários e carnavalescos (BARBOSA: 2007). A ausência de clubes esportivos de imigrantes trouxe uma dinâmica diferente para o processo de configuração e conformação do futebol na cidade. Não houve desmembramento dos clubes esportivos para a criação de clubes especificamente futebolísticos. As primeiras instituições esportivas coincidiram com as de futebol. Dado curioso desta especificidade da cidade de Fortaleza é que a primeira partida de que se tem notícia foi jogada no Passeio Público (1903) entre marinheiros ingleses, de passagem para a Argentina, e uma equipe de ingleses, enxertada de nativos, residentes na cidade. Somente um ano depois o estudante missionário (José Silveira) trouxe o material litúrgico de fundação, mas se passaram 10 anos para a criação do primeiro clube (“Ceará S. Club”). A liga local só foi criada em 1915, a Associação Desportiva Cearense, em 1920 (Rodrigo PINTO: 2005).

Quando a liga detentora do status e distinção social foi fundada, o futebol de matriz popular já havia ganhado os arredores de Fortaleza, no Pirambu, na Porangaba, no Soure e em Maranguape. Os times desses bairros e cidades jogavam entre si em amistosos, alguns jogadores transitavam entre eles, a distinção dos clubes era maior no discurso e nas festas sociais do que na prática do jogo. No entanto, jornais de variadas matrizes faziam a cobertura do incipiente “esporte bretão”, dando-o um suporte midiático importante em seu processo de espetacularização e popularização.

De forma simultânea, a imprensa foi se configurando em suas variadas formas de informar e noticiar os jogos, atraindo para o seu lado a atenção de entusiásticos do fenômeno esportivo, que, se de início era um público restrito aos meios e instituições esportivas, com o próprio fomento do futebol como um espetáculo, fez dos expectadores e torcedores um nicho de mercado de possíveis leitores. E da atração do público leitor um nicho de mercado de possíveis torcedores.

Na composição dos periódicos, a crônica esportiva foi o gênero literário e jornalístico mais importante, procedendo a uma verdadeira especialização dos textos esportivos, tais como os telegramas, convites, anúncios e ensaios, incorporando-os nas

insurgentes colunas esportivas do início dos anos 1920. E posteriormente, nas páginas esportivas, a partir de 1927.

Sobre a relação entre futebol e imprensa, cabe ressaltar que a crônica foi a mediadora de uma condição econômica e simbólica, onde as duas instituições se alimentavam reciprocamente (FRANZINI: 2003). Primeiramente, aumentando as propensões ao futebol e ao jornal, através da atração dos torcedores e do público leitor para as partidas e colunas esportivas. Simbolicamente, através do monopólio dos cronistas e jornalistas da interpretação dos significados sociais e pedagógicos do futebol. Não é a toa que a imprensa esportiva foi uma das mais importantes categorias sociais que pressionaram para a profissionalização do futebol (PARDINI: 2010; CAPRARO: 2007; e ANTUNES; 2004).

A dissertação, portanto, procura escrutinar o processo de configuração social do futebol em Fortaleza a partir da história da crônica esportiva da cidade, buscando apontar as representações sociais e os objetivos da imprensa em sua relação com o futebol, entre os anos 1921-1930, marcados internacionalmente pela associação do futebol com a política e o nacionalismo, e pela popularização do futebol (HOBSBAWM: 2010; FRANZINI: 2003; PARDINI: 2010; DRUMOND: 2007; e PINTO: 2005). Foi no entre guerras que se iniciaram as disputas internacionais (Olimpíadas, Copas do Mundo FIFA e o Campeonato Sul-Americano de futebol) e as trajetórias das seleções nacionais. Foi também neste período que o futebol iniciou seu debate sobre a profissionalização do jogo, na Europa e América, sendo correlata desse processo a especialização da crônica esportiva enquanto gênero lítero-jornalístico.

O estudo aqui proposto, é importante salientar, se insere num conjunto de trabalhos que analisam, desde a década de 1990, no Brasil<sup>4</sup>, o período de “consolidação” do futebol no país. Esta perspectiva da consolidação, como pensou Leonardo Miranda (2000), entende tanto o processo de popularização do esporte, na oposição e mediação entre as duas matrizes sociais do jogo – uma de origem operária, da prática enquanto lazer para além do trabalho; e outra de origem distintiva, a partir da concepção do esporte como mecanismo de desenvolvimento dos músculos e da raça em substituição ao trabalho. Levando-se também em consideração o processo de constituição do futebol

---

<sup>4</sup> Antes disso, as principais iniciativas de escrita sobre o futebol partiam de jornalistas e memorialistas. Na década de 1980 começam a surgir os primeiros trabalhos a partir da sociologia, antropologia e, um pouco menos, da história. No entanto, os textos da década de 1980 ainda eram muito reféns dos conceitos e narrativas forjadas pelos jornalistas, tais como Mário Filho e Nelson Rodrigues.

como elemento da identidade nacional, regional e metropolitana por parte de diversos grupos sociais.

Claro está que nem todos os trabalhos que vieram antes ou depois de Leonardo Miranda, nem ele mesmo, estudam todos os aspectos daquilo que chamou “consolidação do futebol no Brasil”. No entanto, existe uma vantagem em pensarmos os trabalhos que tratam do processo de formação da identidade nacional, ou da passagem do jogo estrangeiro para o jogo popular, a partir desta chave de leitura<sup>5</sup>.

A primeira vantagem reside em entendermos o processo de consolidação como o estudo da gênese social do futebol. Isto porque este termo permite pensar certas ambivalências. Uma de origem econômica, opondo duas classes sociais (operários e aristocratas/capitalistas); outra de origem política, opondo interesses específicos de cada grupo social que se apropria do esporte (jogadores, torcedores, dirigentes, jornalistas e financiadores). A segunda vantagem reside na delimitação de temas e periodização deste processo, marcado entre o início do futebol no país e a Copa do Mundo de 1938, naquilo que ficou largamente conhecido como processo de difusão, popularização (também massificação) e profissionalização do futebol brasileiro.

Portanto, o tema aqui tratado e proposto pode ser entendido como o do processo de consolidação, configuração, conformação do futebol brasileiro a partir da cidade de Fortaleza e da importância da trajetória da crônica esportiva – e da imprensa – em sua relação com o futebol.

Quanto ao recorte temporal, a pesquisa se justifica a partir da fundação e circulação de vários periódicos durante a década de 1920 que carregam consigo, desde o início, a coluna “desportiva”. Esta é uma característica nova em relação ao tratamento dado ao esporte, em especial ao futebol, indicando certa recorrência e estratégia econômica e cultural dos periódicos. Antes disso já existiam alguns jornais que abordavam as desventuras dos cidadãos fortalezenses no trato com a bola, mas sem esta característica peculiar de uma estratégia editorial. São exemplos disso os jornais “A Razão” e “O Unitário”.

Da fundação do “Correio do Ceará” (1915, mas disponível apenas a partir de 1921 nas instituições de pesquisa) em diante, todos os jornais de maior circulação (“O Nordeste”, “O Povo”, “A Esquerda” e “A Gazeta de Notícias”) passam a ter uma

---

<sup>5</sup> É possível também pensar no termo “conformação”, por me permitir continuar a pensar nestes mesmos aspectos culturais, políticos e socioeconômicos, mas sem passar batido pela “ordem” e “função” da crônica e do cronista desportivo. “Configuração”, como pensaram Elias e Dunnig (1992) também me permitem o mesmo êxito conceitual.

relação específica com os esportes e com o futebol, em especial. Estas relações específicas entre a imprensa e os esportes, e esta relação especial entre a crônica esportiva e o futebol, é o cerne das minhas questões em torno do processo de conformação desse esporte na cidade de Fortaleza, que enquanto processo, entendo findar quando do estabelecimento da página de esportes e concorrência do futebol suburbano com o futebol da liga oficial, sendo o período final do trabalho os anos 1927-1930.

Quanto ao recorte espacial, Fortaleza é o espaço estudado, mas naquilo que circunscreve as instituições e lugares criados, regulamentados e improvisados da prática do futebol, no intuito de procurar estabelecer conexões entre redes sociais e uma rede urbana “esportivizada”, largamente representada a partir dos estrangeirismos ingleses e sua posterior transformação em neologismos, ou na publicidade esportiva que identifica lugares do comércio a palavras inglesas e esportivas, ou ainda a definição de um local próprio para o espetáculo futebolístico, tema bastante debatido daquilo que era considerado característica própria do futebol (*Football Association*) e aquilo que era sua deturpação (a prática em espaços improvisados, praças e ruas).

O trabalho de dissertação está pensado, dividido, em três capítulos, cada um subdividindo-se em dois subcapítulos. Esta organização obedece ao critério temático estabelecido por mim e pela orientação, imaginando três temas maiores, qual seja:

I – “Futebol e cidade”: a ocorrência do futebol na cidade de Fortaleza nas suas primeiras três décadas do século XX, a partir da leitura das representações em torno da origem deste esporte na cidade, seus espaços e pessoas vinculadas ao futebol, principalmente a partir da insurgente “crônica desportiva” dos anos 1920, que traz elementos em sua produção textual para se pensar determinados aspectos de redes sociais e urbanas, sejam eles ideológicos, descrições de práticas urbanas, adjetivos para qualificarem excertos sociais diversos, etc.

No primeiro subcapítulo – intitulado “Configuração social e espacial do futebol em Fortaleza” – discutirei as possibilidades e intenções de utilização e regulação do espaço urbano no que diz respeito à prática desse esporte e ao processo de urbanização da cidade durante os 30 primeiros anos do século XX. Aqui, procuro entrecruzar os lugares e intenções de esportistas e jornalistas na implementação do futebol oficial na cidade, argumentando que essa rede social e urbana não foi a única possível em Fortaleza, mas que foi contemporânea, e em alguns casos concorrente, do futebol suburbano, que possuía clubes, sedes sociais, festas e campos de futebol localizados à

margem dos eventos promovidos pela elite local e dos bairros em crescimento a partir da ótica da especulação imobiliária, apontadas em direção aos bairros do Benfica, da Jacarecanga e do Alagadiço. O Centro da cidade, na interseção destas duas redes sociais e urbanas antagônicas, mas não totalmente apartadas, absolutamente, é o lugar da disputa simbólica e política de quem efetivamente tem o direito a usufruir da cidade, sendo o palco de improvisos, conveniências e distinções sociais.

No segundo subcapítulo, intitulado “Metáforas da civilização e da saúde: o discurso *hygienista* e da *educação physica*”, discutirei as ressalvas de determinado segmento da intelectualidade local e nacional – fidelizadas a conceitos tradicionais de desenvolvimento social, tais como a separação entre o culto ao intelecto e ao corpo na educação – diante do crescimento da prática dos esportes e do futebol, atreladas ao ideal de desenvolvimento simultâneo da moral, do corpo e do intelecto, sintetizadas na expressão seguinte: “*mens sana in corpore sano*”. Nesse momento da dissertação busco correlacionar estas idealizações e representações de qual a melhor forma de desenvolver o corpo do homem com o próprio contexto de regulação do espaço urbano fortalezense, entendido também como o “corpo da cidade”, em termos de higiene pública;

II – “Futebol e imprensa”: a especialização da crônica esportiva em relação com a popularização do futebol. Esta é minha hipótese de trabalho e questão principal, pois aqui pretendo analisar a contribuição da crônica ao desenvolvimento do futebol, questionando qual sua relação com ele, tendo em vista que a prática de interpretação do jogo é diferente da prática do próprio esporte. Aqui está o cerne da minha pesquisa, que se estende por toda a dissertação, ao perceber entre o futebol e a imprensa, uma reciprocidade, que transformará tanto o jornal, quanto o jogo, naquilo que pode ser qualificado como a sua constituição como uma paixão e um negócio – tanto para a imprensa quanto para os clubes e federações.

No primeiro subcapítulo – “Representações da relação entre futebol e imprensa” – argumentarei sobre a importância de entender a crônica esportiva enquanto um objeto cultural, que para além de suas intenções subjetivas, possui intencionalidades institucionais, encargos e diretrizes próprias do editorial do impresso que a carrega.

No segundo capítulo, “A especialização da crônica esportiva”, argumento basicamente a mesma coisa, mas colocando em foco os elementos constituintes e funcionais das colunas e páginas esportivas dos principais jornais fortalezenses da década de 1920, apresentando, em outras palavras mais rigorosas, as funções correntes da crônica esportiva fortalezense, seus encargos e diretrizes;

III – “Futebol e identidades”: as apropriações em torno da prática do futebol, perscrutando os diferentes pontos de vista daqueles jogadores e daqueles grupos sociais que primeiramente se viram atraídos pelo fascínio de uma brincadeira e esporte, mas também um negócio, rapidamente popularizado na Europa e na América do Sul. Nesse capítulo, procuro contextualizar as especificidades e intenções de cada um deles, que variavam desde o critério econômico e político, até diferenças entre gerações, num período marcado pelas migrações em massa, apogeu do nacionalismo e surgimento das classes operária e média na América latina. De forma sintética, penso o contexto da concepção do futebol como uma invenção aristocrática e distintiva, mas que à sua revelia se popularizou no interior de uma série de práticas culturais populares, que se apropriaram do esporte (regulamentação e profissionalização) e do jogo (diversão).

No primeiro subcapítulo – “O futebol como síntese de identidades nas metrópoles: o futebol de rua” – debato a constituição do futebol improvisado por crianças e adolescentes como uma divertida brincadeira, que se inseria ao mesmo tempo numa ocupação já consolidada dos espaços urbanos pelos estudantes fortalezenses, desde o começo do século XX, assim como era alvo das admoestações e regulações do espaço urbano pelos setores mais abastados e tradicionais de Fortaleza, unindo a elite comercial e exportadora, os católicos e os políticos contra a prática do “futebol da meninada”, do “futebol de rua”. A diversão infantil, associada por vezes a práticas culturais benquistas pela sociedade, como durante o processo de implementação do futebol oficial pelos estudantes dos principais colégios fortalezenses, por vezes era malquista, quando associada aos meninos entendidos como “menores vagabundos” e alvos da filantropia social e do estado.

No segundo subcapítulo (“Clubes e seleções: o poder representativo do futebol”) procuro apresentar de forma sintética como o futebol, em seu processo de institucionalização, se aproxima dos valores idealizados pela maioria dos governos nacionais do período entreguerras mundiais, associando democracia, política de massas e nacionalismo com a própria legitimidade política do Estado. No entanto, levando em consideração o contexto de mudanças na composição étnica, cultural e econômica dos Estados, devido principalmente à industrialização e às migrações em massa, procuro apresentar também as especificidades de cada país na representação da nação mediante a onzena futebolística. Nesse sentido, o futebol e o esporte se tornam importantes elementos de politização das recém-formadas classes média e operária na América Latina, trazendo à baila das discussões do púlpito jornalístico da imprensa, questões de

caráter étnico (racial, no período) e cultural daquilo que realmente representa o “modo de ser” e “jogar” peruano, brasileiro e argentino, por exemplo. Nesse capítulo, também procuro abordar como o regionalismo brasileiro dos anos da Primeira República ajudaram a compor uma representação nacional mais próxima de uma colcha de retalhos, a partir da experiência fortalezense, assim como procuro demonstrar especificidades na apropriação dos governos europeus do futebol no período entre guerras mundiais.

## **- Cap. 1. Futebol e cidade (1921-1930).**

### **1.1. – Configuração social e espacial do futebol em Fortaleza.**

Representações da cidade e da sociedade vão a par. (RONCAYOLO: 1986, p. 470).

Quando Roncayolo formulou essa relação entre espaço e sociedade, não estava pensando especificamente sobre o Brasil, muito menos sobre futebol ou sobre esportes. Contextualizava as concepções (no sentido duplo de criação e construção) do espaço urbano europeu durante o “renascimento” e o período “barroco”, pensando a arquitetura, a arte e a ciência como representações do espaço e do social.

Porém, advertia sobre o caráter impreciso da correlação entre o espaço e o social, visto muitas vezes as representações utópicas se mostrarem extremamente frágeis na experiência prática de seus habitantes. Ou ainda da possibilidade interpretativa de pensar as representações como espelho da cidade (RONCAYOLO, 1986).

Contra a confirmação ou elaboração de modelos prévios, o autor sugere, a partir de Pierre Francastel, a subversão das intencionalidades e a contextualização dos espaços e seus usos no tempo. Assim, o autor verifica dois tipos de “barroco”, um geométrico, ordenado; outro místico e sensual. Afirma-se com isso a diferença, para além das alternâncias dos tipos de barroco, constituindo dessa forma o que Roncayolo chama de “sensibilidade do período”, tecendo relações nada óbvias, nem harmônicas, entre as representações e as práticas em cada espaço social contextualizado (**apud**. RONCAYOLO: 1986).

Pode-se, com razão, duvidar da transposição de uma afirmação como esta da epígrafe, destinada a determinado contexto histórico e discussão temática – no caso, a concepção do espaço europeu e das relações entre representações e ideologias da cidade –, para outro contexto e outra discussão temática: a concepção do futebol em Fortaleza e as relações entre esse esporte, a imprensa e a cidade.

No entanto, sugerir que as “representações da cidade e da sociedade vão a par” coloca em destaque a questão do espaço nas transformações por que passam as sociedades, como também sugere Raquel Rolnik (1992). E no caso da transposição desta ideia, enfatiza a diferença e a alternância de experiências e representações em torno do futebol, um fenômeno cultural com sua própria temporalidade, em relação com o espaço urbano.

Espera-se com isso apontar os elementos de constituição de redes sociais e urbanas vinculadas ao futebol e ao desporto, alguns elementos de uma cartografia social de Fortaleza, entendendo que os costumes e o espaço são agentes transformadores das relações sociais, contribuindo para a formação de identidades. Esse parece ser também o pensamento de Juan Villoro (**apud** GONZÁLEZ: s/d, p. 01), para quem “*El deporte otorga otro valor al tiempo, pero también al espacio*”; e do próprio David González (s/d, p. 01), para quem afirma que as relações sociais contemporâneas podem ser identificadas “*a partir de tres aspectos de la vida humana dentro y fuera de los contextos urbanos, esto es: lo lúdico, la capacidad de acción colectiva, y el uso, la apropiación y reinención del espacio urbano en la ciudad*”.

A adequação e o uso do espaço urbano para a prática do futebol em Fortaleza é rico de possibilidades e matrizes sociais diferentes, dando a perceber concepções nada óbvias da prática esportiva como subprodutos de questões políticas, de classes e também de gerações opostas. A um só tempo o futebol envolve discussões sobre quem detém o direito do uso da cidade, sobre limites materiais e distinções sociais das elites comerciais na promoção do esporte, além de envolver praticantes de idades e categorias sociais distintas, tais como estudantes, menores abandonados, trabalhadores e comerciantes. Muitas das diferenças e alternâncias envolvidas nessas concepções do espaço urbano são aparentes nos jornais da cidade, muito embora a imprensa também escolha qual circuito urbano e social ela pretende seguir e promover.

\*\*\*

A partir da década de 1920 vários jornais são fundados em Fortaleza, todos na região do centro da capital cearense. Entre os periódicos criados estão o “Correio do Ceará<sup>6</sup>” (1915, mas registrado contemporaneamente desde 1921), “O Nordeste<sup>7</sup>” (1922), “Gazeta de Notícias<sup>8</sup>” (1927), “O Povo<sup>9</sup>” (1928) e “A Esquerda<sup>10</sup>” (1928).

Quando o futebol começou a ser tratado pela crônica esportiva fortalezense não ocupava lugar de destaque nos jornais, nem era o assunto exclusivo ou preponderante dos entusiastas do culto ao corpo. No entanto, mesmo com certo estranhamento por parte da imprensa local, o esporte e o futebol passaram a fazer parte dos temas

---

<sup>6</sup> Rua Senador Pompeu, Centro, nº 864.

<sup>7</sup> Sua oficina e redação funcionavam na Rua Coronel Bezerril, Centro, nº 181; o prédio da Sociedade Editora funcionava na Rua Sólon Pinheiro, Centro.

<sup>8</sup> Rua Senador Pompeu, Centro, nº 789.

<sup>9</sup> Rua Major Facundo, Centro, nº 670.

<sup>10</sup> Rua Major Facundo, Centro, nº 256.

abordados frequentemente pelos jornais, assim como a literatura, a política e as colunas sociais.

Um desses primeiros jornais a trazer a “coluna desportiva”, mas relegando-a ao segundo plano do conjunto do jornal foi o vespertino “O Nordeste”. Na sua edição de abertura, informa o redator o conteúdo e a justificativa de uma coluna de esportes, intitulada “Desportos”:

O desporto bretão, em nossa capital, tem tomado, ultimamente, tamanho impulso, que não assombra dizermos que O CEARÁ, neste ponto, pouco fica a dever aos outros Estados do Norte. Graças ao esforço dos nossos muito entusiasmados *sportmen*, os quadros das nossas cinco sociedades que possuímos optimamente constituídos, marcarão na presente temporada, uma época brilhante e digna de registro. Como estímulo aos que se dedicam ao *football*, estabeleceremos em as nossas edições de terças e sabbados, uma seção desportiva mais ou menos completa, onde seremos imparciais e comedidos. (*O Nordeste*: 29/06/1922, p. 03).

O aspecto curioso dessa notícia é que devido ao “entusiasmo” e “dedicação” daqueles que praticam o novo esporte (ainda estrangeiro, *vide* vocabulário e o qualitativo bretão), o campeonato local tornou-se digno de nota. Daí merecer uma “cobertura mais ou menos completa”. De fato é curioso se entendermos o futebol como se concebe contemporaneamente, nada “imparcial” e “comedido”. No entanto, essas primeiras percepções trazem a concepção da apropriação do futebol pela imprensa, no sentido de uma criação ideológica e de uma construção social. O espaço, nesse contexto, denuncia os usos e funções adaptadas ou criadas para esta nova prática cultural.

Sobre este aspecto da percepção do espaço como agente transformador da cidade e/ou a par das representações sociais, “O Nordeste” nos informa também sobre seu público leitor, seus pontos de venda e seu desejo de expansão comercial:

No intuito de facilitar aos nossos leitores do subúrbio a aquisição do “O NORDESTE”, sem o incômodo de vir à Praça do Ferreira, centro a que quase exclusivamente limitam os jornaleiros o pregão dos jornaes diários, resolvemos estabelecer agencias especiaes assim localizadas: Casa Fortuna de Ouro, rua Dr. Nogueira Accioly (Outeiro), nº 170; Ignacio Costa, boulevard Viceconde de Cauhyde (Benfica), nº 587; Cyriaco Carvalho, rua Princesa Izabel, nº 235, esquina com a das trincheiras. Com mais vagar, iremos crescendo, nos demais bairros, novas agencias de venda, de modo que todos venham a ser servidos, para contento próprio e nosso. (*O Nordeste*: 29/06/1922, p. 03).

Partindo da conjectura de que a imprensa se relaciona com o futebol no sentido de apreciá-lo e divulga-lo, tornando-o um produto seu, mesmo que, de início, a partir de “uma seção desportiva mais ou menos completa”, é interessante perceber a circunscrição social que representa o campeonato local. Se levarmos em conta os outros jornais de maior circulação da época, para além do jornal “O Nordeste”, o centro da

cidade é a região que concentra os fluxos econômicos e também o fluxo de informações. A Praça do Ferreira é o ponto de encontro, de suporte. No caso do futebol, é na região central que se encontra seu público leitor, e em suas mediações, as sedes dos clubes da primeira divisão, como o “Ceará” e o “América”, situados à Rua Senador Pompeu. O “Fortaleza” tinha sua sede na Rua Barão do Rio Branco. O “Guarany” também tinha sua sede no centro, na Praça do Ferreira, no mesmo prédio da “Phamacia Normal”, assim como o “Botafogo”, time da Faculdade de Direito, próximo à Praça de Pelotas, formando assim “as cinco sociedades” que disputaram o campeonato de 1922. Essa lógica persistiu durante a sequência da década de 1920, vide a sede do “Maguary” (1927) ser na Rua Major Facundo.

Não desejo com isso reduzir ou ignorar a dimensão da prática do futebol que desde duas décadas antes já houvera iniciado sua expansão pela cidade, mas salientar um tipo específico de relação social que começa a se estabelecer entre times do campeonato local e imprensa, por meio da crônica esportiva.

Nessa relação, várias representações do mundo social vão sendo elaboradas, denunciando usos e funções do espaço urbano. Se o centro da cidade foi espaço primeiro de concentração da prática futebolística, principalmente em suas praças, onde se realizaram incontáveis partidas de futebol, desde a primeira não oficial no Passeio Público, em 1903 – passando pela oficial, no mesmo lugar, em dezembro de 1904, sob a tutela do semióforo José Silveira<sup>11</sup>, e pela organização de amistosos na Praça Fernandes Vieira pelos estudantes do Liceu –, não foi esta região da cidade a escolhida para a instalação de campos de futebol da liga oficialmente instituída ou das partidas suburbanas. Lá, o futebol improvisado da Liga Cearense de Futebol (LCF) – primeira liga oficial (1915-1919) –, deu lugar ao jogo estudantil de times secundários e ao de rua, praticado em calçadas, praças e patamares de igrejas<sup>12</sup>.

Uma boa mostra do tipo de jogo possível de se encontrar na Praça Fernandes Vieira nos dá o jornal “Correio do Ceará” de janeiro de 1921, através de sua coluna “Notas Sportivas”.

Recebemos delicado convite para assistirmos amanhã, ao torneio inicio que realizará a Liga Desportiva Secundaria, à Praça Fernandes Vieira, às 14 ½

---

<sup>11</sup> É apontado como o fundador do futebol na cidade. Assim como Charles Miller e Oscar Cox, ele era estudante, e após uma temporada na Suíça, trouxe consigo importante material litúrgico: a bola nº 05, dois uniformes completos e o livro de regras do “Football Association”.

<sup>12</sup> Sobre outros detalhes do futebol de rua e nas praças do centro, avançar até os subcapítulo 1.2 e 3.1 dessa dissertação.

horas. Tomarão parte nesse torneio os clubs Nacional, Botafogo, Ypiranga, Tabajara, America e Flamengo. (*Correio do Ceará*: 13/01/1921, p. 02).

A decadência do centro da cidade como lugar de acolhimento das práticas culturais modernas, do ponto de vista institucional e progressista, como se percebe na posição ocupada pela Praça Fernandes Vieira nos anos 1915-1919 e nos anos 1920, denota uma mudança na configuração social e urbana das diversões públicas realizadas na região central. Se durante a existência da LCF a praça ocupava lugar de destaque, recebendo os jogos do futebol oficial, a partir de 1920, com o fim da liga, somente receberia em caráter oficial as partidas da Lida Secundária, vinculada à ADC (Associação Desportiva Cearense), que organizava seus encontros dominicais da primeira divisão no recém-arrendado Campo do Prado, no Benfica.

Nas passagens a seguir, em entrevista concedida à Assis Lima por Valdemar Caracas (In. Ceará. Secretaria de Cultura, 2011, p. 61), o jogo lúdico do centro da cidade não era o mesmo daquele praticado em campos de futebol. Paulatinamente, o campo de futebol passou a ser considerado fator de organização do futebol, enquanto a praça e o centro da cidade, fatores embrionários de formação dos clubes, porém marcados pelo improviso.

Assis Lima – Agora vamos entrar na parte do esporte, nos conte como foi a história do Ferroviário, como foi a sua participação?

Valdemar Caracas – Vocês deviam buscar a rede e dormir aqui, porque não dá pra acabar hoje. Eu sempre tive mania de futebol, eu fundei o time com o Paulo Sarasate<sup>13</sup>. O Paulo era goleiro e jogava no time todo domingo, na Praça Fernandes Vieira, que hoje é...

Assis Lima – O Liceu.

Valdemar Caracas – É, Praça Fernandes Vieira em homenagem a João Fernandes Vieira. Aí mudaram para Gustavo Barroso, nós temos mania de mudar, não é?

No caso desse trecho da entrevista, a pergunta se destina à fundação do Ferroviário Atlético Clube (1933), querendo saber qual o papel desempenhado pelo entrevistado nesta história. O interessante é que o sr. Caracas associa a história de fundação do clube com a sua história de participação na organização de times de futebol. Tendo como princípio, durante os anos 1920<sup>14</sup>, a iniciativa de funcionários administrativos da Rede de Viação Cearense (RVC), comerciantes da loja “A Samaritana” e a experiência estudantil de atletas fundadores (tal qual o goleiro/jornalista Paulo Sarasate), ocorre uma síntese interessante entre a prática estudantil nos jogos da “Liga Desportiva Secundária”, “todo domingo”, na Praça do Liceu, e a formação de um

---

<sup>13</sup> Futuro diretor do jornal “O Povo”, fundado em 1928.

<sup>14</sup> Ver CARACAS. In. Ceará. Secretaria de Cultura, 2011, p.p. 57-62.

time de operários (o Ferroviário), levando-se em consideração, nesse processo, a latente inadequação do centro da cidade com os requisitos do esporte bretão em sua versão institucional. Noutro trecho da entrevista, seu Valdemar Caracas explica quais são esses requisitos, sendo o campo de futebol um fator de primeira grandeza (p. 62):

Assis Lima – Mas sobre o surgimento do Ferroviário? Tinha o Matapasto e o Jurubeba, não é?

Valdemar Caracas – Então, nós fundamos o time. Eu tinha mania de assistir futebol. O Paulo era acadêmico de Direito e tinha outro colega dele, Vinícius Ribeiro, eram os dois da Faculdade de Direito e d'A Samaritana eram uns cinco ou seis: Francisco Moraes, Antonio Ribeiro Coelho, Crispim Fortaleza, Nereu de Queiroz... Aqui já tem quatro.

Assis Lima – Você também?

Valdemar Caracas – Eu era empregado sem expressão. Nós jogávamos todo domingo na Praça Fernandes Vieira. Então veio uma ordem do Rio para fazer serviços extraordinários nas oficinas do Urubu para reparar as locomotivas (...).

Valdemar Caracas – (...). Aí veio a ordem pra gente fazer serviço extraordinário para preparar carros para transportar nossas riquezas. Quem morava ali perto ficava, trabalhava ali e vinha, aí fizeram um timezinho para jogar todo dia. E quando eles foram arrancar a relva, a maioria da relva era matapasto e jurubeba, aí ficaram dois times: Matapasto e Jurubeba, botaram o nome, foram os operários, não fui eu não. Tinha os times para brincar enquanto tinha o serviço extraordinário.

Nesse relato interessante de quem veio a ser o principal dirigente esportivo do “Ferroviário”, o futebol improvisado na praça por comerciantes, funcionários e estudantes é enquadrado no mesmo processo de formação do time operário. O futebol improvisado no centro da cidade é relacionado com o também improvisado no campo do Urubu, nas oficinas da RVC, mas com a ressalva que o time formado a partir dos momentos de lazer operário se relaciona com o ingresso na liga oficial da Associação Desportiva Cearense (ADC) – naquilo que Caracas (p. 63) entende como organização e disciplina do time dos trabalhadores ferroviários.

Na memória de Valdemar Caracas, o time que ele organizava na Praça Fernandes Vieira era o mesmo que ele ajudou a organizar nas oficinas do Urubu, muito embora os jogadores do time operário, formatado a partir do “Matapasto” e do “Jurubeba”, não fossem os mesmos das pelejas citadinas do centro. Essa dinâmica peculiar do futebol local, da qual até mesmo o “Ferroviário” parece não ter escapado totalmente, fez com que a configuração espacial e social dessa nova prática cultural fosse marcada por algumas características específicas, tais como as contradições entre o lugar escolhido para sede social do time, majoritariamente no centro da cidade; o endereço do espaço urbano destinado à prática do esporte, sempre nas áreas suburbanas da capital; e a composição social dos times, mesmo aqueles da primeira divisão do campeonato oficial, marcados por representações e símbolos em alusão às diversões

rurais e populares. Os apelidos dos jogadores demonstram a distância entre ser sócio ou dirigente do clube e ser jogador do time. O próprio Valdemar Caracas, na posição de organizador, disciplinador e dirigente esportivo, era o elo entre as pelejas estudantis da antiga Praça Fernandes Vieira e o time operário dos ferroviários, muito embora as duas práticas representem matrizes opostas do desenvolvimento do futebol em Fortaleza.

De forma geral, o centro da cidade, visto como vitrine do progresso material de Fortaleza e símbolo de poder e distinção social, foi preterido por vários motivos da realização dos jogos oficiais durante a década de 1920, desde a criação da ADC (1920) e arrendamento do campo do Prado por Alcides Santos<sup>15</sup>, no Benfica (1921). No entanto, as sedes sociais dos clubes da 1º divisão da Associação Desportiva Cearense permaneciam lá, na região central.

No caso de Fortaleza, os antigos jogos da LCF, na Praça Fernandes Vieira (1915-1919), foram preteridos em função do campo do Prado, de propriedade do “Fortaleza S. Club”, no Benfica, como fica evidente na seguinte crônica: “Fortaleza Sporting Club”, em que o campo do Benfica era arrendado pelo Fortaleza tanto para a ADC quanto para particulares. Além de jogos de futebol, o campo era palco das corridas de turfe, funcionando ali o “Jockey Club Cearense”:

Achando-se a terminar o contrato de arrendamento do campo do “Fortaleza”, do Benfica, com a “Associação Desportiva Cearense”, previne que ficam expressar proibidos treinos e jogos, sem o consentimento expresso da diretoria do “Fortaleza”. (*O Nordeste*: 12/04/1924, p. 02).

Assim como foi preterido em detrimento do campo do Alagadiço, nesse mesmo bairro, mas que também era conhecido como “Matadouro”, de propriedade da ADC entre 1923 e 1927, quando foi vendido ao Maguary e passou a se chamar “campo do Maguary”. O clube gastou 10 contos para obtenção do campo junto à ADC, tendo receita mensal de 120 mil réis com as atividades desenvolvidas. O futebol era a principal delas, como fica evidente nessa crônica: “A actuação do Maguary em nosso meio desportivo”.

O vitorioso grêmio do Alagadiço, em um movimento muito digno, vencendo obstáculos mil, conseguiu adquirir um campo que lhe custou mais de 10 contos e para a sua manutenção ainda despende 120\$000 mensamente. (*A Esquerda*: 20/05/1928, p. 02).

A razão desta ambiguidade do papel, uso e função do centro da cidade durante os primeiros 30 anos do século XX, ora como lugar de poder, ora como lugar

<sup>15</sup> Dirigente esportivo fundador da ADC e de clubes como “Ceará” (1914) e “Fortaleza” (1918). Tem hoje seu nome no estádio do “Fortaleza S. C.”, em homenagem à sua devoção ao clube.

incompatível com as novas culturas urbanas tem uma analogia, no caso do futebol, com o carnaval, que abandona as ruas do centro para ingressar nos clubes sociais da capital (BARBOSA, 2007).

Assim como as brincadeiras carnavalescas do intruso não combinavam com o decoro esperado para a região central, o “*association*” – improvisado em lugares que não poderiam nem receber o nome de campo de futebol – não combinava com a imagem de distinção social que os clubes da patente oficial do esporte ansiavam por transmitir. A solução foi trancafiar as festas carnavalescas da elite comercial exportadora e importadora nos clubes sociais criados desde o século XIX, assim como buscar espaços mais adequados para o jogo oficial do futebol em zonas periféricas da cidade, mas com boa expectativa imobiliária, casos dos bairros do Benfica e do Alagadiço.

Aquela crônica anteriormente citada das agências abertas de vendas do jornal “O Nordeste”, em 1922, para além da Praça do Ferreira, é também um forte indicador do papel estratégico desempenhado pelos bairros do Outeiro (próximo ao Alagadiço) e do Benfica na expansão comercial da imprensa e do futebol, abrigando serviço de bonde, agências de jornaleiros (rua Dr. Nogueira Accioly, Outeiro; e boulevard Visconde de Cauhype, Benfica) e campos de futebol. Sim, o circuito escolhido pela imprensa era o mesmo do futebol oficial, com as sedes das instituições no centro e expansão comercial para bairros estratégicos, seguindo o processo de criação de novos bairros residenciais da elite local.

Numa passagem do livro “Fortaleza *Belle Époque*”, Sebastião Ponte (1993, p. 62) salienta que as novas intervenções urbanas no centro da cidade, durante os anos 1920, marcaram um descompasso entre as elites sociais e econômicas e o antigo bairro de maior prestígio da capital, que também era residencial. Assim,

No que diz respeito às camadas dominantes, a expansão e movimentação pública do perímetro central nos anos 20 foram suficientes para fazê-las transferirem-se do centro para as áreas periféricas desocupadas. Escolhidas com muito cuidado, as mesmas redundaram na formação dos primeiros bairros ricos.

Entre as obras que se destacam nesse novo processo de “expansão e movimentação pública do perímetro central” estão “O Parque da Liberdade, a reforma da Praça do Ferreira, um sistema de avenidas e a constituição de bairros elegantes” (PONTE: 1993, p. 59), tais como o Alagadiço, o Benfica e a Jacarecanga. O interessante é que todas essas obras seguiam o mesmo propósito progressista e aformoseador das

duas décadas anteriores do século XX, mas colocavam em cheque novamente a questão se Fortaleza era demasiado provinciana ou se conseguia sofregamente algum sinal de compasso com a modernidade propalada em Londres, Nova Iorque e Paris. Assim, em 1922, se desejava implantar uma cópia da estátua da liberdade na construção do Parque da Liberdade, ao mesmo tempo em que os quatro cafés-bares da Praça do Ferreira seriam sacrificados em detrimento da maior mobilidade urbana de automóveis, pedestres e bondes.

A nova Praça do Ferreira também recebeu amplo piso ladrilhado, mas sacrificou os quatro quiosques à feição de chalés de madeira que se localizavam nos cantos do logradouro. Eram cafés-bares, como o “Café Iracema”, o “Elegante”, o “Do Comércio” e o “Java”, existentes desde a década 80 do século passado [XIX], onde os elegantes e a boemia literária da Capital costumavam se reunir. Signos de um modernismo inicial que se confrontava com o provincianismo ainda predominante nos novecentos – vide o romance “*A Normalista*”, de Adolfo Caminha, de 1893, que discute se a Fortaleza de então permanecia muito provinciana ou se já apresentava indícios de uma modernidade brevemente vitoriosa –, os chalés conviveram romântica e harmonicamente com o pouco e lento movimento de *cabriolets* e bondes puxados a burro em torno da Praça, mas já não se coadunavam com o número de pessoas, automóveis, bondes elétricos e caminhões dos frenéticos anos 20. (PONTE: 1993, p. 60).

Numa cidade fiel à sua tradição urbana do período monárquico, vide as avenidas do Imperador e Duque de Caxias nunca terem deixado de cumprir seu papel funcional de ligação do centro da cidade com os outros bairros periféricos (desde 1875) – numa malha urbana plana em xadrez, à lá Barão de Haussmann –, os ornamentos e construções realizadas na região central da cidade, entre 1880 e 1920, não deixaram de atestar certa incompatibilidade com as novas técnicas urbanas durante a década de 1920.

Boa parte das obras de embelezamento da cidade, quando da “*Belle Époque*”, foram destruídas, ficando a cidade imperial em sua estrutura intacta e o centro da cidade no limbo entre a representação do poder da aristocracia local e a incompatibilidade com as novas formas de se expressar a distinção social das elites, por meio das técnicas modernas de culto ao corpo e do arrivismo financeiro, tais como o esporte e o carro. Não é à toa que o arquiteto Liberal de Castro (**apud.** PONTE: 1993, p. 61), falando sobre o conjunto de avenidas que ligavam o centro da cidade à praia (1927), enquanto “organização espacial, resultava na realização mais evidente das proposições do Barão de Haussmann na capital cearense”, empreendidas em 1875 pelo engenheiro Adolfo Hebster.

Essa é uma característica peculiar da configuração social e espacial do futebol em Fortaleza, tendo em vista que entre 1903 e 1914 o futebol era praticado em ruas e

praças, e entre 1914 e 1919 os recém-fundados clubes não tinham lugar nem campeonato regular que atendessem às demandas do “*football association*” para disputar (PINTO: 2005). Ou seja, os primeiros clubes esportivos se confundiam com clubes de futebol, assim como os primeiros espaços esportivos regulamentados – à exceção relativa do campo do Prado – se confundiam com campos de futebol. E essa prática, até então, já havia ganhado os arredores de Fortaleza<sup>16</sup> e inclusive outras cidades do estado, como Maranguape, Pacatuba, Caucaia (Soure), Aracati, Cascavel e Sobral. Para o caso dos bairros, o Mondubim, a Parangaba, a Messejana, o Outeiro (Aldeota) e o Pirambu são pontos de difusão do futebol pela periferia, para além do centro de Fortaleza e do futebol oficial, no Benfica e no Alagadiço (Jacarecanga).

\*\*\*

Portanto, de forma contemporânea aos primeiros campeonatos organizados pela ADC na década de 1920, podemos visualizar a organização de inúmeras partidas para além da participação dos times associados à instituição oficial do futebol em Fortaleza. Assim, entre 1922 e 1928, vários times e campos de futebol são descritos nas crônicas destinadas ao futebol suburbano. Num movimento constantemente crescente, o volume de artigos referentes aos jogos não organizados pela ADC vai aumentando, o que nos leva a considerar que o domingo de futebol não pertencia somente aos times da primeira divisão, nem os campos do Benfica e do Alagadiço eram os únicos palcos do espetáculo futebolístico, assim como os torcedores e leitores dos jornais não prestavam atenção somente às pelejas do “círculo desportivo local”.

A partir dessas considerações gerais, ainda podemos afirmar que o futebol suburbano também era bastante heterogêneo, reunindo trabalhadores em seus momentos de lazer e funcionários públicos e de instituições privadas, tais como do “Banco do Brasil” e do jornal “*O Nordeste*”. De forma tímida, as partidas distantes do Benfica e do Alagadiço começam a ser descritas já no ano de 1922, quando o jornal “*O Nordeste*” divulga ampla matéria sobre o “Foot-ball na Porangaba” (título), bairro recentemente anexado ao município de Fortaleza, informando que “Domingo, 15, na vizinha villa de Porangaba<sup>17</sup>, realizou-se o anunciado encontro entre as valorosas equipes do ‘Iracema Sport Club’ e do ‘Flamengo A. Club.’.” (*O Nordeste*: 22/08/1922, p. 03).

---

<sup>16</sup> Consultar os mapas sobre a difusão do futebol a partir de Fortaleza e de seus circuitos urbanos nos anexos, p.p. 162 e 163.

<sup>17</sup> Em dezembro de 1921, tanto a prefeitura de Messejana quanto a da Parangaba foram anexadas ao município de Fortaleza, segundo as efemérides escritas pelo Barão de Studart em 1922. “**10 de**

Já sobre o caso das partidas entre funcionários, em 1924 o mesmo vespertino publica uma crônica sobre a delegação de “O Nordeste” em excursão para partida de futebol contra uma esquadra de Pacatuba. Dizia assim, o texto: “Domingo ultimo, realizou-se em Pacatuba, amistoso ‘match’ entre o club local e o valoroso ‘Nordeste Sporting Club’, vencendo este ultimo pela ‘score’ de 2 x 0”. (*O Nordeste*: 02/07/1924, p. 04). Um pouco antes, o mesmo jornal publicava a organização de um amistoso entre os funcionários da Casa Frota & Gentil e do Banco do Brasil, realizada no campo do Benfica, cedido pelo “Fortaleza S. C.” para a realização do jogo.

Amanhã, realizar-se-á, no campo do Benfica, gentilmente cedido pelo presidente do “Fortaleza Sporting Club”, um amistoso ‘match’ de ‘foot-ball’ entre as ‘equipes’ do “Sport Club F&G” e “Satelite Team”, composta por funcionários da casa Frota & Gentil e do Banco do Brasil, respectivamente. Dado o equilibrio dos quadros disputantes, é de esperar hajam lances sensacionais, não sendo facil prever a qual dos concorrentes caberá a almejada victoria. (*O Nordeste*: 22/09/1923, p. 01).

No entanto, é a partir de 1927, com a criação da página esportiva do jornal “O Nordeste”, que os times suburbanos ganham maior notoriedade pela imprensa. Numa edição de fevereiro, a nova página comenta e apresenta as partidas no Outeiro e na Aldeota, informando sobre as escalações, os placares, times em disputa, presença da torcida e campos de futebol utilizados.

Na primeira dessas crônicas, sobre a partida entre “Brasil S. C.” e “Rio Branco”, terminada com a vitória por 4 x 1 para o “Brasil”, o cronista destaca o tipo de jogo (suburbano) e o comparecimento de inúmeros torcedores: “À partida suburbana compareceram innumeros *torcedores* de ambas as esquadras”. Além disso, é realizada a apresentação da partida seguinte do time vencedor, contra o “Tamandaré”, no “Domingo proximo (...), em seu campo...”. O comentário descritivo da partida vencida contra o “Rio Branco” indicava onde havia ocorrido o jogo e onde iria acontecer a partida contra o “Tamandaré”: “No campo do *Brasil S. C.*, no bairro do Outeiro...” (*O Nordeste*: 11/02/1927, p. 03).

Ainda na mesma página esportiva do jornal “O Nordeste”, intitulada “Os jogos suburbanos de domingo ultimo”, o cronista informava sobre a partida entre “Palestra” e “Tamandaré”. Novamente a ênfase se dava no local da partida e seu resultado: “A luta feriu-se no campo do ‘Palestra’, no Matadouro, saindo este vitorioso pelo elevado numero de 5 x 2”. Para finalizar o comentário sobre a rodada esportiva nos subúrbios, o

---

**dezembro.** É annexada a Prefeitura de Messejana à Prefeitura Municipal de Fortaleza. **12 de dezembro.** É annexada à Prefeitura de Fortaleza a exticta Prefeitura de Parangaba” (STUDART. In. Revista do Instituto do Ceará: 1922, p. 96).

autor descrevia os mesmos detalhes das crônicas anteriores, agora sobre o jogo entre “Rio Negro” e “Floresta”, inclusive indicando o próximo jogo de domingo nesse campo de futebol.

Na Aldeota jogaram domingo ultimo, os quadros do “Rio Negro” e do “Floresta” (...). A peleja desportiva, realizada no campo daquele clube, foi bastante animada (...). O “Rio Negro” enfrentará, domingo proximo, em seu campo, a esquadra do “Vera Cruz”. (*O Nordeste*: 11/02/1927, p. 03).

Para além do jornal “O Nordeste”, outros três diários locais começaram a publicar sobre o futebol suburbano em suas colunas esportivas. O diário “A Esquerda”, nesse sentido, foi um dos que mais se destacaram na descrição do futebol extraoficial, fazendo a cobertura durante o ano de 1928 de vários jogos. Logo na primeira crônica de sua coluna esportiva – na edição de número oito do jornal – é publicada a descrição da partida entre o “Riachuelo”, time associado à ADC, e o “S. C. Mondubim”.

Domingo ultimo, no Mondubim, com uma assistência avultada, realizou-se um encontro de “foot-ball” entre o “Riachuelo” e o “S. C. Mondubim”. Os louros da victoria foram conquistados pelo “Riachuelo” sem que seu antagonista conseguisse marcar um só “goal”. Serviu de juiz o sr. Pedro Monteiro, que agiu com justiça e criterio. (*A Esquerda*: 03/02/1928, p. 02).

Na sequência, num crescente sobre as partidas suburbanas, as crônicas do jornal começam a abordar os jogos estritamente entre equipes não associadas à ADC. Um dos aspectos mais interessante era a informação dos vários campos de futebol pela cidade, para além da divulgação dos resultados das partidas. Assim, em maio de 1928, numa partida entre o “Progresso” e o “Sport Club Cearense”, se comentava sobre o resultado do amistoso entre os dois quadros dos dois times.

Domingo ultimo, no campo do “S. C. Cearense”, houve uma animada partida de *foot-ball*, entre os 1º e 2º *teams* do “Sport Club Cearense” e do “Progresso F. Club”, sahindo os quadros deste, vitoriosos pela score de 3 x 0 e 1 x 0. (*A Esquerda*: 02/05/1928, p. 04).

Nesse mesmo campo, ainda foi disputada a partida “O Cearense x O Floresta” (título), “triumphando o primeiro pela ‘score’ de 2 x 1<sup>18</sup>”. Noutras crônicas de mesmo teor e função, ainda são apresentados os campos do “Floriano F. C.”, que venceu por 8 x 1<sup>19</sup> o “Santa Izabel F. C.”, e o campo do próprio “Santa Izabel”.

Realizou-se ante-hontem no aprazivel campo do *S. Izabel F. C.*, no Outeiro, um animado match de foot-ball entre as valorosas equipes *Tira-Teima* x *S. Izabel*, sahindo com o empate de 2 x 2. Serviu de juiz da pugna o sr. Luiz Nunes, do *S. Izabel F. C.* (*A Esquerda*: 15/05/1928, p. 03).

---

<sup>18</sup> *A Esquerda*: 11/05/1928, p. 03.

<sup>19</sup> *A Esquerda*: 05/05/1928, p. 04.

Além das partidas locais, o jornal “A Esquerda” também informava sobre as partidas intermunicipais envolvendo equipes suburbanas. Como destaque na organização desses jogos, observamos a participação do “Caucaia F. C.” e do “Gremio S. Itatiaga”, ambos do município do Soure, jogando amistosamente contra times da primeira divisão do campeonato da ADC, inclusive. Em fevereiro de 1928, “A Esquerda Sportiva” publicava a seguinte crônica “O ‘Caucaia’ irá a Sobral e o ‘Fortaleza’ a Mossoró”, mas com destaque para o time daquele município do Soure.

O team do Soure, o “Caucaia” que tem ultimamente ganhado grande sympathia nos meios desportivos devido os seus triumphos, vae fazer uma temporada em Sobral, conforme convite que acaba de receber de um club desta cidade. Há grande entusiasmo e interesse pela viagem do “Caucaia”. Fazemos votos, desde já, para que os caucaienses conquistem novos louros para a maior gloria de seu club. (*A Esquerda*: 09/02/1928, p. 03).

Entre janeiro e março de 1928, mais algumas partidas do Caucaia foram noticiadas, motivo pelo qual ganhou “grande sympathy nos meios desportivos” e foi convidado para “fazer uma temporada em sobral”. Muito desse sucesso se deveu aos seus bons resultados contra os times da primeira divisão da ADC. Nos três primeiros meses de 1928, antes de ter início o campeonato local, o “Caucaia” jogou contra equipes como o “Fortaleza” e o “Maguary”, dois dos melhores times da ADC. Na primeira sequência de jogos, o “Maguary” logo experimentou o potencial daquele time da vizinha vila do Soure. Coube ao jornal “Gazeta de Notícias” a apresentação da partida: “Domingo, 9, a convite do sympathizado ‘Maguary Sport Club’, virá a esta capital o valoroso team do ‘Caucaia Foot-ball Club’, da vizinha vila do Soure, que enfrentará à tarde, no gramado do Alagadiço, o aludido club”. (03/01/1928, p. 04). Mas foi o jornal “O Povo” quem publicou a crônica do jogo, logo no seu segundo número de existência.

O “Caucaia” derrota o “team” do Alagadiço pela contagem de 6 x 2. Para os admiradores do esporte bretão, nesta capital, a tarde de hontem no *ground* do Alagadiço continha surpresas que somente o desenrolar da peleja annunciada poderia solucionar [ilegível]. (*O Povo*: 09/01/1928, p. 06).

Na sequência, a própria secretaria do “Maguary”, time derrotado pela surpreendente equipe do Soure, emite nota à imprensa, por intermédio do jornal “O Povo”, convocando os apreciadores do futebol para a “importante revanche”.

Da secretaria do Sport Club Maguary recebemos a seguinte nota à imprensa: Para sciencia dessa ilustre redacção, informamos que, para domingo, 22 do corrente, às 15, 45, no campo de sports do Club Maguary, está firmado importante encontro de futebol, em revanche.

Maguary x Caucaia

Encontro este que promette ser de grande importancia, tendo-se em vista o resultado do ultimo jogo entre os dois referidos quadros, em cujo encontro o

Caucaia apresentou um jogo surpreendente que lhes valeu a vitória. (*O Povo*: 18/01/1928, p. 02).

A crônica da partida de revanche, publicada no dia 23 de janeiro (p. 02) pelo mesmo periódico, apenas indica o placar, se mostrando mais interessada em comentar as eleições da nova diretoria do “Maguary”, motivo pelo qual o jogo aconteceu com “pouca animação”: “Bateram-se hontem em revanche, no campo do Alagadiço, as esquadras do ‘Caucaia’ e do ‘Maguary’, cabendo a vitória ao ultimo pela score de 3 x 2”. Podemos, no entanto, e com razão, duvidar do desdém com que a partida de revanche foi tratada pelo referido jornal fortalezense. O sucesso da equipe em surpreender o rival do Alagadiço (e da ADC) lhe valeram mais alguns jogos, inclusive o convite acima citado para viajar à Sobral.

Sobre este mesmo jogo de revanche, entre “Maguary” e “Caucaia”, o jornal “Gazeta de Notícias” (22/01/1928, p. 06) dava outra opinião em sua crônica de apresentação da partida, pois ainda estava “na memoria de todos o que foi o primeiro match entre os contendores de hoje, no qual o team visitante actuou de maneira surpreendente, conseguindo sobrepujar o adversário pela elevada contagem de 6 x 2”.

Assim, após o retorno do “Caucaia” de sua temporada futebolística intermunicipal, durante o mês de fevereiro em Sobral, o “Fortaleza” convidou-o no início de março para mais uma disputa amistosa. A expectativa de “numerosa assistencia” era um forte indicador do impacto que aquela vitória por 6 x 2 causara nas “rodas desportivas” da ADC.

No proximo domingo, no campo oficial do “Maguary”, o sympathisado club do alagadiço terá um sensacional encontro de foot-ball, entre os *teams* principaes do “Caucaia” de Soure, e do “Fortaleza”. Dado o calor dos contendores, é de esperar numerosa assistencia. (*A Esquerda*: 10/03/1928, p. 02).

O jogo foi realizado no dia 11, sendo a sua crônica publicada já no dia seguinte, com o título “O ‘Fortaleza’ derrota o ‘Caucaia’ pela ‘score’ de 6 x 3”. O cronista destaca o entusiasmo da partida, informando o placar, a escalação, o árbitro, o momento exato dos nove gols e os seus autores.

Hontem, no campo oficial do “Maguary”, teve realização um sensacional match entre os teams principaes do “Fortaleza” e do “Caucaia” de Soure. O jogo, como era de se esperar, foi desenvolvido com entusiasmo, e esforço por ambos os contendores. Depois de renhida lucta, triumphou o “Fortaleza” pelo “score” de 6 x 3. Os teams entraram assim constituídos: “Caucaia”: Chinez, Chiquinho, Vianna, Oswaldo, Soares, elisio, Pirãosinho, Barbosa, Cajueiro, Rats e Zesalles. “Fortaleza”: Rolinha, Correia, Rola, Calixto, Caranã, Loyola, Mario, Juracy, Humberto, Pirão e Jatahy. Serviu como juiz o sr. Francisco Gomes, do “Guarany”, que agiu satisfatoriamente. Os “goals” do ‘Caucaia’ foram os seguintes: O 1º às 4, 22 Cajueiro, o 2º às 4, 40 Ratts, o

3º às 4, 42 Cajueiro. Os do ‘Fortaleza’ foram: O 1º às 4, 14 por Juracy, o 2º às 4, 15 por Juracy, o 3º às 4, 26 por Juracy, o 4º às 5, 3 por Mario, o 5º às 5, 8 por Jatahy, o 6º às 5, 14 por Pirão. (*A Esquerda*: 12/03/1928, p. 02).

Nesse intercâmbio de partidas entre times intermunicipais, ainda podemos destacar o caso do “Gremio S. Itatiaga” que, se não obteve o mesmo sucesso do “Caucaia”, indicava que as excursões e a organização de jogos intermunicipais envolviam também os times e campos mais afastados do futebol institucional. O interessante é que nesse caso, o “América” foi convidado para uma partida no “*ground* do Caucaia”:

Domingo, em Soure, no *ground* do Caucaia, realizou-se animada partida de *foot-ball* entre os “teams” do “America F. C.” e do “Gremio S. Itatiaga”. O jogo teve inicio as 3, 10, com uma assistencia reluta e distracta. Terminou às 4, 45, com a victoria do ‘America’ pela ‘score’ 7 x 1. (*A Esquerda*: 24/03/1928, p. 02).

Já o periódico “Gazeta de Notícias”, demonstrando a importância dos bairros periféricos na difusão do futebol, apresenta o campo do “Rio Negro” como uma das possibilidades de realização dos espetáculos futebolísticos. Um dado interessante, nesse sentido, é que uma das maneiras de se nomear o “*football association*” entre os brasileiros possui uma forma estritamente espacial, na expressão “futebol de campo”. Na crônica a seguir, sobre a partida entre o “Riachuelo” e o “União”, esta ideia estava presente, relacionando a partida de futebol com o campo de jogo e o time proprietário.

Enfrentaram-se, segunda-feira, 19, no campo do Rio Negro, no Outeiro, os dois valorosos quadros “Riachuelo” e “União”, sahindo vitorioso o primeiro pela elevada contagem de 6 x 2. (*Gazeta de Notícias*: 23/03/1928, p. 02).

É ainda o periódico “Gazeta de Notícias” quem traz literalmente a definição conceitual do futebol de campo como parte do “circulo desportivo suburbano”, numa crônica de descrição da partida entre as equipes do “Remo” e do “Progresso”. Entre outras coisas, comenta-se sobre a expectativa diante do jogo, qual se realizou “perante numerosa assistencia”, o que leva a pensar que o futebol suburbano competia com aquele organizado pela ADC. Sobre a partida, o cronista fazia transparecer grande animação.

Como era ansiosamente esperado nos circulos desportivos suburbanos de nossa capital, realizou-se, domingo, no campo do “Progresso”, a sensacional partida entre este sympathizado grêmio e o forte conjunto do “Remo”. (*Gazeta de Notícias*: 29/03/1928, p. 07).

Em contraste com o “circulo desportivo suburbano” estavam “as rodas desportivas” da ADC. Em oposição aos campos de futebol, conceitualmente definido como espaço de jogo improvisado, se colocava a questão do lugar adequado para a

realização do espetáculo futebolístico, necessariamente em um estádio. Muito embora a ADC dispusesse de dois campos de futebol, um oficial, no Alagadiço, e outro do “Fortaleza S. C.”, no Benfica, a correlação do campo como lugar de improviso, e do estádio como o lugar próprio para o jogo, não fugia da percepção da imprensa local. Assim, numa notícia pelo telégrafo, o jornal “O Nordeste” aclamava a iniciativa de construção de uma praça própria à realização dos jogos por parte do “América de Minas Gerais”.

BELO HORIZONTE, 08 – Foi um acontecimento notável no meio desportivo a inauguração do stadium do ‘America’. O aspecto das archibancadas era empolgante. Além de considerável número de famílias e cavalheiros, lá se achava todo mundo oficial. O presidente do Estado foi recebido por uma comissão do clube, e acolhido com salvas de palmas. Houve um match entre cariocas e mineiros, saindo estes derrotados por 5 x 1. (*O Nordeste*: 09/05/1923, p. 03).

O que é interessante notar é que a difusão do esporte em Fortaleza obedeceu a uma dinâmica de improvisação das partidas em campos e terrenos baldios, ou praças e ruas, sendo um ponto em comum desde a lógica oficial, passando pela suburbana e infantil. Na linguagem, essas práticas se materializaram em expressões como “racha”, “pelada” e “futebol de campo”. As crianças, estudantes e trabalhadores foram importantes nesse processo. Daí se pode perceber um diferencial econômico e étnico em relação às cidades do sul e sudeste, pois a importação da estrutura do “soccer” e do “sport” como novidades do progresso eram demasiado caras e distantes dos círculos sociais e distintivos, pois menor o fluxo de dinheiro e o fluxo de imigrantes europeus (fundadores dos primeiros clubes esportivos do país).

É salutar nesse sentido que o “Anglo American Club”, sociedade dos descendentes e imigrantes ingleses em Fortaleza, não desenvolvia atividades esportivas, assim como o “Club Iracema” e o “Club dos Diários” (esse pelo menos a princípio), mas sim festas sociais, inclusive o carnaval. A crônica a seguir, “Anglo-American Club”, deixa essa situação bastante evidente.

Avisa-se aos srs socios que o grupo dos “Camponeses de Hollanda”, do Club dos Diarios, assaltará o “Anglo-American Club”, na próxima quinta-feira, 1º de fevereiro, às 21 horas. Encarece-se a presença de todos os socios para a defesa. (*O Nordeste*: 30/01/1923, p. 03).

O que prevaleceu foi a improvisação dos objetos do jogo e dos espaços de jogo. Mesmo os estudantes locais mais ricos, aqueles que iam estudar na Europa ou que frequentavam o Liceu, improvisaram da maneira mais conveniente em partidas no Passeio Público e na Praça Fernandes Vieira. Na década de 1920, a realização de

partidas em campos abertos, verdadeiros “*fields*”, ainda não condizia com os preceitos do verdadeiro futebol, destinado aos espetáculos em praças desportivas especializadas, os “*stadiuns*”. O problema só começou a ser resolvido quando o campo do Prado (mesmo campo do Benfica) foi colocado em desuso, sendo construído em seus arredores o estádio Presidente Vargas, a partir de 1939.

No caso da expansão do futebol em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, os clubes de futebol nasceram no interior dos clubes esportivos das comunidades europeias de imigrantes, tais como o Mackenzie (SP) e o Rio Cricket (RJ). As iniciativas posteriores de fundação dos clubes de futebol tinham a intenção de difundir entre os brasileiros mais refinados, em sua maioria estudantes ou recém-formados em faculdades brasileiras e universidades europeias, os hábitos esportivos, mas salvaguardando os novos costumes “*very British*” dos nativos menos favorecidos da “raça tupiniquim”.

Dessa forma, a fundação do Fluminense (RJ) e do Paulistano (SP) mantinham forte intuito excludente em suas formações, o que foi levado adiante nas composições das federações esportivas das duas cidades e seus afiliados. À exceção do Bangu (RJ), primeiro clube de futebol fabril. Nesse processo, também foram construídos os primeiros estádios, caso da praça desportiva do Fluminense, nas Laranjeiras. O critério distintivo do espaço adequado para o futebol era tão imperial que a ausência de estádio foi o motivo oficial da exclusão do Vasco, em 1924, do campeonato carioca daquele ano.

No caso de Fortaleza, a tradição dos clubes tinha origem literária ou carnavalesca, não se preocupando em preservar a distinção social dos jogadores, mas apenas dos sócios e diretores. Isso podia ser visto na localização das sedes sociais dos clubes fundadores da ADC e dos campos de jogo, diferenciando as funções e a composição dos clubes e dos times. O futebol fortalezense sempre foi bastante híbrido em sua prática, mesmo do ponto de vista dos atletas dos clubes que almejavam a distinção social, sendo notoriamente marcado pelo improviso.

Os clubes de futebol, mesmo que situados no centro, em sua maior parte os primeiros fundadores da ADC, se destinavam a jogar nos bairros periféricos, onde havia espaço para compra de terrenos para construção de seus campos de jogo, casos do “Fortaleza”, no Benfica; do “Maguary”, no Alagadiço; do “Flamengo” jogando amistosamente na Parangaba; e do “Fluminense”, treinando no campo do Pirambu. Sobre esse último caso, ainda não documentado, vale a pena transcrever a crônica de abril de 1928 do jornal “A Esquerda”.

O vice-campeão, “Fluminense F. C.”, em virtude do seu próximo encontro com o campeão do anno passado [o “Fortaleza”], amanhã no campo do Pirambu, ensaiará seus teams primario e secundario, motivo porque roga o comparecimento de todos os seus “players” no referido campo, às 7 e ½ da manhã. (*A Esquerda*: 14/04/1928, p. 02. Grifos meus entre colchetes).

No caso dos outros clubes que se formaram no período entre 1921-1930, mas de origem popular, sem intensão de ingressar no círculo social e distintivo da liga, concorrendo com o futebol da ADC em termos de público, venda de ingressos e prática do futebol nos momentos de lazer aos domingos, se destacaram o “São Cristovam”, o “Vasco da Gama”, o “Santa Izabel”, o “Progresso” e o “Caucaia”, fazendo amistosos entre si, contra os times da liga e até excursionando. É interessante notar que os clubes de origem popular em Fortaleza eventualmente faziam referência aos clubes de mesma origem do Rio de Janeiro, mas aqueles que haviam conquistado títulos no campeonato carioca durante a década de 1920, sendo o “Vasco” e o “São Cristovam” dois exemplos disso. No caso dos clubes que almejavam o status social, as referências eram outras: “América”, “Botafogo”, “Fluminense” e “Flamengo”.

\*\*\*

Os clubes fortalezenses de futebol tinham diretrizes diversas, segundo suas diversas origens sociais, podendo inclusive repercutir no principal objetivo e função de um clube. Se estivermos a falar do “Ceará” ou do “Fortaleza”, a principal função do clube não é necessariamente fomentar o esporte, mas garantir a congregação entre seus pares através de festas, saraus, “*meetings*” e, também, partidas de futebol. O esporte cumpre um papel de congregação, como qualquer outro evento do clube, onde cada partida se reveste com um caráter diplomático, em caso de jogos interestaduais, eventos sociais, ou mesmo em partidas locais, se constituindo como política e promoção do status do clube, mais em relação ao requinte e civilidade, menos em relação à competência esportiva. Raimundo Girão (1984, p. 122), um dos fundadores e jogadores do “Guarany A. C.”, chegou mesmo a endossar esse ponto de vista, dizendo que “As embaixadas de futebol acorreram mais para as relações entre os povos do que as diplomáticas”.

O caráter diplomático dos clubes, em Fortaleza, começava muito antes das partidas, muitas vezes envolvendo aspectos nada esportivos, mas sociais e de convívio entre aqueles que ansiavam por distinção. Entre os sujeitos e instituições que se identificavam com estes preceitos estavam os dirigentes, os cronistas, os clubes e os

jornais. Como no caso a seguir, entre os dirigentes do “Ceará” e os redatores do jornal “O Nordeste”:

Esteve em nossa redacção uma comissão do “Ceará Sporting Club”, composta dos distintos cavalheiros Aluisio Barroso, presidente daquela sociedade desportiva, Antonio Ferreira Braga e dr. João de Deus Cavalcanti, para nos convidar a assistirmos à festa inaugural da nova sede do aludido club, no dia 22 próximo, às 21 horas. Far-nos-emos representar com agrado. (*O Nordeste*: 20/07/1922, p. 02).

A importância dos eventos sociais para um clube chegava às vezes a ser descrito como a própria razão de sua existência. Prova disso é a crônica da festa no “Ceará S. Club”, quando da inauguração de sua sede social, em matéria intitulada “O Ceará Sporting Club inaugura solenemente a sua nova sede”. Trata-se da crônica da mesma festa à qual foram convidados os redatores do jornal “O Nordeste”, pessoalmente pelo presidente do clube, no dia 20 de julho.

Sabbado, 22 do corrente, revestido de muito brilhantismo, realizou-se a inauguração da nova sede do “Ceará Sporting Club”, à rua Senador Pompeu. Às 20 horas já era grande o numero de convidados, apresentando o palacete um aspecto encantador, dada a profusão de luz tanto interior como exteriormente. O predio inaugurado possue todos os requisitos exigidos para o fim a que se destina. É de ver o bom gosto que presidiu a organização de dois amplos salões, que se comunicam por duas [ilegível] arcadas das quaes estão gravados lindos escudos alvinegros. Às 21 horas, no meio da mais franca cordialidade, tiveram inicio as dansas, sendo, nos intervalos, servidos às sras. e senhoritas finos sorvetes e doces variadíssimos. À meia noite o sr. Jacyntho Guimarães, num discurso breve e bem cuidado, inaugurou no salão principal do Club o retrato do seu jovem presidente Aluisio Barroso. O orador teve palavras elogiosas ao “Ceará”, brindando-o na pessoa do homenageado. Falou em seguida, representando os jornaes da terra, o sr. Ellias Mallmann, que foi aplaudido vivamente pelos presentes. Por fim, o presidente do Ceará, em ligeiro improviso, agradeceu a homenagem dos seus companheiros, mostrando-se surpreso ante aquela demonstração de carinho e apreço. Terminada essa agradável “hora literária”, recomeçaram as dansas, que se prolongaram até a aurora do dia 23. Fazendo votos pela prosperidade do alvinegro, aproveitamos o ensejo para agradecer aos seus diretores a atenção e às gentilezas dispensadas ao nosso representante. (*O Nordeste*: 24/07/1922, p. 02).

Nessa crônica, fica muito claro qual é “o fim a que se destina” um clube social, seja ele esportivo ou não: convívio e distinção social. Vários elementos indicam isso, seja a profusão de luz, o tamanho dos salões, os objetos decorativos, as danças com as damas, as bebidas e petiscos, e os discursos dos homens que representam a imprensa e os clubes. O modelo provinha das associações não esportivas, mais antigas na cidade, como o caso do “Club dos Diarios”, que fazia o seguinte convite:

Amanhã, effectuar-se-à na sede deste luxuoso “Club”, que de tantas sympathias goza em nosso meio, mais uma de suas reuniões maximas, cuja evidente animação as tem tornado o centro de convergência de nossa gente patricia. (*O Nordeste*: 28/07/1922, p. 02).

É peculiar e interessante o fato de ser a cobertura da vida social dos clubes um dos elementos genitivos da relação entre futebol e imprensa. No caso de Fortaleza, clubes e jornais pertenciam ao mesmo ambiente social, participando dos mesmos anseios e promovendo conjuntamente os mesmos eventos, inclusive o campeonato da ADC. Não é à toa que reuniões e festas sociais eram divulgadas na imprensa. No dia quatro de agosto, por exemplo, o jornal “O Nordeste” publicava uma crônica e reproduzia um convite<sup>20</sup> do “Fortaleza S. Club”, ambos convidando seus sócios para uma festa social. O adjetivo “distinto” sempre presente.

Na sede social do “Fortaleza Sporting Club”, haverá na noite de amanhã, uma reunião intima oferecida às distictas famílias dos seus associados a qual terá um caracter de grande distincção e para cujo fim trabalha a sua esforçada directoria. (*O Nordeste*: 04/08/1922, p. 02).

Dessa maneira, a fama e a glória de um clube não se mediam necessariamente por sua popularidade ou capacidade esportiva. O “América F. C.”, recentemente fundado na cidade, endossava mais ainda o desejo de “finesse” social, convidando seus sócios para a comemoração do segundo aniversário do clube e aproveitando a ocasião do convite para também anunciar a sua nova diretoria, tendo o Dr. Américo Picanço como seu presidente.

Revestiu-se de muita cordialidade, a festa que, em comemoração à passagem do 2º anniversario de sua fundação, levou a efeito nos salões de sua sede, sita à rua Senador Pompeu, o “America Foot Ball Club”. (*O Nordeste*: 14/11/1922, p. 03).

O “fim a que se destina” um clube novamente aparece na realização de festas e usufruto dos salões de uma sede social. Até as menores associações esportivas da ADC se mostravam interessadas na participação desse convívio cordial e festivo, como se percebe da seguinte nota à imprensa: “Da secretaria do ‘Cutuba Foot-ball Club’ recebemos delicado convite para sermos presentes no sárau dansante que se realiza, hoje, em sua sede social.” (*O Nordeste*: 12/06/1923, p. 03).

Assim, a constituição do futebol em Fortaleza, levando-se em conta as representações urbanas e sociais dos clubes esportivos da ADC e dos jornais citadinos de maior circulação, operava de forma semelhante a uma sociedade cortesã. Quem melhor definiu tal característica foi o historiador Rodrigo Pinto, para quem a fundação do “Olímpico F. C.”, em 1919, e seu posterior ingresso na ADC (em 1921) – juntamente com o “Botafogo” e o “América” –, representava uma maneira de se inserir no alto

---

<sup>20</sup> “A directoria convida os srs. Socios e exmas. Familias para recepção intima em noite de 5 deste, às 21 horas (Não haverá traje de rigor)”. (*O Nordeste*: 04/08/1922, p. 03).

escalão social da cidade, vontade essa do engenheiro Ribeiro Couto Fernandes, funcionário da RVC e responsável pela criação do primeiro time de funcionários ferroviários da empresa. Para Rodrigo Pinto, Ribeiro Couto pretendia apenas status, o que não impedia a ocorrência do hibridismo social entre os atletas dos times que disputavam os campeonatos e jogos amistosos da ADC<sup>21</sup>.

Tais times eram considerados um agregador, um meio de ser visto pelas famílias tradicionais como um espaço de afirmação dos *pares*, confirmando um mundo civilizado. Nesse caso, o futebol passava a ser tido como um “corredor” para atingir as “salas” das rodas sociais. Tenho certeza de que *O Cortesão* [obra de Baldassare Castiglione, publicada em 1528] não era o livro mais lido naquela alvorada de século XX, todavia não posso deixar de acreditar que os seus valores estavam permeados na sociedade aristocrática de Fortaleza. Couto Fernandes provavelmente vislumbrou a possibilidade de inserção na sociedade fortalezense através do futebol. Se o *foot-ball* é uma prática de sociabilidade, desfrutes e cortesias, faz-se acreditar que, ao fomentar o surgimento do Olímpico, ele tenha pensado *a priori* em uma maneira de se promover socialmente e se inserir na elite local. Lembrem-se de que Couto Fernandes não faz parte das rodas sociais dos primeiros times de futebol e não é citado por Raimundo Girão, Edgar de Alencar (a não ser na formação do Olímpico), nem por Barão de Studart. Hoje Couto Fernandes tem um lugar de destaque na memória da Ferrovia, na fomentação do METROFOR (Metrô de Fortaleza), uma das suas estações principais será lavrada com o nome do engenheiro. (Rodrigo PINTO: 2005, p. 71. Grifos meus entre colchetes).

Muitas vezes, as festividades nos clubes esportivos da cidade envolviam mais eventos que apenas o encontro entre os sócios. O “Maguary” obteve bastante destaque nesse sentido, chegando a realizar vários encontros cheios de dinamismo e múltiplos acontecimentos, sejam eles apenas sociais, esportivos, ou as duas coisas ao mesmo tempo. Num desses momentos, foi realizado a queima do Judas, mas segundo um programa de atividades, incluindo música, bebida e encenação.

Revestiu-se de maior brilhantismo a festa organizada pelo Sport Club Maguary, levada a efeito em sua sede social na 2º secção do Alagadiço. O programa foi o seguinte: julgamento do réo Judas sendo advogado de defesa os srs. Jose Domingues e Waldemar Caracas e da acusação o dr. Terencio Guedes. Em seguida a talentosa violonista senhorita Mercedes Hollanda executou com maestria alguns numeros classicos de musica. Seguiram-se diversos outros divertimentos terminando pela incineração de Judas. Aos presentes foi servido um calix de pega-pinto. (*A Esquerda*: 11/04/1928, p. 01).

“O programa” poderia ser também esportivo, como se depreende do anúncio publicado pelo secretário do “Maguary”, Enoch Brasil, na coluna esportiva do jornal “Gazeta de Notícias” (05/01/1928, p. 04): “De ordem do Sr. Presidente tenho o prazer

<sup>21</sup> “O surgimento do Olímpico Futebol Clube em 1919 traz à tona uma ambiguidade na formação dos clubes de futebol no final da década de 1910 e início da década de 1920. Além disso, revela-nos a possibilidade da fundação de outros times de empresas, um contraponto aos times elitistas que serviam como rodas sociais da alta sociedade.” (Rodrigo PINTO: 2005, p. 71).

de informar a esta distincta redacção ter o Sport Club Maguary organizado para os dias 6 e 8 proximos os seguintes festivaes em seu campo official no alagadiço.”

Entre as atividades promovidas “para os dias 6 e 8 proximos” estavam a realização de duas partidas de futebol. A primeira contra o “Fortaleza”, em disputa da taça “Caixa do Povo” e em beneficio do Instituto de Proteção à Infância, no dia 06/01. A segunda contra o “Caucaia”, em partida já documentada aqui, num desafio “intermunicipal” para o dia 08/01. Além do futebol, seriam promovidas lutas de boxe e luta romana, a primeira entre o campeão maranhense Rubens Pereira e o Português Rubens Fonseca (dia seis); a segunda entre “amadores locaes” de luta romana (dia oito). As lutas ocorreriam após os jogos de futebol, também no campo do Alagadiço. Para finalizar “o programa”, a promoção “da entrega da taça *O Ceará*”, conquistada pelo “Maguary” em concurso promovido pelo diário “Gazeta de Notícias”.

O caráter social dos eventos promovidos pelos clubes esportivos vinculados à ADC perpassava uma dupla lógica de diplomacia e distinção social, segundo os preceitos já endossados até aqui pela tradição dos clubes em Fortaleza e o interesse dos dirigentes esportivos, tais como Raimundo Girão e Ribeiro Couto. Do ponto de vista dos eventos esportivos, as excursões e recepção de delegações esportivas eram os momentos de máximo requinte, envolvendo uma gama de atividades e programações que variavam desde a conferência com o presidente do Estado até a ida ao cinema e o fechamento do comércio nos dias das partidas.

Toda a viagem era um evento. Começava geralmente no porto, quando os times embarcavam e a crônica publicava a apresentação da excursão e o nome do navio. O “Fortaleza”, por exemplo, em missiva amistosa no Maranhão, começava sua representação do futebol local e estadual da seguinte maneira:

A bordo do “Campo Sales”, que zarpará, hoje, à tarde, do nosso porto, seguirá para S. Luiz a embaixada do “Fortaleza S. C.” que vae aquella capital disputar 4 *matchs* com um clube maranhense. A embaixada demorará naquelle cidade cerca de 15 dias. A composição do *team fortalezense* já publicamos, em edição anterior. Desejamos aos jovens *sportmen* feliz viagem e louros de grandes victorias desportivas. (*O Nordeste*: 24/12/1923, p. 04).

O mesmo valia para aqueles times que se destinavam à Fortaleza, caso do “S. C. Flamengo”, de Recife, “a bordo do Itapema” (posteriormente apresentado como “Itagiba”), com previsão para chegar no dia 11/03/1924, “proxima 3º feira”. É interessante notar a duração das viagens, pois o navio e a delegação partiriam num sábado (08/03/1924), dois dias após a publicação da seguinte crônica:

Conforme, ha dias, noticiámos, a “Associação Desportiva Cearense” convidara o “Sport Club Flamengo”, de Recife, para uma temporada desportiva em Fortaleza. Segundo colhemos, o citado clube pernambucano partirá de Recife, sabbado, a bordo do “Itapema”, devendo chegar a esta capital na proxima 3º feira. Compõe a embaixada dezenove membros. O “Sport Club Flamengo” disputará em Fortaleza 4 *matchs*. A proxima temporada vem despertando grande interesse. (*O Nordeste*: 06/03/1924, p. 02).

Coisa diferente ocorria quando a partida era intermunicipal, envolvendo o transporte rodoviário na locomoção das delegações esportivas, porém, também igualmente em missivas diplomáticas e distintivas, como no caso do “América F. C.” em Sobral, “por occasião da festa da ‘Exposição Agro Pecuaria’ a se realizar, ali, em principios de setembro vindouro, afim de disputar ‘matchs’ com os clubes sobralenses.” (*O Nordeste*: 13/08/1924, p. 02). A viagem era mais lenta e cansativa do que a marítima. Em 1924, o percurso de Sobral à Fortaleza durava quase 48 horas:

A delegação fortalezense [do “América”] deixou Sobral às 23 horas de terça-feira, tendo aqui chegado, hontem [quinta-feira], às 18 ½ horas. O “Nordeste” parabeniza os jovens do “America” pelos louros alcançados. (*O Nordeste*: 12/09/1924, p. 04. Grifos meus entre colchetes).

Mesmo assim, com o problema das distâncias a ser vencido, a correlação entre exposição agropecuária e futebol denunciava outros aspectos políticos e econômicos da excursão, revelando os interesses de dirigentes esportivos e de empresas na promoção dos “*matchs*”.

Entre agosto e setembro de 1924, tempo da estadia do “América” em Sobral, três partidas foram disputadas, todas contra o anfitrião “São Crhistovam”. O time fortalezense ganhou as três partidas e as três taças de vencedor, que tinham os seguintes nomes, revelando os patrocinadores das partidas: “Dr. Americo Picanço” (presidente do “América”), “Cervejaria Paraense” e “S. Christovam”. O time sobralense ganhou outras três, de vice-campeão: “Aristobou de Castro” (presidente do clube anfitrião), “Caixa Forte” e “Credito Mutuo Predial”. O resultado das partidas foi o seguinte: empate (0 x 0) no primeiro, o segundo interrompido no segundo tempo, porém concluído no dia seguinte em favor do América (acabando em 2 x 0), e o terceiro, em vitória americana novamente por 2 x 0. (*O Nordeste*: 12/09/1924, p. 04).

Com esses dados, temos a base da composição de uma partida de futebol amistosa, envolvendo o tipo de transporte, os interesses políticos e econômicos de quem patrocinavam e os eventos sociais correlatos à partida, tal qual a exposição agropecuária. No entanto, o aspecto mais envolvente das excursões era a recepção das delegações e a mobilização dos anfitriões para a realização de um programa de

atividades com os seus convidados. Assim, na viagem citada acima do “Fortaleza” em São Luiz, entre dezembro de 1923 e janeiro de 1924, os esportistas da capital maranhense prepararam calorosa “boas vindas” em seu porto, como deixa evidente a crônica enviada pelo telégrafo a seguir, com direito a celebração de missa e missiva oficial do ajudante do presidente do estado.

S. Luiz, 27 – A delegação do “Fortaleza Sporting Club”, que embarcou ahí, às 9 horas do dia 24, assistiu à Missa do Natal a bordo do “Campo Sales”, celebrada pelo padre José Osuel. Chegamos, hontem, às 17 horas, effectuando-se o desembarque, hoje, às 8 ½ da manhã. Uma comissão do “Fabril Atletic<sup>22</sup>” esteve a bordo cumprimentando a delegação do “Fortaleza” bem como o ajudante de ordens do governador do Estado, dr. Godofredo Viana. Por gentileza do comandante, o nosso estandarte foi içado no mastro principal do “Campo Sales”. Tivemos condigna recepção. O nosso primeiro jogo realizar-se-á domingo próximo, com um combinado “Fabril-Phenix-Santa Cruz”. Todo o nosso pessoal está bem disposto, animoso para entrar na disputa. (*O Nordeste*: 28/12/1923, p. 01).

Já sobre a passagem do “Sport C. Flamengo” em Fortaleza, entre março e abril de 1924, a programação das atividades extracampo roubaram literalmente a cena, numa mobilização de pessoas e instituições que variavam desde a banda de música do 23º Batalhão de Caçadores, passando pelas festas dançantes dos clubes sociais da cidade e pela homenagem à delegação na mostra de uma película sobre futebol. Além disso, o comércio era convocado a fechar suas portas, durante as partidas, sendo a “Livraria Araripe<sup>23</sup>” (de propriedade do presidente da ADC à época, Oscar Araripe?) a empresa responsável pela venda dos ingressos. Por fim, os atletas ficariam hospedados na “Pensão Arruda”, fechando um círculo social e de utilização do espaço urbano que envolvia a Ponte Metálica (dos Ingleses) e a banda do exército; o comércio, os jornais, a ADC, os clubes sociais e o centro da cidade; os jogos e o campo do Alagadiço. Na crônica escrita por “Jack Fox”, sobre a recepção da delegação pernambucana, alguns desses detalhes são perceptíveis.

Hoje, pelas 7 horas da manhã, gyrandolas de foguete espocaram no ar, anunciando a chegada, em nosso porto, do paquete “Itagiba”, que trouxe a seu bordo, a distinta embaixada do “Sport Club Flamengo”, de Recife, que a convite da “Associação Desportiva Cearense”, veiu à Fortaleza disputar 4 “matchs” de “foot-ball” com os principaes quadros locaes. A delegação do Flamengo, que é composta de cavalheiros da fina flor social recifense, foi recebida na ponte metalica entre vivas e hurrahs de elevado numero de pessoas, que lhe iam levar cumprimentos de bôa vinda. A bordo, os sportmen recifenses foram cumprimentados pelos representantes da “Associação

<sup>22</sup> Como havíamos dito anteriormente, sobre o caso do “Olímpico F.C.”, o interesse distintivo na promoção do esporte não eliminava a possibilidade dele ser praticado por trabalhadores. O “Fortaleza” foi à São Luiz também a convite do “Fabril”, sendo um dos três times “combinados” para o desafio interestadual.

<sup>23</sup> “Os ingressos já estão sendo vendidos na ‘Livraria Araripe’.” (*O Nordeste*: 15/03/1924, p. 03).

Desportiva Cearense”, do “Fortaleza”, do “Ceará”, do “America” e do “Guarany”. No “Pavilhão Atlântico”, o sr. Dr. Adauto de Alencar Fernandes, em nome dos “footballers” cearenses, saudou, em improviso, os valentes jogadores pernambucanos. Logo depois, formou-se grande corso de automóveis, sendo a embaixada do “Flamengo”, levada até a “Pensão Arruda”, à rua Floriano Peixoto, onde ficou optimamente hospedada. Durante o desembarque fez-se ouvir a banda de musica do 23º de Caçadores, gentilmente cedida pelo seu digno commandante. A “Associação Desportiva Cearense” vae promover diversas festas em homenagem aos nossos dignos visitantes. (*O Nordeste*: 18/03/1924, p. 03).

Na primeira dessas festas, um dia depois da chegada da delegação recifense, a ADC recepcionou os atletas no salão do “Clube Iracema”<sup>24</sup>, com direito a discursos, champagne e mostra das credenciais alvi-negras (Flamengo). Outro dia se passa e o jornal “O Nordeste” publica o convite do “América”<sup>25</sup> para um “chá dansante” em sua sede social. A agenda social continuava frenética e nem mesmo o domingo se restringiu apenas ao futebol, sendo publicado no sábado mais um convite para uma “dominical”, novamente no “Clube Iracema”, mas agora pela manhã.

Amanhã, o elegante “Club Iracema”, em sua séde social, à praça do Ferreira, oferecerá aos distintos moços do “S. C. Flamengo”, uma concorruda “dominical”, que se revestirá do maior realce, brilhantismo e distinção. Estão sendo preparadas muitas interessantes e agradáveis surpresas, devendo ser expostas no salão de honras as ricas taças que estão sendo disputadas na presente temporada pernambucana de “foot-ball” em Fortaleza. Os diretores do mês, srs. Pedro Riquet e Jayme Studart, muito vêm se esforçando para o maximo encanto da matinal dansante de amanhã. (*O Nordeste*: 22/03/1924, p. 02).

As homenagens seguem se sucedendo, num misto de interesse em se promover socialmente e fazer as vezes de anfitrião. Outro clube citadino concorreu para as festividades, uma “vesperal”, dessa vez, convidando os atletas e dirigentes recifenses a comparecerem ao “Clube dos Diários”, mas também homenageando seu presidente, Aluisio Barroso.

Conforme noticiámos, realizou-se, terça-feira, à noite, no ‘Clube dos Diarios’, a festa promovida pelo querido “Ceará S. Club” e pela “A. D. C.”, em homenagem ao estimado cavalheiro sr. Aluisio Barroso, ex-presidente do alvi-negro local, e ao “S. C. Flamengo”. Essa festa decorreu em meio da maior cordialidade e alegria, prolongando-se as dansas, animadas, até a madrugada. (*O Nordeste*: 04/04/1924, p. 02).

Por fim, quando os quatro jogos previstos foram realizados, mais o torneio comemorativo ao final, indicando o sucesso da visita do “Flamengo” em Fortaleza, foi o

---

<sup>24</sup> “Hontem, às 10 horas, no ‘Club Iracema’, a embaixada foi recepcionada pela ‘Associação Desportiva Cearense’.” (*O Nordeste*: 20/03/1924, p. 03).

<sup>25</sup> “Da distincta directoria do ‘America Foot-ball Club’ recebemos delicado convite para o chá dansante com que homenageará, hoje, às 20 ½ horas, em sua séde social, a embaixada do ‘Sport Club Flamengo’. Gratos, far-nos-emos representar.” (*O Nordeste*: 20/03/1924, p. 03).

momento de fazer a despedida, igualmente cordial e programada, com a participação dos expectadoras no “bota fora” da Ponte Metálica.

Antehontem, às 13 horas, tomou passagem no “Itapura”, com destino a Recife, a embaixada do “Sport Club Flamengo”, que entre nós realizou tão brilhante temporada inter-estadoal de “foot-ball”. Ao bota-fóra dos distintos desportistas recifenses, compareceu crescido numero de pessoas, e entre as quaes se viam membros da “A. D. C.”, “sportmen” dos clubes locaes, torcedores, etc. Na ponte de embarque tocou uma banda de musica. Renovamos nestas linhas, os nossos votos de mui feliz viagem aos destemidos moços do “S. C. Flamengo”. (*O Nordeste*: 04/04/1924, p. 02).

No entanto, o ponto mais curioso de todas as homenagens prestadas ao “Flamengo” de Recife não foi durante as festas promovidas pelos clubes, que endossavam mediantes seus dirigentes toda a diplomacia e o caráter aristocrático da promoção do esporte, mas na publicação da programação cultural “Cinemas & Theatros” do Cine Moderno, ao apresentar um filme intitulado “Viva o foot-ball”: “Hoje, na *soirée* da moda, em homenagem ao ‘Sport. C. Flamengo’, ‘A rosa de New York, em 2 actos, por Mae Murray e Mont Bae, ‘Viva o foot-ball’, comedia em 2 actos, por Lee Moran” (*O Nordeste*: 26/03/1924, p. 03).

\*\*\*

No caso dos clubes de origem popular, sem interesse distintivo, a criação e orientação das sociedades se confundem com o próprio objetivo do esporte, se constituindo num tipo adverso de política e congregação entre seus pares, pois o que interessa é o lazer esportivo e a competência esportiva do clube, também na promoção de seu status, mas por outra via, que não é a de inserção nos círculos sociais das principais famílias da cidade (por exemplo, família Gentil e Studart, do “Fortaleza”, ou Barroso, do “Ceará”). Provas disso são as reuniões sociais desses clubes, mais como uma extensão do momento de lazer proporcionado pelo futebol.

Hontem, às 7 horas da noite, o “São Christovão S. Club” festejou o seu primeiro anniversario, com uma sessão solemne. Nella tomaram parte varios sócios, que fallaram se congratulando da passagem da data commemorativa. Aos que ali estiveram foi servido um profuso copo de cerveja. (*A Esquerda*: 07/04/1928, p. 02).

Nesse caso, o convívio social aparece como lazer, tendo em vista que a solenidade é regada com cerveja e congratulações pelo aniversário de um ano do clube, título da crônica (“Anniversario do São Cristovão”). Ficam evidentes, desta forma, as ambivalências em relação à gênese espacial e social do futebol em Fortaleza, situado entre o desejo de ostentação dos clubes e o improviso geral, entre o desejo de acerto com os ponteiros da civilização e as condições materiais em que se deu a difusão do

futebol de fato. Não se trata de uma constituição polarizada economicamente e socialmente quando se fala em ambivalências, absolutamente, mas em mobilizações de grupos sociais que se apropriam do futebol de origem e espaços diferentes.

Nesse sentido, cabe dizer que mesmo no caso dos clubes da Associação Desportiva, o clube não era a mesma coisa que o time. Os jogadores do “Fortaleza”, do “Ceará”, do “América”, “Botafogo”, etc., tinham uma composição social bastante “miscigenada”, mesmo antes do ingresso dos times operários na década de 1930 (“Ferroviário”, “Estrela do Mar” e “Transway”). Se para os diretores dos clubes da liga o futebol era apenas uma das suas atribuições sociais, para os jogadores, que dificilmente faziam parte da direção ou do corpo de sócios do clube, o futebol tinha outro significado. O mesmo pode-se dizer dos torcedores, que eram motivos de elogios e críticas comportamentais.

Para os jogadores, o futebol era o ponto máximo de diversão, onde podiam se apresentar publicamente da maneira que mais desejavam. Não é à toa que nas escalações dos times se encontram vários apelidos, a maioria se remetendo aos elementos do lazer e da cultura trabalhadora, mas não somente. No América tinha um jogador chamado “Canivete”<sup>26</sup>, fazendo referência à sua agilidade e estatura, que por conta de fatores disciplinares foi expulso do clube em 1922. No Ceará, durante toda a década de 1920, Walter Barroso<sup>27</sup> foi meio campista, juiz e componente do corpo de sócios do clube e da ADC. Gostava de ser chamado de “Suisso”, em alusão ao seu conhecimento das regras e de sua categoria social (estudante). Outra recorrência era a abreviação dos nomes e sobrenomes, fazendo alusão ao jeito pelo qual estes jogadores eram chamados no dia-a-dia: “Zesales”, por exemplo; ou à culinária e ao aspecto físico do atleta, caso do “Pirão”, principal artilheiro do Fortaleza na década de 1920 e “Rats”, apelido de um jogador do Caucaia e de outro do Guarany, que atuou também pela seleção cearense.

No geral, na composição dos quadros de todos os clubes, tanto da ADC, quanto dos clubes suburbanos, existia um verdadeiro bando de pássaros em campo<sup>28</sup>: “Rolinha”

<sup>26</sup> Ver a crônica esportiva “O jogo de amanhã: AMERICA X BOTAFOGO”. *O Nordeste*: 22/07/1922, p. 03. Assinada por Free-Kik.

<sup>27</sup> Sobre a alcunha de Walter Barroso, ver: “Guarany, contra a expectativa geral, empata com o Fortaleza”. *O Nordeste*: 01/08/1922, p. 02.

<sup>28</sup> Para maior dimensão dos apelidos nos times de futebol local. CEARÁ: Tutti, Yo, Dedeo, Bomfim, Lyra, Nascimento, Fauzer, Viriato, Hélio, Antenor e Heitor. GUARANY: Chinez, Vianna, Chico, Silvestre, Cury, Basílio, Pirão, Dudu, Cajueiro, Ratis e Zesales. FORTALEZA: Rolinha, Correa, Rola, Loyola, Caranã, Calixto, Mario, Pirão, Humberto, Jura e Sylla. MAGUARY: Nato, Oscar, Acrisio, Braz, El-Gato, El-Roxo, Barbosa, Pimenta, Humberto, Alisio e Zadir. FLUMINENSE: Ruy, Liberato,

era apelido do goleiro do Fortaleza. “Rola” era o zagueiro do tricolor e também apelido do atacante do Ceará que formava o quinteto ofensivo junto com “Pau-amarelo”. “Cantuária” era outro do time do alvinegro<sup>29</sup>, mas no meio-campo. Ainda existiam, pelo lado do Fortaleza, “Caranã”, no meio de campo; “Curupião” e “Caboquinho”, pelo Fluminense.

É interessante notar que esse tipo de referência aos pássaros é uma forma de fazer alusão não somente ao aspecto físico dos atletas, mas também de referendar outra atividade de lazer e divertimento: a caça. O exemplo mais famoso desse tipo de apelido no futebol brasileiro é o sr. Manoel do Santos, conhecido como Garrincha. Alcunha dada pelos seus amigos de Pau Grande (RJ) não apenas pelo aspecto frágil de suas pernas, mas por conta do seu hábito irreparável de ganhar mata adentro, matando pássaros com seu estilingue, por pura diversão (CASTRO: 1995). É possível dizer que, assim como Garrincha, estes jogadores cearenses adentravam o campo com o desejo de pura diversão, onde a violência não era elemento desconsiderado.

No entanto, este aspecto lúdico do futebol teve que ser bastante repreendido para que o futebol pudesse cumprir seu destino comercial, mesmo ainda no período do amadorismo. Às vezes jogar os 80 minutos de uma partida não era garantido, ou por invasão do campo por parte da torcida, ou por abandono de campo de um dos times contendores. A imprensa, no dia de publicação da coluna de esportes, bradava contra o desrespeito ao ingresso pago pelos torcedores<sup>30</sup>, ou cobrava uma ação enérgica da polícia para que a ordem fosse reestabelecida nos jogos de futebol, tendo em vista que a ADC não dava jeito às invasões de campo<sup>31</sup> e da área da cobertura da imprensa.

Tanto jogadores quanto torcedores eram criticados e enaltecidos pela imprensa. Assim como os jornais davam a ver ambivalências, em termos de significados da composição dos clubes, times e lugares de prática do futebol, permitiam vislumbrar qual

---

Curupião, Caboquinho, Madeiro, Alfredo, Fanunn e Emano”. “Os teams para o torneio inicio”. *A Esquerda*: 31/03/1928, p. 02.

<sup>29</sup> Jogadores da escalação do Ceará em 1922. *O Nordeste*: 19/08/1922, p. 03.

<sup>30</sup> Ver a propósito a passagem a seguir: “No modo violento com que ele [o Guarany] agiu, vimos nisso uma falta de cortesia para com o seu contendor e a assistencia, que não pode perder o Money da entrada. Assim sendo, o ‘Guarany’ tantas vezes aclamado está em risco de perder a sympathy que gosa, o que tem mais valor que quaesquer outros prejuízos.” “O encontro do Guarany com o Maguary. Uma atitude condenavel”. *A Esquerda*: 02/05/1928, p. 04.

<sup>31</sup> Por exemplo, o jogo entre Maguary e Ceará, em que o cronista critica: “Novamente verberamos com palavras de condenação a falta de educação de parte da assistencia, que invade o campo, impossibilitando a reportagem da imprensa. Já não apellamos para os directores do campo, pois a acção destes é anulada pela audacia dos invasores, mas para o sr. Delgado de Policia, afim de ali ser colocado um policiamento energico que faça cessar as invasões.”. “O Maguary empata com o Ceará por 0 x 0”. *A Esquerda*: 20/05/1928, p. 04.

era a composição da “assistência” e quais os procedimentos e componentes de uma partida. Esta questão leva à percepção dos elementos outros, além dos clubes e dos times, que eram mobilizados para a realização dos campeonatos e dos jogos. Não se trata de perceber a imprensa e os torcedores como personagens externos ao jogo, em absoluto, mas de identificar os conectivos das relações entre clubes, jogadores, imprensa, crônica esportiva, torcida, empresas e governo (instituições e autoridades públicas).

Os torcedores podem ser vistos numa dupla perspectiva, compartilhada por clubes e imprensa, de onde se resulta, a partir de sua mobilização, dividendos e incremento emotivo ao espetáculo. As crônicas esportivas, seja apresentando uma partida ou descrevendo um jogo, sempre diz sobre a expectativa geral (animação ou frustração; volúpia ou frieza), criticando o comportamento ou delimitando os papéis do torcedor, inclusive em termos de gênero. De uma forma ou de outra, espera-se do torcedor um determinado comportamento, como uma cartilha de conduta, que se quer comprovar a todo instante como elegante, distinta, imparcial, ordeira e vibrante (entusiasmada, para usar uma expressão corrente do período).

Assim como os clubes se apresentavam como a última versão dos costumes civilizados em plena Fortaleza, a imprensa apresentava as partidas como a versão mais atualizada dos jogos de futebol em pleno campo do Prado. No entanto, os campos, os torcedores, os jogadores e juízes eram demasiado locais e específicos para serem apresentados como tão internacionais e universais. Num piscar de olhos a civilidade se desmanchava em pequenas ou grandes querelas regionais e “clânicas”. Ou ficavam bastante explícitos os improvisos contidos em uma partida.

Por mais que os times obedecessem ao padrão tático em voga (2-3-5), utilizando a estratégia do ataque pelos flancos e bolas centradas na área, com o meio campo ligando rapidamente a defesa ao ataque (descobertas recentes), os atletas pareciam ainda se adaptar ao jogo. Representativo desse argumento eram as quantidades de “hands”<sup>32</sup> cometidos, às vezes superiores ao número de faltas, e a percepção do escanteio como um lance de ataque muito perigoso, considerado fator de desempate em jogos válidos pelos torneios “Início”. Outros procedimentos que indicavam certa adaptação ao futebol era o fato de se jogar até 1923, em Fortaleza, exclusivamente num campo de corrida de cavalos, no Benfica; e o fato de não haver lances de arquibancadas por mais de 40 anos,

---

<sup>32</sup> Ver a respeito a seguinte crônica: “Os jogos de hontem”. *A Esquerda*: 02/04/1928, p. 03. Crônica sobre os jogos do torneio Início de 1928, onde em uma das partidas, aconteceram seis “hands” e três “fouls”.

até a construção do primeiro estádio, o Presidente Vargas. No entanto, a imprensa desde cedo tinha sua área destinada à cobertura dos jogos, desde 1922.

Desde o início do futebol, é importante dizer, a organização do jogo mobilizava elementos da tradição lúdica local e a inserção das relações humanas no mundo do trabalho e do mercado capitalista. O fato do sistema de organização dos campeonatos e partidas ser amador ou profissional não diminui a capacidade dessa assertiva. O que muda de um sistema para o outro é a racionalização dos lucros e as relações de poder. Neste ínterim, a imprensa e a crônica foram importantes elementos de organização e concepção do futebol.

Da simples promessa de notificação fugaz das partidas à cobertura e organização dos jogos, os jornais da cidade e, a partir de 1923, a Associação de Imprensa Cearense<sup>33</sup> não tardaram muito a tomar de conta do futebol como sua tarefa. A imprensa passou a organizar campeonatos, como no caso das taças em prol da estátua “José de Alencar”<sup>34</sup>, organizada pela ACI (Associação Cearense de Imprensa, desde 1925), em 1928, ano também de sua inauguração. Toda empresa que queria organizar uma disputa, comunicava à imprensa que realizava a sua divulgação, fazendo a publicidade da empresa<sup>35</sup> e da casa em que os ingressos seriam vendidos. Algumas dessas partidas eram exaltadas a tal ponto que o campeonato da ADC era considerado um empecilho<sup>36</sup> para a realização delas.

Quando as delegações dos times locais viajavam, sempre era composta de um jornalista<sup>37</sup>, que por meio do telégrafo informava sobre a agenda diplomática da viagem, informando sobre a recepção, os hotéis, encontros com políticos e também as partidas de futebol. O mesmo quando as delegações dos outros estados desembarcavam no porto do Mucuripe<sup>38</sup>, participando das comissões de recepção, agendando os encontros, festas em sedes sociais dos clubes, amostras de cinema, policiamento, recepção com banda da

---

<sup>33</sup> Ver as seguintes crônicas de primeira página: “Instala-se, amanhã, a associação de imprensa”. *O Nordeste*: 14/11/1922, p. 01; “Instalação da Associação de Imprensa do Ceará – Brilhante festa literária”. *O Nordeste*: 17/11/1922, p. 01.

<sup>34</sup> Sobre os preparativos para a erição da estátua em homenagem a José de Alencar, ver o subcapítulo 3.2 desta dissertação..

<sup>35</sup> Como a passagem a seguir, em que se diz da venda dos ingressos do jogo promovido pelo representante comercial Lourenço Eiras: “As entradas para o jogo do dia 15 do corrente, acham-se à venda na confeitoria Art-Noveau”. “O jogo de terça-feira”. *O Nordeste*: 12/08/1922, p. 03.

<sup>36</sup> Ver a propósito a crônica: “O encontro Botafogo x Guarany”. *O Nordeste*: 12/08/1922, p. 02. No caso, essa partida, mesmo em se tratando de partida válida pelo campeonato da liga local, atrapalharia a disputa da taça Lourenço Eiras, em benefício do altar São José, entre Guarany e Maranguape.

<sup>37</sup> Ver, por exemplo, a crônica: “A embaixada do Maguary que vae a Maranhão”. *A Esquerda*: 28/07/1928.

<sup>38</sup> Ver a propósito, a cobertura da excursão do Sport Club Flamengo de Recife, em Fortaleza, no mês de março de 1924. Coluna “Desportos”. *O Nordeste*.

polícia militar ou do exército e, também, na divulgação do calendário dos jogos apresentados pela ADC.

É importante dizer, no entanto, que esta racionalização do jogo, embora envolvesse a transformação de “recursos lúdicos” (mobilização de jogadores, torcedores e cronistas) em dinheiro, não se desconectava de sua matriz amadora, onde jogadores e cronistas não recebiam por seus “trabalhos”. Os cronistas se consideravam “*sportmen*” tanto quanto os jogadores, torcedores e dirigentes. Fazer a cobertura dos jogos era em primeiro lugar uma atividade de segundo plano, supérflua, nem digna de ser considerada literatura, no caso da crônica. Ganhar por isso era considerado amoral pelas instituições esportivas e por alguns jogadores. A coluna de esportes se dizia “descrição circunstanciada dos jogos” e, no bem da verdade, cheia de lacunas. Nem todas as partidas apresentadas eram descritas, nem todas as partidas descritas haviam sido anunciadas, nem todas as partidas do campeonato eram citadas. Dependia do interesse do cronista, por mais que houvesse interesse pela venda do jornal e pelos jogos. Seu grau de autonomia era maior do que no período em que o futebol se torna assunto diário e obrigatório<sup>39</sup>.

Da mesma forma, o jogador tinha maior autonomia em relação ao esporte. Nas excursões dos times locais e convocações da seleção cearense, os dirigentes tinham que levar em consideração a possibilidade do atleta poder ou não sair da cidade<sup>40</sup>. Afinal de contas, o futebol pertencia ao mundo do lazer, aos domingos. A transformação dos recursos ou capitais lúdicos em dinheiro teve, como primeiro aspecto no calendário e na disciplina, a realização de jogos às quartas-feiras e sábados, no entanto, nunca abandonou o domingo, dia mais que tradicional da folga do trabalho, mas que nem por isso deixou de ser absorvido pela dinâmica do mercado (consumo e trabalho). Em contrapartida, é importante dizer, a transformação do jogador e do cronista em profissionais remunerados e especializados não retiraram do jogo seus aspectos lúdicos, que continuam a existir em qualquer partida de futebol, vide os apelidos dos jogadores, as gozações e apostas entre torcedores, e as metáforas escritas pelos escritores, que são também jogo com as palavras.

---

<sup>39</sup> No sentido de improviso e menor preocupação com o dever da notificação de todos os jogos, essa autonomia pode ser percebida na passagem a seguir: “Por absoluta falta de espaço, deixaremos de publicar, hoje, a descrição do renhido encontro ‘America x Botafogo’, o que faremos amanhã”. *O Nordeste*: 25/07/1922, p. 02. De fato, no dia seguinte não houve coluna esportiva, assim como muitas vezes somente se apresentava a partida, ou somente se comentava o jogo, sem divulgação prévia.

<sup>40</sup> Ver a respeito, a crônica: “A organização do nosso selecionado para o corrente anno é o prato do dia. A nossa opinião”. *A Esquerda*: 31/05/1928, p. 02.

## **1.2. – Metáforas da civilização e da saúde: o discurso “hygienista” e da “educação physica”.**

À época, o futebol era encarado como mais que um simples jogo: era um *esporte*, atividade cuja atribuição principal era salvar e preservar a saúde do corpo pelo exercício físico, proporcionando-lhe o vigor necessário ao trabalho e às exigências da sociedade moderna e industrial. (ANTUNES: 2004, p. 22).

Sobre o processo de concepção do futebol, deve-se levar em conta um duplo aspecto genitivo: um de construção social da prática, em que se pretende analisar as relações de poder presentes nos laços sociais e espaços que deram origem ao jogo; outra de criação ideológica, em que se pretende perscrutar sob quais idealizações e projeções sociais o futebol se relacionava e era praticado.

Muito embora tenhamos visto que se tratava de uma atividade híbrida, coproduzida entre as classes aristocráticas e o nascente proletariado; entre o lúdico e o comercial. Ideologicamente, o futebol não foi concebido como uma atividade sem função social ou a partir da lógica liberal do trabalho. Na verdade, toda uma pedagogia e ética foram incorporadas ao jogo aparentemente supérfluo.

O futebol, como atividade esportiva que era, deveria tomar parte na educação e formação de uma nova nação e pátria, termos caros das projeções políticas e intelectuais do primeiro quartel do século XX, onde as concepções eugênicas de raça e higiene foram sintetizadas numa nova modalidade pedagógica, a educação física.

A ligação entre esporte, raça e higiene possui uma heterogenia ideológica. Assim como os “epidemiólogos” discordavam a respeito da natureza das doenças, seja por infecção bacteriológica ou por contágio dos miasmas malfeiteiros da saúde pública (CHALHOUB: 1996), os higienistas da educação física tinham suas posturas diversas a respeito do combate à fadiga, considerado “mal do século” e questão chave para a boa gestão de energias e da força de trabalho (GOIS JÚNIOR: 2000). No entanto, as intervenções em prol das vacinas ou da educação e desenvolvimento muscular possuíam finalidades muito semelhantes: o bom funcionamento do “homem-máquina”, ou melhor, do corpo humano. Daí deriva uma preocupação com o desenvolvimento da raça e uma justificativa ideológica em defesa da movimentação e desenvolvimento das capacidades motoras do corpo. Essa foi a primeira ponte de aproximação entre futebol e política (FRANZINI: 2003), na promoção da pátria cearense e brasileira via seleções, como veremos no terceiro capítulo.

O que variava entre os defensores da saúde eram as suas diretrizes, ou a escolha do melhor método de atingir tais objetivos. No caso das intervenções contra a

proliferação de doenças, uns defendiam as quarentenas, no intuito de depurar os miasmas, forças e germes (no sentido de germinal) que molestavam o corpo humano e as cidades; outros defendiam as vacinas e o combate às bactérias. As duas formas de combate causavam distúrbios e reclamações de grupos sociais. No caso da Europa do final do XIX, comerciantes de cidades como Paris e Londres reclamavam da ineficácia das quarentenas e do prejuízo de seus negócios (GÓIS JÚNIOR: 2000). No caso do Brasil, no Rio de Janeiro, no começo do século XX, a resistência às vacinas como forma de protesto contra os desmandos e autoritarismo da prefeitura geraram intensas manifestações. Remodelação da cidade e remoção dos cortiços do centro, deixando milhares de desabrigados, se misturavam no mesmo bolo de insatisfação em relação às campanhas de vacinação e detração do “curandeirismo” popular (CHALHOUB: 1996).

No caso da justificativa positiva dos esportes, a educação física ora defende a prática de qualquer atividade motora, não importando muito o aspecto competitivo, mas sim o desenvolvimento muscular; ora defende justamente o fator de competição, em favor da preparação do homem para as disputas e concorrência da vida adulta, seja no mercado, no trabalho, na guerra ou nos esportes – em defesa do fortalecimento da raça. Além dessas, existiam outras diferenças. Afinal, se deveria difundir ou restringir os esportes, treinar elites ociosas no desenvolvimento de seu corpo, em substituição ao trabalho, ou aprimorar a força produtiva em atividades que diminuem a fadiga e o desgaste físico?

Em cidades como Paris e Berlim a prática do esporte era tão vinculada aos preceitos da educação física que os esportistas, durante os últimos 25 anos do século XIX, eram todos “*omnisport*”, termo francês que designava a ginástica como matriz das atividades esportivas. No caso dessa cidade francesa, o legado poliesportivo foi tão intenso que apenas a partir de 1902 os clubes passaram a separar o “*asscociation*” do “*rugby*”, praticados de forma híbrida sob o nome de “*football*” (WAHL: 1989).

Já em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo a questão latente não foi a do “poliesportivismo”, mas da escolha do melhor esporte, no sentido de mais adequado, para o desenvolvimento físico da juventude aristocrática e da nova burguesa citadina (MIRANDA: 2000). Primeiro o turfe, depois o remo, para só mais tarde, no desmembramento dos clubes de imigrantes, praticantes do críquete, chegar à vez do futebol. Essa questão foi tão debatida que se transformou no questionamento do futebol como legítimo jogo nacional, via Graciliano Ramos; ou na postura radical de Lima Barreto, visualizando no futebol novos mecanismos de opressão dos negros e pobres

pela sociedade (CAPRARO: 2007). Quando o questionamento do futebol foi feito, principalmente durante a década de 1920, a preocupação tinha aspectos raciais e eugênicos. A resposta positiva à questão veio com Gilberto Freyre, Mário Filho, Thomaz Manzoni e José Lins do Rêgo, na década de 1930, na formulação do Brasil como “democracia racial” (ANTUNES: 2004; CAPRARO: 2007; PARDINI: 2009). Anatol Rosenfeld (2007), um pouco mais tarde, também passou a enxergar no futebol um mecanismo de ascensão social dos negros no Brasil, formulando também a ideia de “democracia racial” brasileira em oposição à segregação racial estadunidense.

Em Fortaleza, durante a década de 1920, estas ideias de questionamento e aceitação dos esportes estavam no cerne de dois movimentos concomitantes: um de reforma da instrução pública cearense; outro de justificação da necessidade esportiva para o desenvolvimento corporal e integral dos jovens cearenses. Em ambos os casos o que está em jogo é a formatação dos homens e mulheres jovens dentro dos padrões de disciplina, trabalho e papel dos sexos na constituição de uma nova raça, nação e pátria.

Assim, a ideologia contribuía para a construção do sentido do jogo. O pensamento buscava ordenar a ação; e a ação se apropriava do pensamento para dar sentido à prática. O pensamento eugênico e pedagógico em relação aos esportes encerrava momentos de questionamento, quanto mais tradicional fosse, e de elogio, quanto mais privilegiasse o desenvolvimento motor do corpo. Dessa feita, o grau de tradição ou modernidade contido no pensamento e na ação dos sujeitos era o que determinava os primeiros embates em torno do esporte.

\*\*\*

No primeiro destes movimentos, de renovação da instrução pública, o jornal “O Nordeste” de 1922 traz a seguinte passagem, em que pormenorizadamente argumenta a necessidade de transformação dos métodos de ensino, visto a projeção de futuro e o destino da nação depender da competência das escolas em suprir as demandas modernas de composição do caráter, do físico e do intelecto dos jovens e futuros cidadãos do país.

Desde o instante sublime em que um ser – a mãe – se divide em dois seres, arrancando de suas entranhas o fruto do amor universal, que assegurará a perpetuidade de nossa espécie, synthese do nosso EU, herdeiro do passado, symbolo do porvir e encarnação de todas as nossas alegrias e esperanças, surge tambem para nós - para a família e para a sociedade – o dever sagrado de assistencia e terna soheitude nos seus primeiros e difficeis passos. Durante a primeira infancia, em que as necessidades do organismo estão reduzidas à vida puramente vegetativa, a missão educadora cabe, especialmente, à mãe, que pode dizer-se, continua sendo anatomicamente e physiologicamente, um só e unico ser. Na segunda phase de transição, delicada e cheia de surpresas,

em que despertam as faculdades superiores physicas e affectivas e brilham no cerebro infantil as primeiras ideas e os primeiros sentimentos, a obra educacional se torna mais complexa. Já não se trata tão somente da saude e da fortaleza material, sinão tambem da saude e fortaleza intelectual e moral. (*O Nordeste*: 24/08/1922, p. 02).

No texto acima – escrito por P. Veríssimo e intitulado “Educação Physica” –, analisa-se a situação educacional do Brasil e do Ceará no que diz respeito ao desenvolvimento das crianças, na formação delas em “homens” (não se fala em mulheres) que incrementarão a sociedade cearense com o tão desejado progresso. No entanto, somente se se prestar atenção àquilo que é obliterado pela escola, na formação desses futuros srs. da sociedade: a “educação physica”, aqui abordada em correlato com a higiene médica e bucal.

Segundo a interpretação do autor, o desenvolvimento intelectual (enciclopédico) e moral (religioso) devem ser correlatos também do desenvolvimento biológico (higiene bucal, por exemplo, e educação física). Dessa feita, são apontados os exemplos dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Pernambuco como vanguardistas na educação infantil, justamente por conciliarem os três fatores. O autor também considera que é decadente o homem que não participa desta formação, numa metáfora biológica (natural) da formação cultural do homem.

O texto parte da concepção da importância que deve ser dada à higiene, em geral, mas especificamente à higiene bucal, pois uma das chaves de leitura do texto é a interpretação de Miller, de que “a boca é porta de entrada da vida e da morte”, em clara associação com a importância que deve ser dada à alimentação, na absorção de nutrientes, e do cuidado com a limpeza bucal – em consequência da função da boca e importância da nutrição. Para frisar a urgência do tratamento e educação do corpo, P. Veríssimo se utiliza de alguns termos e expressões associados à “hygiene” e “educação physica”, tais quais “perpetuidade de nossa espécie”, “educação”, “formação”, “anatomia”, “physiologia”, “faculdades superiores physicas”, “desenvolvimento da creança como ser biológico”, “a lei da synergy funcional”, “a decadencia do homem está estampada nos seus estigmas somáticos, psychicos e sociaes”, “educação physica integral”, “necessitamos de homens ilustrados, mas que cultivem equilibradamente o desenvolvimento de todos os órgãos e de todas as funções”, “preceitos hygienicos e prophylaticos”, “saúde moral e physica”, “inspecção medica e dentaria”, “integridade da saúde”, “hygiene geral e buccal”, “debilitação”, “vida”, “morte”, “remodelamento do ensino publico”, “infancia”, “assistencia medica e ondontologica”, “saude das

creanças”, “cerebros infantis”, “corpo e meio buccal”, “pátria cearense”, “progresso”, “sociedade vindoura”.

Fica bastante evidente a associação que o autor faz entre higiene, educação e formação dos homens, no sentido de um desenvolvimento intelectual, moral e corporal (biológico). O interessante é que essa é uma questão vital, portanto de “vida”, “progresso”; de prevenção da “morte”, da “decadência e debilitação” da “sociedade vindoura”, como também fica demonstrado noutra da passagem do artigo.

Chegamos ao periodo mais critico da formação de uma creança: o de seu ingresso na escola. Prolongamento e complemento do lar, à escola incumbe u'a missão nobilissima e transcendental, tanto mais que a da mãe porque, se esta forma a cerança, a escola forma o homem. Seu programa não pode reduzir-se, como pretende a generalidade, a desenvolver e disciplinar as facultades intellectuaes, armazenando no cerebro informações mais ou menos amplas de todos os conhecimentos encyclopedicos das sciencias e das artes. Não. Para que a educação corresponda aos seus elevadissimos fins, deve fundar-se no conhecimento das leis que governam o desenvolvimento da creança, considerada como um ser biológico. A lei da synergia funcional é necessária e soberana e sem ella não se concebe a unidade do nosso EU. Como as flores e os fructos, o homem é a obra plástica da natureza e não pode, impunemente, violar as suas leis. A decadencia do homem moderno está estampada em seus estygmas somáticos, psychicos e sociaes. Os principaes factores, senão o primordial, desta decadência, é a escola, que intensifica preponderantemente as facultades psychicas, em detrimento da moral, e, da educação physica integral. Necessitamos de homens ilustrados, mas que cultivem equilibradamente o desenvolvimento de todos os órgãos e de todas as funções. (*O Nordeste*: 24/08/1922, p. 02).

No trecho acima, pode-se perceber alguns elementos importantes dessa nova forma de pensar a educação. Em primeiro lugar, a utilização de vários termos de uma psicologia e fisiologia do corpo, no desenvolvimento evolutivo da raça e da espécie, em palavras como “infância”, “estygmas”, “synergia funcional”, etc. De outro lado, a utilização de termos que indicam aproximação com a história do estado (política), em palavras como “perpetuidade”, “passado”, “família”, “sociedade”, “decadência”. Esse vínculo entre psicologia, Estado e biologia não era novidade, tendo em vista que teorias do desenvolvimento das crianças e dos Estados eram concebidos em bases eugênicas ou do darwinismo social, onde palavras como “adaptação”, “evolução”, “raça”, “espécie”, “função” e “progresso” se complementavam.

A educação física, ao afirmar a necessidade do desenvolvimento das funções orgânicas e dos músculos através da educação e dos esportes, veio a corroborar e incorporar os escritos sobre o desenvolvimento psíquico e moral dos homens e dos governos. Não é à toa que o começo deste ensaio relaciona o desenvolvimento da criança com o progresso do estado, onde a escola, em fase não mais “vegetativa” dos pequenos, substitui a mãe no dever de formar os futuros dirigentes da nação, “os

homens”, com todas as virtudes que o tempo atual (moderno) demanda. Para a educação física, digamos, o que se pretende é advertir que o progresso dos homens e da política não se faz sem o desenvolvimento físico, tão importante quanto o conhecimento enciclopédico e os valores morais virtuosos. O que está fora dessa cartilha é considerado decadência, vício e desordem.

A novidade e “modernidade” se encontravam não no fato de se associar educação e progresso político, mas em dizer que o desenvolvimento físico compõe parte tão fundamental quanto o desenvolvimento intelectual e moral. Do ponto de vista da abordagem tradicional greco-romana de educação, igualar e correlacionar corpo e mente tratava-se de uma guinada conceitual fundamental na concepção do homem enquanto um animal político. No Brasil, a educação física foi implementada por Ruy Barbosa, foi extremamente louvada por Olavo Bilac e foi um dos temas das reformas do ensino durante a República, nos anos 1920.

Na prática, educação física e higiene social se transformam em uma coisa só, pois não existe progresso físico sem ordenação das pessoas e dos espaços. Na prática, tudo se torna questão de ordem, vício ou virtude, daí a perseguição às casas de jogos, aos prostíbulos e o combate ao alcoolismo, por um lado, e a demanda de policiamento em dias de jogos de futebol, por outro<sup>41</sup>. O esporte se torna apenas mais um elemento da pedagogia social e urbana, sendo muito difícil estabelecer os limites práticos das duas modalidades eugênicas, pois a cartilha é a mesma: desenvolvimento e combate à decadência intelectual, moral e física; e ordenação social e espacial da cidade. O ensaio acima citado tratava de higiene bucal nas escolas, mas para chegar a isso, tinha de dizer dos preceitos da nova educação.

Sobre esta pedagogia social e urbana, é interessante notar os limites geográficos de sua atuação, para exaltação ou delação, notadamente privilegiando o centro da cidade. Limites que também são os da própria participação de uma Fortaleza civilizada. Em artigo do jornal “O Nordeste” de 1922, um morador da cidade (J. L.) dá provas desses limites:

O estimável sr. prefeito municipal, prestando informações a esse jornal a propósito do transito de vacas na rua Tristão Gonçalves afirmou que nas ruas, onde não houvessem calçamento poderiam elas andar livremente e consequentemente, deduzimos, também de modo livre dar carreiras nos transeuntes... Merece um cavaco semelhante declaração. Se as ruas não providas de empedramento servem de livre transito ao gado leiteiro e se

---

<sup>41</sup> Sobre o papel dos jornais na fiscalização da ordem urbana e das partidas de futebol, avançar até o capítulo 2, subcapítulo 2.1.

nellas tambem a limpeza publica não faz passar as suas carroças, é logico que não se devia taxar os proprietarios das casas de taes ruas com impostos. O poder municipal, porem, não pensa assim e para o fim da contribuição não faz diferença entre ruas calçadas e não calçadas. Não é justo esse criterio e é de confiar que o digno sr. prefeito municipal, attendendo a que a rua Tristão Gonçalves é hoje central, agirá de modo a dota-la do beneficio de que se ressente. Não fosse assim e a Praça Marquez do Herval não seria actualmente calçada e ajardinada, porque já fora sem calçamento e sem jardim, um areal medonho... (*O Nordeste*: 04/12/1922, p. 01).

Este morador de Fortaleza, ao falar da questão relacional do trânsito das vacas e do calçamento das ruas, na verdade, diz sobre os procedimentos do poder público em relação aos lugares onde se pode e deve investir em estruturação e limpeza urbana, muito embora tal seleção não conste nos atos de cobrança de impostos e taxas municipais. Essa seleção é geográfica, como o artigo faz perceber, pois seu apelo é um protesto e uma justificativa, d’“A falta de serviços públicos aos moradores da Rua Tristão Gonçalves” (título do artigo) e da localização da rua no centro da cidade.

Outro ponto bastante interessante, pois o centro é apresentado não como um bairro, mas como uma zona de prestígio que, na medida em que cresce e engloba ruas e praças, necessita de investimento público condizente com seu crescimento material. Crescimento esse que é o da própria cidade de Fortaleza, como fica evidente na frase “a rua Tristão Gonçalves é hoje central”, assim como a Praça Marquês do Herval um dia não foi e naquele momento já havia se tornado, “porque já fora sem calçamento e sem jardim, um areal medonho.

De fato, a preocupação com o embelezamento da cidade – tal qual o ajardinamento das praças e calçamento das ruas descrito pelo leitor “J.L.” – era a principal preocupação com as instituições de caráter público que faziam parte do centro de Fortaleza e de suas áreas estratégicas de expansão material e urbana. Assim, do centro ao subúrbio ocupado pelos interesses da sociedade distintiva da capital, o jornal “O Nordeste” publica uma série de crônicas sobre o descaso urbano na cidade, como uma questão de limpeza e higiene pública.

No dia 31/07/1924 (p. 02), numa crônica intitulada “Com a Hygiene Publica – Uma medida que se impõe”, o cronista anônimo denuncia as águas sujas que escorrem perto da sede do jornal “O Nordeste”, da Delegacia de Polícia e do Palácio do Governo: “Mezes atrás, já falámos contra a quase insuportável fedentia que se desprende das aguas sujas e podres, que diariamente, correm a frente dessa folha e da Delegacia de Policia, seguindo na direção do Palacio do Governo”.

Três aspectos principais norteiam o artigo, I – a confiança no poder das instituições públicas, mas também um lembrete da falta de atitude diante do descaso com a saúde pública por parte do “Departamento de Hygiene do Estado”: “Esse nosso reclamo não é propriamente uma supplica: será antes a lembrança de um dever que está por ser cumprido.”; II – a vontade de sanar todos os pontos “gravíssimos” de insalubridade (incivilidade) de Fortaleza; III – a ênfase do cronista na recorrência da mesma reclamação, como um ato de incorrer no mesmo erro por parte das autoridades, denunciando a insatisfação do autor e os mecanismos de seu protesto, sem se deixar sobrelevar contra a instância das autoridades competentes: “Aos poderes competentes (...) fazemos novo appello”. (*O Nordeste*: 31/07/1924, p. 02).

Um ano e meio depois, noutra crônica de caráter idêntico, intitulada “Com a hygiene publica – Uma sarjeta infeciosa em pleno centro da cidade”, o jornal “O Nordeste” volta suas atenções para a mesma sujeira e podridão em frente à sua sede e ao Palácio do Governo do estado do Ceará: “Chamamos, mais uma vez, a atenção da Hygiene para a sarjeta de aguas podres que desce a rua Coronel Bizerril e passa ao lado do Palacio do Governo”. (*O Nordeste*: 12/01/1926, p. 02). O interessante é que após todo este tempo de reclamações e fedor, a resolução da questão passou a ser não desmoralizar a “Hygiene” na cidade.

Além do problema das águas, a questão da limpeza pública envolvia a coleta de lixo. Numa reportagem de abril de 1926, de denúncia dos moradores da travessa da Conceição – logradouro que cortava o “boulevard” Dom Manuel na altura do bairro do Outeiro –, reclamava-se sobre a falta de ordem no serviço de recolhimento do lixo. No artigo, intitulado “Com a limpeza publica”, fazia-se a seguinte reclamação.

Habitantes da Travessa da Conceição, no Outeiro, vieram reclamar-nos do procedimento da Limpeza Publica que vem deixando de fazer passar por ali a carroça do lixo, e, si o faz raramente, não dá o carroceiro o necessário aviso aos habitantes dos prédios. (*O Nordeste*: 20/04/1926, p. 01).

O grau de insatisfação com a limpeza urbana se mostrava ainda maior quando, poucos dias antes, ainda no mês de abril, o jornal “O Nordeste” publicava uma matéria sobre a atual convergência de Fortaleza com os preceitos urbanos de civilidade, denunciando a falta de embelezamento, saneamento, iluminação pública, abastecimento de água e imponência administrativa mediante as instituições públicas.

A crônica trata sobre o aniversário de 200 anos da cidade de Fortaleza. O autor versa sobre temas atuais da cidade, reclamando da situação de incivilidade da capital alencarina. A crônica está dividida nos seguintes subtítulos: I – “Desinteresse da

população”, sobre as comemorações na cidade dos 200 anos; II – “Cidade sem hygiene e conforto”, sobre a sujeira das ruas, insalubridade das casas e falta de saneamento e abastecimento de água, mesmo nas ruas centrais; III – “Às escuras”, sobre a falta de iluminação; IV – “Obras d’arte, calçamentação e embellezamento”, sobre a falta de melhoramentos na cidade; V – “Carencia de quase tudo”, sobre as carências estruturais da cidade para se tornar civilizada; VI – “O pardieiro da prefeitura”, sobre a situação da falta de prédio próprio para o funcionamento da administração, levando-se em conta os gastos com aluguel e a deteriorização do prédio atual do governo municipal; VII – “Duzentos annos inuteis”, em conclusão da situação “Sem luz, sem agua, sem hygiene, sem conforto, sem asseio publico” a qual se encontra a cidade de Fortaleza. (*O Nordeste*: 14/04/1926, p.p. 01 e 04).

O texto é interessante para se analisar a preocupação e intenção das elites urbanas em remodelar a cidade, mas também para demonstrar os limites da expansão material e cosmopolita de Fortaleza, que na ótica deste autor, passava longe de ser bem sucedida. Prova do grau de provincianismo da capital era o alarde em torno da instalação da iluminação elétrica, nesse mesmo conturbado ano em que se comemorava o ducentésimo aniversário de fundação da cidade. Numa crônica de outubro, intitulada “Fortaleza vae ter illuminação eletrica – Vão fundir-se, para este effeito, a Ceará Gas e a Ceará Tramway”, o cronista informava sobre os limites materiais da cidade, desde o começo da 1º guerra mundial, com “o péssimo sistema de ascender alternadamente os lampiões da cidade”; ou quando “nas noites enluaradas, não se ascendem os combustores da illuminação publica, e a cidade fica entregue a densas trevas.” (*O Nordeste*: 05/10/1926, p. 01).

Mais curioso ainda, era o fato de que o autor do artigo confessa que tudo ainda não passa de uma cogitação, a fusão entre as duas empresas e o serviço público de iluminação com energia elétrica. O desejo e o alarde de tal progresso são correlatos da insatisfação com a “Ceará Gas Company”, que fazia o fornecimento de iluminação a gás da cidade.

Toda a gente sabe o que é o serviço de illuminação publica de Fortaleza, que provavelmente não tem símile em todo o mundo. A illuminação confiada a Ceará Gas Company, é escassissima, deixando a cidade mergulhada em plena escuridão. (*O Nordeste*: 05/10/1926, p. 01).

Seguindo a mesma lógica de denúncia do provincianismo e discrepância com as mais novas tecnologias do mundo civilizado e progressista, no mês de julho de 1926,

quando dos preparativos para a eleição presidencial daquele ano, o jornal “O Nordeste” publica a seguinte crônica, intitulada “Fortaleza mascara-se...”:

Começam de agora os preparativos para apresentar a nossa capital aos olhos do futuro presidente da Republica, que por ahi vem numa curiosa excursão festiva. Em nossa edição de 29 de junho ultimo, numa reportagem sobre o que entre nós veria o sr. Washington Luiz, desvendemos, antecipadamente, as mazelas de Fortaleza, pintando, aliás, com certa benignidade, os males que nos perseguem, devidos em grande parte aos desleixos da municipalidade. (*O Nordeste*: 10/07/1926, p. 01).

A crônica descreve os mesmos problemas dos artigos de abril, quando da crítica ao estágio de civilidade de Fortaleza na comemoração de seus duzentos anos, falando sobre as obras urgentes de embelezamento e calçamento da prefeitura e ruas de Fortaleza, respectivamente. O interessante é que o cronista reclama da maneira como são feitas as coisas, de modo a se mascarar as mazelas urbanas da cidade, mesmo em regiões vitais de demonstração da eficácia do poder público, vide o fedor próximo ao Palácio do Governo e a falta de lugar próprio para a sede da administração municipal. Nessa crônica, a novidade se deve à reforma do mercado da carne, por onde passaria o candidato à presidência, demonstrando a preocupação do governo municipal e do cronista com a feiura e podridão do lugar. Mais curioso ainda é que o termo higiene se relaciona ao embelezamento e mau cheiro do lugar, mas não à qualidade das carnes.

Da mesma forma que as ruas e praças eram classificadas e ordenadas de acordo com sua proximidade ou não do centro; e a limpeza pública obedecia aos critérios mais convenientes para a administração pública, os lugares onde se jogava futebol eram classificados de acordo com a sua melhor conveniência social. Já havíamos dito que Fortaleza não tinha o hábito dos esportes cultivado em seus momentos de lazer. Disso resulta que toda a sua zona de prestígio social era um obstáculo a se transpor para a legitimação do esporte como elemento de distinção e status, pois a zona de prestígio da cidade não acolhia todos os requisitos esportivos para a prática do futebol. As ruas e praças do centro da cidade, dependendo dos interesses envolvidos e dos jogadores também, variavam da aceitação à reclamação do jogo, como uma questão de diversão positiva ou de ordem pública.

No primeiro caso, o Passeio Público e a Praça Fernandes Vieira (atual Praça Gustavo Barroso, do Liceu) eram lugares aceitáveis, pois escolhidos pelos estudantes e filhos mais promissores da sociedade local. No caso da praça em frente ao Liceu, o campinho dos jogos permanece até os dias atuais, muito embora reduzido e no formato de uma quadra de futebol de salão. Para o entendimento do hibridismo das práticas em

torno do futebol experimentado na região central de Fortaleza vale a pena ler a concepção de Raimundo Girão (1984, p. 123), sobre o processo de difusão e popularização do jogo antes da década de 1920.

Expandiu-se e popularizou-se o interessante desporto, agora executado por jovens reunidos em pequenos clubes e por meninos comprometidos em furiosas pelejas de bola de meia ou coisa parecida, nas calçadas, nos jardins, em toda parte.

A dialética socioeconômica do futebol contrastava sujeitos, espaços, objetos e natureza do jogo, mas não impedia que o improviso fosse a chave de leitura geral, mesmo do ponto de vista prestigioso dos estudantes. Ainda com Raimundo Girão (p. 123), temos uma descrição minuciosa das praças do centro escolhidas para se jogar, todas incompatíveis com o futebol “regular”.

sem as devidas condições para servirem de gramado, pelo menos regular – praças de Pelotas (hoje, Clóvis Beviláqua), da Estação (Castro Carreira), da Lagoinha (hoje, Capistrano de Abreu), Fernandes Vieira (mudada para Gustavo Barroso), da Alfândega e outras.

Na verdade, quando a improvisação dos espaços para realização do futebol não atrapalhava os eventos sociais mais importantes, não era visto com maus olhos, principalmente quando redutos da brincadeira infantil de “liceístas” e “normalistas”, na supracitada Praça Fernandes Vieira e também na Praça Marquês do Herval, modificada para José de Alencar quando da administração de Justiniano de Serpa<sup>42</sup>. No entanto, este relato possui outra contribuição para a percepção da prática do futebol em Fortaleza: a improvisação dos espaços leva a se pensar na improvisação das regras, das balizas, das bolas e das modalidades de jogo. Em seu livro de memórias, Raimundo Girão relembra como conheceu e jogou o futebol nos primeiros tempos quando chegado em Fortaleza, vindo de Maranguape.

Escravizei-me – é o termo exato – ao futebol, desde a minha vizinhança com Olívio Leopoldino da Silva (na rua General Sampaio, em frente ao Centro de Saúde), cujos filhos Edilberto e Olívio – o tão conhecido irmão Olívio, eram meus parceiros de ferozes encontro de pelotas de meia, na área lateral da casa, pacientemente suportados pelo bom e estudos dono. Vivia como todo menino, a chutar o que encontrasse à frente, estragando os sapatos, com indisfarsável mal estar de meu pai. Depois, tomei parte no Republicano Football Club, de alunos do Liceu, com Aristóbolo de Castro, Paulo Sanford, Newton Beleza, Demostenes Braga, José Gama Filho, Francisco Prata, Zoroastro Ramalho, Gilberto Câmara, quantos outros. (GIRÃO: 1984, p.p. 131-132).

---

<sup>42</sup> Ver VIEIRA: 2002, p.p. 138-139. Sobre as novas escolas públicas criadas em Fortaleza quando do regime republicano. Entre elas a Escola Normal (1894), em frente à Praça Marquês do Herval. Justiniano de Serpa foi presidente do Estado do Ceará entre 1920 e 1923, quando veio a falecer.

É difícil dizer precisamente todas as manifestações do futebol para além do critério esportivo, mas subsistem algumas práticas e expressões que são comprovações do extrapolar da difusão do jogo às iniciativas estudantis aristocráticas e à justificativa ideológica do desenvolvimento da raça (mais tarde da síntese das raças, sob a construção da ideia de democracia racial e Brasil síntese do encontro do negro, índio e branco). O jogo no patamar da igreja, muitas vezes a porta imensa servindo de baliza, ou as chinelas fazendo a “travinha”, sendo os limites do campo o próprio retângulo da praça à frente da capela; a “bola de meia” improvisada, os pés descalços, o jogo do “pituim”, o “quadrado” e a “linha”. Todas essas práticas e expressões remontam a memória da difusão do futebol pelas cidades, como criações e invenções infantis.

\*\*\*

Na prática, a ideologia eugênica do futebol não teve tanta aderência em Fortaleza em relação à regulação dos espaços e sociabilidade dos praticantes. Em boa parte, isso se deve à incompatibilidade do centro de Fortaleza e dos seus espaços de sociabilidade criados durante o século XIX com a “esportivização” em curso no mundo, tendo em vista também os aspectos do desenvolvimento material da cidade, principalmente entre as guerras mundiais.

No entanto, não foi absolutamente ineficaz. A justificativa ideológica criou raízes no combate ao futebol feminino e na definição de seu lugar no jogo. É difícil encontrar os vestígios da prática do futebol pelas mulheres nos jornais cearenses das décadas de 1920 e 1930, mas é regular a caracterização da mulher como um incremento de beleza<sup>43</sup> ao espetáculo, ou de justificativa dos esportes<sup>44</sup> condizentes com o desenvolvimento muscular da mulher, sem ameaçar a sua missão cívica de ser mãe.

Seguindo o mesmo raciocínio, foi publicada uma denúncia pelo jornal “O Nordeste”, dando conta da prática de um “Sport perigoso” (título da crônica) no Parque da Liberdade e na “rua da Assumpção”, como uma questão de cuidado com a família. Advertia o denunciante:

Hoje foi vítima desses exercícios [tiro ao alvo] uma galinha (...), amanhã poderá ser [alvejada] uma criança ou um adulto, enfim, um ente querido, trazendo dest’arte a tristeza (...) e a perturbação da paz e da felicidade a alguma família. (*O Nordeste*: 03/06/1924, p. 04).

<sup>43</sup> Como a passagem da crônica a seguir: “Perante a numerosa assistencia, ornada pelo que tem o nosso set de mais gracil em nosso meio feminino...” *O Nordeste*: 25/04/1923, p.p. 02-03.

<sup>44</sup> Ver a respeito a seguinte crônica: “Sociedade Desportiva e Recreativa”. *Cancha Desportiva*. 18/11/1939. Ano II, nº 13, p.p. 18-19 e p. 34. Sobre o interesse do “Clube do Volante” em promover a vida esportiva para toda a família de seus sócios, com o futebol para crianças e adultos, e o vôlei e a natação para as mulheres.

Mesmo não se questionando o bom senso da missiva, pois adverte sobre o perigo de dar tiros em meio ao público de logradouros e praças, é interessante notar a relação entre a palavra “*sport*” e novidades que podem ser nocivas à ordem e à família. Urge regular as novidades sem que elas ponham em risco a vida biológica e a vida social, nem o corpo da nação. Assim, uma galinha morta se torna tema para a seção “queixas do povo”, alertando para o perigo ao qual se submete a população com o exercício do tiro ao alvo. O cabeçalho da denúncia demonstra quais são as intenções do leitor indignado.

Venho, por meio desta, solicitar-vos a gentileza de chamar a atenção dos poderosos competentes, ou melhor, da polícia desta Capital, para um fato que, reproduzido, trará certamente graves consequências para os moradores da rua da Assumpção. (*O Nordeste*: 03/06/1924, p. 04).

De fato, a reclamação empreendida pelo escritor anônimo do jornal antecipa uma série de outras publicações do jornal “*O Nordeste*”, entre setembro e dezembro de 1924, advertindo sobre os excessos, limites e prejuízos advindos da prática do futebol e do culto ao desenvolvimento muscular. Assim, no mês de setembro de 1924, o artigo de Mucio Leão – intitulado “Vantagens e desvantagens do foot-ball”, publicado no diário carioca “*Correio da Manhã*” – é reproduzido pelo jornal “*O Nordeste*” no intuito de debater sobre qual modalidade e vertente esportiva é a ideal para a raça brasileira: os esportes atléticos britânicos ou a ginástica sueca (derivada da Alemanha).

Cultivamos em excesso um gênero de exercício que é um dos menos razoáveis que poderíamos escolher – o *foot ball*. Certo, há qualidades nesse jogo. Ela transmite uma noção de disciplina individual, a ideia da necessidade de cooperação dos esforços para um fim determinado. São pontos visados em todos os exercícios úteis, os quais ao mesmo tempo em que vão aperfeiçoando o físico muscularmente, vão aperfeiçoando a alma, moralmente. (*O Nordeste*: 19/09/1924, p. 04).

E mesmo em se tratando de um esporte útil “molecularmente” e “moralmente”, ajudando na constituição disciplinar do indivíduo e compelindo-o a cooperar com a coletividade “para um fim determinado”, os problemas e as desvantagens do futebol aparecem quando se leva em conta o aspecto geográfico de se viver nos trópicos. A desvantagem estaria no clima do Brasil e na essência do jogo, pois “criado por um povo que habita em terras de temperatura fria”, em terras brasileiras seria uma “grave imprudência querer jogá-lo (...), onde o sol vive queimando a gente. Sobretudo quando o praticam como no Brasil, com exagero, com uma paixão que já é mania”. Por fim, Mucio Leão sugere que a solução é a ginástica, pois agrupa as vantagens do futebol sem

o efeito imprudente da exposição ao clima: “Essa gymnastica sueca tão ryhmada, fonte e principio de uma inalterada harmonia, por exemplo” (*O Nordeste*: 19/09/1924, p. 04).

A questão da saúde aparece de forma ainda mais contundente no artigo publicado pelo médico Dr. Felício dos Santos. Também publicista e diretor do jornal “A União”, do Rio de Janeiro. Seu texto foi reproduzido pelo periódico “O Nordeste” em novembro de 1924, tratando sobre a relação entre os “antigos” e os “modernos” no que concerne ao padrão estético do corpo, lugar do desenvolvimento intelectual na sociedade e benefícios orgânicos na realização de exercícios físicos. De uma forma geral, o texto opõe as seguintes ideias dicotômicas: cérebros x músculos, pensadores x atletas, cultura intelectual greco-romana x cultura esportiva greco-romana, razão e fé x paganismo e mundanismo, civilização x barbárie, antigos x modernos. Numa passagem sintética, temos a seguinte condenação dos esportes como razão da fama e glória das nações.

Não são os athletas, nem os gymnasticos que honram as nações: são os seus grandes pensadores, os sabios e os santos, os artistas e scientistas. Assim se pensava e parece que ainda há gente que assim opina. Então, como se explica essa epidemia de athletismo, desde o *foot-ball* até o *box* grassando na sociedade moderna, empolgando toda a gente, o spectaculo das lutas selvagens? É certamente um retrocesso brutal da civilização esse entusiasmo pelos pugilatos antigos dos romanos e especialmente dos gregos: é o retorno franco aos costumes do paganismo. Não o negam, e, antes disso, se gloriam, povos e governos hodiernos, adoptando até o nome das Olympiadadas para tales lutas. (*O Nordeste*: 28/11/1924, p. 01).

Muito embora pareça confuso o papel que a antiguidade greco-romana ocupa como norte organizacional da civilização, é justamente a tradição do pensamento greco-latino que o autor postula. Mesmo considerando-se a dimensão religiosa do paganismo e da realização dos jogos olímpicos como retrocessos negativos da sociedade moderna, a indignação passa pela substituição do regime da moral e do pensamento pelo regime do culto ao corpo. Buscando reatar o fio que liga a antiguidade à modernidade, o autor expõe exatamente os prejuízos ao organismo no regime do culto ao corpo.

Não terá sombras esse quadro fascinante? – pergunta o dr. Felix Regnaut, da Revista Moderna de Medicina. Já os antigos haviam indicado essa grave sombra. Hippocrates declarou o athletismo contrario a saúde, Galeno o confirmava dizendo que esses pobres luctadores são predispostos a varias moléstias. Professores como Bouchard, Lagrange, Legendre protestam contra os abusos dos *sports*, denotando a diferença entre eles e o exercício physico salutar, porque o acto sportivo é especializado a certos músculos e com ele não se procura a saúde, mas vencer na emulação. (*O Nordeste*: 28/11/1924, p. 01).

Se levarmos em consideração a concepção de Aristóteles (IV a.C.) sobre os “limites da ginástica” – tópico do capítulo “Da eugenia e da educação” em seu célebre

livro “A política” –, a mesma admoestação ao “regime dos atletas” (expressão do autor grego) é empreendida. Muito embora o atletismo fosse um exercício de guerra ou de homenagem aos deuses, portanto relacionado à arte militar e aos ritos religiosos, é interessante notar como o Dr. Felício dos Santos se vale do nascente saber médico de Hipócrates para condenar o esporte como a medida do homem e da sociedade moderna; e como a concepção aristotélica de qual a melhor educação e adestração possível dos cidadãos por parte do estado reforçam as suspeitas hipocráticas sobre a saúde do indivíduo, com uma questão de eugenia social e virtude, conforme a natureza e a boa vida pública. Como podemos perceber na seguinte passagem.

Hoje, os Estados que parecem preocupar-se mais com a educação dos jovens procuram proporcionar-lhes o regime dos atletas, o que deforma a pessoa e a impede de crescer, ou, como os lacedemônios, não cometem este erro, mas brutalizam-nos pelo excesso de fadiga, como se fosse um meio de proporcionar coragem. Já dissemos várias vezes que não se deve limitar a educação nem a um gênero de virtude, nem sobretudo ao que acabamos de mencionar (...). Com efeito, não observamos nem nos outros animais nem entre os povos que a bravura seja o quinhão dos mais ferozes. Pelo contrário, ela se encontra mais, como no caso dos leões, ao lado da calma e da mansidão. (ARISTÓTELES: 2006, p. 82).

Isso porque a educação é mais virtuosa se se compromete em ser pacífica, cabendo ao legislador saber que “deve cuidar de formar pessoas honestas”, sabendo também que “é preciso começar obedecendo antes de comandar”, e que a coragem e a bravura não estão na brutalidade do homem mediante a exasperação da realização de exercícios físicos, mas “em conhecer bem qual é o ponto capital da vida feliz” (ARISTÓTELES: 2006, p. 65). O Dr. Felício dos Santos, radicalizando as admoestações aristotélicas, mas participando da convicção hipocrática de que o atletismo é contrário à saúde, conclui que “É um engano supor que o *sport* é hygienico”, assim como é um ultraje o fascínio e o sentimento patriótico mediante as conquistas esportivas; e que a imprensa age mal em promover tais matérias.

Apaixonam-se as multidões nesses jogos athleticos. Quer-se saber de que nação serão os vencedores... e a gloria de vencedor reverte para a pátria (...). E a imprensa se occupa com taes assumptos, de preferencia a quaesquer outros. (*O Nordeste*: 28/11/1924, p. 01).

O argumento contrário ao desenvolvimento muscular ainda tinha conotação estética. Nesse aspecto, Felício dos Santos e Aristóteles não tinham divergência alguma. No entanto, para o autor fluminense, a prática dos esportes se torna algo muito próximo do desprezível, merecendo o trato sarcástico na aproximação entre a gladiatura romana, a esgrima moderna e o espetáculo circense, como resumo do show de horrores promovido pelos exercícios físicos da atualidade.

Mesmo pelo lado da esthetica é o *sport* prejudicial. Hypertrophiando certos grupos de músculos, deforma o corpo. (...) no jogador de pelota, a hypertrophia do antebraço e do deltoide direito é uma deformidade... Ora, já temos cultivado todos esses deformados, falta-nos o gladiador, mas a esgrima o trará brevemente para os circos. (*O Nordeste*: 28/11/1924, p. 01).

O exemplo contrário a tal situação na formação dos heróis da pátria estaria em Lafaytte e Ruy Barbosa, “dous dos maiores brasileiros cujos mesquinhos corpos vi muitas vezes como medico” em oposição ao cultivo dos músculos no intuito de “elevar o homem na vida social” (*O Nordeste*: 28/11/1924, p. 01). Slogan bastante utilizado pela insurgente imprensa publicitária, através do argumento da gestão das energias do homem-máquina.

De forma semelhante, Leonardo Miranda (1998, p.p. 43-45) apresenta as ressalvas da cronista Carmem Dolores, do jornal carioca “O Malho”, dizendo sobre a degeneração promovida pelo culto ao corpo. Entre 1903 e 1907 a autora publica suas críticas, oscilando entre o desprezo pelo “regime dos músculos” e o fatalismo do fim do “homem romântico de Musset”, como desdobramento da mania esportiva pela qual passava a cidade do Rio de Janeiro.

De fato, a postura tão radical apresentada pelo médico Felício dos Santos não era o comum no empreendimento da crítica ao esporte, principalmente em se tratando de um higienista e da condenação do futebol, entre outros exercícios físicos modernos. A razão do descontentamento com a educação física, entre os intelectuais brasileiros, gira em torno de um processo mais amplo, tão geral quanto a própria expansão do capital e difusão dos esportes em meio ao crescimento e surgimento de metrópoles: os embates entre a tradição e as novas práticas culturais. Esses embates são de vários tipos, e curiosamente, o futebol encerra várias versões, desde as tradições populares de diversão e usufruto da cidade em oposição às novas práticas culturais modernas empreendidas pelas elites sociais; até o desconforto da tradição do pensamento ocidental, pautada ainda no século XIX no predomínio cultural da escrita e da fala, em relação à primazia do culto ao corpo e fruição feérica das informações e conhecimento.

Em outras palavras, o retorno aos “antigos”, como bem demonstraram os jornalistas fluminenses Felício dos Santos e Carmem Dolores, é uma forma de tentar fazer sentido num mundo absolutamente novo, no que diz respeito aos processos migratórios, comunicação, transportes, volume de capitais e massificação da política e da cultura. Como norte intelectual dos “antigos” na regulamentação dos exercícios, a concepção aristotélica era a que mais se aproximava destes homens “desenraizados no tempo”, pois admitia a importância da “ginástica”, mas relegava-a ao segundo plano no

desenvolvimento do cidadão virtuoso. O desenvolvimento do corpo e do espírito não eram compatíveis entre si.

Que seja preciso algo de ginástica, e como, estamos de acordo. Mas até a puberdade só se praticarão exercícios leves, sem sujeitar os corpos aos excessos de alimentação, nem aos trabalhos violentos, por temor de que isso impeça o crescimento. A prova do efeito funesto deste regime forçado é que os que venceram nos jogos olímpicos dificilmente se encontrarão dois ou três que também venceram numa idade mais avançada. Por que isso? Porque a violência dos exercícios a que se tinham submetido desde a infância esgotara sua força e seu vigor. Depois da puberdade, quando tiverem passado três anos ocupados com outros estudos, convirá então ocupar a idade seguinte com trabalhos prescritos pela lei do ginásio. Com efeito, não se deve atormentar ao mesmo tempo o espírito e o corpo. Desses exercícios, um impede o outro; o do corpo é nocivo ao espírito, e o do espírito ao corpo. (ARISTÓTELES: 2006, p.p. 83-84).

Quão diferente não é a concepção aristotélica da máxima da educação física, abraçada com a eugenia social moderna, do “*mens sana in corpore sano*”; mas quão próxima não é a elaboração do futebol, como exercício separado da prática profissional, do princípio de que “não se deve atormentar ao mesmo tempo o espírito e corpo” – guardada a devida distância entre as concepções de trabalho (obra e labor) na antiguidade e na modernidade pós-revolução industrial. Assim, mesmo do ponto de vista do desenvolvimento contínuo e correlato da moral, do corpo e do intelecto, como forma de alavancar o desenvolvimento do corpo nacional, o jornal “O Nordeste” publica uma crônica em tom de alarme acerca do caráter dos integrantes das “rodas desportivas” fortalezenses.

Uma grande preocupação da nossa juventude é o *sport*. Todos o praticam entre nós, corajosamente, ardorosamente. Não haveria nisto sinão motivos para louvores, si, paralellamente não se observasse um phenomeno curioso: à proporção que se trata da cultura do corpo, abandona-se a cultura do espírito. Quem conhecer as nossas rodas desportivas, terá feito, certamente, esta observação. (*O Nordeste*: 06/12/1924, p. 04).

E como complemento da ressalva em relação ao abandono da “cultura do espírito”, o autor (subscrito de forma ilegível) entende que o homem não é um animal, demonstrando inconformismo e dificuldade de compreensão da razão em torno da exclusividade do desenvolvimento do corpo por parte da juventude.

E como o homem não é uma besta, e sua dignidade resulta, principalmente, de possuir faculdades que não são da vida animal, não se comprehende que a nossa mocidade se contente só com a pratica exclusiva dos exercícios physicos. (*O Nordeste*: 06/12/1924, p. 04).

A incompreensão permeava tanto a relação dos alunos com o esporte e os estudos até a prática do futebol de rua por menores abandonados no centro da cidade. No entanto, isso não impedia que se escrevesse e publicasse artigos sobre como melhor

gerir o desenvolvimento físico entre os atletas de futebol, tendo como norte a nova concepção de eugenio, que incluía o “regime do corpo” no mesmo patamar do desenvolvimento intelectual e moral. O embate entre a tradição e a modernidade continuava, muito embora a promoção dos esportes não critique as concepções “antigas” da educação e da eugenio social. Numa crônica de 1926 do jornal “O Nordeste”, a preocupação do rendimento dos atletas de futebol aparece como algo mais importante.

Como explicar a derrota de um clube campeão vencido por um clube de segunda ordem, facto que acontece muitas vezes, procurando atribui-lo a falta de treinos, à parcialidade do juiz, ou (...) da influencia das torcidas (...). Entretanto, o verdadeiro facto insuspeito é o estado de despreparo physico dos jogadores, a qual é dada, sobretudo, entre outras coisas, a uma alimentação inconveniente. (...) torna-se imprescindivel que os jogadores se alimentem de verduras, de leite, de frutas, de ovos e massas. (*O Nordeste*: 14/10/1926).

A eugenio social moderna incluía uma série de preocupações, entre elas a nutrição, na regulamentação daquilo que se deve ou não ingerir para o bom funcionamento do corpo; e seu melhor rendimento. O autor da crônica acima arrematava, com a utilização do imperativo: não se nutrit em excesso “de carne, de doces, principalmente do álcool e de alimentos que deteriorem a ‘acidilização’ do sangue”, tendo sempre em vista “A resistência physica no jogo de foot-ball” – título da matéria – da melhor maneira possível. (*O Nordeste*: 14/10/1926).

\*\*\*

Neste sentido de justificativa social dos esportes, mais uma vez fisiologia, psicologia e evolução do estado são conjugados a fim de dar ciência aos ignorantes e incrédulos da urgência hodierna da prática esportiva. Sobre a demanda moderna dos jogos esportivos, a educação física chega a fazer sociologia, indicando o atual estágio da humanidade de produção, comunicação e trabalho. Os jornais, neste sentido, são ricos em representações. Ao escrutinar sua trajetória atrelada à relação entre imprensa esportiva e futebol, durante a década de 1920, percebe-se certas recorrências estruturais e de conteúdo.

A primeira dessas recorrências encontradas nas crônicas diz respeito ao adjetivo qualitativo das colunas esportivas. No jornal “O Povo”, é o “Povo Desportivo”, no jornal “Correio do Ceará”, é o “Correio Desportivo”, a mesma coisa no jornal “Gazeta de Notícias” e no jornal “A Esquerda”. A seção do jornal “O Nordeste” é levemente

diferente, intitulando-se “Desportos”. Portanto, o primeiro problema a ser levantado gira em torno da representação da palavra “desportivo(a)”.

Ao analisar o primeiro semestre de 1930, percebemos a preponderância das representações em torno do “homem desportista”. No dia 12 de abril, o “Correio do Ceará” inicia a publicação de um ensaio sobre a definição do que é educação física e desporto, intitulado “Educação Física – Espírito dos Jogos Atléticos na Educação”, denunciando a cegueira dos governantes e da população por não se aprofundarem no estudo da matéria. Esta é a primeira de várias partes desse ensaio, todas publicadas em dias diferentes na coluna “Correio Desportivo”. Diz o ensaio, com forte teor metafórico: “Certa vez um grupo de cegos discutia a cerca da conformação que deviam ter os elefantes, pois não conheciam em seus cerebros a ideia perfeita da estrutura de um paquiderme.” (*Correio do Ceará*, 12/04/1930, p. 03).

Como não o concebiam, foram ao zoológico, e como cada um tocou uma parte diferente do corpo do elefante, cada um teve uma visão diferente do que seria a sua forma. Segundo o cronista, faltavam-lhes “luz” e visão geral para compreender a concepção da forma de tal mamífero, concluindo que “Todos tinham razão e, sem embargo, estavam profundamente equivocados...”. Coisa similar acontecia com a concepção do desporto e da educação física, noutro trecho da mesma crônica supracitada do jornal “Correio do Ceará” (p. 03).

Desta maneira acontece com muitas coisas da vida e, muito especialmente, sobre os desportos e educação física em geral cujo exame e estudo apurados não mereceram ainda, entre nós pelo menos, a atenção de quem de direito, nem dos poderes públicos como acontece em lugares mais cultos que o nosso Ceará.

Algumas pessoas crêem que a educação física é a ginástica sueca; outras que é o futebol (...). Todos tem razão, porque não se aprofundam bastante na matéria.

O autor deixa claro que desporto e educação física são a mesma coisa que o conjunto das práticas esportivas, mas que no Ceará, por não ser tão evoluído, o poder público e os homens cultos não deram ainda atenção suficiente ao fenômeno, pois não basta falar, praticar e investir em apenas um deles (o futebol, por exemplo), é necessário um entendimento geral. Esse, como vimos, é de natureza evolutiva, dependendo o desenvolvimento dos homens e do Estado do incremento esportivo.

Voltemos ao ensaio. Nos dias 14 e 15 de abril, nos dá a ler quais são os propósitos desse tipo de entendimento geral da educação física, proposta literalmente nas colunas de esporte. A saber: eugenio social e alinhamento com a situação civilizada de industrialização e modernização das cidades.

No dia 14 o ensaio começa assim: “As sciencias biologicas interpretadas por homens eminentes como Gullick, G. Stanley Hall<sup>45</sup>, McCurdy, McKenzie e Fisher, tem dado uma orientação a esta materia basica, estudando o individuo humano atraves da historia da raça.” (*Correio do Ceará*, 14/04/1930, p. 06). Aqui a educação física, ancorada em estudos sobre o desenvolvimento da raça humana, entende o desporto como um autômato adquirido pelo homem no seu processo de aperfeiçoamento e civilização. Segue o ensaio:

Os musculos são importantes órgãos da vontade. O homem, impulsionado por eles, tem realizado as maiores obras; tem construido cidades, escrito livros, enfim, tem feito todas as cousas materiaes que são de importancia predominante na historia (...). Diz Blunstschili<sup>46</sup> que a historia não é mais que uma serie uniforme de movimentos conscientemente ordenados [ilegível] (...). São os musculos os grandes geradores do habito da imitação, da obediencia, do caracter e de todas as maneiras e costumes. Pode-se dizer que a rezistencia, a destreza e a perseverança são virtudes musculares ao passo que a fadiga, o capricho, a irascibilidade, a falta de controle e o desequilibrio são deficiencias musculares.

É interessante que o autor se alinha aos estudiosos do progresso racial da humanidade, seja em termos do desenvolvimento psicológico ou do Estado. Aqui mais uma pista nos é dada sobre o homem desportista e a educação física: ele é um ser comprometido com o progresso (a “História”), assim como a disciplina tem por finalidade promovê-lo. Este progresso não é qualquer um, é o progresso entendido em bases raciais. O bom ou mau costume, o caráter ou a falta dele são questões trabalhadas na sociedade moderna através dos esportes, como automatismos que se deve aprender em nome da civilização, do bom funcionamento do Estado. Este é o compromisso social e político dos desportos. Mas que civilização moderna é essa?

No dia 15 o autor segue com seu ensaio, especificando a relação entre as atividades de desenvolvimento muscular e a justificação dos esportes frente à modernização e civilização humana. É interessante notar que tanto a civilização quanto o homem estão evoluindo e que este progresso ocorre alinhado à modernização das cidades e do desenvolvimento físico do homem, respectivamente, tal qual o Estado de Blunstschili e a criança de Stanley Hall. Segue que:

---

<sup>45</sup> Granville Stanley Hall (1844-1924) foi psicólogo pioneiro nos Estados Unidos, primeiro doutor em psicologia do país, ao estudar o desenvolvimento da criança (ontogênese) associado ao desenvolvimento da espécie (filogênese), ancorado na teoria da evolução da espécie de Darwin. Seu trabalho inicial intitulava-se “*The Contents of Childrens Minds*” (1883).

<sup>46</sup> Johann Kaspar Blunstschili (1808-1881), suíço, professor e teórico do Estado como um organismo vivo. Sua ideia era de que cada Estado funcionava como um animal, com cabeça, necessidades nutricionais e sexo, inclusive. O Estado também evoluiria como o homem, desde a infância, passando pela adolescência, chegando a maturidade e a degeneração com o passar do tempo.

Não é possível entrar a detalhar o desenvolvimento dos órgãos do sistema muscular, entretanto seria muito interessante observar o processo adotado aparentemente pela natureza para que o corpo se desenvolva numa série de épocas, ou períodos. (*Correio do Ceará*, 15/04/1930, p. 06).

O autor caracteriza o desenvolvimento muscular do corpo em diferentes estágios do crescimento humano, diferenciando dois tipos de músculos: os “músculos centrais”, responsáveis pela locomoção e empreendimento de força; e os “músculos acessórios”, que tem por função o movimento do rosto, das mãos e da língua. Neste processo, os músculos centrais são primeiramente desenvolvidos, sendo encontrados tanto nos homens quanto nos animais. Já os músculos acessórios são desenvolvidos posteriormente, diferenciando a raça humana das outras espécies. É notável que, para o autor, as crianças (por ainda estarem em crescimento) e os degenerados não têm domínio dos músculos acessórios e que a civilização moderna emprega uma nova maneira de exercer seu desenvolvimento “neuromuscular”, no sentido de uma nova necessidade nascida com a modernidade<sup>47</sup>.

É significativo notar que os idiotas, os alcoolatras e os anciões perdem primeiramente o uso e o controle dos músculos acessórios. (...)

A civilização moderna e também as duas ou três últimas tem verificado uma mudança radical em hábitos, métodos e costumes neuro-musculares.

Durante séculos e séculos, o homem primitivo viveu uma vida nômade, fazendo largas excursões a pé, transportando todos os seus bens sobre os ombros, ao passo que nós viajamos em trens, automóveis, etc. com o mínimo uso dos nossos músculos. (*Correio do Ceará*, 15/04/1930, p. 06).

Desta forma, o desporto é entendido como uma nova maneira, “hábito, método e costume neuro-muscular”. O desporto é uma nova necessidade do homem civilizado para continuar seu desenvolvimento físico, pois os homens contemporâneos não mais transportam “seus bens sobre os ombros”, mas desenvolveram técnicas, máquinas e diminuíram os esforços em busca de comodidade, produção e eficiência. Também por não levarem sobre os ombros seus pertences, o desenvolvimento físico não ocorre mais no trabalho, mas é sinalizado em direção da prática desportiva. O desporto substitui o trabalho, ou melhor, retira do trabalho a função de desenvolver os músculos, haja vista a modernização proporcionada pela industrialização e a comodidade do homem civilizado.

No entanto, uma diferenciação existe. Por um lado, como mostra o ensaio, o desporto cumpre a função do trabalho primitivo (desenvolvimento físico), mas em uma

---

<sup>47</sup> A abordagem aqui sugerida para “modernidade” a entende como uma categoria narrativa construtora de alteridades e de diferenciação histórica (períodos), mas não como um conceito definidor do tempo histórico. Sobre seu tratamento, ver debate em Fredric Jameson (2005); ver tratamento da modernidade como conceito histórico em Reinhart Koselleck (2006).

nova roupagem, como lazer. Por outro, como mostra Rodrigo Pinto (2005), é reivindicado pelas classes subalternas como atividade de lazer, para além do trabalho (emprego). O desporto, antes dos embates entre profissionalização e amadorismo, já apresenta pelo menos duas apropriações e aproximações de identidade distintas uma da outra – uma de distinção e exclusão; a outra de reivindicação e “rivalização” por uma maior expansão das técnicas, métodos e práticas de lazer –, sendo uma metáfora de uma nova sociabilidade moderna. Este novo desenvolvimento também leva em conta a ideia de trabalho, mas sempre atrelada a essa nova sociabilidade.

São nestes termos que as colunas desportivas encaram o desenvolvimento das práticas futebolísticas, ou quaisquer outras esportivas, de forma direta ou indireta, apresentando diferenças e alternâncias entre as representações e as práticas dos vários grupos sociais na cidade. Isto antes mesmo de representar um modelo de identidade nacional. Mas aqui chegamos ao limiar interpretativo destes ensaios sobre educação física, que de início, mostra o desporto como uma visão de mundo representativa da higiene social, da distinção social e da consciência de se estar em um mundo novo.

No entanto, o que o desporto representa, simboliza dessa nova sociabilidade entre os homens, na prática, é coisa além da ideologia da educação física, pois extrapola a questão da ordenação dos espaços e dos costumes, pois não foi o ideal de raça e evolução do estado que se tornaram chave na difusão do esporte, ou na filiação dos jogadores, torcedores e cronistas ao futebol, como tentamos explicitar até aqui. Na prática, essa justificativa do desenvolvimento muscular através dos esportes alimentou algumas atividades de caráter cívico, como os jogos do centenário da Independência e da Confederação do Equador, numa primeira apropriação do estado dos efeitos positivos da mobilização dos expectadores em partidas de futebol, retirando desses momentos seus dividendos políticos<sup>48</sup>.

---

<sup>48</sup> Sobre o assunto, avançar até o subcapítulo 3.2 dessa dissertação.

## **- Cap. 2. Futebol e imprensa (1921-1930).**

### **2.1. – Representações da relação entre futebol e imprensa.**

A maior prova do alcance e do enraizamento cultural daquela atividade [futebol] está no fato de que, embora ela envolva profundamente, de forma direta ou indireta, larga porção da população ocidental, poucas vezes se coloca a questão essencial: qual é o fascínio do futebol? (FRANCO JR.: 2007, p. 165. Grifos meus entre colchetes).

Muito embora essa pergunta encerre certo aspecto irracional, ou mesmo essencial, das causas e motivos que explicam o fenômeno esportivo do futebol no mundo, o fundamental não é pensar as características primeiras do envolvimento do homem com o futebol, ou do homem com o jogo (HUIZINGA: 2008), coisa fora de alcance, pois se trata de uma psicologia (vivência) e de uma filosofia (condição humana) improvável para o conhecimento histórico, marcadamente indutivo no seu procedimento e parcial em seus resultados.

O desafio inicial, ao ler esta passagem, é perceber o futebol como um problema sociológico, com sua própria historicidade, mas sem perder de vista que ele é uma “atividade” que “envolve larga porção da população ocidental”, numa multiplicidade de práticas, “de forma direta ou indireta”, relacionadas ao jogo.

Gostaria de pensar nesta pergunta como ponto de partida para diferenciar determinadas práticas<sup>49</sup> em torno do futebol, certas objetivações específicas que são discursivamente e politicamente diferentes entre si, muito embora possam enganar sob o tecido unificado da ideologia e da análise dicotômica que polariza infraestrutura e superestrutura; experiência e consciência; natureza e cultura<sup>50</sup>. Isto porque o “enraizamento cultural” do futebol não se explica pela transcendência do poder político ou das relações econômicas, mas pela imanência das práticas políticas e discursivas. E falar sobre prática discursiva é ter em mente o acontecimento do discurso, sua ordem, usos e funções. Como nos diz Foucault, na passagem seguinte:

E se quisermos, não digo apagar esse temor [das formas e temas que elidem a realidade dos discursos, tais como o sujeito (escrita), a experiência (leitura) e a mediação (troca)], mas analisá-lo em suas condições, seu jogo, seus efeitos, é preciso, creio, optar por três decisões às quais nosso pensamento resiste um pouco, hoje em dia, e que correspondem aos três grupos de funções que acabo de evocar: questionar nossa vontade de verdade; restituir ao discurso

<sup>49</sup> “A prática não é uma instância misteriosa, um subsolo da história, um motor oculto: é o que as pessoas fazem” (VEYNE: 2008, p. 148). A prática é a “parte oculta do *iceberg*”. Portanto, a parte oculta de uma prática, continua a ser o que é praticado; e a parte oculta do discurso, continua a ser o que é dito. Pois não é nada essencial, inconsciente ou irracional, porque o oculto do *iceberg* continua a ser gelo.

<sup>50</sup> “Julgar as pessoas não é julgá-las por suas ideologias; é, também, não as julgar a partir de grandes noções eternas – os governados, o Estado, a liberdade, a essência política – que banalizam e tornam anacrônica a originalidade das práticas sucessivas.” (VEYNE: 2008, p. 148).

seu caráter de acontecimento; suspender, enfim, a soberania do significante. (FOUCAULT: 2011, p. 51. Grifos meus entre colchetes e parênteses).

Entre outras coisas, quer dizer que os discursos possuem uma materialidade incorpórea, que possuem séries descontínuas e que existe uma causalidade do irracional (do acaso). É preciso dizer ainda que estas práticas não nos deixam necessariamente embaraçados com o Estado, ou com a luta de classes, mas que elas as representam segundo os procedimentos de uma época.

Para Chartier (2002, p. 17), as representações são “pontos de afrontamento tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais”, são aspectos sociais que dão a ver certa apresentação consciente da sociedade e certa ausência do representado, são práticas discursivas que representam práticas sociais e políticas. De forma parecida, Huizinga entende que o jogo é uma representação de um conflito ao mesmo tempo em que é uma batalha que representa alguma coisa. Não existe jogo fora da dimensão competitiva, ou de representação da competição. Desta forma, a crônica é uma representação política e social do jogo.

A função do jogo, nas formas mais elevadas que aqui nos interessam, pode de maneira geral ser definida pelos dois aspectos fundamentais que nele encontramos: uma luta por alguma coisa ou a representação *de* alguma coisa. Estas duas funções podem também por vezes confundir-se, de tal modo que o jogo passe a ‘representar’ uma luta, ou, então, se torne uma luta para melhor representar alguma coisa. (HUIZINGA: 2008, p.p. 16-17).

Explico-me. É muito diferente o que é feito do futebol se tomamos como base de comparação o que os jogadores, torcedores e cronistas fazem e fizeram dele ao longo da história<sup>51</sup>. Mesmo assim, não é incomum que se chegue à conclusão de que a eugenio social e a pedagogia da educação física exerceram forte “influência” sobre o jogo, no corpo e nas mentes dos praticantes (MIRANDA, 2000). Não é incomum também que se perceba no futebol o germe da luta de classes, opondo matrizes contrárias da prática do esporte, uma de origem operária, outra de origem aristocrática/capitalista (PINTO, 2005).

---

<sup>51</sup> Para Paul Veyne e para Michel Foucault, “o que é feito” se relaciona “com um fazer”, a produção se relaciona com uma prática. A isto, Foucault deu o nome de “descentralização do sujeito”, do “significante” da ordem do discurso, ao debruçar-se sobre a “materialidade incorpórea” do que é dito por meio da escrita, seus usos e funções (vontade de verdade, função do autor, mediação de séries descontínuas, racionalidade do acaso). Para Thompson, uma ação ou acontecimento se relaciona com uma prática social subjetivada, como, por exemplo, a ação dos “negros” nas florestas dos reis ingleses durante o século XVI se relacionar com a experiência e a cultura “plebeia”, em oposição à experiência e cultura “patrícia”. A mesma coisa vale para a formação da classe operária, mas não dá pra dizer que um “plebeu” é a mesma coisa de um “operário”. Embora se trate de uma diferença enorme, partir da “objetivação” das práticas sociais, ou da “subjetivação” das práticas sociais, ambos convergem para o entendimento das práticas culturais e sociais em diferenciação com a ideologia.

Não quero dizer com isto que estas conclusões não passam de falácia, pois eu mesmo as percebo, mas que não esclarecem muita coisa sobre a prática discursiva e política de médicos e governantes, por exemplo, que almejam o desenvolvimento da raça brasileira, ou da pátria cearense em meados da década de 1920; nem esclarece a prática do desenvolvimento muscular dos atletas (inclusive mestiços); ou as práticas das torcidas (inclusive *sportmen*) em dias de jogo, atirando objetos nos goleiros adversários<sup>52</sup>; ou os cronistas e aquilo que são objetos de suas descrições.

Não esclarece também o processo de profissionalização do futebol, nem o processo de construção de identidades nas metrópoles vinculado a este esporte e às questões do lazer operário. Isto porque os procedimentos, as objetivações específicas, guiam-se segundo “gramáticas<sup>53</sup>” que subsidiam convenções, técnicas, termos de uma questão, que Baxandall (2006) formulou sob os conceitos de “encargos” e “diretrizes” de um objeto cultural.

Partindo do princípio de que “o que é feito” se relaciona “com um fazer”, Baxandall (2006) propõe o seguinte esquema: o objeto cultural terminado é explicado (descrito) pelos termos do problema (encargo e diretrizes da produção) e possibilidades culturais do período (funções correntes e não correntes). No entanto, o autor faz três observações pertinentes: I – “A verdade é que lidamos com o resultado pronto de uma atividade cujo processo não temos condições de recontar.” (p. 47). O processo do qual o autor fala é o de execução, pois o ato de explicação é incompatível com a linguagem do objeto, seja ele visual ou textual (ver p.p. 32-34); II – Em contrapartida existe uma simetria entre explicação e objeto, pois os dois possuem intencionalidades: “Lidamos com um objeto que foi produzido de modo intencional, e não com o subproduto documental de uma atividade.” (p. 47); III – A descrição das práticas levam em conta as possibilidades culturais, tanto as “correntes” quanto as “não correntes” – o que Paul Veyne (2008) chama de “gramáticas vizinhas” e “práticas sucessivas”. (ver BAXANDALL: 2006, p. 63). O que é feito se relaciona com a produção e com a gramática. Dessa forma, o processo histórico se movimentaria segundo as transformações dessas gramáticas, indicando o próprio “enraizamento cultural” de uma “atividade”.

---

<sup>52</sup> Jornal “O Nordeste” de 21/07/1922. Coluna “Desportos”, p. 02.

<sup>53</sup> “Enfim, o discurso e sua gramática oculta não são o implícito; não estão logicamente contidos no que é dito ou feito, não constituem sua axiomática ou pressuposto, pelo fato de que o que é dito ou feito tem uma gramática casual e não uma gramática lógica, coerente, perfeita.” (VEYNE: 2008, p. 253).

Portanto, o futebol é mobilizado e mobiliza segundo os usos e as funções que nele se encontram, ou segundo os encargos e as diretrizes de quem com ele se relaciona. E ainda podemos ver, de forma indutiva, o que e quem ele representa. Mas se olharmos com atenção, o que se encontra normalmente é o caminho inverso, em prejuízo da crônica esportiva, muitas vezes tomada como ilustração para se perceber as representações das práticas de outros grupos sociais, ou visão de mundo de um autor ou momento histórico específico (ANTUNES: 2004; CAPRARO: 2007). Mesmo quando se quer entender qual é o fascínio do futebol em termos do que dele se faz, a crônica é ponto de partida para as práticas sociais e literárias, mas não da sua prática enquanto integrante da imprensa.

No caso da relação entre futebol e imprensa, o encargo é duplo, pois em relação ao futebol existe o termo do problema enquanto jornalismo e enquanto gênero literário. No caso, para a imprensa, o que interessa é descrever e representar a sociedade. Quanto à crônica esportiva, o que interessa é descrever e representar o jogo. As diretrizes variam de duas formas: quanto ao texto jornalístico (se é uma crônica, um ensaio, telegrama, ou anúncio) e quanto ao periódico que veicula os discursos (Jornal “O Nordeste”, “O Povo”, ou “A Esquerda”, por exemplo). Os encargos e as diretrizes podem mudar ainda segundo outro elemento: a mudança da “gramática” (função corrente) sob a qual se realiza a crônica esportiva, que se relaciona com o processo de especialização do gênero literário em questão e do próprio jornalismo em relação ao esporte, na passagem do amadorismo para o embrionário profissionalismo do futebol brasileiro durante o período entre guerreas mundiais – especificamente durante a década de 1920, para o estudo aqui proposto.

Que a crônica esportiva é social e gênero literário nunca duvidei, mas seu fazer-se é no interior da imprensa, segundo sua relação com o futebol. A crônica é a mola mestra da relação entre futebol e imprensa. A crônica é gênero literário, prática discursiva da imprensa e representação do futebol. “Qual o fascínio do futebol?” tomando como objeto a crônica é entender os procedimentos e o processo histórico da relação futebol e imprensa, em seu processo de especialização.

Cabe falar agora, portanto, sobre o processo de especialização da imprensa esportiva e sua relação com o futebol, descrevendo, num primeiro momento, quais os encargos e diretrizes e funções correntes (BAXANDALL: 2006, ver p.p. 63 e 71) dos jornais em relação ao “esporte bretão”. Posteriormente, cabe falar sobre os

procedimentos discursivos da crônica no interior da imprensa, seguindo a mesma linha de raciocínio proposta por Baxandall, mas no subcapítulo próximo.

\*\*\*

O futebol, introduzido em Fortaleza por estudantes e trabalhadores navais entre os anos 1903-1904, somente passou a ser notícia nos jornais nos idos de 1914, sendo deixado o relato dos primeiros chutes, seus espaços e impressões para os memorialistas da cidade. Assim, é possível perceber entre os anos 1914-1920 os primeiros relatos jornalísticos, as primeiras aproximações entre imprensa e futebol e as primeiras descrições sobre os usos e intervenções na cidade proporcionadas pelo esporte.

Sobre os relatos referentes aos jogos, destacam-se inicialmente as apresentações das partidas, indicando o dia, a hora, o lugar e a apresentação dos oponentes em campo. Abaixo, segue a promoção de um jogo entre o “Fortaleza Sporting Club” e o “English Team”:

Match de Foot-Ball. Está marcado para hoje, Domingo, às 16 horas um importante “match de foot-ball” no ground do P. Publico, estando organizado os dois “teams” combatentes, com elementos possantes e dos melhores “players” da capital. Sem dúvida teremos no nosso logradouro publico nesta tarde bastante concorrido, pois temos notado nesses ultimos tempos, muito interesse e entusiasmo entre a selecta assistencia apreciadora deste “sport”, nos sucessivos matchs: Eis a disposição das duas elevens: Do Fortaleza Sporting Club: Oscar, Loureiro (cap.), João Gentil, Clovis, Zéaimundo, Alberico, Riquet, Jayme, W. Barroso, Humberto, W. Olsen. Do English Team: Durval, Speedy, Hams, Manly, Obasseis, Bolívar (cap.), Caron, Baurfelã, Methews, Mackenne. 74. (*O Unitário*: 17/05/1914 **apud**. Rodrigo PINTO: 2005, p. 47).

Nessa crônica, cabe ressaltar a relação embrionária entre futebol, imprensa e cidade; uma relação – entre times, jogadores, torcedores e campo de jogo – perpassada e intermediada pela descrição do cronista. No caso, os times promovem uma luta entre nativos cearenses e ingleses, portadores oficiais do jogo, residentes na cidade. O “Fortaleza” apresentado não é o quase centenário time da capital, mas um time composto por estudantes citadinos, como é o caso de Walter Barroso e João Gentil.

Os jogadores são os “melhores players da capital”, “combatentes”, “possantes”, mas num sentido em que o mérito se vincula menos à capacidade técnica e mais ao vigor físico e conhecimento das regras. Os atletas são estudantes ou ingleses, em sua maioria, situações primeiras para se obter as condições de mérito no jogo (vigor físico e conhecimento das regras), sendo esta situação e essa condição os componentes que caracterizam o jogo como “aristocrático”, como o regime dos melhores e a promoção das elites. Os torcedores, acompanhando esse ideal aristocrático, formam uma “selecta

assistencia”. No entanto, existem também elementos dissonantes, como a presença de jogadores não ingleses no “English Team”, como Bolívar, capitão da “*eleven*”. O que abre margem para deduzir uma situação diferente da de estudante e inglês, mas de trabalhador, na formação das equipes (Rodrigo PINTO: 2005).

O caráter do jogo, neste sentido, não pode ser dissociado do lugar do jogo. E aqui reside uma contradição, também embrionária, na conformação do futebol em Fortaleza. Se o jogo, os jogadores, torcedores e os times se pretendem os melhores possíveis – bem entendido e apresentado o que significa ser o melhor neste período – o “*ground*” é improvisado, sendo a peleja disputada em uma praça, o Passeio Público.

Portanto, duas características principais podem ser percebidas na relação inicial entre futebol e imprensa em Fortaleza: I – a promoção do jogo aristocrático; II – a apresentação de elementos de improviso na conformação do jogo e dos espaços de jogo.

Quanto ao primeiro aspecto, não se trata de uma especificidade fortalezense, mas de uma concepção mais ampla em que o futebol é sinônimo do “*association*”, sendo essa ideia compartilhada pela imprensa. Esta postura genérica, de promoção do jogo aristocrático, está presente em outras cidades do estado do Ceará, como Sobral, na seguinte passagem,

Tem decorrido com muita frequencia e animação, os ensaios de foot-ball na Cruz das Almas, no “*ground*” do Club Sportivo. Depois de amanhã, às 17 horas, será inaugurado solennemente o “*ground*” com uma partida de foot-ball, fazendo se ouvir a afinada banda do musicista José Lins. (*A Lucta*: 01/05/1914, p. 03).

O uso da terminologia inglesa para indicar o jogo (“*foot-ball*”), o campo (“*ground*”) e o tipo de instituição (“*club*”) são indícios da associação entre o futebol e sua regulamentação esportiva expressa na definição e patente oficial do jogo “*football association*” (FA). A imprensa é partícipe e promotora dessa ideia, promovendo o futebol como um evento social.

Em Fortaleza, na promoção do esporte por parte da imprensa, os primeiros anos (1914-1920) foram de iniciativa para a criação de uma liga local, mas também de insucesso. A institucionalização do “*association*” requeria intervenções na cidade e apoio da prefeitura. Em maio de 1915 a imprensa oficial do estado noticia os preparativos, onde reunidos os dirigentes dos quatro clubes distintos e seletos (“Maranguape”, “Rio Branco”, “Rio Negro” e “Stela”), se propõe a criação da Liga Metropolitana de Foot-ball Cearense, a LCF, nos moldes e nomenclatura das demais ligas metropolitanas do país, sendo a primeira preocupação a questão do campo de jogo:

entre outras medidas, ficou resolvido que fossem uma comissão ao ilustre senhor coronel Casemiro Montenegro, digno prefeito municipal, afim de que o mesmo auxilie os directores da “Liga” na instalação de um campo proprio para o jogo em uma das praças desta capital. (*Diario do Estado*: 15/05/1915, apud. Rodrigo PINTO: 2005, p. 61).

E efetivamente foram as praças da cidade que abrigaram o jogo, neste período, principalmente a Fernandes Vieira, em frente ao colégio Liceu, reduto de estudantes como Alcides Santos, um dos promotores da liga. O problema residia na concorrência dos espaços e na proliferação do desporto além do seu controle. Nessa mesma praça jogavam os jovens estudantes não necessariamente vinculados à liga. Neste período outros clubes são fundados sem ingressar no campeonato. Em 1920 a liga muda de nome e passa a mandar seus jogos no campo do Benfica. A partir de 1923, passa a mandar seus jogos também no campo do Alagadiço.

Em paralelo, é também na década de 1920 que os jornais da cidade sofrem modificações em suas estruturas, buscando uma diretriz ao mesmo tempo mais comercial e moderna, na compra de maquinário e buscando novos mercados e assuntos com perspectivas a atingir determinados nichos ou público alvo. Entre os novos assuntos estão o futebol e os esportes, assim como a periodicidade das colunas desportivas para atender a demanda de leitura e consumo das “rodas desportivas” locais.

De fato, durante a década de 1920 a imprensa local demonstrava interesse bastante diverso e publicações especializadas, desde aquelas “dedicadas aos interesses das classes trabalhadoras, ou profissionais<sup>54</sup>”, até as esutudantis<sup>55</sup>, as de interesse “em torno do esperanto<sup>56</sup>” e as esportivas, numa multiplicação de revistas publicadas.

A mesma sorte experimentaram os órgãos esportivos então aparecidos na capital cearense: primeiro, “O Sport”, a 5 de julho de 1923; depois “A Pelota”, de agosto do mesmo ano; e, por fim, um outro “O Sport”, de 12 de junho de 1925, publicado em homenagem aos campeões mundiais<sup>57</sup> de futebol. (NOBRE: 2006, p. 143).

Os próprios jornais da década de 1920, inclusive, muito embora não especializado em suas publicações esportivas, mas destinando colunas específicas para os temas de maior apelo comercial, exaltavam o aparecimento das novas revistas de esportes, caso do jornal “O Nordeste”, que fazia votos de sucesso para o novo

<sup>54</sup> Caso dos trabalhadores da Fênix Caixeiral: “os fenixtas publicam ‘A evolução’, a 10 de fevereiro de 1924 (...) e, nesse mesmo ano, o semanário ‘O Caixeiro’...”. (NOBRE: 2006, p. 141).

<sup>55</sup> Caso da revista “A Escola”, “do Grêmio Literário Pe. Tabosa, do Instituto São Luís; ‘O Palinuro’, de alunos do Liceu; ‘a Clava’, de alunos do Colégio Militar de Fortaleza...”. (NOBRE: 2006, p. 142).

<sup>56</sup> Caso das revistas “Brazila-vivo” e “Novo Mondo”. (ver NOBRE: 2006, p. 143).

<sup>57</sup> Os campeões mundiais em questão eram os atletas da “celeste olímpica”, a seleção uruguaia campeã em 1924. Para a FIFA, inclusive, os campeonatos olímpicos de 1924 e 1928, faturados pelo Uruguai, são considerados títulos equivalentes à Copa do Mundo. Assim, a seleção uruguaia é tetracampeã mundial, o que explica as suas quatro estrelas bordadas acima do escudo da UFA (*Uruguay Football Association*).

empreendimento dos srs. Tota Rodrigues, Alberto Moreira, Lucídio Silveira e Raimundo Justa.

Em breves dias circulará em nossa capital dirigido pelos distintos e conhecidos *sportmen* Tota Rodrigues, Alberto Moreira, Lucídio Silveira e R. Justa, “O Sport” órgam que cuidará carinhosamente dos desportos em nossa terra, procurando, por todos os meios incentivá-los. Ressentindo-se Fortaleza, como se ressentente, de um órgam de tal natureza, é bem louvável a iniciativa dos jovens desportitas cearenses e nos folgamos em noticiar tal evento. (*O Nordeste*: 27/06/1923, p. 03).

Dias depois, o mesmoperiódico conclui suas referências à revista especializada em esportes, não mencionando no decorrer dos anos nenhuma notícia dos outros periódicos esportivos acima citados pelo escritor Geraldo Nobre. De forma simples, o cronista não subscrito do jornal “O Nordeste” (14/07/1923, p. 03) publicava a seguinte nota em sua coluna esportiva: “Circulou, quarta-feira ultima, mais um numero ‘d’O Sport’, vindo de repleto e variado noticiario”. Se levarmos em conta que a revista “O Sport” foi fundada no dia 04/07/1923, tudo indica que em seu início ela tinha periodicidade semanal, no mínimo.

O poder dessas mudanças poderia se ver na completa renovação por qual passou a imprensa cearense na virada da segunda para a terceira década do século XX, como nos demonstra Geraldo Nobre (2006, p. 139), mas também na destituição do caráter anterior da imprensa estadual, enriquecida entre os opositores e partidários dos principais líderes políticos da época: Nogueira Accioli<sup>58</sup> e Gen. Franco Rabelo<sup>59</sup>.

No decênio de 1920-1929, o periodismo cearense assinala progressos consideráveis, antes qualitativos que quantitativos, visto como o número de títulos e publicações então impressas, em todo o Estado, foi de cento e noventa e quatro (194), apenas, em comparação com mais de trezentos, no período de 1910-1919. A imprensa diária na Capital passou por uma renovação quase total, pois dos cotidianos que circulavam antes de 1920 somente o “Correio do Ceará” continuou a existir (...). O “Diário do Ceará”, que surgiu a 1º de setembro de 1920, pela fusão do “Folha do Povo” e do “Estado do Ceará”, respectivamente órgãos “rabelista” e “aciolino”, havida em consequência da pacificação operada na política estadual com a ascensão, ao governo, do presidente Justiniano de Serpa.

Com essa virada, os jornais tendiam a colocar em seu programa editorial mais elementos que o simples embate político que marcou de forma impactante a produção jornalística da década anterior. Cabe agora entender quais são as características dos

---

<sup>58</sup> Foi quatro vezes presidente do estado do Ceará entre 1892 e 1912, sendo famoso pela truculência e utilização dos recursos públicos em benefício particular, de sua família (Sousa Brasil) e seus correligionários.

<sup>59</sup> Foi o principal opositor do governo Accioli no estado, sendo escolhido presidente do estado em 1912 por Hermes da Fonseca, em consequência do levante popular que depôs Nogueira Accioli do poder, como parte da “política das salvações” do governo federal.

novos periódicos e da nova imprensa estadual em relação com o futebol, levando em conta também que neste período dos anos 1920,

a imprensa cearense assumiu características de permanência, tornando-se “definitiva”, em relação ao seu estado atual<sup>60</sup>, pois sobrevivem a muitas viscidudes tanto o “Correio do Ceará”, existente desde 1915, como a “Gazeta de Notícias” e “O Povo”. Quanto a “O Nordeste”, desapareceu prestes a completar meio século de existência. (NOBRE: 2006, p. 140).

\*\*\*

Até aqui, tenho dito sobre a configuração dos clubes, times e sua relação com a cidade de Fortaleza. Tenho falado também sobre os componentes e procedimentos de uma partida de futebol e suas representações dos costumes e cultura local. Tenho explanado isso afirmando que é no interior da relação entre futebol e imprensa que todo um conjunto de objetos, pessoas e lugares são mobilizados, sendo a crônica esportiva a principal narradora destas representações. Gostaria de esclarecer mais sobre os interesses da imprensa em relação ao futebol, já que falei sobre os clubes, jogadores, torcedores e comércio.

Muito embora os jornais novos da década de 1920 tivessem encargos semelhantes, na busca de informar os principais acontecimentos da sociedade fortalezense e vulgarizá-los mediante processo de produção atualizado e ampliação dos pontos de vendas, eles possuíam diretrizes e orientações diferentes, que interferiam no modo e tipo de matérias sobre o futebol e o esporte.

Ao se analisar os jornais de orientação cristã (católica), tais como o “Correio do Ceará” e “O Nordeste”, fica evidente a missão evangelizadora e a busca por conformar o “corpo” social nos moldes da aceitação da “vida em Jesus Cristo”, de acordo com os ditames da “romanização” em curso. Nesse sentido, padres e políticos engajados na causa da romanização têm constantemente seus artigos publicados nos dois jornais, comentando questões que envolvem as práticas modernas das novas gerações, as diferenças e papéis esperados de cada gênero, além das causas e formas da guerra e sua neutralização, em termos de se construir uma sociedade pautada na “paz de Cristo” e orientada pela Igreja Católica.

Num discurso atribuído ao candidato à presidência estadunidense, em matéria publicada pelo jornal “Correio do Ceará”, Harding argumenta sobre a importância da religião para a construção da paz:

---

<sup>60</sup> O livro de Geraldo Nobre foi publicado originalmente em 1975. Atualmente, somente o jornal “O Povo” continua em atividade, dentre aqueles que foram fundados na década de 1920.

Quisera persuadir-vos, amigos e cidadãos, de que seja qual for a situação actual, o que o mundo mais precisa é de um pouco de devoção religiosa. Della nos apartamos por diversos modos; e, se eu tivesse de dar orientação e remedio ao mundo para o levar pelo caminho da paz, proporia com emphase, os ensinos do principe da Paz. Dizem muitos que a guerra mundial mostrou que a religião christã deixou de cumprir a sua missão. Não, meus amigos, mostrou o contrario; o mundo errou afastando-se da religião christã. Se imprimissemos à nossa vida um pouco mais de santidade, de moralidade, de devoção religiosa, tenho a certeza de que o passo dado para uma paz durável, seria mais firme. A nossa republica deve ser honesta e honrada; o nosso povo deve ser temente a Deus. E se esta manhã me permitisseis uma exortação especial, manifestaria o desejo de ver reavivar-se na nossa patria a religião dos nossos pais fundadores. (*Correio do Ceará*: 19/02/1921, p. 01).

Mesmo em se tratando de uma constituição pautada na liberdade religiosa, a maioria dos signatários de 1776 eram mesmo homens de fé, pertencentes a diversas igrejas, todas elas cristãs. Os “pais fundadores” são relembrados não pela ação política, mas por sua orientação religiosa. De forma paralela, o jornal “Correio do Ceará” procura demonstrar todos os males oriundos do esgarçamento entre religiosidade (moral e santidade) e a sociedade (guerra e paz).

No caso do jornal “O Nordeste”, esta diretriz fica ainda mais evidente, pois minuciosamente detalhada e afirmada na participação editorial de Padre Tabosa, ou na exaltação da missão da “boa imprensa” (católica cristã). Entre os assuntos escolhidos pelo padre para comentar nos editoriais de primeira página estão as questões da virtude da mulher no casamento e o papel da família diante das práticas modernas.

Na sua crônica quase que diária do jornal “O Nordeste”, em setembro de 1924, Padre Tabosa deixa muito claro quais são as suas preocupações: os desafios da família diante da modernidade, destacando a degeneração da autoridade paterna frente aos seus próprios pecados (o vício, a jogatina, a infidelidade, a blasfêmia e o não cumprimento dos mandamentos de Deus); a degeneração da mãe frente aos seus erros: vício, infidelidade, descuido do lar; e a constatação de que os filhos estão entre o perdão aos pais pecadores e a ignorância de Deus, levando-os a serem também pecadores. Seu objetivo é alertar às gerações anteriores sobre o imperioso dever de não perder a autoridade do homem, a virtude da mulher e a orientação da juventude de acordo com os preceitos da fé e da religião cristã.

A familia moderna atravessa momentos difficilimos, situação creada pelo seu abandono das coisas de Deus. O nosso espirito, entregando-se às consciencias investigações do passado descobre logo aquellas epochas felizes em que o pae era o verdadeiro rei do lar, onde oferecia a Deus todos os dias o incenso das preces fervorosas de seus filhos. (...) é necessário mesmo que reflectamos seriamente sobre essa questão urgentíssima que ofereço à meditação dos culpados para que se corrijam e dos inocentes para que se acautelem e não se precipitem no abysso de tamanho mal, de tamanha

desventura [que é o tempo da modernidade, poderíamos completar]. (*O Nordeste*: 04/09/1924, p. 01. Grifos meus entre colchetes).

Noutra crônica, do mesmo Padre Tabosa, agora sobre a relação entre as capacidades cognitivas e raciais de desenvolvimento das mulheres, seu desenvolvimento intelectual e técnico e a falta de virtude que leva aos divórcios, por exemplo, o clérigo fortalezense faz a defesa do casamento, dizendo, inclusive, que a virtude independe da técnica, da raça e da inteligência, haja vista ser os Estados Unidos o maior difusor de ideias feministas... E de divórcios! De fato, para o autor, “O nosso século vai realizando uma verdadeira revolução no amplo mundo do feminismo”, sendo esse “um problema demasiado complexo” (*O Nordeste*: 29/05/1926, p. 01).

O ponto mais curioso, no entanto, diz respeito ao editorial em defesa da ação do jornalismo de orientação católica, como a “boa imprensa” (título da matéria), a “imprensa séria”, comprometida com a defesa da “ordem”, com o “respeito à autoridade” e a “obediência à lei”. Dessa forma, “Os Bispos brasileiros” criaram o dia da boa imprensa, como forma de guiar o povo, maioria católica, porém não instruída decentemente, pelos caminhos da caridade, obediência e patriotismo. Esta é a justaposição de ideias defendida pelos jornais católicos, como se apreende da passagem a seguir:

A Igreja empenha-se, com o maior carinho, na empresa de orientar a opinião collectiva, por meio de uma imprensa moralizada e sã. Em toda a parte do mundo culto, o jornalismo catholico recebe as mais inequivocas demonstrações de cuidado e apreço, dos responsaveis pela direção religiosa do povo. É que o jornal é o pulpito moderno, que leva as verdades da Fé e as virtudes christãs a todas as camadas sociaes. (*O Nordeste*: 02/02/1926, p. 01).

O interessante é que para se enfrentar os desafios da modernidade, tais como o afastamento da religião da política, a quebra da autoridade paterna e materna, além dos movimentos sociais que questionam os papéis tradicionais da mulher no seio da família e da sociedade, deve-se valer da “boa imprensa”, mesmo que ela seja concebida como “púlpito moderno”, mas para reafirmar os valores tradicionais da Igreja. Assim, uma diretriz cristã não entra necessariamente em contradição com o encargo moderno e comercial da nova imprensa fortalezense dos anos 1920 – o lugar próprio para a vulgarização de qualquer discurso moderno.

Nesse sentido, o colaborador do jornal “O Nordeste” no Rio de Janeiro, Soares D’Azevedo, numa crônica sobre a “epidemia” do futebol e do culto aos músculos, faz uma crítica do esporte à luz de ideias como o “bem da Pátria e o bem da Igreja”, reconhecendo a importância do desenvolvimento muscular, mas advertindo sobre aquilo

que o autor considera como o retorno aos “tempos pagãos das Olimpíadas”. O autor afirma seu trabalho como a própria definição daquela “boa imprensa”: “Ninguém de boa fé negará que os meus trabalhos de imprensa outra cousa não visam sinão o bem da Patria e o bem da Igreja” (*O Nordeste*: 21/07/1926, p. 01). É necessário, portanto, falar do futebol sem cerimônias, mas visando o bem da sociedade (Pátria e Igreja).

O jogo de “foot-ball”, por exemplo, chega a constituir no Brasil uma verdadeira epidemia. Não ha cidade sem seus clubes, os seus campos, as cores de cada partido e acerrimas e não raro irritantes discussões em torno de uma victoria ou de uma derrota. Os jornaes diarios consagram paginas inteiras ao desporto, ha profissionaes para esses jogos, constituem-se premios de valor para o partido que vencer, chega mesmo a haver cumes internacionaes em campeonatos internacionaes, como aconteceu, não ha muitos meses, na Republica Argentina, em jogo feito por brasileiros, argentinos, uruguayos e chilenos. Ora, não sou eu quem vá agora diminuir ou amesquinhar a importancia dos exercicios physicos (...). Tenho notado, porem, que, com o desenvolvimento do desporto, está decaindo a cultura. O dominio da materia esta prevalecendo sobre o do espirito, o dominio da força bruta sobre a delicadeza moral, ou como diz uma publicação argentina que tenho sob os olhos “a cultura do osso e do musculo sobre o intelecto e a vontade” (...). Quantos dos nossos desportistas mais em evidencia entendem que devemos robustecer o corpo para assim mais bem servirmos à alma? Quantos entendem que o corpo nada mais deve ser que um humilde servidor do espirito? Quantos consideram que o que fazemos aqui neste mundo deve ser só uma manifestação do nosso amor e reconhecimento a Deus: amá-lo e serví-lo como Elle merece e quer que o amemos e sirvamos? (...). Tendo eu occasião de apresentar estas considerações, faz alguns dias, aos socios de um clube de “foot-ball”, receberam-nas com quatro pedras na mão... Não voltamos assim aos recuados tempos pagãos das olympiadas? (*O Nordeste*: 21/07/1926, p. 01).

Já comentamos no primeiro capítulo sobre a questão eugênica e pedagógica da melhor maneira de desenvolver o “corpo” e o “espírito”, apresentando os embates em torno das posturas tradicionais (separação entre as duas modalidades de desenvolvimento humano) e modernas (desenvolvimento correlato do corpo, do espírito e do intelecto) na aceitação dos esportes. A novidade dessa discussão fica por conta do papel a ser desempenhado pela imprensa, conciliando a estratégia de utilizar “o púlpito moderno” como instrumento de defesa dos bons valores tradicionais da ordem e da Igreja, no caso dos periódicos de orientação cristã. De fato, cobrir o jogos, organizá-los e apreciá-los não é necessariamente contraditório à defesa dos bons costumes, desde que não seja impedimento para o desenvolvimento moral e intelectual da juventude, por exemplo; ou, como no caso do editorial do jornal “Correio do Ceará”, não seja empecilho para o desenvolvimento do trabalho, em matéria escrita pelo padre francês Dubois.

Duas entidades disputam-se a primazia dos affectos modernos: o sport e o carnaval. Chegam até a ser grafados com maiuscula, mas eu, que aos idólos actuaes não ofereço incenso, continuo a ver nestas palavras nomes muito

communs (...). O “foot-ball” está se tornando um fim e não um meio. Ha profissionaes do jogo bretão como temos especialistas em salcicharia. Um divertimento relativamente intelligente passou a officio. A enxada, o terçado, a foice, com que o camponio lavra a crosta da bola terrestre, dão mais vigor do que couces numa bola de couro, e, além da robustez, a lavoura produz arroz, farinha, batatas e feijão, quando o “foot-ball” nada deixa, a não ser alguns gallos inaproveitaveis (...). O sport é, hoje em dia, um luxo, quando devia ser um passatempo em dias de folga. O melhor dos sports é o trabalho, é a officina, é o campo, é a roça (...). Eis o sport que devemos seguir, porque é produtivo para todos: o trabalho. (*Correio do Ceará*: 01/03/1921, p. 01).

Além da ameaça que por ventura o futebol pudesse representar ao desenvolvimento moral e intelectual, a possibilidade de sê-lo efetivamente uma atividade profissional, um ofício para além das horas de lazer e divertimento, fazia com que a imprensa comprometida com os valores tradicionais da Igreja também subisse ao “púlpito” para denunciar o mal que o esporte representa para a seara do trabalho, transformando o culto ao corpo em atividade sem proveito para vida em sociedade. Dessa possibilidade sem cabimento, o trabalho tradicional seria a melhor forma de desenvolver o corpo, se constituindo, nesse sentido, o melhor esporte possível, pois supriria ao mesmo tempo as necessidades sociais e transformaria o homem em verdadeiro “colosso”.

Aqui fazemos alusão novamente àquela questão percebida por Nicolau Sevcenko (1992) na constituição das metrópoles modernas, quando para além da questão da migração, do rompimento com as formas tradicionais de vida em comunidade (os “desenraizados no espaço”), existe o embate geracional, em que os setores tradicionais (os “desenraizados no tempo”) resitem ao bombardeio de práticas e atividades novas, tais como o futebol, o cinema e a imprensa. Nesse jogo, as polarizações sugeridas até aqui entre “antigos” (ou “tradicionais”) e “modernos” indicam mais orientações políticas e formas de ver o mundo, do que contradições fundamentais. Os jornais “O Nordeste” e “Correio do Ceará”, portanto, possuíam encargos modernos, ao desbravar as possibilidades da imprensa, porém, suas diretrizes eram mais que tradicionais, se pensamos às ressalvas que seus editoriais emitiam em relação ao esporte, por exemplo.

\*\*\*

De outro ponto de vista, os jornais “A Esquerda” e “O Povo”, fundados em 1928, apresentam orientações e diretrizes diferentes àquelas postuladas pelos periódicos fortalezenenses comprometidos com o pensamento cristão.

Sob o título de “Imprensa Nova”, o editorial de abertura do jornal “A Esquerda” procura conciliar a atividade jornalística, defesa da moralidade e combate aos poderosos

e ricos brasileiros, numa análise de conjuntura da situação do Brasil republicano e seus levantes insurrecionais contra o governo, sendo colocado em destaque a figura de Luís Carlos Prestes e a revolução paulistana de 1924. Entre outras coisas, o editorial analisa, promete e se filia à esquerda combativa brasileira, encarnada na figura de Prestes.

A Revolução de 1924, irrompida na capital paulista, si não venceu materialmente o governo constituido, realizou, contudo, o milagre de despertar o paiz da letargia enervante que se encontrava até então, resignado e vencido à opressão e à vontade dos déspotas quadrienaes (...). A ESQUERDA, com seu apparecimento, encarando o fremito da renovação que sacode os nervos de todo o paiz, vem corajosamente enfileirar-se ao lado dos que ainda não se resignaram à situação ignominiosa de captivos (...). A ESQUERDA, não ha duvida, será mais uma voz a erguer-se, mais um protesto a levantar-se; no pântano em que nos afundamos, explorados por uma sucia de espertalhões e gatunos, que a indiferença popular guindou oas mais altos postos da Republica (...). Prestes, no exilio, symbolisa o espirito forte que nos anima (...). Somos dos que enxergam no general rebelde a mentalidade sadia, o caracter puro, em torno do que fervilham os nossos anseios de moralisâo e de reconstrucçao. Que o vidente, o iluminado ora perdido no inferno verde dos sertões bolivianos – oriente os nossos passos na batalha que hoje iniciamos! (*A Esquerda*: 25/01/1928, p. 01).

Se colocando como uma nova imprensa, os editores do jornal “A Esquerda”, entre eles Jáder de Carvalho, buscam uma renovação da sociedade e da política nacional, justapondo valores como a revolução operária, o nacionalismo e a moralização dos costumes, principalmente a corrupção por parte dos políticos. Não é à toa, por exemplo, que esse periódico, assim como aqueles de direção cristã, combata a imoralidade, muito embora ela apareça sob outro ponto de vista, que não seja o combate ao futebol de rua, por exemplo, mas aos “bolcheviques burgueses” ou à falta de combate da polícia ao consumo de drogas<sup>61</sup>. No primeiro dos dois casos, Jáder de Carvalho, em sua crônica quase diária, fala sobre a relação entre “comunistas”, políticos e operários.

Eram cinco ou seis homens. Entraram a redação d’ “A ESQUERDA” com desembaraço e naturalidade, como se transpussem a porta da propria casa (...). Estenderam-me a mão callosa e convidaram-me, commovidamente, para um “meeting”. Elles iam promover um comicio na praça publica só de operarios, em que Mauricio lhes falaria. (Mauricio de Lacerda! Como o prestigio deste nome poude acordar a alma do proletario)! Não me disseram porque assim agiam, porque se lembravam da palavra do agitador. Eu, porém, não li no silencio dos visitantes sinão isto: uma desilusão dos nossos homens. Elles estavam cansados da exploração catholica e da mentira dos atheus. Até hoje não passaram de victimas: victimas dos patrões e victimas dos pseudos defensores do operariado. Aqui continuou sua mudez – os bolcheviques são burguezes disfarçados. Vivem, tem vivido em nosso meio apenas farejando! Farejando uma posição política! Dizem-se communistas (...). Pregam, falsamente, a revolução (...). E sem que eu nada perguntasse nada aos cinco ou seis homens, elles, ainda mudos, me responderam: Os communistas? ... Lá estão elles... explorando o apostolo! (*A Esquerda*: 11/08/1928, p. 04).

---

<sup>61</sup> Ver *A Esquerda*: 16/08/1928, p. 02.

Tendo como diretriz o engajamento na causa da classe operária e sua sublevação contra os patrões e as formas de submissão impostas pelo regime do trabalho e da política institucional, a própria cobertura da crônica esportiva do periódico “A Esquerda” ganha maior caracterização dos momentos de lazer nos jogos suburbanos. Esse comprometimento foi demonstrado no capítulo primeiro, sendo este jornal um dos principais veículos de informação sobre o futebol não oficial em Fortaleza. Curiosamente, a matéria mais evidente da diretriz operária do jornal, sobre futebol, é uma curta notícia pelo telégrafo, intitulada “Foot-ball e trabalho”. Nela, é informado que o “syndicato dos trabalhadores” de Natal “fundou, na sede de sua associação operaria, um gremio de foot-ball.” (*A Esquerda*: 07/03/1928, p. 03).

Ao se analisar o jornal “O Povo”, outra relação entre imprensa e política; imprensa e futebol podem ser percebidos. Na primeira edição do jornal, de 07 de janeiro de 1928, abre o editorial, pronunciando a existência de um novo periódico, justificando-o em termos de suprir também uma nova necessidade: informar o público na mesma velocidade vertiginosa da modernização em curso no mundo – e em Fortaleza.

Contrariamente ao pensamento de muitos, nunca será demais um novo jornal. A complexidade da vida moderna, já por si, justificaria a preferência dos periódicos sobre os livros. A vista não mais se apura no estudo paciente e methodico dos gabinetes, mas limita-se a percorrer titulos e a deter-se onde encontra o assumpto escolhido pelas necessidades materiaes e mentaes de cada momento. (*O Povo*, 07/01/1928, p. 01).

Claro está que entre estes “assuntos necessários” encontra-se o desporto (e o futebol), mas também fica claro uma seleção consciente dos jornais daquilo que representava suas visões de mundo política e social. No caso da trajetória do jornal “O Povo”, esse compromisso social do periódico é constantemente exaltado. Na mesma edição, na mesma página do editorial, o diretor de “O Ceará” (J. Ibiapina) declara em carta aberta sobre o novo jornal e sobre Demócrita Rocha (fundador e diretor), o seguinte: “pelo que reconheço da tua atuação quando collaborador do O CEARÁ, domina-me a certeza de que, no leme do novo periodico, has de ser um defensor ousado e intelligente de todas as causas populares.” (*O Povo*, 07/01/1928, p. 01). É interessante que, logo de início, seja possível vislumbrar uma associação entre modernização e defesa das causas populares, por mais que isto pareça antagônico, como projeto político e de transformação social defendido pelo novo jornal. Daí se pergunta qual é este propósito político, ou como o futebol dá a percebê-lo.

No ano de 1930 é possível se estabelecer uma conexão entre imprensa, política; desporto e futebol. No auge da campanha eleitoral para o cargo de presidente da

República, a realizar-se no mês de março, publicam-se várias matérias, em fevereiro, sobre as caravanas do partido liberal, partido este ao qual se alinha abertamente ao jornal. São publicados artigos sobre as visitas das caravanas na cidade, transcrições sobre os discursos (inclusive de Demócrito Rocha), um hino em homenagem a Getúlio Vargas, crônicas em teor crítico às oligarquias estaduais, etc<sup>62</sup>. Mas há um alinhamento peculiar nesta campanha/cobertura política, sinalizando uma modernidade política em consonância com uma sociabilidade de teor bastante distintivo, semelhante ao modelo desportista anteriormente visto no primeiro capítulo.

No dia 12 de fevereiro, a “Caravana do Norte”, liderada pelo deputado gaúcho Edgar Scheneider, chega à Fortaleza, sendo “visitados à bordo por uma comissão mixta do comitê liberal, do partido democratico e da imprensa liberal, os ilustres caravaneiros resolveram desembarcar...” (*O Povo*, 12/02/1930, p.01). Desembarcaram, foram recebidos pela imprensa (entre eles Paulo Sarasate, representante do jornal “O Povo”) e se encaminharam para almoçar na “*Rotserie Sportman*”, onde discursaram e terminaram o encontro. No mesmo dia o jornal publica uma nota de Edgar Scheneider, dedicada a este vespertino. Diz a nota:

Ao brilhante vespertino O POVO deixo expressa, nestas linhas a minha admiração pela maneira galharda com que vem predicando dia-a-dia, as grandes conquistas liberaes da actualidade brasileira. É bem o espelho da opinião publica que se depara nas suas colunas, onde se produz a animação vibrante e altaiva do apostolado democratico, que no povo cearense, teve sempre um nucleo pujante de concentração e irradiação cívica de nacionalidade. (*O Povo*, 12/02/1930, p.01).

Aqui novamente é reafirmado o compromisso político e social do jornal, a saber: alinhamento com o partido liberal e compromisso com a defesa da democracia, da opinião pública e da pátria. No entanto, a pompa discursiva possui brechas. No mesmo dia, a “*Rotserie Sportman*”, restaurante escolhido pela imprensa liberal para o almoço, tem publicado sua propaganda, dizendo que é “O melhor e maior hotel do Ceará actual”, pois é “O ponto mais central da capital e de reunião da fina flor da sua sociedade. (...) e é o que de melhor oferece a sua distincta e numerosa freguesia, pelos menores preços.” (*O Povo*, 12/02/1930, p. 02). Além do apelo fortíssimo ao fator distintivo da sua freguesia (em termos de laços de sociabilidade), expresso literariamente e ideologicamente através da palavra “*sportman*”, esta propaganda revela um lugar de poder: “o ponto mais central da capital”.

---

<sup>62</sup> Ver: *O Povo*, 12/02/1930 à 01/03/1930.

Um dos aspectos que demonstram o centro da cidade como uma região concentradora de poder e status é o abandono do carnaval de rua e seu concomitante ingresso nos clubes sociais fortalezenses sediados no centro, “os foliões abonados buscavam espaços fechados que lhes pudessem conferir poder, status e prestígio social.” (BARBOSA: 2007, p. 142. A própria “*Rotserie Sportman*”, compartilhando esse ideal distintivo, se localizava no mesmo prédio de um clube (Iracema), antigo Palacete Ceará, na Praça do Ferreira, Rua Floriano Peixoto (BARBOSA: 2007, p. 130). Assim, política, sociabilidade e ação jornalística ganhavam um mesmo caráter esportivo (distintivo).

Esta sociabilidade e lugar de poder aparentemente contradizem o discurso liberal, mas caracterizam perfeitamente a perspectiva autoritária da política brasileira na manutenção de uma elite administrativa, mesmo que se queira renovadora e moderna. Vale dizer também que quatro dias depois (domingo, 16) foi a vez da “Caravana Luzardo” ser recepcionada pela imprensa liberal, em banquete no “Club Diários”, salientando a concepção e o tipo de sociabilidade desejada por esta nova política liberal, democrática e defensora da opinião pública: ostentação, status, distinção. (*O Povo*, 14/02/1930, p. 05; e 18/02/1930, p.p. 01-02). A manutenção dessa perspectiva elitista das práticas e eventos sociais também é prolongada até a relação entre imprensa e futebol.

Entre 1928 e 1930, o jornal “O Povo” publica notícias sobre os esportes através de sua coluna desportiva, comentando e anunciando jogos, mas mais do que isso, falando dos clubes como órgão social, de distinção. Como, por exemplo, no dia 14 de janeiro de 1928, onde o jornal convoca os sócios do Fortaleza para as eleições de sua diretoria. (*O Povo*, 14/01/1928, p. 05). O mesmo acontece com o Maguary, mas com maior intensidade. Na manchete de 13 de Fevereiro de 1928, o “Sport Club Maguary” organizava uma festa de carnaval com direito à partida de futebol entre casados e solteiros, seguido de baile à fantasia, onde os sócios eram convidados. (*O Povo*, 13/02/1928, p. 05).

No ano de 1930, as relações entre “O Povo” e o “S.C. Maguary” se mostram ainda mais intensas. Num ano de eleição presidencial e de Copa do Mundo, onde a coluna desportista do jornal não publica notícias sobre a seleção e o mundial, e em meio aos preparativos da recepção da “Caravana Luzardo”, o “S.C. Maguary” convoca o diretor de “O Povo” e sua família para “vesperaes” do clube, no mesmo domingo do banquete oferecido no “Club dos Diários” (16/02/1930).

A directoria do ‘SPORT CLUB MAGUARY’ tem a sabida honra de convidar V. Excia. e Exma. familia para abrilhantarem com suas honrosas presenças a Reunião Familiar com que esse Club, em sua sede, à rua Major Facundo, 72, sobrado, inicia no presente anno íntimas vesparaes mensaes das famílias de seus sócios... (*O Povo*, 14/02/1930, p. 05).

Neste convite ficam evidenciadas as pautas da agenda de um diretor como Demócrita Rocha, que vê no futebol e no desporto certo alinhamento com os propósitos de uma reforma política. O interessante é que mesmo antes da apropriação do Estado e da imprensa para construção oficial do futebol em termos de identidade nacional, já existia uma aproximação e estreitamento social entre futebol e imprensa. Neste sentido, o futebol, a crônica desportiva e a imprensa metaforizam, através de representações e visões de mundo, aspectos vários da consciência de se estar em um mundo novo, modernizado, urbanizado e habitado por homens “desenraizados” (SEVECENKO, 1992). Não é a toa que o futebol é ao mesmo tempo ferramenta de distinção social das famílias abastadas e inserção social dos marginalizados nas práticas de lazer esportivo.

## 2.2 – A especialização da crônica esportiva.

*13 de julho*

Sete dias sem uma nota, um fato, uma reflexão; posso dizer oito dias, porque também hoje não tenho que apontar aqui. Escrevo isto só para não perder longamente o costume. Não é mau este costume de escrever o que se pensa e o que se vê, e dizer isso mesmo quando não se vê nem pensa nada. (ASSIS: 1962, p. 102).

Nessa passagem do livro de Machado de Assis, “Memorial de Aires”, todo ele escrito como se fosse um diário de memórias, muitas das características deste romance lembram outros gêneros de escrita, tais como a carta e a própria crônica. A esse respeito, Sidney Chalhoub, Margarida Neves e Leonardo Pereira (2005, p.p. 17-18) apresentam o processo de consolidação da crônica, enquanto gênero literário no Brasil, como uma modalidade de escrita marcada pelo hibridismo entre variadas formas de linguagem, inclusive não literárias, como a música e o desenho.

Portanto, este trecho escrito pelo “personagem-escritor” de Machado de Assis – o sexagenário Aires –, muito embora não se trate de uma crônica, traz consigo várias características semelhantes que ajudam a definí-la conceitualmente. Tais como leveza, despretensão, simplicidade, brevidade, diversão, graça, improviso, cumplicidade de quem escreve com quem lê, desejo de realidade do autor, o ímpeto por escrever novidades e a aproximação com a tradição de escrita epistolar (CHALOUB; NEVES & PEREIRA: 2005, p.p 09-11).

Além disso, existem aproximações até do ponto de vista funcional, pois o personagem do memorial que conta a história do romance assemelha-se bastante ao papel desempenhado pelo pseudônimo<sup>63</sup> na crônica, assim como a tarefa de contar os acontecimentos cotidianos se torna “uma difícil arte”, “de dizer tudo, não dizendo nada”, numa definição aproximada de José de Alencar dos desafios de se aventurar em tal gênero literário (**apud.** CHALOUB; NEVES & PEREIRA: 2005, p. 11).

No entanto, a razão de ser da crônica no interior do jornal faz toda aquela leveza, despretensão e improviso, expressas na frase acima citada, de não ser “mau este costume de escrever o que se pensa e o que se vê, e dizer isso mesmo quando não se vê nem pensa nada”, se transformar “num martírio de quem é obrigado a escrever sempre as mesmas cousas novas sobre semanas que se parecem com irmãs gêmeas”, no dizer de Olavo Bilac (**apud.** CHALOUB; NEVES & PEREIRA: 2005, p. 15).

---

<sup>63</sup> O escritor Coleho Neto definiu da seguinte forma, o pseudônimo na crônica: “Caliban evidentemente não seria substituído na capa de uns volumezinhos brejeiros, por Coelho Neto, está claro.”, pois o pseudônimo “não é bem um disfarce, uma máscara”, mas parte de um perfil e programa escriturário. (**apud.** CHALHOUB; NEVES & PEREIRA: 2005, p. 13).

Assim, por se tratar de um gênero literário em vias de consolidação no Brasil, entre o último quartel do século XIX e primeira metade do século XX, a sua prática, assim como os folhetins, vai ser exercida no interior do campo jornalístico. Mais uma vez é Olavo Bilac quem dimensiona o desconforto de se relacionar com o público leitor mediante a diretriz comercial dos periódicos, indicando também alguns dos desafios da produção cultural dos homens de letras em relação à domesticação e apropriação de seus escritos pela indústria cultural.

Um cronista vive sempre no apuro dos empresários que, tendo pouco pessoal e pouco dinheiro, têm de servir ao público peças de grande espetáculo, exigindo volumosas massas corais e movimento extraordinário de comparsaria. (*apud*. CHALOUB; NEVES & PEREIRA: 2005, p. 15).

Para Sergio Moura (2008), esse desconforto se encontra na situação híbrida a qual se submetia o escritor em sua jornada de afirmação profissional como homem de letras, pertencente ao campo literário. Para este autor, a vivência e a experiência profissional do “escritor-cronista” e do “escritor-jornalista” ocorria na interseção de dois campos: o literário e o jornalístico.

Escritores e jornalistas dedicados à crônica têm identidades em contato, e, muitas vezes, se confundem totalmente: eles fazem parte, na realidade das letras, especialmente durante a primeira metade do século XX no Brasil, de um fecundo cruzamento de campos bastante distintos: a literatura e o jornalismo. (MOURA: 2008, p. 04).

Assim, para “viver da pena” durante a primeira metade do século XX, o escritor em ascensão deveria tentar se inserir no campo profissional de forma bem sucedida, mas também conseguir sucesso em sua inserção social. Se a condição da primeira tarefa já era bastante inglória, sendo o produto de sua arte nem sempre controlada por artistas, mas por empresários, no batente da imprensa e atendendo às suas diretrizes, como afirma acima Olavo Bilac – e também como procuramos demonstrar no subcapítulo 2.1 –, a condição literária de sua ação jornalística não era de todo perdida, pois a própria identidade de escritor e, subsequentemente, o reconhecimento entre os seus pares de pertencer ao campo literário, perpassava a ocupação de determinados espaços de sociabilidade, incluso os bares, os cafés, as conferências, os “*meetings*” e a própria crônica, como um passo inicial na carreira.

Dessa forma, “A literatura constitui em si uma atividade; não só ela mantém um discurso sobre o mundo, como também gera sua própria presença nesse mundo” (MOURA: 2008, p. 04). Podemos conceituar o campo literário assim, de forma geral, mas em paralelo ao contexto do modo de inserção do escritor no campo profissional

existe a condição social de atuação e ocupação dos espaços e redes urbanas, como uma questão marcante da formação “paratópica<sup>64</sup>” do campo literário no ocidente.

São eles os boêmios, mas também judeus, mulheres, palhaços, aventureiros, índios da América... A condição do escritor oscila, pois, entre um lugar e um não lugar, entre a integração e a marginalidade; a literatura é nutrida da irredutível instabilidade entre a miséria e a riqueza (...). Assim também, torna-se compreensível o fenômeno da agremiação ou o da República das Letras (século XVII), os salões (século XVIII) e os cafés (século XIX). Nestes, a questão principal, cada uma a sua maneira, diz respeito ao modo de inserção do escritor no campo literário. (MOURA: 2008, p.p. 04-05).

Diante desse quadro, é interessante recuperar a assertiva de Gustave Flaubert, para quem “Quando se quer ganhar dinheiro com a pena, é preciso fazer jornalismo, folhetim ou teatro” (apud. MOURA: 2008, p. 06). A crônica, se alimentando inclusive das características dessas formas variadas de linguagem e expressão artística, vai se especializando no jornal, se estabelecendo nas colunas e páginas especiais destinadas a determinados públicos leitores (alvo). Dessa maneira, a especialização da crônica no interior do jornal pode ser apresentada da seguinte forma:

O vínculo com o jornal, ao assegurar a difusão do gênero, acabou por possibilitar também o aparecimento de colunas especializadas. O progressivo surgimento de seções específicas nos grandes jornais provocou a diversificação dos tipos de crônica, muita vez definida por seu caráter generalista (...). Assuntos como a política, o teatro, o esporte e a memorialística, embora se fizessem desde o início presentes na produção dos cronistas brasileiros, passaram a merecer seções próprias, pautadas por lógicas e regras específicas. (CHALOUB; NEVES & PEREIRA: 2005, p.p. 16-17).

No caso específico da crônica esportiva, cabe dizer que aquelas características de despretensão, simplicidade, brevidade e diversão – geralmente atribuídas às considerações de Antônio Cândido sobre o gênero literário da crônica, como quem afirma que “A sua perspectiva não é dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão” (apud. CHALOUB; NEVES & PEREIRA: 2005, p. 10), rebaixando-a ao nível “mais baixo” dos gêneros literários, pois comprometida com a vida comum e não com as grandes questões da vida humana – retornam à cobertura do jornalismo esportivo com mais vigor ainda, pois das atividades desenvolvidas pelo homem, em vários sentidos, o desenvolvimento corporal é o menos considerado, sendo a concepção moderna do “*mens sana in corpore sano*” bastante contestada pelos cânones da tradição do pensamento ocidental, seja em termos pedagógicos ou eugênicos. Daí se conclui que a crônica esportiva para se tornar reconhecidamente

---

<sup>64</sup> “De um topôs, espaço das condições materiais do escritor, é gerado um paratopo, localidade paradoxal em que o escritor tem de se relacionar de maneira particularizada com as condições de exercício da literatura de sua época.” (MOURA: 2008, p. 04).

literatura, passou primeiro por ampla contestação durante a década do modernismo, para somente depois, principalmente durante os anos 1940 e 1950, integrar o projeto de construção da nação brasileira (CAPRARO: 2007).

As linhas que seguem abaixo, não pretendem tanto pensar na condição “paratópica” do cronista desportivo em Fortaleza, ou apresentar autores reconhecidamente aprovados e integrados ao campo literário e que se valeram dos jornais, como fez André Capraro (2007), mas indicar alguns componentes textuais da coluna esportiva e determinadas funções em torno de sua crônica, tais como o pseudônimo e a autoria. Assim, aquela característica epistolar de se comunicar com o público leitor e de improviso, encontradas na citação do “escritor-personagem” de Machado de Assis, são percebidas com a mesma função, porém em texto integralmente jornalístico: “Por absoluta falta de espaço, deixaremos de publicar, hoje, a descrição do renhido encontro ‘America x Botafogo’, o que faremos amanhã” (*O Nordeste*: 25/07/1922, p. 02).

Detalhe, esse texto nem assinado foi, muito embora tenha sido as únicas duas linhas da coluna esportiva daquele dia no jornal “*O Nordeste*”. Não se tratava de literatura, ou de jornada pessoal no objetivo de alcançar o reconhecimento enquanto homem de letras, mas não deixava de ser crônica, nem de ser um texto integrante do processo de especialização desse gênero litero-jornalístico em Fortaleza.

\*\*\*

O processo de especialização da crônica esportiva pode ser percebido estruturalmente a partir dos tipos de textos jornalísticos que foram incorporados à coluna de esportes. No início da década de 1920, a “crônica desportiva” realizava descrições dos jogos, no entanto, a imprensa abria vários canais de interlocução com o esporte, em especial com o futebol, multiplicando as funções e usos dos textos em relação ao esporte. A partir de finais dos anos 1920, a página de esportes é criada, incorporando vários tipos de textos jornalísticos, desde o telégrafo até a publicidade.

Um destes textos jornalísticos eram os anúncios, convites e crônicas sobre a vida institucional dos clubes e federação esportiva em Fortaleza (a ADC). Esses textos geralmente eram publicados fora das “colunas desportivas”, como se fossem notícias diversas. O futebol era abordado a partir do viés institucional, aparecendo na forma de convocações e anúncios. A mais usual consistia nas convocações dos clubes e instituições esportivas para comparecimento em suas reuniões, festas e eleições – que

também podiam ser noticiadas após visita de um dos dirigentes esportivos à redação dos jornais, sendo escrita com as palavras dos próprios jornalistas. Normalmente eram nesses convites, convocatórias e anúncios que o autor registrava sua assinatura, seguida de seu cargo na diretoria do clube, como no caso do secretário do Fortaleza, sr. Sadi Picanço.

De ordem do sr Presidente, convido os srs membros da Directoria da “Associação D. Cearense”, para a sessão extraordinaria que se realizará na proxima quinta-feira, 18 do corrente, às 19 horas. Ficam igualmente convidados os srs Conselheiros para a sessão que se realizará no mesmo dia, logo após a sessão da Directoria. Fortaleza, 15 de janeiro de 1923. Sadi Picanço. (*O Nordeste*: 16/01/1923, p. 04).

No caso de serem escritos pelos jornalistas, os textos não eram assinados, mas deixavam bastante claro o caráter formal e oficial do texto com um: “O sr. Christoforo Borges communicou a esta redacção...<sup>65</sup>”; ou “Pede-nos o secretario do ‘America F.C’ levemos a conhecimento de seus associados e muito especialmente aos membros da directoria e dos jogadores de ambos seus quadros...<sup>66</sup>”. Poderia acontecer ainda uma combinação das duas formas de comunicar, quando o secretário de um dos clubes enviava por escrito o texto para ser publicado no jornal, como o caso do anúncio da formação de um novo clube esportivo em Fortaleza, no ano de 1923: o “Guanabara Foot-ball Club”:

Recebemos o seguinte: “Comunico-vos que, a 2 do corrente, foi fundada em esta capital, uma sociedade desportiva de *foot-ball* denominada ‘Guanabara Foot-ball Club’, com sede provisória na rua S Torquato s/n, e hoje creada sua directoria composta de 7 membros os quaes assumem as funções de seus respectivos cargos. (...). Aproveito a oportunidade para reiterar os meus protestos de alta estima e distincta consideração. Saudações cordiaes – *Raymundo Freitas*, 2º secretario. 6 de maio de 1923”. (*O Nordeste*: 21/05/1923, p. 03).

Outros assuntos poderiam ser motivo de publicação, para além das convocatórias e anúncios da vida institucional dos clubes e federação, mas guardando o mesmo caráter de informe oficial, como no caso de falecimento de alguém importante<sup>67</sup>, ou a mudança de alguma programação devido a questões de última hora, como a publicação de que o campo do Benfica não está mais disponível para os sócios, por exemplo, devido ao arrendamento do campo para particulares: “Previno aos seus associados que o Campo

---

<sup>65</sup> *O Nordeste*: 14/11/1922, p. 04.

<sup>66</sup> *O Nordeste*: 29/03/1923, p. 03.

<sup>67</sup> “Por motivo do falecimento hoje ocorrido, de um membro da colonia Anglo-Americanana aqui residente, deliberou a directoria d'este Club, em signal de pesar, transferir para outro dia a festa anunciada para a noite de hoje.” (*O Nordeste*: 01/02/1923, p. 03).

do Benfica foi alugado a particulares para uma corrida amanhã de manhã, não sendo, portanto a mesma oficial.” (*O Nordeste*: 10/02/1923, p. 03).

Além das matérias sobre a vida institucional dos esportes e clubes, existe uma segunda forma de texto sobre o futebol que se encontravam nas colunas de notícias diversas, eram as crônicas sobre eventos sociais e repúdio a determinadas práticas subversivas do jogo. Na primeira delas se fazia a descrição dos saraus, *meetings*, festas, homenagens, etc. que os clubes promoviam<sup>68</sup>. Na segunda forma, se realizava a crítica à prática do futebol fora do seu lugar específico de jogo, constituindo uma questão de limpeza urbana, moral e, portanto, segurança pública<sup>69</sup>. Detalhe interessante desse último modo de se escrever sobre o futebol e os esportes é que a coluna esportiva não integrou a questão da segurança pública em seus textos, ficando a cargo das notas policiais e de denúncias públicas realizadas por leitores e repórteres.

Daí deriva que tanto os clubes, quanto o jogo encerravam encargos e demandas sociais. Primeiro, cabe registrar que o objetivo das colunas sociais (de assuntos diversos) era promover e descrever a vida social fortalezense, representando a imprensa onde fosse lugar de distinção social – caso dos clubes de futebol e instituições esportivas – e criticando os espaços da cidade em que ocorriam transgressões à ordem, tal qual o jogo de futebol praticado por crianças “desocupadas” (“menores vagabundos”) nas praças e ruas da cidade.

No caso, a manutenção da ordem é uma primeira diretriz das colunas sociais, própria do jornal “O Nordeste”, empenhado em várias campanhas do gênero, seja contra o jogo, a prostituição, a bebida alcoólica, ou o futebol na praça<sup>70</sup>. Outra diretriz, diz respeito à função desempenhada pelo autor que assina seu nome: aquele que ocupa determinada função social de relevo (um padre, um literato, um cientista, um secretário de clube ou da ADC). O cronista, no caso, que não se apresenta literalmente e literariamente, não é considerado uma figura de relevo, apenas descreve, é apenas um “representante” do jornal.

Outra forma de texto jornalístico que aborda a temática do esporte e do futebol são os ensaios. Esse texto normalmente não aparece no interior da coluna esportiva,

---

<sup>68</sup> Sobre o caráter de distinção social do esporte, mediante as festas e eventos sociais promovidos pelos clubes, retornar ao subcapítulo 1.1 desta dissertação.

<sup>69</sup> Sobre a perseguição ao futebol considerado subversivo, principalmente aquele praticado nas ruas, avançar até o subcapítulo 3.1 desta dissertação.

<sup>70</sup> Ver em especial os meses de novembro, dezembro e janeiro, entre 1922 e 1923, no jornal “O Nordeste”, onde se desenvolve uma campanha maciça do jornal contra a desordem, o vício e a imoralidade no estado.

salvo a excessão das séries publicadas no jornal “Correio do Ceará”, de 1930, discutidas no primeiro capítulo. Normalmente, esses textos aparecem nas discussões de editoriais dos jornais, abordando as possibilidades proveitosas e perigosas do incentivo ao desenvolvimento do corpo, tema também abordado anteriormente já neste mesmo segundo capítulo. Estes ensaios sobre a educação física e eugebia social abordam as funções do organismo humano e a importância do desenvolvimento de uma educação não só intelectual e moral, mas também do corpo, sendo parte fundamental da definição conceitual das colunas e páginas esportivas, como sugere a repetição do adjetivo “desporto” em todas elas.

Falam também de alimentação<sup>71</sup>, desenvolvimento muscular e educação física. O interessante é que este tipo de texto tinha caráter fortemente pedagógico, debatendo sobre a degradação moral a partir da degradação do corpo, chegando a associar educação infantil e desenvolvimento muscular, educação e degradação/desenvolvimento da raça.

Não se trata de uma ideologia que influencia no jogo, como pretendi prevenir, mas de pensar as diferentes práticas discursivas em torno da educação física e posteriormente as suas representações, pois é diferente um governante que pretende o desenvolvimento físico e moral da pátria, de um atleta que desenvolve seus músculos, para um médico, ou dentista, ou professor, que pretende educar por meio da alimentação e do corpo.

É importante notar que a questão extrapola a oposição entre as classes sociais em busca de lazer. A classe operária em busca do lazer para além do trabalho, como incremento de novas práticas culturais; a classe dominante em busca do lazer em substituição ao trabalho, como elemento de desenvolvimento das funções musculares. É interessante notar, ainda, que se trata de procedimentos discursivos múltiplos, ora servindo para discutir a educação infantil, ora servindo para debater e combater a degradação da raça brasileira.

De forma geral, o objetivo destes ensaios é fornecer subsídios que justifiquem a prática esportiva como sinônimo de saúde, seja por meio da pedagogia e reforma do ensino, ou pela importância que os músculos e a alimentação possam desempenhar na formação de uma pessoa. Esta prática discursiva possui uma diretriz acadêmica,

---

<sup>71</sup> Ver *Cancha Desportiva*: 17/02/1940, p.p. 29 e 34. “O Valor da bôa alimentação”, extraído da revista “Ed. Física”. Não assinada.

científica, e é por isso mesmo que geralmente se assinam os nomes dos autores, ou se dá a referência de qual livro, ou revista veio a fundamentação do ensaio.

Salutar desta diretriz acadêmica é a passagem seguinte, muito embora seja um ensaio não assinado: “As sciencias biologicas interpretadas por homens eminentes como Gullick, G. Stanley Hall, McCurdy, McKenzie e Fisher, tem dado uma orientação a esta materia basica, estudando o indivíduo humano através da historia da raça”. (*Correio do Ceará*: 14/04/1930, p. 06. *op. cit.*).

A terceira forma de textos jornalísticos, para além dos ensaios e notícias sociais diversas, são as publicadas mediante as informações obtidas pelo sistema de comunicação dos telégrafos. São textos mais curtos, noticiando de forma rápida os acontecimentos esportivos de outras cidades brasileiras e internacionais, majoritariamente a vida esportiva da capital do país e os *raids* transatlânticos. Neste formato é que primeiramente são noticiadas as proezas da seleção brasileira.

Além disso, é através do telégrafo que se chega algumas polêmicas em torno do futebol, práticas políticas de atletas amadores e membros da Câmara e do Senado, tal qual o projeto de um vereador que queria proibir a disputa de jogos da seleção em solo da cidade do Rio de Janeiro.

Rio, 5 – Na Camara, os srs. Tavares Cavalcanti e Vicente Piragibe manifestaram-se favoráveis ao projecto Carlos Garcia, prohibindo, no Brasil, os jogos internacionaes de *foot-ball*. Os srs. Gonçalves Maia e Aristides Rocha declararam-se contra o projecto, afirmando que o *foot-ball* concorre para o engrandecimento do País, com o fortalecimento da raça. “A camara ocupa-se do foot-ball”. (*O Nordeste*: 06/10/1922, p. 02).

Ou a negação da delegação brasileira campeã do sul-americano de 1922 de receber qualquer prêmio em dinheiro, projeto de um senador da mesma cidade.

Rio, 27 – A Associação Brasileira de Desportos escreveu ao senador Benjamin Barroso, [autor?] do projecto concedendo 50 contos aos jogadores brasileiros que venceram o campeonato sul-americano de *foot-ball*, declarando que os mesmos não aceitarão qualquer premio em dinheiro.” “Os vencedores do campeonato não querem premio. (*O Nordeste*: 28/10/1922, p. 01).

São notícias que denunciam certos procedimentos, que representam certas práticas sociais tanto quanto dizem o que aconteceu, foi feito, quem fez, onde e como ocorreu tal jogo. O objetivo do telégrafo é informar e aproximar o mundo de Fortaleza. Sua diretriz é tecnológica, diz respeito ao incremento da velocidade da comunicação e informação, por isso a data antes de cada notícia.

Existem ainda os anúncios publicitários que gradativamente vão ocupando seus lugares nos jornais, mantendo-os, trazendo novidades técnicas e tecnológicas, como por exemplo, o próprio discurso de argumentação em favor do consumo de determinado produto, até a apresentação de um produto industrializado que substituiria os outros convencionais, ou retrógrados.

A “Quaker Oats” (nova tecnologia) se utiliza desta nova forma de texto jornalístico (técnica) para convencer que seus produtos possuem mais substâncias para o desenvolvimento do corpo. A base de argumentação é a possibilidade de resistir com maior eficácia à competição esportiva e social, contribuindo para a formação do homem. Nesse discurso tipicamente comercial, encontramos a propagação de ideias chaves da higiene social e da educação física, associando nutrição, desenvolvimento muscular e competitividade do cotidiano. “A energia physica provem do alimento. Para se tomar logar de destaque nos sports – nos negócios – na escola – comam-se alimentos ricos em energia. (...) Coma-se Quaker Oats todos os dias.” (*Correio do Ceará*: 12/04/1930, p. 02).

Existem ainda as empresas que se apresentam com seus nomes de fantasia vinculados ao esporte, como, por exemplo, a *Rotserie Sportman*. “O melhor e maior hotel do Ceará actual”, pois é “O ponto mais central da capital e de reunião da fina flor da sua sociedade. (...) e é o que de melhor oferece a sua distinta e numerosa freguesia, pelos menores preços.” (*O Povo*: 12/02/1930, p. 02. *op. cit.*).

Os exemplos se multiplicam, mas o interessante é novamente perceber uma prática discursiva, como determinado tipo de texto se vincula ao esporte, ao futebol e à imprensa, para depois perceber as suas representações sociais e visões de mundo. Neste período, o encargo publicitário é se associar às atividades sociais mais “avançadas”, argumentando sobre a eficácia de seus produtos na resolução de problemas cotidianos e “modernos”. Sua diretriz é comercial, promovendo e sugerindo interessantes pontos de convergência entre o esporte e o consumo. Aspecto que será muito explorado pela publicidade, já em meados dos anos 1920.

Por fim, existem as colunas esportivas. Nesse tipo de texto impresso as crônicas são o gênero escolhido. Um aspecto interessante é perceber o que os cronistas consideram importante para descrever uma partida, como, por exemplo, o horário de jogo, o lugar, a escalação dos jogadores, os árbitros, o comportamento dos torcedores, o grau de expectativa e entrega durante a competição, a ética da competição, os fatores

que interferem no calendário esportivo, qual a importância e o lugar da coluna esportiva no interior do jornal.

No entanto, o mais importante é que a crônica esportiva exerce certa função no próprio jogo. Se a imprensa ajuda a organizar o futebol, através dos canais de diálogo que abre com outros praticantes desse esporte (clubes, instituições, jogadores, torcedores/leitores, empresas), o jogador da imprensa é a crônica esportiva. Isso quer dizer que entre outras coisas as crônicas desempenham certo aspecto lúdico, que embora não sejam participes de uma competição, fazem da descrição do jogo, jogo com as palavras, metáforas do mundo social. Inclusive este é o sentido literal de uma metáfora, se referir a determinado objeto sem ser exatamente a coisa referida.

Neste aspecto, as metáforas de uma crônica de futebol são ao mesmo tempo representação social e procedimento.

Apesar do sol causticante, realizou-se, ante-hontem, às 8h,  $\frac{1}{2}$  da manhã, com uma assistencia selecta e numerosa, o penúltimo ‘match’ do campeonato do corrente anno entre as equipes do sympathizados ‘Guarany A. Club’ e do ‘Ceará S. Club’. O jogo, que ocorreu na melhor ordem possível, teve phases verdadeiramente sensacionais. O ‘Ceará’, que se encontrava bastante treinado, conseguiu brilhante victoria sobre seu leal adversario, que se não fora a pessima actuação da sua linha de ‘fowards’, não teria sofrido a derrota de domingo. Apenas se salientou da linha de ataque do ‘Guarany’ o seu meia direita Braguinha, que por varias vezes, fez perigosas investidas ao ‘goal’ do alvi-negro. A defesa Guaranyense jogou bem, principalmente Pinheiro, Vidal e Dico, este então assombrou, empolgou a assistência com as [maestraes?] defesas que fez. Terminou o jogo com a victoria do ‘Ceará’, pelo significante ‘score’ de 2 x 0, sendo que o 1º foi marcado por Abreu, 1 minuto antes de terminar o 1º ‘half-time’, e o segundo por Fox. Com o resultado do ultimo ‘match’, ficou o alvi-negro com o titulo de campeão de 1922, em virtude do que em sua sede social, realizou-se à noite de domingo grande *réco-réco*.  
*(O Nordeste: 03/10/1922, p. 03).*

Assim como são também objetivação de uma prática discursiva. Para Johan Huizinga (2008, p. 07), a linguagem também encerra certo aspecto lúdico, pois a convenção consciente do mundo é expressa por meio de um jogo de palavras, como é o caso da crônica esportiva. “Por detrás de toda expressão abstrata se oculta uma metáfora, e toda metáfora é jogo de palavras. Assim, ao dar expressão à vida, o homem cria um outro mundo, um mundo poético, ao lado do da natureza.”

As metáforas operam dentro de uma gramática própria do futebol e representam aspectos sociais dele, numa simetria singular das crônicas esportivas. Aspecto que se mantém no interior do seu processo de especialização, se modificando as convenções desta gramática (que podemos entendê-la originalmente sob os auspícios do amadorismo e, posteriormente, sob os auspícios da profissionalização) e o referente

representado (antes, clubes e jogadores distintos, depois, a própria nação e o jogador brasileiro).

Isto porque o cronista desempenha um papel, mesmo quando lhe empresta seu nome verdadeiro, de mascarar seu intuito de explicar os fenômenos sociais por meio de um gênero despretensioso<sup>72</sup>. Aliás, essa despretensão se mostra mais latente quando os pseudônimos aparecem, como é o caso de *Free-kik*, *Goalkeeper*, *Yllus* e *Jackie Fox*.

A falta de pretensão é a função ao mesmo tempo lúdica e estética da crônica esportiva, sendo esta a sua diretriz. Seu objetivo é descrever e representar o jogo, enquanto um acontecimento social e competição. Por isso os cronistas esportivos do período são tão adeptos dos pseudônimos, pois desempenham um papel, uma função enquanto autores (FOUCAULT: 2002; CHARTIER: 2012), que segue determinada diretriz, que é estética e lúdica. Segue abaixo um exemplo:

Em a tarde desportiva de domingo ultimo, teve lugar o termino do ‘torneio inicial’ da “A.D.C.”, encontrando-se no campo de peleja as aguerridas falanges do “Ceará” e do “America”. Iniciado o match, às 3h e 45 com a saída do alvi-negro, a luta travou-se renhidamente, estabelecendo-se o equilíbrio das forças. Os dianteiros cearenses ora procuravam a cidadela à guarda de Ubirajara; ora a linha americana investia ao posto de ZéLavor. As defesas de ambos trabalhavam denodamente, cortando avanços, interceptando *passes*. Em todos se via o desejo de vencer, dado o grande entusiasmo da pugna. Findo o tempo regulamentar, nenhuma das equipes apresentava vantagens sobre a outra, pelo que, às 4 horas, foi prorrogado o tempo por mais 10 minutos. Os assedios revesavam-se e a pugna tomava bellíssimos aspectos. De um lado, o sempre glorioso ‘Ceará’ procurava manter-se brilhantemente; do outro lado os valentes *players* do ‘America’ empregavam todas as suas forças para a victoria do seu clube. Eis, porém, quando, inesperadamente, Acrisio commete um *penalty* que vem garantir ao ‘Ceará’, o triumpho da tarde, pois batida a penalidade por Victoria, a pelota aninha-se nas redes rubras, marcando assim o primeiro e único ponto cearense. Os americanos esmorecem um tanto, posto que continuem a agir com brilhantismo, com denodo e ardor. Finaliza-se a partida, enfim, às 4 h e 10, ficando o ‘Ceará’ detentor da ‘Taça Acacia’, pelo que enviamos os nossos cumprimentos. O America, que é o 2º colocado no torneio, ficou possuidor da ‘Esphera Lourenço Eiras’ e é merecedor também dos nossos encomios pela maneira brilhante com que se portou nas pelejas, claramente provando o seu denodo, o seu innegável valor. *Yllus*<sup>73</sup> (*O Nordeste*: 03/05/1923, p. 02).

Crônica sobre a partida final entre Ceará e América pelo título do Torneio Início.

Destaque para o tom épico do jogo, onde duas falanges se encontram, se batem numa

<sup>72</sup> A crônica é despretensiosa como jogo e como gênero literário. Segundo Sidney Chalhoub et.al. (2005) a crônica é um gênero em formação no Brasil entre os séculos XIX e XX, marcadamente caracterizada por sua relação com a imprensa, seu tom brejeiro e casual, seu aparente imediatismo e interpretação das “cousas miúdas” da vida, mas que justamente por isso se torna um gênero difícil de fazer e estudar, pois não assume a pretensão que tem de forma direta, por se tratar de algo que se lê em alguns minutos e dura apenas um dia. Já Huizinga (2008), afirma que o jogo enquanto função na cultura tem como característica a liberdade e a autarquia, se justificando por ele mesmo, se caracterizando pela falta de pretensão material, muito embora algo ou alguma coisa esteja em jogo, muito embora seja encarado com seriedade e atenção.

<sup>73</sup> Personagem da mitologia grega, filho de Dárdano e Bátia.

batalha cheia de movimento, ritmo, equilíbrio, beleza, acaso e ética. Destaque para o jogo metafórico das palavras para denotar os efeitos de equilíbrio, luta, beleza e ritmo, salientando que estas metáforas são próprias do procedimento estético e lúdico da crônica do período amador do futebol. Tais quais “cidadela à guarda”, “trabalhavam denodamente”, “grande entusiasmo da pugna”, “os assedios revesavam-se”, “a pugna tomava bellissimos aspectos”, “de um lado... do outro lado...”, “eis, porem, quando, inesperadamente, Acrisio commete um *penalty*”, etc.

Resta ainda comentar um último elemento que integra a estrutura do processo de especialização da crônica esportiva. Porém, esse elemento é externo à imprensa. Trata-se da fotografia, da percepção e do registro do jogo de futebol pela lente de uma câmera.

De forma simétrica, o futebol foi registrado, descrito e percebido tanto pela escrita quanto pela imagem<sup>74</sup>. E mesmo antes de ser incorporada à crônica esportiva, a fotografia já estabelecia certas aproximações com o texto escrito, principalmente no que diz respeito à descrição do futebol como atividade de distinção social, ou do esporte como elemento de desenvolvimento da raça (por meio dos músculos).

No entanto, neste período inicial, a fotografia indica certos procedimentos e certas representações (apresentação e ausência) que vazam a pompa discursiva. Os jogadores vestem toda a parafernália sagrada e pomposa do futebol, com suas chuteiras, camisas e bermudas; posam para as fotos como se fizessem parte de um corpo único: o time; sorriem, são flagrados em pleno campo de jogo, são campeões da cidade. Mas são mestiços, têm apelidos jocosos e jogam num campo de areia batida sem estrutura nem para receber a torcida num lance de arquibancadas.

A fotografia permite perceber dois procedimentos, um discursivo, da imagem de distinção social, o outro, de representação de como se processa a partida. Na imagem abaixo, estão perfilados da esquerda para a direita: Nonato, Thuríbio, Pirão, Roque, Arthur, Petter, Moacir, Calixto, Ju (os dois últimos não se sabe)<sup>75</sup>. Na fotografia a seguir, o time do “Fortaleza S. Club.”, campeão de 1924 do campeonato da ADC, é flagrado no campo do Benfica momentos antes do início do jogo.

---

<sup>74</sup> Se pensarmos na perspectiva de uma dimensão tridimensional da materialidade das representações visuais, tal como Ulpiano B. de Menezes (2000; 2003) pensou, a visualidade pode ser mediatisada entre objetos entre si, entre objetos e pessoas e entre objetos e pessoas mediatisadas por objetos. Dentre estes objetos mediatisados entre si, estão as linguagens escrita e visual. E estes objetos, claro, possuem usos e funções em suas relações. Para Manoel Luiz Salgado (2007), o próprio texto escrito possui uma visualidade do passado, permitindo pensar suas estratégias sócio-políticas.

<sup>75</sup> Fortaleza campeão de 1924. Foto do acervo “Fortaleza Sporting Club”, do Museu da Imagem e do Som do Ceará.



As representações sociais do futebol por meio da escrita também indicam certos elementos de como se processa uma partida de futebol, apresentando também vazamentos se comparados a prática discursiva e a representação da prática. O interessante deste momento inicial da relação entre texto e imagem é a comparação de seus procedimentos e representações, muito embora sejam diferentes. Quanto ao período em que a fotografia integra a própria crônica esportiva, mesmo que se relate com o texto como ilustração, segue o mesmo raciocínio, pois texto e imagem conformam a especialização desse gênero literário.

Quero concluir, ao fim desta descrição, que o processo de especialização da crônica de esportes se deu com a conformação de todos estes elementos em suas colunas, páginas e suplementos esportivos. E, muito embora, ainda não esteja esclarecido como esta estrutura da imprensa se relaciona com a profissionalização do futebol, nem o que esta profissionalização significa na prática, coisa ainda por descrever, entendo que as duas coisas (imprensa e futebol) caminham juntas, pois a mudança da estrutura da imprensa se deu por conta de uma mudança na gramática do jogo, que deixou de ser amador, passou a ser profissional, modificando os procedimentos e a prática discursiva da crônica esportiva.

## **- Cap. 3. – Futebol e identidades (1921-1930).**

### **3.1 – O futebol como síntese de identidades nas metrópoles: o futebol de rua.**

Futebol é um jogo para cavalheiros jogado por bárbaros. (WILDE. **apud.** FRANCO JR.: 2007, p. 33).

Talvez essa seja uma das questões mais intrigantes no que concerne às interpretações sobre o futebol, seja do ponto de vista da historiografia ou da memória: que o futebol seja um jogo escrito e pensado por cavalheiros e jogado por aqueles que não pertencem à aristocracia, mas à plebe, ao mundo do trabalho.

Várias são as fórmulas para se entender esta contradição principal do jogo, sendo a mais usual a que entende o processo de popularização do esporte como uma concessão dos ricos aos pobres, da elite aos trabalhadores. Assim, a interpretação ganha conotação mítica e teleológica.

Ficou a semente. Os ingleses que moravam em Fortaleza sempre incentivavam os rapazes da terra a dar início ao futebol e muitos já estavam motivados. Um dia apareceu uma bola. Fora trazida por José Silveira do Rio de Janeiro. O jogo ia começar. (LEITÃO, 2002, p.31).

O pai fundador, o livro de regras, a bola oficial, elementos tão importantes quanto a fundação dos clubes e ligas, explicam-nas mediante a ação missionária de filantropos do esporte. José Silveira organizou o “primeiro jogo” e trouxe a bola oficial do Rio de Janeiro em 1904; Alcides Santos trouxe a primeira bola oficial importada da Inglaterra, fundou clubes e ligas, comprou e arrendou estádios... Tudo isso no período 1914-1920.

A sequência dos fatos é o marco da intromissão “bárbara”, quando os jogadores dos times não compõem mais um belo quadro social. Para esse processo dão o nome de difusão, popularização e profissionalização do futebol, como se através da concepção e ação distintiva das ligas de futebol o esporte tivesse se difundido entre os pobres e os trabalhadores; como se mediante uma ideologia de preparação pedagógica elitista fossem lançada as bases para o ingresso do jogo e do esporte na seara do trabalho.

Aqui chegamos ao segundo tipo interpretativo usual, sendo esse ainda mais generalizado, contendo também as narrativas mitológicas sobre as origens. Trata-se da história do futebol como sinônimo da institucionalização do esporte. A difusão, popularização e profissionalização se resumem às trajetórias das principais ligas, esportistas e clubes. A história do futebol é associada ao processo de espetacularização e estabelecimento de patentes do jogo. Seja ele totalmente amador ou parcialmente profissional.

Que seja uma interpretação oposta à história “*from below*” a condescendência em relação ao papel das camadas populares e da classe trabalhadora, por parte das narrativas de memória, sobre a introdução do futebol no Brasil, o ponto fundamental dessa interpretação continua a ser a perspectiva de uma história oficial, ou quando pouco menos, institucional. Se recorrermos a outras formas de análises – que suplantem o nível das instituições do futebol – podemos encontrar quais problemas e quais contradições principais e fundamentais<sup>76</sup> são engendradas no processo de consolidação desse esporte.

Do ponto de vista de uma contradição fundamental, o futebol, em seu processo gradativamente mais especializado de espetacularização e criação de patentes oficiais, oporia o caráter cada vez mais coletivo do consumo e da prática de jogos de futebol ao caráter cada vez mais privado e concentrado da propriedade e gestão dos espetáculos. Trabalhadores, torcedores e jogadores se oporiam aos interesses da mídia, dos clubes e instituições reguladoras do esporte/espetáculo<sup>77</sup>.

No entanto, os pontos de enfrentamento concretos não são necessariamente aqueles que demarcam a essência das diferenças sociais e econômicas. No caso do futebol, ainda em gestação em Fortaleza durante a década de 1920, o ponto de enfrentamento principal era a concorrência do futebol da liga oficial com os times suburbanos; o combate ao futebol de rua, como sinônimo de vadiagem e deturpação de uma tradição esportiva; e a tradução de jogo estrangeiro ao vocabulário pátrio (cearense-brasileiro).

Do ponto de vista aqui sugerido, o futebol chegar aos subúrbios e ser objeto de interesse político dos trabalhadores foi consequência da própria ação da classe operária e da pressão exercida pelo futebol marginal aos interesses das redomas do futebol instituído. Muito mais do que se tem creditado pela história oficial e pela memória, esses setores tiveram papel chave na difusão do jogo pelas cidades brasileiras, retirando

---

<sup>76</sup> Em raciocínio paralelo a este, Jean-Pierre Vernant, ao falar da questão do modo de produção escravista na antiguidade e como ele é insuficiente para a compreensão da luta de classes, adverte sobre o caráter das diferenças e contradições concretas no que tange à política, economia, ideologia e sociedade. Para o autor é preciso ter cuidado, sublinhar: “a diferença entre contradição fundamental, correspondendo ao caráter específico de um modo de produção encarado em sua forma típica, e contradição principal ou dominante, marcando quais os grupos sociais que efetivamente se defrontam em tal momento definido da história, no contexto concreto de uma situação histórica particular”. (VERNANT: 2006, p. 08).

<sup>77</sup> “Na sociedade capitalista estudada por Marx, as contradições de classe, que opõem, no plano sócio-político, os proletários aos capitalistas, correspondem às contradições, que, nas profundezas da sociedade, opõem o caráter cada vez mais coletivo dos processos de produção (força de trabalho) ao caráter privado e cada vez mais concentrado da propriedade desses meios de produção (relações de produção).” (VERNANT: 2006, p. 09).

das elites o privilégio e a primazia da arte, muito embora sem fazer questão da gestão e da patente do esporte, ainda concentradas nas mesmas instituições sectárias do futebol de antanho (FA, FIFA, CBD, ADC, grande imprensa, etc.).

\*\*\*

Entre 1921 e 1928 algumas crônicas desarmônicas pululam em meio às séries de notas, telegramas e crônicas esportivas dos principais jornais da capital cearense: são as matérias de denúncia às desordens infanto-juvenis promovidas nas ruas de Fortaleza por conta do futebol. Esse tipo de texto, ao contrário da coluna social e da própria crônica sobre o futebol suburbano nunca entraram ou fizeram parte da tipologia da página especializada em esportes. Aqueles são textos sobre futebol, mas que se enquadram nas séries de denúncias jornalísticas às práticas urbanas degradantes e imorais da população, assim como os textos em combate à jogatina, à prostituição e à vadiagem infanto-juvenil. Essas crônicas contra o futebol de rua enquadraram-se exatamente nessa última gaveta funcional da escrita jornalística, as denúncias e as notas de controle da vadiagem.

Assim, numa quinta-feira do mês de fevereiro de 1921, o jornal “Correio do Ceará” trazia a seguinte nota de um leitor anônimo subscrito “Y”:

Sr. Redactor,

Em bem lembrado editorial do numero de terça-feira de vosso conceituado jornal, tratastes do importante assumpto concernente à infancia desamparada que se converte em crianças vagabundas, instando as nossas praças e ruas, sem que as autoridades competentes ao menos prestem aos factos a minima attenção. (*Correio do Ceará*: 03/02/1921, p. 01).

O editorial ao qual menciona o leitor/colaborador trata da movimentação do Instituto de Proteção à Infância de Fortaleza, indicando os números de dezembro do ano anterior sobre entrada, saída e óbitos da casa de assistência, que pode ser resumido no seguinte parágrafo:

Matricula geral, 16186; existiam em tratamento, 713; matricularam-se, 117; tiveram alta por curados, 91; deixaram de frequentar, 11; faleceram, 11, continuam em tratamento, 717; media de frequência diaria, 43; media de mortalidade, 1,32%. (*Correio do Ceará*: 01/02/1921, p.p. 01 e 06).

Prestando atenção à denúncia e às informações contidas nos dois textos, percebemos que há uma relação estreita entre a “assistência aos desamparados” e a boa ordenação dos espaços públicos, principalmente as praças, como questão norteadora das autoridades e da ação filantrópica, haja vista o “Instituto” ser uma casa benficiante, mas também ser mantida pelo Estado (PONTE: 1993). A filantropia tinha um significado tradicional, no qual a ação do cidadão era correlata da solidariedade e da caridade, assim

como a filosofia era a ação do homem em correlação com o discurso e o pensamento (ARISTÓTELES: 2006).

Como desdobramento deste ponto central do pensamento e da ação do governo e dos ilustrados, existe, de um lado, o abandono, a pobreza e as ações “desordeiras” das crianças e adolescentes, de outro, o desejo de controle e ordem de todos esses “vadios”. Com um agravante a mais, ainda do ponto de vista ilustre e institucional: a proporção elevada da população da cidade na condição de menor abandonado ou de menor vagabundo, o que no final das contas era algo muito parecido, dá à questão um tom alarmante, haja vista somente o número de residentes na casa de assistência em janeiro de 1921 representar 0,9% da população geral, que orbitava em torno de 78500 habitantes durante a década de 1920 (FAUSTO: 1994, p. 55). Quanto ao número da matrícula geral, 16186 crianças, levando-se em conta não haver reincidências, esse número representaria 20,6% da população da cidade na condição de menor assistido pelo Instituto de Proteção à Infância durante um ano.

Em 1924 o jornal “O Nordeste” publica nova atualização dos infantes assistidos pela casa benficiante, com números e taxas proporcionais bastante parecidas, incluso a taxa de mortalidade, assim como os números de matriculados, de curados e da matrícula geral. A única taxa diferente a se considerar entre os dois resumos diz respeito ao crescimento da evasão das crianças, o que levanta algumas suspeitas sobre o significado positivo do tratamento oferecido pelo instituto na experiência dos menores. Em janeiro de 1921 somente 11 infantes “deixaram” de frequentá-la, enquanto em outubro de 1924 esse número aumentara para 79.

O movimento do Instituto de Proteção e Assistência à Infância, durante o mês passado, foi o seguinte:  
Matrícula geral, 22.799  
Existiam em tratamento, 839  
Matricularam-se, 170  
Tiveram alta, por curados, 96  
Deixaram de frequentar, 79  
Faleceram, 8  
Continuam em tratamento, 826  
Media de frequência diária 44  
Media de mortalidade 0,812% (*O Nordeste*: 08/10/1924, p. 04).

Desta maneira, ainda com a nota à imprensa do leitor “Y”, clama-se pela instituição de um asilo para os “menores vagabundos” – título da matéria sugerido pelo jornal “Correio do Ceará” – e denuncia-se o cinema como uma prática imoral, que deve ser combatida em favor da realização do ensino profissionalizante e da inserção social. Seguem abaixo as passagens:

Funcionando em Fortaleza um Asylo de menores desamparados, lá seriam recolhidos os já menores vagabundos apanhados pela polícia nas ruas e os nasciturnos illegítimos, que actualmente, obtidos das mães por pessoas sem a devida idoneidade, entregam-se posteriormente à vadiagem.

Nem ao menos existe aqui, organizada, uma polícia de costumes a fim de não permitir que as crianças assistam nos cinemas fáceis as representações de fitas offensivas da moral e dos bons princípios.

Após a instrução primária indispensável, seriam aproveitadas nas escolas profissionais, ou orientadas no ensino secundário, quiçá no superior, de modo que, quando adultos, seriam entregues à sociedade homens de bem, ao em vez do que serão estes pequenos desgraçados que ao leito da sorte resvalam pelas sarjetas, em meio dos vícios, para o crime ou para o extermínio. (*Correio do Ceará*: 03/02/1921, p. 01).

O asilo, sob o pretexto da educação e da segurança pública, mais seria uma prisão ou depósito dos infantes indesejáveis para o convívio social, reunindo criminosos, vadios e “nasciturnos ilegítimos”. Um critério utilitarista é desejado, tendo em vista o progresso material da sociedade por meio da formação de “adultos de bem”, totalmente integrados às regras de convívio, ou quiçá, possibilitando o progresso intelectual através da formação em nível superior dos anteriormente menores abandonados. Em nome da marcha civilizacional, os ilustres clamam por esses benefícios.

Retirar toda esta franja populacional de menores desocupados, abandonados e vadios; policiar e adestrar os costumes segundo uma diretriz compatível com a religião católica; enfim, higienizar e ordenar os espaços e costumes da cidade e da população. Essas ideias chaves norteavam as aspirações dos setores ilustres da sociedade.

Muito embora não tenha vingado institucionalmente o desejo correccional em Fortaleza, nunca é demais frisar como funcionavam estas instituições no seio da vanguarda da organização civil europeia, como observa Oscar Wilde no ano de 1897 em “O caso do Carcereiro Martin e algumas crueldades da vida em prisão”:

Para o editor do *Daily Chronicle*.

27 de maio de 1897, Dieppe,

Senhor, soube com grande pesar, através das colunas de seu jornal, que o carcereiro Martin, da Prisão de Reading, foi demitido pela Comissão da Prisão por ter dado biscoitos a um menininho faminto. Eu mesmo vi os três meninos na segunda-feira que precedeu minha libertação. Eles tinham sido condenados recentemente e estavam em uma fila, no hall central, vestidos com as roupas da prisão e carregando seus lençóis debaixo do braço, antes de serem mandados para as suas celas. (...) Eles eram crianças bem pequenas, o menor – para o qual o carcereiro deu os biscoitos - uma figurinha tão miúda, que eles, evidentemente, não tiverem condições de encontrar roupas que o servissem. (WILDE: 2011, p.p. 151-152).

Estes pequenos criminosos punidos por roubarem comida porque estão com fome – por se tratarem de crianças inadequadas ao convívio social – teriam em sua

reclusão, segundo Wilde<sup>78</sup>, um aspecto de terror psicológico, pois ao contrário dos adultos, os infantes deveriam estar sujeitos à proteção e cuidados de um responsável, sem qual devido tratamento a punição imposta pela sociedade não seria inteligível. Assim, se configura um ato inescrupuloso demitir um carcerário por dar biscoitos a uma criança, assim como condená-la à prisão como se fosse um adulto.

Outra possibilidade interpretativa, para além da percepção literária e dos efeitos psicológicos do controle social sobre os menores, é a sugestão de Henrique Santos (2012, p. 19), em que “O período colonial/monárquico possibilitou o surgimento de grupos sociais subalternizados que contribuíram para a formação de uma cultura relativamente autônoma”. Esses grupos sociais eram compostos por grande parte da população marginalizada no processo de formação do Estado e das relações de poder no Brasil oitocentista, constituídas por grupos étnicos e segmentos sociais diversos, como escravos, imigrantes e trabalhadores livres. O desejo de correção vinha para todos, incluso suas práticas culturais, como a capoeira, o samba, o jogo do bicho, o baralho e posteriormente também o futebol. Incluso também as questões de gênero, profilaxia e a faixa etária: como o papel do homem e da mulher e a construção de asilos para crianças, velhos e loucos.

É justamente diante deste quadro que as notas contra o futebol de rua são executadas nos jornais, ou pelo punho dos leitores ou por meio dos jornalistas, sempre em tom de denúncia e clamando pela ordem; como uma questão de educação da população e regular funcionamento da vida comercial, religiosa e até dos momentos de lazer, nos passeios noturnos pelas praças. As muitas crianças desarmônicas com esse ideal de bom funcionamento da sociedade eram rapidamente taxadas de “menores vagabundos”.

Numa crônica de julho de 1922, o jornal “O Nordeste” publica contra uma modalidade de futebol desrespeitosa, considerando quem a pratica como “menores desocupados e mal educados”:

Não obstante já, por mais de uma vez, havermos clamado contra o abuso inqualificável que se verifica com o funcionamento de um jogo de foot-ball, praticado por menores desocupados e mal educados, na praça do Carmo, o sr. Dr. delegado de Polícia ainda não se dignou de voltar as suas vistas para aquelas paragens. Os actos religiosos que diariamente funcionam na matriz d’aquele praça merecerão, acaso, ser assim perturbados? Esperamos que s. s. reprema quanto antes tal abuso. (*O Nordeste*: 20/07/1922, p.02).

---

<sup>78</sup> “Uma criança consegue entender uma punição imposta por uma pessoa, tal qual pai, mãe ou responsável, e suportá-la com certo grau de aquiescência. O que ela não consegue entender é uma punição imposta pela sociedade.” (WILDE: 2011, p.p. 152-153).

Tal prática abusiva é o “foot-ball na praça”, título da matéria. O “abuso inqualificável” é atrapalhar a missa da Igreja do Carmo, no centro da cidade. Os praticantes são aqueles menores problemáticos que deveriam ser matéria e objeto de um asilo, não importando a natureza de seus crimes, se furtando, assaltando, matando ou jogando futebol no lugar e hora errados. A quinta-feira, dia em que a matéria foi publicada, sugere também que o jogo não tinha dia certo para acontecer, o que aumenta o grau de espontaneidade e originalidade por parte das crianças, e incômodo por parte dos crédulos da fé católica. O chefe da polícia é, portanto, convidado a dar conta do prejuízo “aos atos religiosos que diariamente funcionam na matriz”, levando-nos a pensar que se trata de uma brincadeira corriqueira, o futebol nas praças, com ou sem igrejas funcionando. Espera-se repressão.

O interessante é que o futebol na frente de igrejas, conventos, ruas e praças não se configura em ato isolado, muito embora nada seja mais dito sobre o futebol na Praça do Carmo nos jornais da cidade. Mesmo assim, se levarmos em conta a população juvenil fortalezense e o futebol de rua como atividade de lazer corriqueira das crianças, escolhendo os patamares das igrejas como um dos seus lugares prediletos para jogo, pois normalmente esses espaços eram amplos e abertos, podemos ver na seguinte nota à imprensa, possíveis campos de futebol de rua improvisados:

VIDA RELIGIOSA  
O HORÁRIO DAS MISSAS EM FORTALEZA  
DOMINGO

Cathedral: 6  $\frac{1}{2}$  e 9 horas; Capella S. Luiz: 5  $\frac{1}{2}$  e 7 horas; Prainha: 5 horas e 6  $\frac{1}{2}$ ; Capella Cemitério: 6  $\frac{1}{2}$ ; Capella Pequeno Grande: 7 horas; Capella S. João do Tauhape: 8 horas; Igreja da Piedade: 6  $\frac{1}{2}$ ; Matriz do Patrocínio: 6, 7 e 9 horas; Capella Jesus e Maria José: 7 horas; Capella Instituto da Infancia: 5 horas; Capella Bom Pastor: 6, 10; Capella Navegantes: 8 horas; Capella Asylo de Mendicidade: 6  $\frac{1}{2}$ ; Capella de São Francisco de Paula (Villa Góes) – Alagadiço: 8  $\frac{1}{2}$ ; Capella Santa Casa: 7 horas; Capella Cadeia 6  $\frac{1}{2}$ ; Capella S. Gerardo (Alagadiço): 7  $\frac{1}{2}$ ; Capella S. Bernardo: 6  $\frac{1}{4}$ ; Matriz de Nossa senhora do Carmo: 5 horas, 6  $\frac{1}{2}$  e 8  $\frac{1}{2}$ ; Igreja Coração de Jesus: 4  $\frac{1}{2}$ , 6  $\frac{1}{2}$  e 8 horas; Capella dos Maristas: 6  $\frac{1}{2}$ ; Capella do Colegio das Irmãs Dorothéas: 6  $\frac{1}{2}$ ; Capella São Sebastião (Matadouro Velho): 7 horas; Capella São Benedicto: 6  $\frac{1}{2}$ ; Capella Nossa Senhora dos Remedios: 4  $\frac{1}{2}$  e 7 horas. (*Gazeta de Notícias*: 04/11/1928, p. 05).

Dentro da lógica das relações sociais da cidade de Fortaleza, esse quadro apresentado da vida religiosa demonstra apenas aquelas capelas, igrejas e matrizes situadas no centro da cidade e seus arredores, com destaque para as regiões vizinhas do Alagadiço e do Matadouro, ambos os bairros próximos ao centro e à praia de Iracema. Esse circuito religioso é o mesmo da configuração sócio espacial das sedes dos clubes e

dos campos oficiais de futebol, sendo as sedes no centro e os campos no Alagadiço e no Benfica, regiões limítrofes da região central.

Coisa diversa acontece com o futebol de rua, que elege justamente o bairro central como um dos seus espaços possíveis de jogo, onde ocorre a vida social e comercial da cidade com maior intensidade, muito embora incompatível com o futebol oficial devido ao seu processo de urbanização, comprometido com os preceitos do engenheiro Adolfo Hebstet, ainda do período monárquico, de ruas e avenidas alinhadas em uma malha quadrada<sup>79</sup>. Não houve, em Fortaleza, quando do período republicano de regeneração social e espacial, intervenções em alargamento de ruas, por exemplo.

Do ponto de vista da ordenação dos costumes do centro da cidade, um dos critérios mais importantes era justamente atrapalhar ou não a vida religiosa. Jornais de orientação católica, como o “Correio do Ceará” e “O Nordeste”, integralmente comprometidos com os preceitos de uma sociedade moralmente e espiritualmente virtuosa, como vimos no capítulo segundo, ajudavam a repreender e criticar qualquer indício de espontaneidade e originalidade nos costumes. Esse critério era tão forte que o horário da final de 1922 do campeonato local foi transferido por conta de uma “grande Procissão Eucaristica” que iria ocorrer no “domingo à tarde<sup>80</sup>”. Além disso, como vimos no primeiro capítulo, todos os jogos ocorriam nos feriados e aos domingos, mas sem concorrer com as missas. As exceções ao calendário eram feitas por motivo da recepção de seleções e delegações em excursão, mas aí era o comércio quem poderia fechar, jamais se interromperiam “os atos religiosos”.

Voltando ao futebol de rua nas praças e igrejas, para o caso soteropolitano, Henrique Santos (2012, p. 23) pôde perceber que entre os lugares destacados pelos periódicos da capital baiana como prática indevida do futebol estavam as “fachadas do convento do São Francisco e das igrejas de São Pedro dos Clérigos e do Desterro”. As fachadas e patamares como espaço original e espontâneo do jogo infantil, porém asperamente combatido também pela imprensa de Salvador.

---

<sup>79</sup> “Ruas e ruas, cruzando sem becos, formando quadriláteros; o Palácio do Governo, dando para uma praça com a estátua em bronze, em pé, marcial: era o General Tibúrcio, herói da Guerra do Paraguai. O mercado, todo de ferro (...). Dali ao Passeio Público, todo arborizado, com canteiros floridos, de onde eu ia, afinal, ver, pela primeira vez, o mar cujo bramir parecia que já me sussurrava aos ouvidos.” (PIMENTA. apud. GIRÃO: 2000, p.p. 33-34).

<sup>80</sup> Parte da crônica de apresentação do jogo entre Guarany e Ceará, que começa assim: “O importante encontro Ceará x Guarany, designado na tabela oficial do campeonato de ‘foot-ball’ para o próximo domingo, à tarde, foi antecipado para a manhã do mesmo dia, por deliberação da Associação Desportiva Cearense, votada em sessão de ontem.” (*O Nordeste*: 29/09/1922, p. 03).

Se pensarmos a partir da experiência infantil e juvenil, essa matriz do jogo que corre paralelamente ao futebol oficial pode ser generalizada como uma apropriação política do espaço urbano, num conjunto de práticas que dizem respeito à ação coletiva e cidadã, como sugere David González (2006, p. 06): *la constitución de la ciudadanía se da también a través del juego en la dimensión pragmática de la vida e de los ciudadanos*”, pois sua dimensão lúdica “*reclama simbólicamente el derecho a la ciudad*” e “*por lo mismo es una forma de construir socialmente espacios de ciudadanía*.

Quando as crianças jogam em Fortaleza na Praça do Carmo, em frente à Matriz de Nossa Senhora do Carmo, estão reutilizando e (re)significando um espaço em seu próprio benefício, mas também estão subvertendo a lógica de ordenação das ruas e dos costumes ao jogarem futebol num lugar incompatível com o “*association*” e, além disso, na hora regular da missa.

A partir desse ponto de vista podemos opor as visões de mundo contraditórias em relação ao futebol, que, além de perpassar as questões das representações do espaço urbano, indicam, mediante estas intervenções, quais as oposições políticas e sociais em Fortaleza, assim como as conformações de teor indentitário. Podemos falar, então, de “futebol da meninada”, de futebol operário, de futebol suburbano e de futebol oficial, patenteado, espetacularizado.

Podemos falar também, já que se quer correlacionar representações sociais e conformações identitárias, em zonas de aproximação entre práticas socialmente opostas, mas não necessariamente excludentes entre si. Afinal de contas, “*La informalidad y la espontaneidad [del fútbol callejero] no necesariamente están fuera del orden urbano preestablecido.*” (GONZÁLEZ: 2006, p. 06. Grifos entre chaves meus), nem “as camadas populares [somente] estabeleceram uma relação de antagonismo para com as manifestações ditas modernas que chegavam” (SANTOS: 2012, p. 19. Grifos entre chaves meus). Para Rodrigo Pinto (2005), o futebol fortalezense foi gestado no “interstício do mundo do trabalho e da *high society*<sup>81</sup>”, o que nos faz insistir um pouco mais nessas contradições políticas, ainda em torno do futebol de rua.

---

<sup>81</sup> “Como vimos até agora, o *foot-ball high-society* em Fortaleza nasce junto com o esporte popular. Diante da necessidade de divulgar a pelota entre os conterrâneos e da falta de jogadores na cidade, a elite local, detentora dos meios (e aqui leia-se: o livro de regras), aceitou até um determinado momento a interação com outras classes.” (Rodrigo PINTO: 2005, p.p. 47-48). Chego a considerar que as tentativas de distinção social implementadas a partir de 1915 pela liga oficial não foram bem sucedidas, pois já durante a década de 1920 os times não eram compostos apenas por estudantes e aristocratas.

\*\*\*

Em outra crônica, do mesmo jornal “O Nordeste”, mas de outubro de 1924, é sugerida certa conceituação da prática do futebol nas praças como correlata ao “football nas ruas”, título da matéria, justamente por se tratar do “foot-ball da meninada”:

Sempre que se oferece oportunidade, reclamamos da polícia as necessárias providências para extinguir esse abuso que prejudica o trânsito regular das vias públicas, lesa a integridade dos edifícios e dá uma péssima mostra da educação de nossa gente. Hoje, pela manhã, vieram-nos reclamar do foot-ball da meninada, nas ruas e no calçamento de Messejana, principalmente próximo à vacaria do sr. Dyonisio Torres, junto à praça Barão de Aquiraz. (*O Nordeste*: 15/10/1924, p. 04<sup>82</sup>).

Mais uma vez se associa um prejuízo social à ação “mal educada” das crianças. No caso, o prejuízo é a interrupção do “trânsito regular das vias públicas”, o ataque à integridade dos edifícios e o incômodo à criação de gado vacum do sr. Dyonisio Torres. Desta vez, se não se pede um asilo ou intervenção direta policial, reclama-se da autoridade dos pais ou responsáveis como causa de um mal irreparável.

Os pais são os primeiros responsáveis por isso, visto que lhes cabe a obrigação de disciplinar bem os filhos. Como, porém, essa disciplina nem sempre se exerce com a severidade desejável, não há mal em que a polícia intervenha, para assegurar a tranquilidade do trabalho público e os direitos de habitação pacífica das famílias. (*O Nordeste*: 15/04/1924, *ibid.*).

No entanto, o mais interessante, do ponto de vista de uma história da experiência infantil com o jogo de bola, é o uso das ruas e das mediações das praças – no caso, as ruas de Messejana e a Praça Barão de Aquiraz – como lugar de seu brinquedo: o “foot-ball da meninada”. Assim, segue a descrição da prática futebolística infantil, mesmo que sob a batuta do desejo da ordem e da repressão.

A meninada tem ao seu dispor as praças abertas, ótimos campos para o seu violento desporto. Mas eles acham, sem dúvida, melhores as calçadas dos prédios, incomodando os transeuntes, estragando as paredes externas, as vidraças e o interior das habitações, onde, comumente as bolas entram como balas de destruição. (*O Nordeste*: 15/04/1924, *ibid.*).

O jogo praticado nos logradouros públicos, como esse na Messejana, distrito recentemente incorporado à cidade de Fortaleza, portanto situado marginalmente em relação ao centro, apresentava uma lógica que nos remete ao processo de difusão do jogo pela cidade, tendo como personagem chave as crianças. Sobre esse processo, Rodrigo Pinto (2005, ver p.p. 48-51) conclui que foram elas que levaram o futebol do centro da cidade para a periferia, através da importação, por meio dos meninos que

---

<sup>82</sup> Ver também Rodrigo Pinto (2005, p. 50).

moravam mais distantes do centro, da modalidade de se jogar bola na rua, inaugurando espaços diferentes de prática do jogo e difundindo-o.

Salutar dessa argumentação é o relato de Valdemar Caracas que diz, a respeito da sua infância durante a década de 1910 em Fortaleza, relacionando e confrontando o desejo lúdico de uma criança com a perspectiva paterna de manutenção da disciplina, incompatível com o futebol: “meu pai não me deixava jogar bola. (...) Foi só depois que ele morreu que eu pude sair no fim de tarde para jogar com os garotos da 24 [de maio]<sup>83</sup>”. No entanto, podemos relativizar não o papel das crianças como difusoras importantes da prática, mas a análise em que se afirma a sucessão dos fatos, do centro para a periferia. Sugiro práticas correlatas e simultâneas da prática do futebol de rua enraizadas numa tradição lúdica infantil em Fortaleza.

Considerando que os primeiros jogos ocorreram no Passeio Público (a partir de 1903-1904), que Valdemar Caracas nasceu em 1907, que os primeiros clubes foram fundados em 1914 e que em 1913 o futebol já era corriqueiro em municípios vizinhos como a Parangaba<sup>84</sup> – posteriormente também tornado distrito de Fortaleza em 1922 – e até municípios mais distantes como Sobral<sup>85</sup>, podemos concluir que havia uma simultaneidade de lugares escolhidos e estabelecidos para a prática de futebol, seja ele oficial ou não; seja ele praticado por adultos ou crianças; seja ele de origem social abastada ou humildemente jogado com bolas de meia.

Mesmo do ponto de vista estudantil, à época bastante compromissado com a formação de uma aristocracia intelectual, as novidades esportivas eram caracterizadas por forte improviso, tanto na seleção dos espaços quanto na conduta moral e condução do jogo. Como se pode deduzir na passagem a seguir de Gustavo Barroso, escrita em 1910, um pouco antes de sua partida para o Rio de Janeiro:

A meninada do meu tempo é louca por água. Todos nadamos e mergulhamos como piabas. Esporte é nesse tempo cousa que nem sabe o que é. É praticado assim, dentro da vida comum e dentro da natureza. No tempo do inverno temos ótimas piscinas em volta da cidade: a Lagoa do Tauape, no Benfica; os açudes do João Lopes, entre Jacarecanga e Alagadiço, e o do Padre Pedro, ali ao lado do Matadouro. (BARROSO. *apud*. GIRÃO: 2000, p. 39).

<sup>83</sup> Entrevista com Valdemar Caracas cedida a Rodrigo M. S. Pinto, realizada em Fortaleza, 17/04/2005. Rodrigo PINTO: 2005, p. 50. Grifos da transcrição em chaves do próprio entrevistador. A 24 de maio era uma das principais ruas do centro de Fortaleza.

<sup>84</sup> “Foi em 1913 que, menino, travei conhecimento, por acaso, com o então chamado esporte bretão. E empoleirado na arquibancada natural e excepcional da Avenida Caio Prado, vi aquele bando de homens correndo atrás de uma bola de couro. Devia ser treino. Não havia uniformes e eu mesmo, sem ter a quem perguntar, não entendi bem o jogo. De quando em vez me parecia confuso (...). A legitima pelada não despertava maior interesse, mas garoto pobre, sem recursos para outros divertimentos, gostei do tal jogo e fiquei freguês.” (ALENCAR *apud*. Rodrigo PINTO: 2005, p. 48).

<sup>85</sup> Ver *A Lucta*: 01/05/1914, p. 03. Citado no primeiro capítulo.

Gustavo Barroso, escrevendo sobre a sua infância, praticamente toda ela vivida nas décadas de 1890 e 1900, indica qual o significado da conduta esportiva a partir da experiência de uma criança, em Fortaleza, como algo que “nem sabe o que é”. Mesmo em se tratando de um relato sobre os mergulhos quando do período das chuvas de verão (“inverno” cearense), entre os meses de dezembro e março, indica qual a apropriação da cidade por intermédio dos infantes para o exercício de suas atividades lúdicas. Mais uma vez o centro não é a única alternativa, sendo os bairros do São João do Tauape, do Matadouro e do Alagadiço, extensões da cidade para o seu uso e saudade, já que de partida para o Rio de Janeiro.

Se pensarmos na localização dos campos de futebol, oficiais ou não, e nos possíveis patamares/campos de futebol das igrejas de Fortaleza, mais uma vez a prática dos jogos infantis se estendem correlativamente e simultaneamente do centro aos bairros do Alagadiço e do Matadouro, principalmente. A literatura, nesse caso, é importante para compreender como essa conformação social e urbana espontânea estava bem enraizada nas práticas lúdicas juvenis.

Recentemente chegado de Iguatu, em 1928, a personagem José, do livro “Sua Majestade, o juiz”, é apresentado às possibilidades da cidade de Fortaleza pelos seus dois novos amigos “liceístas”. Assim, “Em menos de quinze dias, José conhecia o Porto da Draga, Porongaba [a mesma Parangaba], o Parque da Liberdade, a lagoa do Tauape, o Açude João Lopes e o Mucuripe.” (CARVALHO: s/d, p. 55. Grifos meus entre parênteses). Não obstante essas delícias lúdicas dos 1900’s e a sua condição de calouro, o que significava passar pelo trote, José:

Em menos de um mês já se tornara amigo e camarada de inúmeros veteranos. Com êles passou a frequentar as retretas da Praça Marquês do Herval. Fascinado pelo futebol, entrou a exercitar-se na Praça da Lagoinha, que fora o antigo campo do Bangu. (CARVALHO: s/d, p. 59).

A um só tempo ficam expostas as interlocuções entre o futebol oficial, representado na alusão ao Bangu, time da segunda divisão do campeonato local em 1921, os espaços lúdicos escolhidos pelas crianças e o futebol na praça: lugar ao mesmo tempo do jogo infantil e espaço estabelecido para os “treinos” do time oficial. A nomenclatura muda e a praça passa a ser “o antigo campo do Bangu”, como uma forma de melhor representar e diferenciar as duas matrizes opostas do futebol em questão.

Neste movimento de difusão e conformação do futebol como uma prática identitária na cidade de Fortaleza, os espaços e grupos sociais envolvidos sugerem, ao mesmo tempo, mais que sucessivamente, a oposição ao futebol de rua, a improvisação

dos espaços urbanos disponíveis para a adaptação do novo jogo e a iniciativa em busca do estabelecimento de uma patente do futebol oficial cearense.

Nesse sentido, ainda pela perspectiva da concepção lúdica infantil do futebol em Fortaleza, o jogo dos menores abandonados participa da idolatria aos novos heróis esportivos, situados na lógica do futebol espetáculo, assim como o futebol oficial foi todo ele construído no interior de uma tradição estudantil do culto aos jogos enraizada na improvisação dos espaços lúdicos disponíveis em Fortaleza. Mais uma vez, Jáder de Carvalho é preciso em sua descrição, explicitando ainda a natureza prática da gradativa sobreposição do domínio cultural da expressão corpórea sobre a expressão espiritual, da fala, leitura e escrita, durante as primeiras décadas do século XX.

José bebia as palavras de Homero e Damião. Quando leria os clássicos portugueses? Quando leria Euclides? Porém logo raciocinava:

– O Acrísio, com certeza, não conhece os autores citados por meus parentes. Entretanto, quem joga futebol melhor do que êle?

Fechava os olhos. O ponta “americano” investia contra o arco adversário. Driblou o primeiro. Driblou o segundo. Prepara o chute. O quíper não defende. A plateia estruge:

– Goooollll!... (CARVALHO: s/d, p. 61).

O trecho acima ajuda a entender como o improviso e a patente oficial do jogo operavam nas fantasias infantis, sobrepujando as pressões em torno de uma carreira pública, como foi o caso de José, que se tornou juiz. O movimento contrário, envolvendo o jogo proibido e as crianças em correlação e síntese cultural com o futebol consolidado no Brasil, pode ser percebido na seguinte crônica jornalística do jornal “Diário de Notícias”, de Salvador:

Infelizmente não são apenas os garotos que por aí andam a jogar *foot-ball* a torto e a direito nas ruas, nas praças, em toda parte. Por aí andam eles aos bandos moleques desocupados, meninos de escola, filhos de família, jogando como entendem, sem arte e sem regra, a qualquer hora. (*Diário de Notícias*: 07/11/1907, p. 03. **apud**. SANTOS: 2012, p.p. 13-14).

Se em Salvador a bricolagem entre setores sociais opostos no futebol de rua representou uma ameaça para o futebol oficial local, merecendo a conceituação explícita entre um “bom” e um “mau” futebol, em Fortaleza isso seria impossível, pois foi justamente nas praças que o próprio futebol patenteado construiu suas bases, em pleno improviso. Isso não quer dizer que não se tenha realizado a diferenciação entre futebol oficial e futebol de menores, na praça, ou praticado por vadios, mas o critério principal da concepção crítica e de denúncia ao futebol de rua era atrapalhar ou não a vida social.

Isso se deve a uma diferença básica entre as duas cidades, no que cabe ao processo de consolidação do futebol e seus espaços utilizados. Em Salvador, antes

mesmo da criação da “Liga Bahiana de Sports Terrestres” (LBST), “Uma determinação da Intendência de 1903, muito conhecida entre os memorialistas do esporte baiano, limitava a prática do futebol” a determinados locais, pois “Devido à inexistência de áreas próprias para esta prática, privadas ou públicas”, resolveu-se “destinar alguns largos e campos abertos para o cultivo do futebol.” (SANTOS: 2012, p.p. 05-06). Mesmo que a legislação aponte determinado improviso, pois o futebol seria “cultivado” em campos impróprios ao jogo, o caso do improviso em Fortaleza é ainda mais alarmante, do ponto e vista do futebol oficial, pois nem campo existia até 1920. O jogo difundiu-se mesmo nas praças e ruas, na mistura de crianças pobres, abandonadas, estudantes e adultos, tanto precursores da liga oficial quanto os trabalhadores fiscados pelo novo divertimento.

\*\*\*

Voltando às crônicas denunciantes do futebol de rua, quando o jogo descambava para a noite ou para os dias de domingo, enfim, para os momentos de lazer das famílias no usufruto das praças e ruas, as reclamações tendiam a ser tão ásperas quanto melhor descreviam a razão da violência e má educação dos praticantes. Entrava em questão um critério de decoro e comportamento quando em locais públicos, que naquele momento provocava indignação e espanto a partir do momento em que se rompia a convenção social dos passeios pelas calçadas. Assim, na sua primeira edição, o jornal “Gazeta de Notícias” de agosto de 1927 trazia a seguinte denúncia de um de seus repórteres, com a seguinte crônica:

Durante o dia de domingo, e geralmente às tardes, reunem- se imnumeros meninos desoccupados e iniciam o seu inacabavel foot-ball. (...) A match acompanha commumente os palavrarios dos mal educados jogadores. O barulho, as palavras indecentes e o fervor tanto dos praticantes como dos espectadores são concebidos como inconvenientes: assobios, gritos e palavras obscenas (das maiores) somos obrigados a ouvir. (*Gazeta de Notícias*: 11/08/1927. **apud.** Rodrigo PINTO: 2005, p. 49).

A quebra do silêncio e do sossego do passeio pela algazarra do jogo com “assobios, gritos e palavras obscenas” era motivo de espanto e indignação. “O inacabável futebol” da meninada e o “fervor” com que se entregavam ao jogo, atraindo até espectadores, “são concebidos como inconvenientes” para o convívio social. Destarte a perspectiva da ordem, percebe-se um jogo corriqueiro e dominguero, no horário mesmo dos jogos do campeonato oficial de futebol, no período da tarde.

Sobre o aspecto da violência, um leitor do jornal “Gazeta de Notícias”, numa publicação de novembro de 1928, denuncia quais os atos violentos que os adolescentes

podem cometer quando praticam o jogo de futebol. Mais uma vez, a família e a polícia são chamadas a intervir, mas com um detalhe novo e importante, apenas implícito nas outras crônicas: a intervenção do jornal na mediação entre a denúncia do leitor e a intervenção repressora e disciplinar da polícia, na pessoa que ocupa o cargo de Chefe de Segurança Pública.

Exmo. sr. A. Drummond<sup>86</sup>.

Cordiaes saudações. Encarecidamente peço-vos a publicação d'esta, em vosso conceituado órgão. Como morador da rua da Assembleia, trecho comprehendido entre a rua S. José e a rua do Sampaio, venho perante v. s. clamar contra a vagabundagem de menores que quotidianamente perambulam por aquele trecho. À noite então, sr. redactor, se torna impossível a permanência das famílias, na calçada em virtude destes vagabundos entrarem em forte luta de “foot-ball” e outras vezes physicas, resultando dahi palavras obscenas, gritos, etc. Como os paes destes vagabundos não ligam a minima importancia aos mesmos, recorro à vossa protecção, pedindo fazer um apelo ao sr. dr. Chefe da Segurança Publica, afim de mandar uma guarda para aquelle trecho. Sem outro assumpto, sou de v. s. creado e obrigado.

Um prejudicado. (*Gazeta de Notícias*: 09/11/1928, p. 07).

Na subscrição o autor se diz encontrar na situação de “Um prejudicado” em relação ao futebol de rua, pedindo a “proteção” do proprietário do jornal. As quebras com o decoro social e da ordem instituída indicam entre outras coisas um processo de aceitação do futebol de rua como atividade de lazer e lúdica. Sobre esse aspecto do jogo como uma novidade técnica nos usos e costumes da cidade é interessante também perceber o movimento contrário, de elogio ao jogo das crianças. Dessa forma, também é possível ler nos jornais a promoção da nova brincadeira, mas como uma possibilidade de angariar novos consumidores para o comércio, ou como medida profilática. A partir do mês de julho de 1926, o jornal “O Nordeste” divulga a seguinte campanha publicitária:

Com a pratica deste saudavel sport, as crianças tornam-se mais alegres e sempre bem dispostas.

O jogo de bola deve ocupar um logar importante entre os jogos infantis, porque facilita e promove o desenvolvimento normal da creança.

A CASA AMERICANA  
FORNECE

BOLAS DE TODOS OS TAMANHOS E DE BOA QUALIDADE

Nºs 1, 2 e 3 – tamanhos pequenos de pelota [ilegível]

PRAÇA DO FERREIRA – 185. (*O Nordeste*: 03/07/1926, p. 03).

No entanto, a justificativa da campanha publicitária, para além da sua finalidade comercial, pressupõe os preceitos em voga na época de desenvolvimento físico e intelectual do corpo da nação, como se resumia no aforisma “*mens sana corpore sano*”, próprio do pensamento médico e pedagógico do período. Esse tipo de apropriação é

---

<sup>86</sup> Antônio Drummond: jornalista e proprietário do jornal “Gazeta de Notícias”.

mais genérico do que os objetivos e perspectivas dos próprios infantes quando praticando o seu jogo. Esse pensamento e apropriação se encontram também no processo de aceitação do esporte institucional por parte da mesma polícia e governo, que eram convidados a intervir contra o futebol de rua, pois em relação aos possíveis benefícios, na promoção das boas relações sociais e da ordem, também a polícia tinha suas ressalvas.

Num estudo sobre a introdução dos esportes no Rio de Janeiro, Claudia Farias (2009) opõe a percepção da chegada dos esportes à cidade por parte das autoridades policiais e por parte dos intelectuais e legisladores. Em princípio, havia uma suspeita quanto à natureza dos jogos por parte da polícia, vendo nas novas formas de diversão pública pretextos para a prática de jogos proibidos e atividades imorais. Enquanto para os intelectuais e legisladores da reforma educacional brasileira, o esporte era o caminho para a regeneração da raça, numa correlação de ideias que envolvia darwinismo social e evolução de um povo miscigenado mediante a prática esportiva. Em resumo, a autora entende que as autoridades policiais,

Confusas ainda sobre os sentidos e significados que envolviam as diversões públicas e as novas práticas esportivas, bem como sobre os benefícios e malefícios morais, elas frequentemente invadiam os frontões, belódromos e velódromos reprimindo os tumultos gerados pelas apostas. Alheios a esta questão, higienistas, literatos, pedagogos, estadistas e cientistas, interessados em descortinar um caminho para a evolução do país, justificavam a importância destes jogos fornecendo constantemente um arsenal de ideias aos patrocinadores e praticantes dos novos esportes, os *sportmen*. Mesmo sendo alvos de frequentes investidas policiais, esses estabelecimentos comerciais, amparados pela lei municipal, eram reabertos logo depois, motivando novos pedidos de licença. (FARIAS: 2009, p.p. 27-28).

Assim, a questão da aceitação do esporte como nova prática urbana no Brasil girava em torno de três critérios: a manutenção das regras sociais de convívio, geralmente quebradas pelo futebol de rua, por conta de brigas ou prejuízos materiais e sociais (os atos religiosos, por exemplo); o combate aos estabelecimentos comerciais de exploração de jogos de azar, geralmente encontradas nas apostas do turfe, ou na associação de clubes esportivos com o funcionamento de jogos de baralho, cassino, etc; e o discurso de promoção do esporte como salvação da civilização brasileira, composta por mestiços, mediante a prática pedagógica do desenvolvimento físico.

Em Fortaleza, se o estabelecimento dos clubes esportivos não gerou tantas farpas nas páginas da imprensa, essa suspeita das autoridades policiais em relação ao esporte não estava de toda forma afastada, pois o “Guarany Athletic Club”, time da primeira divisão do campeonato local, chegou mesmo a ser suspeito de promover jogos

proibidos, sendo enviada uma comissão ao jornal “O Nordeste” buscando retratação diante da opinião pública.

Esteve nesta redacção uma commissão do “Guarany Athletic Club”. Veio pedir-nos declarar que o que funciona nos altos da Pharmacia Normal é a sede do mesmo clube, e não casa de jogos. Ali se joga realmente, mas os jogos permitidos pela policia, e entre os socios do “Guarany”, tal como se faz em outros centros desportivos e associações elegantes. (*O Nordeste*: 14/07/1923, p. 03).

O interessante é que novamente a imprensa é colocada como interlocutora dos leitores, ou determinados grupos sociais, com as autoridades policiais. A ameaça que o jogo representava para essas autoridades e para a opinião pública parece ser correlata também com a preocupação em relação à vadiagem dos meninos de rua. A oposição entre virtude e vício, ordem e desordem, elegância/distinção e vadiagem presentes na oposição entre jogo e trabalho, também é transposta em certa medida para a distinção entre o futebol de rua e o futebol oficial, com a salutar característica de que o futebol espetáculo, mesmo sob a proteção dos preceitos higienistas, também abria margem para as suspeitas das autoridades policiais justamente por ser amador e pregar o desenvolvimento físico de forma suplementar ao trabalho.

Portanto, a preocupação dos distintos rapazes do Guarany em não serem confundidos com vadios jogadores pode ser visto como uma questão imperial do esporte, em termos de virtude e distinção. Ao contrário dos meninos “pés descalços” dos bondes de Fortaleza, que apostavam os bilhetes de passagem velhos no jogo do “cara ou coroa”, transformando papel sem utilidade em dinheiro, o que fazia o jornal “O Nordeste” bramar contra a “Escola de jogo – Ociosidade censurável”, título da matéria que dizia assim:

Há uma disputa de *coupons* de bondes por parte de meninos de rua. Os carros da “Light” ao passarem na praça ou nos desvios são invadidos por pequenos descalços à procura de *coupons* (...). Querem-nos para o jogo. Vão perder o tempo nas esquinas com o *cara ou coroa*, a troco de *coupons*. Lesam a pobreza com os desvios que fazem dos *coupons* e, ao mesmo passo alimentam a ociosidade – mãe de todos os vícios. Pedimos a atenção da polícia... (*O Nordeste*: 21/01/1926, p. 02).

O esporte, na interseção do lúdico e do comercial, não poderia, à época, correr o risco de ser confundido com a “ociosidade dos vadios” nem com o emprego dos trabalhadores. O que aconteceria se por acaso o “Fortaleza Sporting Club”, campeão de seis títulos do campeonato cearense durante a década de 1920, fosse enquadrado como um clube cheio de vícios, pois organizador das temporadas de turfe e gerenciador das apostas? Jogo amador e novidade nos negócios das diversões públicas, a introdução do

futebol acompanhou o debate político em torno das suspeitas e defesas do esporte. Leonardo Miranda, em seu livro conhecido “Footballmania”, também percebeu esse embate social nas páginas dos jornais, onde os “*sportmen*” não queriam ter como alcunha o nome de viciosos ou jogadores.

Em 1903, quando o próprio Fluminense já havia sido fundado um cronista da Gazeta de Notícias atestava esta transformação em artigo transscrito por um periódico esportivo – deplorando o tempo em que o esporte “era apenas as dobras em cujas capas se mascaravam o jogo”, e no qual “a multidão” via nas atividades esportivas, não “a regeneração e o aperfeiçoamento da raça humana”, e sim “o palpite”, “a aposta”, “a sedução do mais empolgante de todos os vícios.” (MIRANDA: 1998, p. 42. Trechos entre aspas extraídos do jornal “A Cidade”: 04/07/1903).

Resta saber se a promoção de uma identidade distintiva como a dos “*sportmen*”, através do ideal de salvação nacional por meio do desenvolvimento dos esportes, foi diretamente responsável pela difusão e “febre esportiva” – pelo menos do futebol –, como afirmam Cláudia Farias e o próprio Leonardo Miranda. Assim como tantos outros elementos constituintes da conformação do futebol brasileiro, desde os seus caracteres sociais, espaciais e lúdicos, acredito que do ponto de vista comercial (de aceitação uma nova prática que ainda não pertencia oficialmente ao mundo do trabalho) também se deu um processo de apropriação e (re)significação dos ideais médico pedagógicos da educação física, no interior das questões da cultura e ação política dos diversos agentes coletivos do futebol brasileiro.

Por fim, podemos argumentar aqui com Jorge Valdano, ex-jogador icônico do Real Madrid e atualmente um dos diretores do departamento de futebol do clube. Para ele, “*El Fútbol, abrasado por el mercado, crecerá como negocio. Sin embargo, un solo niño que corra tras un balón lo devolverá a su apasionante punto de partida.*” (**apud.** GONZÁLEZ: 2006, p. 01), que é o seu caráter lúdico, muito difundido pelas crianças através do futebol de rua, e contido nas várias formas improvisadas do futebol.

### **3.2. – Clubes e seleções: o poder representativo do futebol.**

O que fez do esporte um meio único, em eficácia, para inculcar sentimentos nacionalistas, de todo modo só para homens, foi a facilidade com que até mesmo os menores indivíduos políticos ou públicos podiam se identificar com a nação, simbolizada por jovens que se destacavam no que praticamente todo homem quer, ou uma vez na vida terá querido: ser bom naquilo que faz. A imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome. O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação. O autor se lembra quando ouvia, nervoso, à transmissão radiofônica da primeira partida internacional, entre a Inglaterra e a Áustria, jogada em Viena em 1929, na casa de amigos que prometeram descontar nele se a Inglaterra ganhasse da Áustria, o que, pelos registros, parecia bastante provável. Como o único menino inglês presente, eu era a Inglaterra, enquanto eles eram Áustria. (Por sorte a partida terminou empatada). Dessa maneira meninos de doze anos ampliavam o conceito de lealdade ao time para a nação. (HOBBSAWM: 2008, p. 171).

Nessa conhecida passagem do livro “Nações e nacionalismo”, Hobsbawm comenta sobre os significados do esporte diante da nova conjuntura política do nacionalismo – e da autoafirmação nacional – mundial. Num cenário em que os grandes impérios multinacionais (Áustria-Hungria, Turco-Otomano) deixam de existir e passam a se configurar na forma de estados nacionais democráticos, mesmo que alguns por pouco tempo, o período entre guerras mundiais do século XX é protagonizado pela inserção da questão nacional no cotidiano até dos “menores indivíduos políticos ou públicos”.

Antes do período de apogeu do nacionalismo, entre 1918-1950, pode-se dizer que houve dois outros momentos distintos: uma primeira fase revolucionária e popular, de autoafirmação nacional, quando do período da Revolução Francesa e demais movimentos opositores ao antigo regime na Europa e América (1789-1830); uma segunda fase reacionária e aristocrática, em que critérios culturais (folclore), linguísticos e raciais justificaram o domínio imperial de alguns estados multinacionais e a formação de outros como o alemão e o italiano (1830-1918). A partir do Tratado de Versalhes, a questão nacional passou a ser política do cotidiano, “*mass media*” e criação de símbolos estado-nacionais.

Nesse sentido, o período entre guerras é caracterizado por ser radicalmente separatista quanto às origens nacionais, como se supõe dos vários movimentos nacionalistas coloniais africanos, ou daqueles deflagrados a partir da oposição a um inimigo/explorador estrangeiro, a exemplo da Palestina em relação ao estado de Israel; protecionista quanto à economia, cada vez mais de estado, monopolizador e menos livre concorrente; e defensor do critério “mazziniano” de “apenas um estado para cada

nação”, salvo algumas conveniências quando da divisão do pós-guerra entre França e Alemanha, na criação da Tchecoslováquia, da Iugoslávia e a exceção da URSS.

No entanto, alguns outros elementos dissonantes temperam este momento com acirramentos internos a cada estado-nação. Tanto as migrações em massa quanto as resistências de setores tradicionais aos avanços da modernização tecnológica compõem um quadro de “minorias nacionais” no interior dos vários processos de formação da identidade nacional. O esporte e a imprensa, nesse sentido, seriam dois dos principais catalisadores das emoções populares, tendo em vista a constituição de um panteão de vitórias e conquistas de um estado ou de uma nação, mas que, por outro lado, abria margem para a percepção das relações de força nesse intrincado jogo político, onde a comunidade imaginária do estado-nação era entrecortada pelas comunidades minoritárias dos imigrantes e dos tradicionais, os “desenraizados no tempo e no espaço” (SEVCENKO: 1992).

Socialmente, três fatos deram um alcance crescente para o desenvolvimento de novas formas de invenção de comunidades – reais ou “imaginárias” – como nacionalidades: a resistência de grupos tradicionais ameaçados pelo próprio progresso da modernidade, as novas classes e estratos não tradicionais, que rapidamente cresciam nas sociedades urbanizadas dos países desenvolvidos e as migrações sem precedentes que distribuíram uma diáspora múltipla de povos através do planeta, cada um estranho tanto aos nativos quanto aos outros grupos migrantes e nenhum, ainda, com os hábitos e convenções da coexistência. (HOBBSAWM: 2008, p.p. 132-133).

Mesmo em se tratando de uma expressão cunhada por Nicolau Sevcenko, a dos “desenraizados”, Hobsbawm não deixou de perceber o mesmo processo de descompasso como a nova ordem econômica (modernização) e política (nacionalismo) como uma questão também geracional (modernidade), onde “as novas classes e estratos não tradicionais”, “que rapidamente cresciam nas sociedades urbanizadas”, desenvolviam outras atividades que começavam a ganhar prestígio social e nacional, tal qual a prática dos esportes, o cinema e o jornalismo.

O tempo nacional durante o período entre guerras era o tempo da modernização e da subtração da expressão da cultura por meio da fala e da escrita em detrimento do domínio cultural da expressão corpórea. Os estados nacionais deste período, no que tange ao esporte, queriam justamente domesticar essa nova força política, no intuito de ampliar “o conceito de lealdade ao time para a nação”. A imprensa era o mecanismo mais poderoso de promoção dos embates internos ou dos desejos de unidade nacional. Como salienta Nicolau Sevcenko (1994, p. 35), “Nesse bravo mundo novo, os reis são os heróis máximos do esporte e do pop, de quem, graças aos esforços dos meios de

comunicação social, todos se sentem cortesãos, conselheiros, favoritos e eventuais amantes”.

No entanto, esse novo rearranjo sócio-político, do ponto de vista da associação entre novas práticas urbanas e a questão nacional, daria contornos bastante específicos para cada projeto nacional esportivo, muito embora algumas características gerais fossem comuns tanto à Argentina quanto ao Brasil, ou à Itália, Alemanha e França. Características que têm em comum o enraizamento do projeto nacional – de criação de ligas e da representação do país e do povo via seleção – no amadorismo, muito embora muito cedo abraçado pelas possibilidades de mercado e gradativamente pressionado pelo mundo do trabalho, o que levou à implementação do profissionalismo no futebol.

\*\*\*

À exceção do caso britânico, onde o futebol já havia se popularizado e se tornado profissional durante a década de 1870 – ligas e taças nacionais foram criadas e amistosos internacionais eram promovidos entre os países da ilha –, em praticamente todos os outros países de tradição no esporte bretão, seja da Europa continental ou da América do Sul, o processo de institucionalização do esporte e sua consequente relação entre clubes, seleções e estado-nação ocorreu mesmo no entre guerras, como salienta novamente Eric Hobsbawm (2008, p. 170):

O espaço entre as esferas privada e pública também foi preenchido pelos esportes. Entre as duas guerras, o esporte como um espetáculo de massa foi transformado numa sucessão infindável de contendas, onde se digladiavam pessoas e times simbolizando Estados-nações...

No caso francês, onde a prática esportiva era “*omnisport*” e os clubes eram subordinados à USFSA (*Union des Sociétés Françaises des Sports Athlétiques*) – sob um critério elitista e antipopular – o processo de domesticação do futebol pelos interesses da representação nacional é bastante explícito, muito embora conflitivo. A raiz do problema era o monopólio dessa “*União*” na regulamentação de ligas e partidas internacionais, que se traduziam institucionalmente no futebol com a sua filiação à FIFA e nos amistosos entre as seleções da “*Football Association*” britânica e da liga amadora francesa.

Entre 1911 e 1919 a nacionalização do futebol, em França, passa pela insubordinação dos clubes à USFSA ao se “especializarem” em apenas um esporte ou ingressando em outras ligas concorrentes; pela intervenção em nível federal do CFI (*Comité Français Interfédéral pour la Propagation des Sports*) – que passa

gradativamente à promover uma liga de futebol popular e concorrente ao promovido pela “União”, a AFA (*Association de Football Association*) –; pela associação entre os jogadores de futebol e os combatentes franceses na primeira guerra, como representantes da nação; e pela fundação, finalmente, da FFFA (*Fédération Française de Football-Association*) em 1919 (WAHL: 1989, p.p. 107-139).

Durante a década de 1920 o futebol se torna espetáculo de massas, enquanto o principal objetivo institucional da FFFA passa a ser melhorar o desempenho internacional e técnico do futebol francês. A profissionalização chega em 1932 como uma ratificação desse processo de popularização iniciado nos anos 1910, mas também como um produto do processo de espetacularização do jogo a partir dos anos 1920. A questão política que perpassa esses dois momentos é justamente a representação da nacionalidade por intermédio do futebol (WAHL: 1989, p.p. 139-171).

Nesse sentido, a primeira guerra mundial marca um divisor de águas importante na consolidação do futebol francês, tanto no que se refere a sua popularização por todo o país quanto na sua vitória contra o rúgbi como “esporte-rei” da nação.

*En dépit de la guerre, en partie grâce à elle, les dirigeants du football français ont finalement concrétisé deux objectifs primordiaux: mettre en place une organisation rationnelle et efficace, généraliser la pratique dans tout le pays. Il reste pourtant à poursuivre un autre but: éléver le niveau technique du jeu afin de permettre aux équipes française de rivaliser enfin avec les sélections étrangères.* (WAHL: 1989, p. 139).

Da mesma maneira, durante a década de 1920, o futebol na Alemanha vira um espetáculo popular, sendo “graças” à guerra não somente o processo de espetacularização do jogo, mas também o de popularização. Das potências mundiais que se utilizaram do futebol como mecanismo de propaganda e representação do exército e da nação, talvez seja o caso alemão o mais emblemático.

Ao contrário do que ocorreu em França, quando o projeto do CFI de excursionar atletas-combatentes franceses pela América do Sul não foi aceito pelos seus generais de guerra (WAHL: 1989, p.p. 135-136), o futebol na Alemanha era assunto militar desde os anos 1910-1911, quando foi implementado como técnica de preparação para batalhas pelo governo imperial, sendo a própria DFB (*Deutscher FussballBund*) a preceptor da treinamento militar. Durante o próprio conflito, no intervalo das sessões mortíferas das trincheiras, ou mesmo na promoção de excursões de paz, o futebol unia a “juventude” do exército alemão (na verdade, uma organização paramilitar: a “*Jungdeutschlandbund*”) e as missões diplomáticas com o ocidente (HORAK. In. TOMILISON & YOUNG: 2006, p. 25; PYTA. In. TOMILISON & YOUNG: 2006, p. 03).

Após o conflito, o impasse alemão para a popularização do futebol foi totalmente extinguido, sendo a rivalidade entre os jogos atléticos de origem inglesa (no caso específico, o futebol) e a ginástica alemã – subprodutos também da rivalidade imperial entre as duas nações – postas de lado, pois a tradução do jogo estrangeiro para o vocabulário alemão ocorreu justamente na seara de maior significação desta comunidade nacional: o exército. Se o jogo era anteriormente uma alternativa aos estudantes e jovens burgueses alemães às “chatices” da ginástica nacional, a partir de 1918 o número de jogadores registrados e o público nos estádios aumentam. Durante a República de Weimar esses números demonstram a avidez com que o jogo foi consumido e apropriado pelos alemães, como uma possibilidade de manutenção de uma identidade cultural regional num país recentemente unificado e carente de símbolos nacionais para além do exército.

*Football in particular profited from this development. During the Weimar Republic, it left all its rivals in the shade and became the people's most popular sport by far (...). The secret of football's success was that it could amalgamate with extraordinarily strong local and regional cultural traditions (...). Big-city football clubs also connected with their regions because they had stadiums that could hold large crowds. In Stuttgart, Düsseldorf and Cologne, but also elsewhere, top clubs profited from the fact that in the 1920's the communal authorities spent enormous amounts of money on building multifunctional sport arenas that offered space for 50,000 to 70,000 spectators. (PYTA. In. TOMILISON & YOUNG: 2006, p.p. 04 e 05).*

No entanto, outra peculiaridade persiste ao processo de representação do futebol como símbolo nacional na Alemanha. Assim como no Brasil, a profissionalização do esporte no pós-guerra não significou a criação de uma liga nacional (criada na Alemanha em 1963; e no Brasil, em 1971), nem do reconhecimento de imediato de todos os rincões do país com a seleção. É sabido que durante o governo “nacional socialista” de Hitler a associação entre o governo e o futebol era intermediada por um clube, o Schalke 04, como forma de popularizar o nazismo junto às massas. É sabido também que a liga nacional foi criada como desdobramento da primeira conquista em Copas do Mundo do país, em 1954, e que a imprensa explorou o sucesso inesperado da seleção com a alcunha do “milagre de Berna” e a possibilidade análoga de soerguimento da nação no pós-guerra, mesmo que somente da parte ocidental (PYTA. In. TOMILISON & YOUNG: 2006, p.p. 06-08; p.p. 11-14).

Na recém-criada Áustria, outra situação bastante específica emergiu. Se o futebol como instrumento de propaganda nacional não surtiu efeito positivo durante o conflito mundial de 1914-1918 – muito pelo contrário, fazendo emergir as rivalidades no interior do império multinacional austro-húngaro, como o caso da rivalidade entre o

“Slavia Praga” e o “Hankohah Viena” –, a popularização do esporte durante a Primeira República se caracterizou por forte incidência da cultura suburbana e proletária sobre a prática e organização do espetáculo de massas. Em Áustria, o futebol era profissional já em 1924 e a associação entre futebol e identidade era muito mais “clubística” e classista do que propriamente nacional (HORAK. In. TOMILISON & YOUNG: 2006, p. 27).

Outro ponto curioso do desenvolvimento e estabelecimento do futebol austríaco foi o ingresso da classe média na prática do futebol e fundação de clubes, sendo o seu ingresso uma consequência da cobertura da imprensa periodista do jogo proletário e suburbano, criando um ambiente de polarização cultural na cidade de Viena, opondo o subúrbio e os proletários aos cafés da cidade e a classe média (majoritariamente judia). Dois clubes sintetizavam esses estereótipos citadinos em Viena, o “S. K. Rapid” e o “Áustria”, respectivamente (HORAK. In. TOMILISON & YOUNG: 2006, p.p. 27-29).

A associação entre a seleção e a identidade nacional austríaca, como era de se esperar, emergiu num contexto de rivalidades com as antigas nações componentes do império, sendo a Hungria o principal adversário. No entanto, outros elementos são importantes: primeiro, o elevado nível técnico da seleção, capaz de empatar com a Inglaterra já em 1929, como descreveu Hobsbawm na passagem acima, ou de fazer desfilar pelos gramados um jogador do nível de Mathias Sindelar; segundo, a derrota por 6 x 1 em 1954 para a subestimada seleção alemã fez dessa total surpresa um catalisador para alimentar um novo contexto de rivalidades pós-guerra, substituindo a Alemanha o papel anteriormente desempenhado pela Hungria no período entre deflagrações mundiais (HORAK. In. TOMILISON & YOUNG: 2006, p.p. 29-31).

Muito mais que em qualquer país europeu da faixa continental, a tradução do esporte bretão para o vocabulário italiano foi caracterizado por intensa xenofobia por parte de suas instituições, assim como a aproximação do governo, mediante o regime fascista de Mussolini, foi mais do que estreita, foi tema de política nacional. Não é mera coincidência que sob a ditadura fascista o futebol italiano tenha se tornado profissional em 1926, mesmo ano do golpe militar, e que a primeira Copa do Mundo na Europa tenha ocorrido em solo italiano, em 1934. A despeito de o esporte ser uma concepção inglesa, introduzido na Itália mediante trabalhadores e imigrantes ingleses nas zonas portuárias italianas, e estudantes italianos oriundos da Suíça ou Inglaterra, o batismo do futebol foi mesmo o “*calcio*”, o que por longo tempo foi correlato de uma liga e federação restritiva à participação de estrangeiros nos quadros dos times.

Num primeiro momento, quando da fundação da FIGC (*Federazione Italiana del Gioco del Calcio*), em 1909, todos os estrangeiros que compunham os times italianos foram proibidos de participar do certame. Times como o Milan, o Inter e o Genoa (que inclusive adotava a grafia em inglês) ameaçaram se retirar do campeonato, pois “*The early championships saw teams with English, Belgian, Swiss and German players in key positions. Genoa and Inter were often criticized for their preponderence of foreing players*” (FOOT: 2007, p. 17).

Em 1910 a liga volta atrás em suas decisões, no entanto as regulamentações em torno dos jogadores estrangeiros continuam como uma constante fonte de discórdia e insubordinação entre times e federação. A partir de 1926, com o aval do governo fascista, a federação decreta que o “*calcio*” é um esporte nacional, novamente proibindo a prática do esporte em solo italiano por estrangeiros (treinadores e jogadores). Dessa vez, húngaros também são convidados a procurarem outra fonte de renda, para além dos ingleses, belgas, suíços e alemães. Em contrapartida, os clubes iniciam sua caçada aos jogadores italianos, ou “*oriundis*”, iniciando o processo de contratação de jogadores latinos, muitos deles não necessariamente descendentes de italianos. Isso era de conhecimento, inclusive, do próprio governo, mas o mais importante era o sucesso da propaganda do esporte nacional, e nesse caso, sem comprometer o nível competitivo da liga, que no biênio 1929-1930 passou a ser a “*Serie A*”.

Novamente o período pós-guerra foi primordial para o processo de popularização e espetacularização do futebol. Com a profissionalização, a ascensão do governo fascista e o financiamento estatal para construção de estádios, tanto a média de público aumentou quanto os operários passaram a se dedicar com maior volume à carreira futebolística. Como norte oficial, o nacionalismo ditava a composição da liga, dos times, dos estádios e da seleção também. Notadamente, o caso italiano do pós-guerra foi o de maior sucesso europeu na associação entre estado e nação (FOOT: 2007, p.p. 01-41).

\*\*\*

Se a questão nacional, quando do seu período de apogeu, envolvia o crescimento de setores “não tradicionais” nas cidades, tais como a burguesia de classe média e o proletariado; e atividades como a imprensa e o esporte. Na América, os movimentos nacionais estavam profundamente enraizados na prática jornalística, nas possibilidades do mercado editorial e nas línguas oficiais coloniais já nos finais do século XVIII. Essa

especificidade americana, desde o norte, passando pelo Caribe, até chegar ao Plata, fez com que o papel desempenhado pela imprensa na associação do esporte com a nação fosse mais preponderante do que a própria ação do estado, em certa medida, na institucionalização do futebol (ou do beisebol, para o caso caribenho e mexicano).

Segundo Benedict Anderson (2008), as comunidades imaginadas americanas foram gestadas tendo em comum a contradição entre as elites “crioulas” e as elites metropolitanas, que muito embora partilhassem a mesma ascendência, a mesma língua e os mesmos padrões culturais, eram distanciadas em suas possibilidades de crescimento político pelo critério de natalidade: ser americano ou ser metropolitano.

Curiosamente, a América foi o berço do nacionalismo, porém, em contrapartida, as unidades estado-nacionais formadas a partir dos movimentos de independência eram bastante semelhantes às próprias unidades coloniais metropolitanas. A ação jornalística, o capitalismo tipográfico, o fatalismo da natalidade americana e a unidade institucional já demarcada pela experiência colonial deram a tônica dos movimentos nacionais na América, muito embora também fosse compartilhado um sentimento pan-americano, oriundo da condição de nascimento “crioula”.

Em diferenciação aos movimentos nacionais de primeira leva na Europa, entre 1789-1830, na América não houve batismo político das “classes inferiores”, ou condução do movimento por “uma liderança intelectual e de classe média”, como supunha Tom Nairn (**apud.** ANDERSON: 2008, p. 85) sobre os caracteres gerais do nacionalismo. As elites “crioulas” eram fundiárias e as classes subalternas pouco ou quase nada tiveram a ver com os movimentos de independência. Assim, uma declaração como a de Simon Bolívar, de que uma revolta popular (negra) na América seria “mil vezes pior do que uma invasão espanhola” (**apud.** ANDERSON: 2008, p. 86), não era incompatível com outra de San Martín, de que “no futuro, os aborígines não serão chamados índios ou nativos; eles são filhos e cidadãos do Peru e serão conhecidos como peruanos” (**apud.** ANDERSON: 2008, p. 87).

Se pensarmos na questão nacional como batismo político das “classes inferiores” na América, esse momento coincide com o de apogeu dos movimentos nacionais entre 1918-1950, sendo o esporte um dos seus principais catalisadores. A imprensa, no caso específico americano (mais da América Latina, tendo em vista que os EUA constituíram o seu próprio império durante o século XIX), cumpriria um duplo papel: promover os ideais de civilização e modernização europeus, segundo os interesses de uma elite

fundiária bastante enraizada; e traduzir esses padrões culturais modernos para o desenvolvimento do corpo da nação.

Nesse caldo cultural amplamente conflitivo, a questão nacional como batismo político das populações subalternas, vinculada ao esporte, principalmente ao futebol, nem sempre significava correlação com os princípios da civilização e do progresso. Desse processo, não estão excluídos os trabalhadores e a burguesia de classe média latino-americana, que ao contrário do que acontecia na Europa, não estavam “crescendo”, mas “se formando”; nem estavam excluídos os imigrantes; nem os setores tradicionais da cultura popular, muitas vezes correlatos àqueles que se “batizaram” politicamente, tanto na questão do direito à cidade quanto na questão nacional, durante o período entre guerras mundiais.

Assim, a despeito do que disse San Martín, em passagem acima citada, foi possível ao historiador inglês David Wood, em artigo sobre a relação entre as elites e o futebol no Peru, fazer o seguinte recuo histórico:

*Como fue el caso de varios países de América Latina, la Independencia del Perú en 1821 no significó un profundo cambio en las estructuras sociales, ni en la jerarquía de patrones culturales, que seguían pautas marcadas en buena medida por consideraciones raciales. Lo que se dio no fue una revolución que buscó reivindicar las culturas colonizadas en el siglo XVI, sino la formación de una nueva élite política, económica y cultural que hasta certo punto seguió inspirándose en modelos europeos. En el Perú del siglo XIX se constituyó una oligarquía blanca, supuestamente de 44 familias, dominó el panorama político-económico hasta mediados del siglo XX, por lo menos. (WOOD: s/d, p. 01).*

E relacionar esse propósito do movimento de independência peruano, racista e elitista, com a chegada do futebol ao país:

*Un elemento importante de esta influencia blanca y europea lo representaba los británicos, quienes llegaron para aprovechar las oportunidades comerciales y financieras que se presentaban después de la salida de los españoles, y como parte del bagaje cultural que llevaron al Perú (y a América Latina em general) el fútbol comenzó a jugarse en los clubes exclusivos que establecieron en la capital, como Lima Cricket and Lawm Tennis, fundado en 1859. (WOOD: s/d, p. 01).*

No entanto, longe de ser um jogo preservado entre os ingleses da colônia britânica, durante os primeiros 30 anos do século XX, principalmente no período entre guerras, o futebol foi expressão de conflitos classistas, raciais e de identidade nacional. Pobres e ricos, brancos e negros, nacionalismo e cosmopolitismo: todos esses grupos sociais e ingredientes ideológicos tingiram com sangue e discriminação a batalha em torno do domínio da prática e da administração do jogo.

As elites, inclusos “*los británicos que formaron su propia colonia en Lima*” (WOOD: s/d, p. 01), ao mesmo tempo em que buscavam manter o conceito de identidade peruana vinculada à classe social fundiária e branca, pautadas num cosmopolitismo que vinculava essa identidade às modernidades europeias, buscavam “*mediar la cada vez mayor presencia de las classes populares en la vida pública de Lima*” (WOOD: s/d, p. 03), numa espécie de rearranjo da identidade nacional, em que brancos e negros, pobres e ricos comporiam uma unidade peruana. Nesse sentido, federações nacionais de futebol e a própria seleção nacional seriam indicadores deste propósito de gestão das recém-batizadas – politicamente – classes populares.

Se era inevitável a difusão do futebol no seio das classes subalternas, “*facilitada por los requerimientos básicos en cuanto a equipo – unas piedras para formar el arco y una pelota de trapo –, y su flexibilidad con respecto a cancha, tiempo de juego y número de jugadores*” (WOOD: s/d, p. 02), a criação das ligas e federações nacionais entre 1912 e 1922 procurava garantir as vitórias dos times da elite, como o “Lima Cricket” e o “Universitario de Deportes” (“La U”), assim como a sua administração sem interferências populares. No entanto, times como o “Alianza Lima”, do bairro suburbano e afro-peruano “La Victoria”, e os fabris “Sport Inca” e “Sport Vitarte” desmontaram os propósitos elitistas da Liga Peruana de Futebol, que fundada em 1912 foi desfeita por não garantir as vitórias e a gestão do futebol pelas elites.

Em 1922 é criada a Federação Peruana de Futebol, com propósitos bastante claros e específicos: retirar o controle das rendas dos jogos das mãos da “*Associación de Amateurs*”, encabeçada pelos dirigentes dos clubes populares; e, como desdobramento, “*regular las actividades futebolísticas de las clases populares*” que “*puede apreciarse por el hecho de que los presidentes de la FPF desde su fundación son todos blancos, y profesionales, empresarios o militares*” (WOOD: s/d, p. 04). Já em 1922, o futebol tinha quase que completamente alijado as elites de sua prática, muito embora a briga em torno da gestão continuasse por mais oito anos no Peru.

Entre 1927 e 1930, quatro eventos são importantes quanto ao privilégio de administração do futebol e a questão da identidade nacional. Primeiro, a construção do “Estadio Nacional” como oferecimento da comunidade Britânica, doadora do lote, às festividades do centenário da independência, muito embora a abertura tenha se realizado seis anos depois, em 1927, quando da realização do Campeonato Sul-Americano em Lima e formação da primeira seleção peruana de futebol. Segundo, o início da rivalidade entre jogadores e torcedores de “La U” e “Alianza Lima”, opondo

simbolicamente o time das elites e o time suburbano, num jogo mítico em que torcedores do time universitário entraram em combate com os negros jogadores do “Alianza”. Terceiro, a expulsão do time do bairro de “La Victoria” da Federação, após insubordinação, quando da preparação da seleção nacional para o certame continental de 1929, na Argentina, por não ter concordado com o pagamento de inscrição no campeonato peruano do mesmo ano, retirando o seu time da liga nacional e, consequentemente, todos os seus sete jogadores da seleção. Quarto, o desafio internacional do “Alianza Lima” com o “Tucumán”, da Argentina, consistindo num grande triunfo internacional, logo tomado como uma vitória nacional e representante do “modo de jogar peruano”.

Nesse ínterim, coube ao estado peruano, sobretudo durante o governo ditatorial do presidente Leguía (1919-1930), o patrocínio das iniciativas da comunidade britânica e da “Federação” nacional no vínculo de uma nova identidade nacional, que embora mais larga socialmente, ainda cosmopolita, racista e elitista. Esse patrocínio pode ser explicitado na associação de datas e festividades cívicas com o futebol, como na construção do “Estadio Nacional”, assim como no fato de que o aparato estatal *“por la primera vez en el país, se encargaba de la organización y difusión del deporte”* (WOOD: s/d, p. 04), como no apoio do governo à FPF, à seleção nacional e à sua participação em campeonatos internacionais de futebol, inclusive sediando a edição de 1927 do Campeonato Sul-Americano.

A imprensa, para além do mesmo compromisso esportivo oferecido pelo governo, fazia perceber o batismo político dos grupos subalternos. Quando do jogo entre “Alianza” e “Tucumán”, em 1930, com o time peruano ainda expulso da FPF, o periódico “Variedades” fez circular o seguinte artigo, intitulado *“La apoteosis de los negros”*: *“Ese club es, sin cuestión, el representativo de nuestro adelantado y de nuestra modalidad particular en el fútbol. Los bravos negros conquistaron un ruidoso suceso”* (WOOD: s/d, p. 07). De grupo social indesejável durante a independência, os negros passaram a ocupar lugar de destaque com o futebol, sendo esse esporte/jogo uma importante ferramenta de inserção política das classes subalternas na América. Muito embora, como se pode ler abaixo com o mesmo autor inglês, as relações de poder ainda eram bastante desiguais.

*La élite local había perdido el dominio de la práctica del fútbol, pero esto no significaba la perdida del control sobre su organización, y mediante una combinación de actitudes autoritarias y paternalistas lograron mantener su influencia sobre este deporte cada vez más popular.* (WOOD: s/d, p. 08).

A razão da popularização do futebol no mundo pode mesmo ser sintetizada naquela famosa expressão de Oscar Wilde, de “um jogo para cavalheiros jogado por bárbaros”. No entanto, as variáveis não são iguais, para se chegar a este resultado, quando se comparam Europa e América. Quando o autor britânico escreveu esta frase, contextualizava um esporte já profissional em Inglaterra, onde até clubes de origem proletária, como o Arsenal, poderiam pagar altas somas por transferências, ou criar um estratagema de arrecadação de dinheiro com a abertura de suas ações para os torcedores (FRANCO JR.: 2007).

Na Europa, a administração do esporte ficou nas mãos dos empresários, como mais uma possibilidade do capitalismo e da industrialização (Segunda Revolução Industrial). Na América, a gestão do futebol ficou nas mãos das mesmas personagens aristocráticas do futebol amador, que alijadas da primazia da prática buscaram manter-se fiéis aos códigos de um jogo distintivo e imperial. As traduções do esporte bretão para as comunidades nacionais na Europa obedeceram às próprias especificidades de cada país no seu processo de crescimento da burguesia e do proletariado, assim como de suas relações com os estrangeiros e a migração em massa do início do século XX. As traduções nacionais na América foram gestadas no interior da possibilidade de formação desses novos segmentos sociais urbanos, no interior de uma lógica econômica e política do imperialismo e de inserção das classes subalternas nas relações de poder com o Estado.

Se o resultado foi o mesmo nos dois continentes: preservação da administração do esporte nas mãos de uma elite e de popularização da prática do futebol entre os setores pobres e médios urbanos, a elite europeia era empresarial, enquanto a americana era aristocrática; os praticantes eram na maioria migrantes, pobres e de classe média, tanto na América quanto na Europa, com a diferença que do lado leste do oceano Atlântico a defesa do privilégio da prática do jogo entre os aristocratas foi extremamente racista e/ou distintiva. Entre outras coisas, a apropriação do futebol pelas classes populares desse continente criou modalidades de jogo bastante interessantes, como o futebol de rua, o futebol na praça e o futebol de praia, assim como a inserção dessas camadas sociais no corpo político da comunidade nacional, como representantes do “modo de jogar” peruano, brasileiro ou argentino.

\*\*\*

Os jornais na Argentina e no Brasil são ricos na explicitação desses detalhes. A imprensa torna-se importante já antes do processo duplo e correlato de popularização e institucionalização do futebol “nacional”, no século XIX, quando o esporte era mesmo assunto e costume estrangeiro. Assim, podemos dizer com Pablo Alabarces (s/d, p. 04) que “*la difusión global de los deportes modernos es simultánea de la construcción de los mercados mundiales e coloniales*” e que “*el deporte no es un invento autóctono: comprender los modos de apropiación y difusión de este fenómeno también ilustra sobre las relaciones centro-periferia*”, entre Europa e América (ALABARCES: s/d, p. 02). À época, na América, duas correntes esportivas e imperiais concorriam entre si: os jogos codificados nos Estados Unidos, tais como o beisebol e o basquetebol; e os jogos atléticos britânicos, tais como o críquete, o futebol e o rúgbi.

Em Buenos Aires, cidade marcada pela dependência econômica aos negócios britânicos, a migração de irlandeses, ingleses e galeses – que vinham trabalhar como funcionários do império –, assim como na construção de ferrovias e portos (infraestrutura de aquisição da matéria prima para o mercado inglês: a carne bovina, por exemplo), teve um correlato cultural e espacial para a participação dos primeiros jogadores e a fundação dos primeiros clubes. “*It's no accident that many of the early clubs grew up around the railway station*”, afirmou em certa ocasião John Kennedy (in. KENNEDY: 2008, p. 06), como os casos do “Banfield A.C.”, do “Rosario Central” e do “Quilmes Athletic”.

Também não era acidental esse crescimento do esporte entre estudantes de escolas britânicas na “quase colônia” inglesa portenha, como o caso da fundação do “Lobos Athletic Club”, em 1892, criado no sul da província de Buenos Aires por irlandeses e seus descendentes; ou do “Buenos Aires English High School”, em 1884, fundado pelo escocês Alexander Hutton na capital da província, tornando-se posteriormente o vitorioso “Alumni”, maior campeão argentino entre os anos 1893 e 1931<sup>87</sup> (ALABARCES: s/d, p. 05).

No caso da criação do “Lobos”, “*This is considered to be a first Irish sports in the country and signified that Irish-born and Irish-Argentines were seeking to assert their identity within the English-speaking community*” (KENNEDY in. John KENNEDY: 2008, p. 07). Essa afirmação de uma identidade anglófona pelos imigrantes irlandeses e seus descendentes pode ser ratificada pelo próprio

---

<sup>87</sup> Marcos que indicam simultaneamente a fundação da liga amadora – a “Argentine Football Association” – e a profissionalização do esporte no país.

estabelecimento da imprensa de língua inglesa no país, com a fundação em 1875 do “*The Southern Cross*”, jornal irlandês de orientação católica e nacionalista, que também fazia a cobertura dos jogos comunitários. No entanto, a década de 1890 traz alguns elementos que denunciam um processo de apropriação e nacionalização do esporte em Buenos Aires, como o caso do “Capital Athletic Club”, que fundado por “*Irish-Argentines*” em 1895, teve logo no mesmo ano seu nome mudado para “Porteño Athletic Club”, como sinal de uma tradução do esporte estrangeiro para o idioma castelhano.

Na emergência do século XX, outros sinais dão mostra da tradução do esporte bretão para a gramática laboral e nacional argentina. Em 1905 a liga tem seu nome “castelhanizado” e passa a se chamar “*Asociación Argentina de Fútbol*”, como sintoma de um processo muito maior de popularização do esporte no interior da classe média (nas escolas) e da classe trabalhadora (os clubes ferroviários e de bairro) em formação. Numa passagem bastante sintética, Pablo Alabarces (s/d, p. 05) resume o processo de popularização do futebol argentino, a partir de 1905, no interior dessas duas classes sociais.

*Toda la década estará dominada por los clubes y colegios de la colectividad, hasta que en la década siguiente comience la hegemonía de los nuevos clubes de las clases medias criollas: estos clubes, a veces ligados a pertinencias territoriales – los nuevos “barrios” porteños o las ciudades pequeñas del interior del país – o a empresas industriales o de servicios – ferrocarriles, pero también comercios –, son los agentes de un intenso proceso de popularización que involucrará también a las clases populares y que desembocará en la profesionalización en 1931.*

Nesse interim, de forma correlata, alguns jornais de grande circulação de Buenos Aires, como o diário “*La Nación*”, buscavam retirar dos jornais de língua inglesa o privilégio da cobertura dos jogos esportivos, num intuito duplo de informar aos leitores de língua castelhana “*sobre las vicisitudes de los campeonatos locales*” e “*de la formación de los equipos*”, assim como oferecer “*su punto de vista sobre diversas cuestiones relacionadas con una serie de transformaciones que se llevaban a cabo en la cultura futebolística*” – como a popularização do esporte e sua inserção nas questões de identidade nacional: “*la sensibilidad colectiva*”, nas palavras de Roberto Di Giano (2010, p. 21).

Como marco dessa ação nacional jornalística em Buenos Aires, o autor portenho supracitado elege o ano de 1913, data em que o “*Racing Club*” se tornou campeão argentino, um dos primeiros times de origem popular ou trabalhadora a ganhar o certame nacional. No entanto, à revelia do processo de “castelhanização” do termo

inglês “*sport*” para “*deporte*”, iniciado pelo próprio diário “*La Nación*”, de Bartolomé Mitre – “representante del liberalismo conservador argentino” dos últimos 25 anos do século XIX (DI GIANO: 2010, p. 20) –, a coluna esportiva do jornal traz uma série de crônicas de teor crítico ao novo modo de jogar futebol (popular) e ao novo estilo de jogador (o “*crack*”). Assim, no dia 27 de janeiro de 1913, o cronista exorta contra torcedores de mau gosto e jogadores egoístas. Dessa forma o “*crack*” argentino:

*No es un excelente jugador. No es un Rithner o un Jorge Brown, que a dichos jugadores se coloca en posición superior porque además de su juego, por su espíritu deportivo están colocados en plano superior. (...). El crack es un jugador de renombre entre cierto público afecto a las piruetas de éste, ineficaces siempre, que no pasa la pelota y a veces marca los tantos de bonita forma con mucho dribling, por su solo esfuerzo. (...). El crack no es un jugador eficiente (...). Se hace rogar, impone condiciones, llega a pedidos a veces reñidos con el sport, los días de match es necesario ir a la casa a buscarlo para que juegue (...) y una vez en el fiel o es un negligente o riñe con el contrario.* (“*La Nación*”: 27/01/1913. apud. DI GIANO: 2010, p.p. 22-23).

O “liberalismo conservador argentino”, concepção formadora desse jornal portenho, faz com que o ideal de construção de uma “sensibilidade coletiva” nacional opere no vínculo entre “castelhanização” do futebol e elogio do modo de jogar bretão, representado nas figuras icônicas de Rithner e Jorge Brown, jogadores de clubes escolares britânicos de Buenos Aires, como o “Club Porteño” e o “Alumni”, respectivamente. Entre outras coisas, o “*crack*” argentino em ascensão e os torcedores de mau gosto, também leitores do jornal, representam um processo de popularização do futebol que ameaça a ordem dos acontecimentos sociais de grande importância, quando a aristocracia e seus ideais não protagonizam os momentos de glória. A vitória de um time popular, como é o caso do “Racing”, subverte a lógica do jogo, pensado para a prática de “gentlemen” ingleses, além de também subverter o caráter político das relações de poder no país, ao ameaçar a primazia do jogo oficial entre uma elite anglo-argentina. O “*crack*” argentino impõe condições; negligencia e ri dos preceitos distintivos e amadores da administração do esporte. Pede dinheiro para jogar...

Curiosamente, a popularização do jogo e o estilo de jogar do “*crack*” argentino vão receber o nome pela literatura do país de “*fútbol criollo*”, como síntese do jogo nacional. No entanto, o significado dos movimentos nacionais de independência na América, levado a cabo por uma “*élite criolla*”, é totalmente diferente do significado do processo de tradução do futebol estrangeiro pelas camadas populares. As duas formas de identidade coletiva representam, na verdade, e à revelia do mesmo adjetivo “*criollo*”, uma quebra na ordem do jogo político nas “Américas”, quando a partir do futebol e da

massificação da cultura, das comunicações e da política, as camadas populares ingressam nas questões do direito à cidade, do lazer e da construção de uma “sensibilidade coletiva”. O combate ao jogo popular se torna imperial em Buenos Aires, mas o “*fútbol criollo*” se mostra irreversível, como se supõe da seguinte crônica do diário “*La Nación*”, de março de 1913, em deboche quando da fundação de mais um clube popular:

*Se habrá notado más de una vez la despreocupación y la falta de criterio que rigen al denominar las nuevas asociaciones (...). Llamar un club “Los hijos del sol”, por ejemplo, sería sencillamente ridículo. Más que denominación para un club de esta clase, sería un buen nombre para una institución recreativa o carnavalesca.* (“*La Nación*”: 20/03/1913. apud. DI GIANO: 2010, p. 25).

A força com que essa base popular do esporte operava, em alguns lugares, chegava mesmo a preceder a institucionalização da própria indústria cultural – sendo a imprensa a modalidade pioneira na América –, fazendo com que o beisebol se constituísse em importante elemento da “*cultura deportiva de masas (...) en Yucatán [Méjico] antes del surgimiento, siquiera, de una prensa popular en una población mayoritariamente analfabeta en los años veinte del siglo pasado*” (ALABARCES: s/d, p. 02. Grafos meus, entre colchetes).

Ao que tudo indica, a potência da matriz popular dos esportes de massas reside no caráter lúdico da cultura, quando o processo de codificação empreendido pelas elites imperiais inglesas dos jogos aristocráticos e populares, durante o século XIX, passa por nova apropriação e (re)significação por parte dos setores tradicionais da cultura. Se o esporte é sinônimo de modernidade e capitalismo industrial, a popularização do esporte é o elo mantido entre o lúdico e o esportivo, entre os setores tradicionais da cultura e a modernidade.

Como sugere Pablo Alabarces (s/d, p. 03), a codificação dos jogos, transformando-os em esporte, tem sete características gerais: o secularismo, afastando a relação que os jogos tinham com “*los rituales religiosos*”; a igualdade entre as duas equipes, garantida pelo “*establecimiento de reglas*”; a burocratização, na institucionalização dos esportes; a especialização das funções dos jogadores; a racionalização, na introdução de técnicas de treinos e táticas; a quantificação, na medição e tratamento estatístico dos resultados; e os recordes, como objetivos propulsores para além da vitória. Mesmo não discordando dessas características apresentadas, não creio que elas signifiquem um completo esgarçamento das esferas lúdicas e esportivas, “*hasta tornarlas autónomas*” (ALABARCES: s/d, p. 02). Não

concordo também com a afirmação de que “*Uno de los pocos casos en que una práctica de cierto arcaísmo sobrevive contemporáneamente*” seja a capoeira, como uma “*mezcla de arte marcial y danza ligada a tradiciones afrobrasileñas*” que “*fue objeto de una codificación contemporánea, incluso a los efectos de preservar su valor mítico y original*” (ALABARCES: s/d, p. 03).

Ao contrário, Hilário Franco Jr. (2007, p.p. 212-302) percebe no futebol várias metáforas do mundo contemporâneo, incluso o caráter “clânico” da vinculação ao time, a dança, a guerra, a festa, a sacralização do espaço de jogo – assegurado não somente pelas regras, mas também pela proximidade entre o espetáculo e uma celebração religiosa –, a adoração de ídolos, a heráldica do esporte, os dogmas instituídos e as heresias do esporte – na concepção do que pode ou não pode ser feito, para além das regras e do politicamente correto. Penso que esses caracteres metafóricos da sociedade contemporânea presentes no futebol podem ser associados com o processo de popularização do esporte, prenhe de elementos lúdicos da cultura tradicional e da religiosidade.

Falando concretamente, o desenvolvimento do futebol em uma cidade como São Paulo, que recebeu menos imigrantes apenas que Nova Iorque e Buenos Aires, na América, não pode ter sua popularização dissociada da Festa da Penha, por exemplo. Dessa forma, o jornal “A Plateia”, de 1897, publicava a seguinte crônica:

Todos que ali vão, uns por devoção, outros simplesmente por espírito de curiosidade, encontram ali os melhores atrativos, a começar pelos conhecidos cavalinhos de pau, e a terminar no Coliseu Festa Alegre, que tem feito as delícias dos que ali vão, atenta a concorrência de amadores, não só do esporte pelotar como do ciclismo. (*A Plateia*: 1897. **apud.** STREAPCO & RÚBIO: 2009, p. 07).

Dessa forma, a religiosidade opera como laço comunitário e momento de diversão pública. Longe do paralelismo com os intuitos de estabelecimento de uma “sensibilidade coletiva nacional” do período entre guerras, a religiosidade popular, por meio das festas e da fé, indicam as próprias raízes tradicionais dos momentos de lazer, diversão e ocupação do espaço público. Quando o futebol inicia seu processo de institucionalização nacional, tem como correlato o processo de popularização – e sincretismo entre elementos modernos e tradicionais na apropriação e tradução do esporte. Se o processo de institucionalização do futebol também possui uma fase inicial de reclusão da nova prática às comunidades de imigrantes e seus descendentes, tais como o São Paulo Athletic Club, ou o Rio Cricket Club, a partir do momento que o jogo

passa a ser traduzido para o critério nacional ou popular, os espaços da cidade são improvisados com a finalidade de melhor servir as várias matrizes do futebol.

Assim, num período de tempo que vai de 1895<sup>88</sup> a 1920<sup>89</sup>, os espaços públicos como terrenos, largos, ruas e várzeas dos rios foram se transformando em espaços para que a população pobre da cidade pudesse jogar futebol, ainda que de maneira improvisada, da mesma forma que a elite se utilizava das Chácaras, do Velódromo Municipal ou do Parque Antártica. (STREAPCO & RÚBIO: 2009, p.p. 15-16).

Durante a década de 1920, esse potencial lúdico do futebol, vinculado aos setores tradicionais da cultura e às classes subalternas da sociedade, passa a ser matéria de Estado e assunto mobilizador da ação e opinião pública. O aspecto mais delicado desse momento diz respeito à questão do racismo como correlato da modernidade, sendo o “branqueamento” da população brasileira sinônimo de progresso, e a população “de cor” sinônimo de atraso. Num evento explícito de racismo no futebol, o presidente Epitácio Pessoa chegou mesmo a proibir a participação de qualquer jogador negro na seleção brasileira de 1921, que disputaria o certame continental daquele ano no Uruguai. Sobre essa intervenção presidencial, o jornal “O Estado de São Paulo”, numa republicação da matéria do jornal carioca “Correio da Manhã”, explicava:

O governo brasileiro auxiliou em algumas dezenas de contos a Confederação Brasileira de Desportos, mas exigiu-lhe também uma retribuição: a não ida para o Rio da Prata de jogadores que não sejam rigorosamente brancos. O sr. Epitácio Pessoa foi quem exigiu que não fossem incluídos “negros” no selecionado brasileiro! (*O Estado de São Paulo*: 1921. apud. FRANZINI: 2003, p. 44).

Do ponto de vista pedagógico e político, da matriz elitista do futebol brasileiro e americano, o esporte é mecanismo de desenvolvimento do corpo da nação e é técnica de modernização do país. Nesse sentido, a apropriação do futebol pelas classes subalternas representaria não só um contrassenso político, mas um ato de subversão. Dessa feita, Hilário Franco Jr. (2007, p.69) apresenta de forma lapidar a percepção de Rui Barbosa, em 1916, sobre a constituição “canela negra” da seleção brasileira, “como corja de malandros e vagabundos”. A conexão que existe entre o presidente e o conselheiro, para além das críticas ao futebol popular, pode ser recuada para o período monárquico, quando o então senador Rui Barbosa defendia a implementação dos esportes atléticos britânicos no currículo escolar brasileiro (FRANCO JR.: 2007, p.p. 64-65). O incentivo político ao esporte tanto na monarquia quanto na república, portanto, tinha caráter distintivo.

<sup>88</sup> Data em que o “São Paulo A. C.” cria seu departamento de futebol. (JESUS: s/d, p. 201).

<sup>89</sup> período de reformas do velódromo e da chácara da Floresta, na construção de lances de arquibancadas para a torcida. (João STERAPCO & Kátia RÚBIO: 2009, p.p. 08-09).

Com a persistência do futebol popular, os jornais passam a visualizar também um mercado consumidor em potencial. Nesse sentido, a mobilização da opinião pública em relação ao futebol, tendo o jornal como seu principal veículo, carregava consigo uma contradição digna de uma assertiva de Oscar Wilde, para quem percebe na “ditadura do mais fraco” um dos mais bem sucedidos modos de convivência e relação autoritária: para a imprensa brasileira de meados da década de 1920,

Aproximar-se do jogo significava atrair mais leitores para o jornal e, consequentemente, a possibilidade de aumentar as suas vendas. Ao mesmo tempo, a produção e circulação desse noticiário contribuíam para difundir e aumentar ainda mais as propensões ao esporte bretão. (FRANZINI: 2003, p. 53).

Em outras palavras, a imprensa de grande circulação contribui para o desenvolvimento do jogo popular, mediante a sua cobertura (a partir de 1927 vários jornais brasileiros dão notícia do futebol de várzea), assim como se mantém fiel à administração distintiva do futebol, promovendo a defesa dos ideais excludentes do “association” e ainda mais autoritários das elites aristocráticas “criollas”. Entre outras coisas, as colunas esportivas contribuem para o duplo processo de tradução do esporte bretão: mediante a nacionalização dos termos estrangeiros e mediante o elogio do “modo de jogar”, geralmente afrodescendente ou de origens sociais subalternas, nacional, na América. Os jornais se tornam, portanto, um canal por meio do qual se comunicam as várias formas ideais de representação política e cultural da nação.

Assim, a partir de 1927, se disputava em São Paulo os jogos comemorativos do aniversário da Lei Áurea, entre times de “negros” e “brancos” (FRANZINI: 2003, p. 39 e p.p. 49-50). Essa foi uma iniciativa do movimento afro-brasileiro da capital paulistana, procurando dar maior visibilidade aos atletas de origem africana, que compunham majoritariamente os times da 2º divisão da Associação Paulista de Esportes Atléticos e os times de várzea. O interessante é que a maioria dos atletas do time “branco” compunha os quadros dos clubes da 1º divisão da APA, mas não sendo suficientemente bons para vencerem os jogos em disputa. Os jornais faziam a cobertura, dando mostra de grande mobilização e expectativa para as partidas. Em 1930, o diário “Folha da Manhã” publicava o seguinte:

Depois de amanhã, finalmente, teremos, no gramado tradicional da Floresta, o encontro anual dos combinados Preto e Branco. É ele o assunto geral das nossas rodas esportivas, e os comentários variam constantemente, não raro se inflamando os torcedores. O nosso público, que sempre deu demonstrações frisantes de simpatias pelos homens de cor aplaudindo-os e entusiasmados, ainda desta vez, pelo que se observa entre nossos aficionados, não mudará de favoritos. (*Folha da Manhã*: 11/05/1930. **apud**. FRANZINI: 2003, p. 50).

No entanto, a cobertura desses jogos comemorativos, mesmo que em afirmação da cultura negra no país, não era incompatível com a tradução dos termos estrangeiros do futebol para o português, como uma questão de “princípio de patriotismo”, associado às ligas regionais e distintivas do Brasil. Numa frente nacional e patriótica, encabeçada pelo “Centro de Cultura Physica” de São Paulo, vários estados da federação brasileira estavam representados por seus periódicos no intuito de abrasileirar o jogo e as expressões. Joaquim Genú, jornalista de carreira bem conhecida em Fortaleza, sendo um dos fundadores da Associação Cearense de Imprensa, publica em 1921, no jornal “Correio do Ceará”, a crônica “Futebol: a nacionalização do esporte”, onde o cronista sugere que:

Assim, em vez de dizer “dribla o back e shooata in goal”, é mais bello utilizar-se dessas expressões: “atravessa a defesa e ataca a rête”, não só porque será melhor, conforme nos ensina a “Gazeta Esportiva de S. Paulo”, como será mais facilmente comprehendido pelo jogador e pela assistencia em geral. (*Correio do Ceará*: 12/04/1921, p. 02).

De fato, a tradução literal das expressões do futebol para o português não deu a tônica da popularização do jogo. As expressões em português do futebol brasileiro seguiram outra característica, sendo mais uma vez sintoma da potência do caráter lúdico do esporte em associação com a prática cada vez mais estabelecida nos segmentos subalternos da população. Assim, ou se fundava um neologismo, tal qual “chutar”, “gol”, “futebol”, “driblar”; ou se nomeava as coisas e as funções segundo a experiência, como, por exemplo, as palavras “zaga” e “zagueiro”, em alusão à copa das árvores da Chácara da Floresta, em São Paulo, que barrava os chutes sobre o gol. No entanto, era mesmo a nomeação dos atletas que representava o ponto máximo da associação entre futebol e cultura das classes subalternas, como o caso mais conhecido do jogador Garrincha, numa alusão ao pássaro e ao costume de caçar na mata, como pilharia e diversão infantil; apelido e lazer rural.

Dessa forma, o intuito de fazer “o jogador e a assistência” compreenderem melhor o jogo correlacionava duas concepções: desenvolvimento do patriotismo no seio da prática esportiva; e tática de mobilização do público das partidas para que se tornassem também consumidores das colunas esportivas. A correlação entre popularização do futebol e imprensa não pode deixar de ser associada com a defesa da ordem, da disciplina e da centralidade administrativa. Nesse sentido, os jogos comemorativos, promocionais, as excursões dos times e a disputa do campeonato brasileiro de seleções – a partir de 1922 – são de fundamental importância para se

assegurar a administração e a gestão do esporte nas mãos das mesmas elites distintivas da política e das letras no Brasil. No caso dos jogos da Lei Áurea, organizados pelo movimento negro paulistano, trata-se de uma exceção e de uma concorrência, assim como o futebol de várzea, ao futebol das elites.

\*\*\*

No Brasil, o futebol é assunto primeiramente regional que nacional. Como disse certa vez Fábio Franzini (2003, p. 17), “O próprio futebol brasileiro não passava de algo regionalizado, relativo apenas ao Rio de Janeiro e a São Paulo”. Isso porque a década de 1920 foi marcada por intensa mobilização popular e brigas pelo poder político, como sugere a passagem a seguir de Hilário Franco Jr. (2007, p. 70).

O problema da nacionalidade, potencializada pelas comemorações do centenário da independência, em 1922, dividia a elite do país. As divergências entre as oligarquias regionais tornaram-se mais intensas e as disputas eleitorais mais acirradas. As grandes cidades eram assoladas por manifestações operárias e viraram palco de campanhas e revoltas pela instauração do voto secreto e pelo fim da política oligárquica.

No futebol, esse “problema da nacionalidade” poderia ser percebido de duas formas: no acirramento dos grupos nativos e de imigrantes no sul e sudeste do país, principalmente em relação aos alemães – por conta do fim da primeira guerra mundial – e aos portugueses – por conta das comemorações do centenário; e nas quebras de hegemonia do futebol das elites, quando o Vasco e o Corinthians, times de comunidades imigrantes e populares, venceram os campeonatos do Rio e de São Paulo, varrendo times como Fluminense e o Paulistano.

Se o futebol popular já era numericamente muito superior aos poucos times e jogadores da liga distintiva da 1º divisão dos dois estados, a vitória em 1923 do Vasco e a sequência de conquistas do Corinthians entre 1922-1924, fez com que a própria existência da liga das elites fosse ameaçada. De forma correlata, em 1924 e em 1926, no Rio e em São Paulo, instituições mais autoritárias e excludentes foram criadas, como a AMEA (Associação Metropolitana de Esportes Amadores do Rio) e a LAF (Liga de Amadores de Futebol de São Paulo), buscando erradicar do futebol os times que aderiam ao “amadorismo marrom” e os jogadores que realizavam serviços subalternos, ou eram analfabetos, soldados rasos, seguindo o mesmo critério do voto censitário no Brasil republicano (FRANCO JR.: 2007, p.p. 71-72).

Mesmo do ponto de vista da associação entre a nação e a seleção de futebol “o problema da nacionalidade” emerge no caldo das disputas regionalistas, seja nos

embates pelo privilégio da centralidade da administração da entidade cadastrada junto a FIFA, como nos vários casos de conflito entre os dirigentes cariocas e paulistanos; seja ao ignorar as próprias conquistas da seleção por parte de algumas cidades da federação. A seleção por vezes era coisa bastante distante, sendo mais palpável a representação da “comunidade com onze nomes” no acompanhamento da própria seleção estadual, ou dos times em jogos comemorativos e desafios interestaduais.

Dentre os vários casos de tensão política entre as federações estaduais, podemos elencar três mais importantes, todas elas envolvendo Rio de Janeiro e São Paulo. Em primeiro lugar, segundo Fábio Franzini (2003, p. 19) e Hilário Franco Jr. (2007, p.p. 73-73) apresentam, o imbróglio quando da fundação da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), entre 1915-1916, demarcando o início a disputa pelo reconhecimento junto à FIFA do representante nacional no mundo do futebol, entre a Federação Brasileira de Futebol (FBF, de São Paulo) e a Federação Brasileira de Sports (FBS, do Rio de Janeiro).

Em segundo lugar, ainda conforme Franzini (2003, p.p. 22-31) e Franco Jr. (2007, p.p. 74-75) relatam, a convocação, preparação e eliminação da seleção brasileira durante a primeira Copa do Mundo, em 1930, no Uruguai, quando os jogadores que atuavam por São Paulo foram proibidos pela sua federação de disputar o mundial, como resposta para ausência de dirigentes paulistas na comissão técnica, gerando acusações entre os jornais de São Paulo e do Rio sobre o caráter antipatriótico do carioca ou do paulistano e mobilizações de rua em favor da seleção brasileira, por parte da população do Rio, e contra o “escrete carioca”, apenas em missão esportiva e não oficial, por parte dos torcedores de São Paulo. Num testemunho que vale a pena reproduzir, Felix Inarra, dirigente do time argentino “Huracán”, em excursão pela capital paulista, não deixou de ficar chocado e admirado com o grau da dissidência entre paulistanos e cariocas em plena afirmação nacional do ser argentino e uruguai, por intermédio do modo de jogar das duas seleções. O que não era o caso do escrete brasileiro que foi ao Uruguai.

Vivas e mais vivas eram entoados e eu disse: “Os brasileiros venceram”. Um rapaz próximo de mim disse então: “Não, senhor, os cariocas perderam por 2 a 1”. E com maior espanto vi desfilar um funeral, onde os cânticos fúnebres e morras aos cariocas ecoaram! Fiquei bobo e pensei como nós, argentinos, tínhamos pena de ver os brasileiros, alijados do campeonato, gozarem seus irmãos! Pensei que não era território brasileiro... (INARRA. **apud.** FRANZINI: 2003, p. 29).

Num terceiro momento (FRANZINI: 2003, p. 65; FRANCO JR.: 2007, p. 76), em novo litígio quando da preparação para um mundial de futebol, agora em 1934, na

Itália, dirigentes cariocas e paulistanos rompem com a CBD e refundam a Federação Brasileira de Futebol (FBF). A pauta da dissidência era a então profissionalização do jogo, iniciada em 1933 na capital fluminense. A CBD, fiel ao amadorismo e amparada pelo Botafogo, se recusa a convocar qualquer jogador com contrato, vinculados em sua maioria aos clubes do Rio e São Paulo. Dessa forma, o time que foi à Europa mais representava as disputas políticas pelo controle do futebol do que unidade nacional.

De fato, as disputas que envolviam as representações em torno do futebol brasileiro, sejam na origem dos jogadores ou na institucionalização do esporte, mais indicavam as contendas e diferenças regionais.

\*\*\*

Em Fortaleza, o futebol era permeado por rivalidades interestaduais; e a seleção brasileira era notícia longínqua, escassa e pequena pelo telégrafo, sendo a seleção local a medida da competência do modo de jogar cearense. Vários são os momentos em que o futebol pode ser visto como metáfora dessas fissuras regionais. Os periódicos, nessa capital da federação, também não fugiram ao caráter genérico do duplo papel da imprensa na aproximação com o jogo, como porta voz da ordem e canal de debate sobre as várias formas de representar a nação em campo.

Num contexto de comemorações do centenário da independência, em 1922, quando o esporte foi um dos carros chefes das festividades públicas, o futebol foi elemento importante na representação da história institucional do Ceará e do Brasil, em jogos comemorativos de exaltação patriótica, majoritariamente regional. Para além dos jogos do centenário da independência, foi comemorado o centenário da adesão maranhense à independência (28/07/1823), a Confederação do Equador (adesão do Ceará em 26/08/1824) e o descobrimento da América (12/10/1492).

No caso das festividades do centenário da independência do Brasil, o jornal “O Nordeste” publicou uma série de crônicas esportivas, entre elas a apresentação da inscrição do “*sportman*” cearense Pedro Riquet nos jogos olímpicos do centenário<sup>90</sup>, no Rio de Janeiro, e a notícia pelo telégrafo da chegada da seleção belga de water-polo, vice-campeã mundial, para o desafio internacional com a seleção brasileira, como parte dos “Jogos do centenário”, título da matéria<sup>91</sup>. Quanto ao futebol, foram organizados torneios e excursões como forma de homenagear a data e promover a ordem

---

<sup>90</sup> *O Nordeste*: 20/07/1922, p. 03.

<sup>91</sup> *O Nordeste*: 11/10/1922, p. 03.

institucional do executivo brasileiro. Assim, uma equipe fortalezense da ADC foi convidada para jogar em Recife a pedido da Liga Metropolitana pernambucana, como parte “Nas comemorações da independência”, onde iriam desafiar “diversos teams de estados do norte<sup>92</sup>”; e o governo do estado do Ceará organizou o torneio do centenário, a ser disputado no mês de setembro.

Reina grande ansiedade no meio desportivo de nossa capital pelo sensacional e disputadíssimo torneio desportivo, em comemoração do Centenario da Independencia, que se realizará no campo do Benfica, entre as equipes dos clubs filiados à Associação D. Cearense. (*O Nordeste*: 25/08/1922, p. 03).

O torneio foi disputado em dois dias (09/09 e 10/09), envolvendo as cinco equipes da primeira divisão da ADC, sendo o campeonato patrocinado pela “Casa Americana” – local de venda dos ingressos – e contando com a presença de autoridades políticas e esportivas, como do próprio presidente Justiniano Serpa e dos dirigentes esportivos Raimundo Justa (árbitro do Ceará), Aloisio Mamede (árbitro do Fortaleza) e Juarez Bastos (secretário da ADC). O aspecto solene e oficial do evento poderia ser percebido pela premiação aos vencedores, sendo ofertada uma taça ao vencedor, intitulada “Taça Centenário”, e um quadro ao vice-campeão, “Grito do Ypiranga”, de autoria do pintor positivista Pedro Américo. Mas também pelo aspecto de parada militar do torneio, como se pode perceber na passagem a seguir:

O torneio terá o concurso dos cinco clubs que jogam no campeonato deste anno. Dia 9: 2h, 30, desfile composto de dois teams de cada club, em torno do campo do Benfica, em continênciā ao exm. sr. Presidente do Estado. Em seguida, a excl. proclamará a abertura do jogo. (*O Nordeste*: 01/09/1922, p. 03).

Muito embora não tenha sido publicada mais nenhuma crônica sobre os jogos da taça, a força com que o futebol se aproximava das festividades cívicas continuava muito forte nos anos seguintes. Em 1923, o “Guarany” e o “América” foram indicados pela imprensa como possíveis participantes das festividades do “28 de julho”, em comemoração à adesão tardia do Maranhão à independência do Brasil. Assim, numa crônica escrita pelo pseudônimo Yllus, o Guarani era dado como quase de partida para São Luiz.

Para a capital maranhense deve partir, dentre poucos dias, afim de tomar parte nos festejos desportivos em comemoração ao centenário de 28 de julho, para os quaes foi convidado pelo “Luso Brasileiro”, uma delegação do “Guarany Athltic Club”, a qual será presidida pelo distinecto sportman Oscar Araripe, culto em destaque no desporto cearense. (*O Nordeste*: 16/07/1923, p. 03).

---

<sup>92</sup> *O Nordeste*: 20/07/1922, p. 03.

Da mesma forma, se dizia na mesma coluna esportiva, noutra crônica de Yllus, sobre o “América”: “É voz corrente também, que o club da camiseta vermelha irá a S. Luis tomar parte nas festas desportivas do centenario, a convite do F.A.C. (...)”<sup>93</sup>. O destaque dessas celebrações fica a cargo da aproximação entre clubes, federações, empresas, dirigentes e comerciantes do poder público e suas festividades como uma atividade da agenda política oficial. Em 1924, duas grandes celebrações cívicas ocorrem, sendo comemorados o aniversário de descobrimento da América e o centenário da Confederação do Equador.

No caso das festividades do descobrimento, a “Cervejaria Polônia” e a ADC faziam as honras da capital cearense na promoção de um torneio entre os times locais. Caberia à cervejaria a confecção da premiação; e à Associação, caberia a organização e cessão do campo oficial de jogo<sup>94</sup>. Três equipes participaram do torneio, sendo o “Humaytá” campeão da festividade. O detalhe especial deste torneio, se não a presença de ilustres políticos, mas o apelo comercial da partida, relacionando empresas, comerciantes, a ADC, clubes afiliados e datas comemorativas. Isso pode se verificar no convite<sup>95</sup> da ADC publicado pelo jornal “O Nordeste”, pedindo pela presença do que “Fortaleza possue de mais distinto em seu meio social”, assim como na descrição das partidas do dia 12 de outubro, quando os louros da vitória do “Humaytá” foram divididos com o agradecimento da imprensa aos representantes comerciais da cervejaria patrocinadora em Fortaleza.

Feriram-se, hoje, pela manhã no campo da “A.D.C.”, as pugnas do “Torneio 12 de outubro”, entre os quadros do “Cutuba S. C.”, do “Flamengo A. C.”, e do “Humaytá S. C.”, o qual derrotou seus contendores por 1 goal a zero e 1 corner a *nihil*, respectivamente, tornando-se assim detentor da taça “Polonia”, oferta dos srs. Pedro Eugenio & Cia., acreditados agentes em nossa praça da Companhia de Cerveja Polonia. Parabenizamos os denodados verde-rubros pelo triunfo alcançado. (*O Nordeste*: 12/10/1923, p. 03).

Neste contexto de aniversários e centenários, o ápice da representação institucional da “pátria cearense” e sua história, por meio do futebol, ocorreu nas comemorações do centenário da Confederação do Equador. Data mais que especial para a imprensa local, que também comemorava no ano de 1924 seus 100 (cem) anos de atividade. Assim como aconteceu em várias possessões espanholas na América, foi com o movimento insurrecional contra a metrópole – enraizada na colônia desde 1808 e com sua linhagem monárquica continuada com o 1º imperador do Brasil, D. Pedro I, desde

<sup>93</sup> *O Nordeste*: 16/07/1923, p. 03.

<sup>94</sup> *O Nordeste*: 10/10/1923, p. 03.

<sup>95</sup> *O Nordeste*: 11/10/1923, p. 02.

1822 – que a ação jornalística e a imprensa foram alimentadas na então província do Ceará. Passados o século da derrocada da insurreição federalista contra o império – o que garantiu, entre outras coisas, a unidade territorial e a centralidade administrativa no Rio de Janeiro –, o trabalho de memória e comemoração da data unia imprensa e a ADC na promoção de cinco partidas de futebol, tendo como time convidado, não um time de Pernambuco, também participante da confederação, mas um clube do Maranhão, o Guarany.

Assim, divulgava o jornal “O Nordeste” (13/08/1924, p. 02) que “Foi recebida com a maior satisfação em nosso meio desportivo a alvissareira notícia da próxima vinda do ‘Guarany Athletico Club’, do Maranhão, a esta capital, onde disputará cinco provas” em ofício enviado pelo “distinto *sportman* R. Justa, digno 1º secretário da ADC”. Cada jogo disputado teria uma razão especial para celebrar, sendo oferecida em cada partida disputada uma taça comemorativa. Dessa feita, na mesma crônica, era divulgado o calendário dos jogos:

O primeiro “match” realizar-se-á no dia 21, entre um combinado do “Humayta” e do “Cutuba” com o time visitante, sendo disputada a taça “Luso-Brasileira”. O segundo jogo será no dia 24, com o “Ceará Sporting Club”, para a conquista da taça “Imprensa de Fortaleza”. No dia 26, data da adesão do nosso estado à Confederação do Equador, jogará o “America Foot-ball Club”. A taça do jogo intitular-se-á - “Confederação do Equador”. A taça “Ceará-Maranhão” será disputada no dia 28 pelo “Fortaleza Sporting Club”. À 31, será efectuado o ultimo jogo da temporada, encontrando-se o “Guarany” do Maranhão e o nosso. A taça desse “match” terá o nome de “Prefeitura Municipal”. (*O Nordeste*: 13/08/1924, p. 02).

O interessante é que a razão da comemoração da Confederação do Equador é muito diferente da razão do próprio movimento em 1824. O que poderia sugerir uma exaltação do governo republicano e do federalismo, na verdade destoa com a disputa de uma taça como a “Luso-Brasileira”. O detalhe interessante da construção do imaginário cearense durante a primeira república é que ele é demasiadamente imperial. Entre os anos 1890 e 1930 foram erigidos vários monumentos na capital cearense, sendo todos os heróis de mármore representantes da ordem monárquica no Brasil: monumento à D. Pedro II, por iniciativa da ACI, com passagens em celebração da Princesa Isabel e da lei Áurea; monumento do Cristo Redentor, por iniciativa do Círculo Católico Operário de Fortaleza; e o monumento em homenagem a José de Alencar, escritor romântico e senador do império, também por iniciativa da ACI.

Diferentemente do que se praticava em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, onde as festividades do centenário da independência eram afirmações também do imaginário republicano, de aproximação das datas cívicas com as diversões públicas,

em Fortaleza, a aproximação entre a história institucional do Ceará (“Confederação do Equador”) com o poder público (“Prefeitura Municipal<sup>96</sup>”) e o futebol não significava fidelidade com o imaginário republicano. O que parece ser um contrassenso, pois 100 (cem) anos depois do movimento revolucionário e contrário ao império brasileiro, a Confederação do Equador emerge nas comemorações e construção do imaginário regional como mais um dos grandes momentos da história institucional do Ceará, assim como a libertação dos escravos e o romance de José de Alencar.

Indício desta orientação de celebração dos grandes momentos e personagens da história oficial do estado, como parte de uma construção imaginária, foi a organização e os preparativos para a comemoração do centenário de nascimento de José de Alencar (01/05/1929), em 1928. Polybio, pseudônimo do jornal “Gazeta de Notícias”, que escrevia na coluna “Ecos e Factos”, iniciou assim, a sua crônica diária:

Cogita-se erguer uma estatua, em Fortaleza, a José de Alencar. Nada mais louvável. O Maranhão nos dá o bom exemplo, desde há muitos annos ornamenta uma das praças da cidade de São Luiz com a figura venerada do poeta Gonçalves Dias. É de estranhar, aliás, ainda não termos prestado ao maior romancista brasileiro, que é cearense, ao menos esta palida homenagem. (*Gazeta de Notícias*: 11/01/1928, p.03).

De forma similar, mas já atestando o comprometimento da imprensa com a organização e promoção da homenagem ao escritor cearense, Antonio Sales, jornalista, escritor e um dos idealizadores da edição da estátua, convoca a população a se envolver em tal empreitada patriótica, num “Apelo aos cearenses” – título da matéria publicada no jornal “Gazeta de Notícias” – que diz o seguinte:

Eis chegado o momento em que o Ceará deve pagar uma sagrada dívida de gratidão, e, ao mesmo tempo, mostrar ao Brasil e ao mundo que merece a glória de ser o berço natal de um grande homem. Em 1º de maio do próximo anno celebra-se o centenario do nascimento de José de Alencar, que não é apenas o maior dos cearenses até hoje nascidos, mas também o maior escritor brasileiro de todos os tempos. (*Gazeta de Notícias*: 12/01/1928, p.05).

A convocação e dívida de gratidão ajudaram a promover uma verdadeira campanha para a inauguração do monumento, com tempo hábil para a comemoração do centenário de nascimento do autor de “Iracema”. A mobilização envolveu setores “modernos” da sociedade, tal qual o cinema e o futebol, para além da própria imprensa. No caso do cinema, a ACI estabeleceu parceria com o empresário Luiz Severiano Ribeiro, dono dos cinemas “Majestic” e “Polyteam”, “pleiteando a adopção de um

<sup>96</sup> O nome da taça em disputa, quando do jogo entre Fortaleza-Ce e Guarany-Ma, foi alterado para “Estado do Ceará”, em vez de “Ceará-Maranhão”, em oferecimento do próprio presidente do Estado do Ceará. (*O Nordeste*: 27/08/1924, p. 02; 28/08/1924, p.02).

imposto especial de 10% sobre as entradas nos cinemas de sua empresa” (*Gazeta de Notícias*: 11/01/1928, p. 04).

No caso do futebol, várias partidas foram realizadas em prol da edição do herói de mármore, sendo mais uma faceta do futebol como representação oficial da pátria demonstrada, para além de sua associação direta com as instâncias de governo, a história institucional, as festividades cívicas, a imprensa e o comércio: a filantropia. Nesse sentido, o jornal “A Esquerda” publicou uma série de crônicas sobre esses jogos benéficos da estátua. Assim, numa tarde desportiva do dia 1º de maio de 1928, no 99º aniversário de nascimento de José de Alencar, toda a renda do jogo entre “Maguary” e “Fortaleza” foi destinada para a caixa da confecção do monumento, sendo disputada uma taça com o nome do escritor. A partida se desenvolveu, mesmo que “chovesse copiosamente, no campo do Alagadiço” (*A Esquerda*: 03/05/1928, p. 02).

Ao caráter filantrópico da partida de 1º de maio juntou-se a iniciativa privada no dia 03/05/1928, quando nova taça e partida em prol da estátua de José de Alencar foi disputada, agora entre “Ceará” e “Fortaleza”. O jornal dirigido por Jáder de Carvalho apresentava o jogo da seguinte forma:

Hoje, às 15 ½ no campo do “Maguary”, se baterão em um sensacional encontro as esquadras do “Fortaleza” e do “Ceará”, disputando a taça “Gold-Medal” offertada à Associação de Imprensa Cearense pela conceituada firma comercial desta praça O. Ferreira & Cia. O jogo será em prol da estatua José de Alencar. (*A Esquerda*: 03/05/1928, p. 02).

Por fim, seguindo a mesma lógica da parceria entre o futebol, a imprensa e empresas comerciais, uma terceira partida foi marcada em benefício da caixa da ACI. Novamente uma taça foi confeccionada, mas desta vez como oferta da empresa “Casa Americana”. Os times em litígio pela honra da vitória em tal jogo amistoso foram novamente “Fortaleza” e “Maguary”. Coube ao jornal “A Esquerda”, mais uma vez, a publicação da crônica de apresentação da partida: “Amanhã, às 15 ½ horas, no campo do Alagadiço, Fortaleza presenciará, talvez, o mais sensacional encontro de ‘foot-ball’, entre as aguerridas equipes do ‘Maguary’ e do ‘Fortaleza’.” (*A Esquerda*: 11/05/1928, p. 03).

O intuito era promover a imagem do Ceará frente ao Brasil, assim como firmar a ADC e a ACI como instituições sinônimas de gestão do futebol e da imprensa. O interessante é que o modo de construir essas imagens sociais positivas não poderia abrir mão do seu caráter patriótico. Por um lado, o poder público e o comércio associavam seus nomes aos jogos e taças comemorativos; por outro, a ADC e a ACI se firmavam

como instituições reguladoras e domesticadoras da prática de jogar futebol e escrever em periódicos. Dois destes momentos de afirmação institucional foram também realizados a partir de jogos de futebol.

Em 1924, o então presidente da ADC, Oscar Araripe Jr. organizou o torneio da instituição do futebol local, sendo disputada uma taça, com o nome do dirigente. O torneio foi disputado em três semanas, aos domingos, contando com a presença de quatro times<sup>97</sup>: “Ceará”, “Fortaleza”, “América” e “Guarany”. O jornal “O Nordeste” divulgou o campeonato, fazendo sua apresentação e cobertura.

Realiza-se, amanhã, no ground do Benfica, o 1º encontro entre as equipes do “Guarany” e do “America” para a disputa da taça “Oscar Araripe”, creada pela “A. D. C.”. Servirão como juizes os *sportmen* Julio Henrique e Moacyr Machado.” (*O Nordeste*: 09/02/1924, p. 03).

A outra semifinal foi disputada entre “Ceará” e “Fortaleza”<sup>98</sup>, no dia 17/02; a final foi entre “Fortaleza” e “América”<sup>99</sup>. Os resultados de nenhuma partida foram apresentados, assim como não foi feita nenhuma crônica do jogo, muito embora os nomes da taça, da ADC e dos juízes tenham sido anunciados.

Da mesma forma, a ADC, em parceria com a ACI, organizou a taça “Imprensa de Fortaleza”, como primeira atividade esportiva da temporada de 1927, mesmo estando ainda em novembro de 1926. Foram quatro jogos com cobertura da crônica esportiva do jornal “O Nordeste”, em três matérias – com subscrição de Jack Fox em duas delas, ao final dos textos. A primeira tratava da vitória do “Maguary” sobre o “Guarany”, por 2 x 0<sup>100</sup>. A segunda<sup>101</sup> tratava da apresentação de mais duas partidas do torneio, sendo o jogo do fim de semana entre “Ceará” e “Fortaleza” e o de segunda-feira entre “Maranguape” e “Nacional”. No entanto, o ponto mais interessante coube às reclamações de desordem e despreparo por parte dos jogadores, e pouca frequência aos jogos por parte da torcida, sendo esse o assunto da terceira crônica, sobre o jogo final entre “Guarany” e “Fortaleza”.

É tempo, pois, de despertar, do sonno tão prejudicial ao futebol cearense, os dirigentes da A.D.C. Providenciem com presteza todos os seus casos, chamem à disciplina os “rebeldes do campo”, incentivem mais as partidas de futebol e vejamos si vae ou não o desporto em nossa terra. Jogos feitos inesperados, lutas de clubes sem treinos e realizadas quase despercebidamente é que não vae, não pode ir. Não só não será levada a serio, como a assistência aos mesmos é a que sempre temos visto: diminutíssima. (*O Nordeste*: 24/12/1926, p. 08).

<sup>97</sup> *O Nordeste*: 08/02/1924, p. 03.

<sup>98</sup> *O Nordeste*: 16/02/1924, p. 02.

<sup>99</sup> *O Nordeste*: 23/02/1924, p. 02.

<sup>100</sup> *O Nordeste*: 09/11/1926, p. 02.

<sup>101</sup> *O Nordeste*: 13/11/1926, p. 02.

Alguns outros imprevistos dessa natureza puderam ser percebidos durante os jogos em prol do monumento em homenagem a José de Alencar, em maio de 1928. Na partida entre “Ceará” e “Fortaleza”, realizada no dia 03/05, quinta-feira, a torcida invadiu a área destinada à imprensa, gerando confusão e, para completar, a bola furou, fazendo com que o jogo parasse por treze minutos, o que pode sugerir o tempo necessário para o conserto da bola ou, pelo menos, não haver bolas reservas quando da realização das partidas<sup>102</sup>.

Maiores detalhes já foram apresentados no primeiro capítulo sobre as questões de improviso, técnica e confusões que envolviam as partidas oficiais. Mesmo assim, toda a pompa oficial e patriótica da organização das partidas comemorativas não escondia o fato de que a torcida e os jogadores se envolviam de forma particular nos jogos, o que também ficava claro na forma como os atletas preferiam ser chamados em campo, em oposição aos juízes e dirigentes esportivos, questão abordada também no primeiro capítulo.

Ainda do ponto de vista da aproximação do futebol, enquanto instituição oficial, e o patriotismo de exaltação da história e personagens locais, em setembro de 1924 a ADC e a “Sociedade Hípica Cearense” organizaram uma tarde desportiva de domingo em “homenagem ao general Tertuliano Potyguara”, em virtude da ação vitoriosa das forças legalistas contra as manifestações urbanas em São Paulo e Belém; e “dedicado ao desembargador José Moreira da Rocha”, presidente do Estado. Nesta tarde de domingo, foram programados cinco páreos de turfe e uma partida de futebol, entre “Ceará” e “Fortaleza”. O cronista apresentava o evento com as seguintes palavras, chamando atenção para a seu grau de importância: “O festival desportivo organizado para a tarde de amanhã, no aprazível campo do Bemfica, promette revestir-se de raro brilhantismo.” (*O Nordeste*: 13/09/1924, p. 03).

\*\*\*

Seguindo a mesma linha de pensamento que associa o futebol aos grandes eventos da história e seus heróis, a seleção cearense organizada pela ADC tinha por missão representar o poderio do futebol local, como uma questão de honra e caráter, no intuito de elevar a imagem do estado perante os outros da federação brasileira.

Num dos primeiros relatos sobre este tipo de desafio interestadual, a seleção paraense de futebol – de passagem por Fortaleza e com destino à Recife, onde jogaria

---

<sup>102</sup> *A Esquerda*: 05/05/1928, p. 04.

com a seleção pernambucana – foi recepcionada pela ADC, sendo organizado um jogo preparativo para a disputa do campeonato brasileiro de seleções – do qual não participou o selecionado local – entre os paraenses e um combinado do “Guarany” e do “Ceará”. Assim dizia a crônica de abertura do jornal “O Nordeste”, no acompanhamento desse desafio, ainda informando sobre a escalação dos dois times e a empresa comercial que ofertava a taça.

A bordo do paquete “Manaus” que aportará nesta capital na tarde de quarta-feira, chegará, a Fortaleza, uma delegação paraense de “foot-ball”, a qual viaja para Recife, onde vai disputar o campeonato do Brasil. Um combinado do “Ceará Sporting Club” e do “Guarany Athletic Club” jogará com o *team* visitante um *match* no *ground* do Alagadiço, e que será o jogo sensacional desta semana. Nas rodas desportivas reina grande animação por este encontro, que segundo consta, realizar-se-á amanhã, à tarde. O commercio fechará na hora do grande *match*. O combinado cearense está assim constituído: Dico; Meton, Pinheiro, Cantuaria, Victoria, Paulino, Catão, Braguinha, Walter, Deca, Hilde. É o seguinte o luzido *team* paraense: Joãozinho, El Tigre, Xavier, Formigão, Vivi, Silva, Guimarães, Vadico, Leoncio, Sanfanna, Moraes. Será disputado neste encontro um lindo trophéo, oferta do representante da “Companhia Sanit”, o qual se acha exposto na vitrine da Casa Placido. (*O Nordeste*: 11/09/1923, p. 02).

A relação do futebol com o porto e o comércio, nessas partidas interestaduais, já foi suficientemente falado. O ponto realmente específico diz respeito à associação entre a seleção, o estado e o povo<sup>103</sup>. Assim, a seleção paraense era composta de “foot-ballers guarajisos” e o time combinado do “Ceará” com o “Guarany” era a representação dos “cearenses”. Nesse sentido, a imagem positiva do estado, dos jogadores, da torcida e da ADC, medida nas contendas interestaduais, era assunto de primeiro plano dos repórteres do jornal “O Nordeste”. Numa entrevista com o diretor de esportes da delegação paraense, Dr. Francisco Martyres<sup>104</sup>, a opinião desse “paredro” (dirigente) sobre a condição do futebol cearense foi questionada.

No intervalo do *match* procuramos o diretor de *sports* da embaixada paraense. Encontramo-lo no vestiário onde aplicava uma *injeção de coragem* nos elementos do seu *team*. Exposto o nosso intuito, o distinto *sportman* prontificou-se a falar-nos: (...) – O que nos diz de nossos *foot-ballers*? – A impressão é a melhor possível. De facto no Ceará o *foot-ball* está bem adeiado. A sua representação é excelente. Tenho apreciado bastante a actuação dos elementos cearenses e estou convencido de que praticam o *sport* inglês com muita maestria. Pena é que o campo seja improprio e dificulte um tanto a bôa marcha do jogo. Mas, segundo me dizem, pretendem melhorá-lo, não é assim? (*O Nordeste*: 18/09/1923, p. 03).

O jogo, terminado com o placar de 2 x 1 para os paraenses<sup>105</sup>, foi considerado um sucesso, tanto pelo número de torcedores que acorreram ao campo do Alagadiço,

<sup>103</sup> *O Nordeste*: 18/09/1923, p. 03.

<sup>104</sup> *O Nordeste*: 12/09/1923, p. 03.

<sup>105</sup> *O Nordeste*: 15/09/1923, p. 03.

mesmo sob as condições impróprias do campo e o calor causticante, quanto pelo fato de ter sido a primeira experiência de recepção da ADC de uma embaixada futebolística. O fato de não ter feito papel de ridículo no seu primeiro jogo interestadual foi considerado como sintoma de boa qualidade técnica do selecionado improvisado, como deixou claro o dirigente paraense acima citado, dizendo que “De facto no Ceará o *foot-ball* está bem adeantado. A sua representação é excelente”. A confirmação do sucesso da recepção dos paraenses em Fortaleza, mesmo com a derrota, veio com a exaltação da vitória do selecionado “guarajiso” sobre os pernambucanos, pelo campeonato brasileiro de seleções.

Recife assistiu, hontem, a uma luta sensacional em que fortemente se empenharam as representações paraense e pernambucana, em disputa do campeonato nacional de *foot-ball*, que tanto interesse vem despertando em todas as rodas desportivas do país. A victoria, segundo telegrama que nos foi obsequiosamente mostrado, coube aos destemidos guajarisos que, por intermédio de Vadico e Santanna, conseguiram levar de vencida o quadro pernambucano, por 2 x 0, colhendo assim mais um merecido louro nas lides desportivas inter-estaduaes. Cumprimentamos os luzidos foot-ballers nortistas e fazemos votos por que novos triunfos venham a alcançar na capital bahiana, para onde devem seguir de Recife. (*O Nordeste*: 24/09/1923, p. 03).

Nada mais foi publicado sobre o certame nacional em 1923. No entanto, a participação da seleção cearense se mostrou regular desde então, dando início à construção do panteão de momentos gloriosos – nem sempre por conta das vitórias – e retumbantes fracassos. Em 1924 a seleção cearense foi varrida por 6 x 1 pelo selecionado baiano, em partida disputada em Salvador. Para completar “Foram expulsos pelo respectivo presidente [da embaixada cearense], por insubordinação, Cantuaria e Lyra (?!)” (*O Nordeste*: 10/11/1924, p. 02). No mesmo dia e coluna esportiva, mas em outra crônica, outra representação cearense foi derrotada (2 x 1), dessa vez em novo jogo preparativo da seleção paraense de futebol para o campeonato brasileiro de seleções. Mesmo assim, os ânimos não se abateram, e posteriormente à primeira participação cearense no certame nacional, as duas representações futebolísticas da ADC, a que viajou à Bahia e a que desafiou o selecionado paraense, disputaram “Um encontro de scratchs” – título da matéria publicada pelo jornal “O Nordeste”.

No campo do alagadiço, às 15, 45, encontrar-se-ão em match amistoso, o selecionado cearense que disputou o grande Campeonato Brasileiro, na Bahia, e uma “scratch” composta dos melhores elementos de nossos clubs. (...). Reina viva animação por essa luta, que promette revestir-se de muito brilhantismo. (*O Nordeste*: 21/11/1924, p. 02).

Em 1926, nova derrota foi colecionada na primeira fase do campeonato nacional, desta vez diante do selecionado pernambucano, novamente em partida disputada na

cidade de Salvador. Após empate por 2 x 2, num jogo em que a seleção cearense conquistou a simpatia dos torcedores baianos, mas marcada pelo protesto dos dirigentes da ADC e a anulação de dois gols da equipe adversária – o primeiro no fim do segundo tempo; e o outro no final da prorrogação<sup>106</sup> –, novo encontro de desempate foi marcado, sendo a derrota pincelada com tonalidades extras de emoção, novamente num gol do selecionado pernambucano ao final do segundo tempo.

Dois minutos apenas faltavam – rezam as informações - para terminar o jogo que se achava 1 x 1, quando os pernambucanos marcam um ponto para as suas cores, sendo impossível qualquer revindicta por parte dos cearenses que vinham actuando brilhantemente, razão por que conquistara as sympathias bahianas. (*O Nordeste*: 24/09/1926, p. 01).

No entanto, a derrota não significou uma postura crítica em relação à representação cearense de futebol. A publicação pelo telégrafo de uma crônica da imprensa baiana falando da multidão que acorreu ao estádio, além da presença de estadistas e altas patentes governamentais, fez com que o empate do primeiro jogo, apesar das circunstâncias, se configurasse em momento de afirmação do futebol “alencarino” frente à potência pernambucana.

BAHIA, 20 – O jogo de hontem, entre cearenses e pernambucanos produziu viva sensação. À pugna, assistiram o governador, altas autoridades e incomputável multidão. As *equipes* disputaram brilhantemente o campo, sendo opinião dos versados. (*O Nordeste*: 21/09/1926, p. 01).

O aspecto crítico aos recorrentes insucessos do selecionado local teve como correlatos dois aspectos específicos: I – a crítica do calendário do campeonato nacional de seleções e seu posterior esvaziamento das ligas amadoras de futebol das seleções derrotadas; II – o acompanhamento sistemático do selecionado cearense por parte da imprensa, a partir de 1927, quando se começa a palpitar sobre a escalação dos times e a convocação dos jogadores. Como sintoma desse segundo aspecto, o jornal “A Esquerda” publicava uma matéria, sob o título “A organização do nosso selecionado para o corrente anno é o prato do dia. A nossa opinião”, quatro meses antes da realização do campeonato, sempre a partir de setembro.

A imprensa cearense e “sportmen” cearenses, por intermedio desta, emittem quotidianamente suas opiniões a respeito da organização do seleccionado cearense que deverá figurar no campeonato brasileiro de “foot-ball” de 1928. (*A Esquerda*: 31/05/1928, p. 02).

Discutia-se sobre quais os melhores jogadores em cada posição, quem poderia e quem não poderia viajar (caso do goleiro Cincinato), qual a melhor opção tática e qual o

---

<sup>106</sup> *O Nordeste*: 20/09/1926, p. 01.

melhor onze para se levar para campo, incluso o palpite sobre o 2º quadro. O aspecto crítico era correlato do palpite, tendo em vista que seguia o critério de acompanhamento do calendário e organização do certame nacional. Assim, numa crônica escrita por Jack Fox em 1929, mas republicada pela revista “Cancha Desportiva” dez anos depois, o autor bradava contra a organização do campeonato, chegando a seguinte conclusão:

Para o Ceará o campeonato brasileiro de futebol não é outra cousa sinão um entrave para o progresso do nosso futebol. Raro é o ano, que após os jogos nacionais, o nosso futebol não fique em vias de desaparecimento. (*Cancha Desportiva*: 18/11/1939, p.p. 06 e 10).

Estes dois aspectos da cobertura e acompanhamento dos jornais sobre a participação da seleção cearense de futebol, de palpite e crítica, ajudaram a iniciar a própria construção do panteão de conquistas da ADC e dos momentos épicos do esporte local. Se o futebol corroborou com a construção do imaginário dos grandes momentos da história do Ceará, por meio dos jogos comemorativos de iniciativa estatal e comercial, o estabelecimento da seleção da ADC e sua liga como seleção cearense contou com a corroboração do estado e da iniciativa privada, principalmente da imprensa. Na manchete de capa da revista “Cancha Desportiva” de novembro de 1939, número especial sobre o histórico de participação da seleção cearense no campeonato brasileiro de seleções entre os anos 1925 e 1934, fica claro qual o papel desempenhado pela imprensa esportiva nesse processo de corroboração da ADC como representante do futebol estadual.

#### O CEARÁ NO CAMPEONATO BRASILEIRO DE FUTEBOL

EM CIMA – à esquerda: o selecionado cearense que derrotou os natalenses em 1931, em Natal, pela contagem de 5x2. (...). Ainda em cima, à direita, o selecionado potiguar que perdeu para os cearenses em 1929, no campo do prado, por 7x1. (...). NO CENTRO – o selecionado cearense que foi a Belém, em 1928. Venceu os maranhenses por 3x0 e perdeu para os paraenses por 3x0. (...). EM BAIXO – à esquerda, a equipe cearense que, em 1934, derrotou o Maranhão por 5x3, em Fortaleza, e perdeu para o R. G. do Norte, em Recife, por 4x2. 1925 – Venceu o Piauí por 5x1 e perdeu para o Pará, em Recife, por 5x2. (*Cancha Desportiva*: 18/11/1939, capa).

No entanto, o início da construção do panteão de conquistas da seleção cearense tinha os seus dias contados. À revelia do sucesso da parceria futebol-imprensa na formulação de uma patente oficial do esporte, consagrada com a correlação entre profissionalização do futebol e especialização de revistas e cronistas em esportes, o período do regionalismo no futebol passava por uma reformulação, dando lugar ao duplo processo de associação do jogo mais popular do país com a seleção brasileira e início das narrativas de origem sobre o esporte por parte da imprensa.

No Brasil, a guinada ocorre entre 1933 e 1938, período em que as federações estaduais profissionalizam o futebol e são criadas as primeiras revistas especializadas, juntamente com a fundação das associações de cronistas esportivos. Nesse período, duas copas do mundo, com atuações e resultados bem distintos, marcam o fim da era do amadorismo e o começo da síntese do jogo e modo de jogar nacional. Em Fortaleza, o ano de 1938 é chave na compreensão desse processo, quando são fundadas a Associação dos Cronistas Desportivos do Ceará (ACDC) e a revista “Cancha Desportiva”, assim como é o ano da regulamentação do jogador de futebol como mais um trabalhador brasileiro.

Durante a década de 1920, a popularização do futebol – e suas várias possibilidades, desde o esporte oficial patrocinado pelo estado e pela iniciativa privada, ao jogo suburbano vivenciado nos momentos de lazer infantil e operário – foi correlata das intensas disputas regionais, sendo contemporânea das construções imaginárias regionais da nação. Durante a década de 1930, a profissionalização se firmou como a alternativa mais viável para manutenção da administração do futebol nas mãos das mesmas elites sociais do período amador, sendo o projeto de síntese nacional (moderno) do período varguista correlato da construção do panteão de conquistas da seleção nacional. O tempo das seleções regionais se extinguiu com o próprio fim do amadorismo, sendo colocado no lugar a Taça Rio-São Paulo e a seleção brasileira.

## **Considerações Finais: O futebol entre o passado e o futuro.**

Seria, pois, de certa importância observar que o apelo ao pensamento surgiu no estranho período intermediário que por vezes se insere no tempo histórico, quando não somente os historiadores futuros, mas também os atores e testemunhas, os vivos mesmos, tornam-se conscientes de um intervalo de tempo totalmente determinado por coisas que não são mais e por coisas que não são ainda. Na História, esses intervalos mais de uma vez mostraram poder conter o momento da verdade. (ARENDT: 2009, p.p. 35-36).

Quando Hannah Arendt escreveu primeiramente esse texto, parte do prefácio do livro “Entre o passado e o futuro”, em 1954, tinha por finalidade lançar algumas luzes sobre a experiência da tradição do pensamento ocidental, e como ele havia se descolado dessa tradição durante o século XX, até daqueles críticos mais contundentes de nosso pensamento, tais como Nietzsche, Marx e Kierkegaard<sup>107</sup>. Portanto, dizer que o “apelo ao pensamento surgiu no estranho período intermediário” das “coisas que não são mais” e das “coisas que não são ainda” é mais uma metáfora das lacunas que existem no pensamento, entre as forças vetoriais do passado e do futuro que incidem na ação e pensamento político do homem, do que propriamente uma condição do tempo histórico, reconhecidamente contínuo e não lacunar<sup>108</sup>.

Dentre estes momentos intensos para a história recente do pensamento ocidental, podemos citar o período entre guerras mundiais, por exemplo, período em que a política foi inserida no cotidiano das massas dos estados nacionais, em meio ao surgimento e crescimento de novas classes sociais e extremo fluxo migratório. Se por um lado o governo institucional procurava ter sucesso em suas incursões ideológicas, na construção de seus panteões cívicos, os novos atores sociais lançados na cena política procuravam o seu lugar neste novo mundo e o ritmo certo para acompanhar o dinamismo da vida moderna, mantendo sofregamente alguma conexão com suas

---

<sup>107</sup> “Essa, pelo menos, parece ser a lição da tardia colheita de pensamento formalista e compulsório, no século XX [de que o fim de uma tradição não significa o descarte de conceitos tradicionais, nem rebelião contra eles], que veio depois que Kierkegaard, Marx e Nietzsche desafiaram os pressupostos básicos da religião tradicional, do pensamento político tradicional e da Metafísica tradicional invertendo conscientemente a hierarquia tradicional dos conceitos. Contudo, nem as consequências no século XX nem a rebelião do século XIX contra a tradição provocaram efetivamente a quebra com a nossa história. Essa brotou de um caos de perplexidades de massa no palco político e de opiniões de massa na esfera espiritual que os movimentos totalitários, através do terror e da ideologia, cristalizaram em uma nova forma de governo e dominação (...). A ruptura em nossa tradição é agora um fato acabado. Não é o resultado da escolha deliberada de ninguém, nem sujeita a decisão ulterior.” (ARENDT: 2009, p.p. 53-54. Grifos meus entre colchetes).

<sup>108</sup> “Aplicadas ao tempo histórico ou biográfico, nenhuma dessas metáforas [do homem entre o passado e o futuro] pode absolutamente ter sentido, pois não ocorrem aí lacunas no tempo (...). Suspeito que essa lacuna não seja um fenômeno moderno, e talvez nem um dado histórico, e sim coeva da existência do homem sobre a terra.” (ARENDT: 2009, p. 39. Grifos meus entre colchetes).

tradições culturais ou mergulhando de cabeça no aproveitamento das novidades proporcionadas pela rapidez dos transportes e das comunicações.

O que pretendo argumentar a partir de agora, sobre o futebol e a crônica esportiva, é que para além do contexto histórico e urbano que permeavam as relações entre a imprensa, a cidade e o esporte durante a década de 1920 fortalezense, o jogo da bola não passou batido por questionamentos e admoestações que colocavam em xeque a própria harmonia do pensamento social, sendo a defesa do amadorismo, o culto aos músculos e a distinção social pretendida pelo futebol de caráter oficial verdadeiros “intervalos” entre “coisas que não são mais” e “coisas que não são ainda”.

De uma só vez a concepção do futebol – enquanto esporte moderno e imperial; e uma tradição inventada<sup>109</sup>, pantenteada em instituições esportivas e pedagógicas – foi atravessada por questionamentos e práticas que resignificaram o jogo, seja por aqueles que buscavam a qualquer custo manter a tradição e a rota de suas diversões públicas, tais quais os festejos religiosos e os centros urbanos brasileiros, ou as crianças, ruas, praças e lagoas de Fortaleza, compondo ambos, circuitos de uso e afeição do/com o espaço urbano; seja por aqueles que mergulhavam de cabeça no prazer feérico do jogo regrado segundo as máximas do esporte bretão, mas que o improvisavam conforme a conveniência econômica e espacial disponível; seja por aqueles que se colocavam contrários ao jogo e ao esporte, por motivos morais e intelectuais, na condenação do culto aos músculos, à máxima do “*mens sana in corpore sano*”, eles também buscando compreender o mundo e ajustar seus ritmos de vida, mas conforme conceitos tradicionais de ensino, política e trabalho, que se não se reportavam todos à eugenia aristotélica, pelo menos ao romantismo do século XIX, onde um intelectual não era um trabalhador, muito menos o era um jogador de futebol. Este tão intelectual quanto um trabalhador, sendo apenas um esportista, um atleta amador.

Por fim, poderíamos citar ainda o futebol atravessado pela ideologia de Estado, nacionalista, ávida por se vincular aos louros esportivos, fazendo a associação do futebol e suas delegações com o governo como verdadeiras representações diplomáticas em encontros e campeonatos que mais tinham o perfil de uma exposição universal das civilizações. No entanto, a própria constituição da identidade nacional possuía suas características autônomas, sendo a prática do futebol por afro-americanos uma

---

<sup>109</sup> “O termo tradição inventada é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as tradições realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado de tempo – às vezes se estabelecendo com enorme velocidade” (HOBSBAWM & RANGER: 1997, p. 07).

importante luta e conquista política daqueles que foram sempre colocados à margem da história institucional americana, inclusive quando dos movimentos de independência nos séculos XVIII e XIX; e alcançando a esfera esportiva durante o século XX.

O desafio que se coloca ao propor pensar o futebol brasileiro, entre outras coisas, requer um olhar apurado para esses hiatos acerca da concepção do jogo. Se o período entre guerras mundiais marcou profundamente a intelectualidade e a forma de pensar o mundo, outros tantos momentos marcaram de forma importante a concepção do futebol, desde a polarização do globo durante a Guerra Fria até o questionamento atual das instituições de poder em escala mundial, não saindo ileso desses embates a FIFA, a Copa do Mundo e o Estado, tal qual aconteceu em junho de 2013 em várias cidades sedes brasileiras da competição. Neste momento intenso de reivindicações populares, o futebol virou tema das pautas e lutas políticas por direitos civis, políticos e sociais, desde o direito à moradia, à cidade, passando pelo direito a reivindicar e o apelo por melhores condições de educação, saúde e segurança.

Se colocarmos em paralelo pelo menos esses dois momentos críticos de concepção da sociedade e do futebol, veremos que durante a década de 1920 se debatia sobre o direito aos espaços públicos, quais seriam os grupos sociais adequados para o usufruto de cada ambiente urbano, sobre qual a melhor educação e desenvolvimento do corpo nacional (“raça” e “nação”) e quem efetivamente melhor representava a civilização brasileira e a cultura nacional, sendo contrastadas perspectivas oficiais e populares; veremos que durante as jornadas de junho de 2013 toda a pauta das lutas por ampliação dos direitos civis, políticos e sociais colocaram em xeque a própria concepção do Brasil como um país em plena evolução na resolução dos seus principais problemas.

Não seria absurdo, portanto, dizer que estamos atualmente no “intervalo”, “entre o passado e o futuro”, procurando dar sentido à tão frágil democracia e sociedade brasileira, sendo o “*slogan*” “Não vai ter Copa” talvez o maior (e único?) legado da competição, assim como no passado vários projetos e visões de mundo diferentes concorriam para a determinação do futebol institucional e nos momentos de lazer, como uma questão também de representar a nação e o povo, e ordenar os espaços urbanos conforme os parâmetros da eugenia social médica.

Não diria, por fim, como disse Hannah Arendt (2009), que devemos inventar de última hora um expediente que se conecte de alguma forma com a tradição, no sentido de que a tradição do pensamento sobre o futebol brasileiro é profundamente elitista,

condescendente e nacionalista, mas que devemos, sim, inventá-lo no pensar sobre o futebol, se de alguma forma recuperarmos um pouco da linha que vai até K. Marx, E. P. Thompson e outros na tradição do pensamento ocidental, ao aproximarmos o futebol das principais questões políticas.





## **Fontes:**

### **- Jornal *A Esquerda*.**

Hemeroteca Digital Brasileira (BND<sup>110</sup>): 1928 (pdf)

Descrição: Jornal de orientação operária, fundado pelo romancista e jornalista Jáder de Carvalho, em 25 de janeiro de 1928. Seu secretário era Torres de Mello, tendo como gerente o sr. Carvalho de Hollanda. Desde o início apresentava a coluna “A Esquerda Desportiva”. Situava-se na Rua Major Facundo, Centro, nº 256.

### **- Jornal *Correio do Ceará*.**

Setor de Periódicos e Microfilmes (BPGMP<sup>111</sup>): 1928-1930 (papel).

Hemeroteca (IC<sup>112</sup>): 1921-1930 (papel).

Descrição: diário vespertino, fundado em 1915, sob direção do Dr. Alberto Montezuma, com redação católica e comercial. Editores: Padre Sylvano de Sousa e Antônio Fiúza Pequeno. Era um jornal de direção e propriedade da Sociedade Anônima “Correio do Ceará”. Desde 1921 apresentava a coluna “Correio Desportivo”. Situava-se na Rua Senador Pompeu, 864, em Fortaleza.

### **- Jornal *Gazeta de Notícias*.**

Setor de Periódicos e Microfilmes (BPGMP): 1927-1930 (papel).

Descrição: diário matutino, fundado em 10 de julho de 1927, sob direção dos seguintes diretores: Antônio Drummond, Clovis Mattos, Milton Firmeza, Theo Cabral (Polybio) e Gastão Justa. Desde o início apresentava a coluna “Gazeta Desportiva”. Situava-se na Rua Senador Pompeu, 789, em Fortaleza.

### **- Jornal *O Nordeste*.**

Hemeroteca (IC): 1922-1927 (digitalizado).

Descrição: diário vespertino, fundado em 29 de junho de 1922, de orientação católica bastante caracterizada e sob direção dos redatores Andrade Furtado e José Martins. Desde o início possuía a coluna “Desportos”. Posteriormente, a partir de 1927, passou a publicar sua página esportiva com o mesmo nome. Era propriedade da Sociedade Editora São Francisco das Chagas. Sua oficina e redação funcionavam na Rua Corenel Bezerril, 181; o prédio da Sociedade Editora funcionava na Rua Sólon Pinheiro, ambos em Fortaleza.

---

<sup>110</sup> Biblioteca Nacional Digital: <http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>.

<sup>111</sup> Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel-CE.

<sup>112</sup> Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará.

**-Jornal *O Povo*.**

Setor de Periódicos e Microfilmes (BPGMP): 1928-1930 (microfilmado).

Descrição: diário vespertino, fundado em 07 de janeiro de 1928 por Demócrito Rocha (baiano radicado no Ceará) e Paulo Sarasate. É atualmente o mais antigo jornal em circulação do Estado. Desde o início apresentava a coluna “O Povo Desportivo”. Situava-se na Rua Major Facundo, 670, em Fortaleza.

### **Bibliografia:**

- ALABARCES, Pablo. ***El deporte em América Latina.*** Cidade do México: Razón y Palabra, nº 69, s/d (19 pags).
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas:** Reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo. Cia das Letras: São Paulo, 2008.
- ANTUNES, Fátima. **Com brasileiro não há quem possa:** futebol e identidade nacional em José Lins do Rêgo, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Unesp, 2004.
- ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro.** São Paulo: Perspectiva, 2009.
- ARISTÓTELES. **A política.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- ASSIS, Machado de. **Memorial de Aires.** São Paulo: Editora Brasileira Ltda. (W. M. Jackson Inc.), 1962.
- AZEVEDO, Miguel Ângelo. **Valdemar Cabral Caracas.** In. Secretaria de Cultura-CE. **Memórias Centenárias Cearenses** (Vol. 1). Fortaleza: MIS, 2011.
- BARBOSA, Carlos Henrique. **A cidade das máscaras:** carnavais na Fortaleza das décadas de 1920 e 1930. Dissertação. Fortaleza: UFC, 2007
- BAXANDALL, Michael. **Padrões de intenção.** São Paulo: Cia das Letras, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas.** São Paulo: Brasiliense, 2004.
- CÂNDIDO, Antônio. **A crônica.** Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Literatura e sociedade.** São Paulo; Companhia Editora Nacional, 1967.
- CAPRARO, André Mendes. **Identidades imaginadas:** futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX. Tese. Curitiba: UFPR, 2007.
- CARVALHO, Jáder de. **Sua majestade, o juiz.** São Paulo: Ed. e Distribuidora Musa Ltda, s/d.
- CASTRO, Ruy. **Estrela solitária:** Um brasileiro chamado Garrincha. Cia das Letras: São Paulo, 1995.
- CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril:** cortiços e epidemias na Corte imperial. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo A. M. (orgs.). **História em cousas miúdas.** Capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas: Unicamp: 2005.
- CHARTIER, Roger. **História Cultural:** entre práticas e representações. Algés: Difel, 2002.

\_\_\_\_\_. **O que é um autor?** Revisão de uma genealogia. São Carlos: Edufscar, 2012.

CHIAPPINI, L. & BRESCIANI, M. S. **Literatura e cultura no Brasil:** identidades e fronteiras. São Paulo: Ed. Cortez, 2002.

DAMATTA, Roberto (org.). **Universo do futebol:** esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.

\_\_\_\_\_. **Carnavais, malandros e heróis:** para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1983.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão:** uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. Tese. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

DI GIANO, Roberto. **Fútbol, poder y discriminación social.** Buenos Aires: Leviatán, 2010.

DRUMOND, Maurício. **Nações em jogo:** esporte e propaganda política nos governos de Vargas (1930-1945) e Perón (1946-1955). Dissertação. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

DUNNING, Eric. **El fenômeno desportivo: estudos sociológicos en torno al deporte, la violencia y la civilización.** Barcelona: Editorial Paidotribo, 2003.

DUVIGNAUD, J. **El juego del juego.** México: Fondo de Cultura Econômica, 1982.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador:** formação do estado e civilização. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. **A busca da excitação.** Lisboa: Ed. Difel, 1992.

FARIAS, Cláudia. **A introdução dos esportes no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Revista Record, vol. 2, nº 1, jun. 2009 (41 pags).

FAUSTO, Boris. **A revolução de 1930:** historiografia e história. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FOOT, John. **Calcio: a history of italian football.** Londres: Haper Perennial, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de fevereiro de 1970. São Paulo: Ed. Loyola, 2011.

\_\_\_\_\_. **O que é um autor?** Vega, 2002.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses:** futebol, cultura e sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANZINI, Fábio. **Corações na ponta da chuteira:** capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938). Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2003.

- GIRÃO, Raimundo. **Fortaleza e a crônica histórica**. Fortaleza: Casa José de Alencar (UFC), 2000.
- \_\_\_\_\_. **Palestina, uma agulha e as saudades**. Fortaleza, 1984.
- GOIS JÚNIOR, Edivaldo. **Os higienistas e a educação física**: a história de seus ideais. Dissertação. Rio de Janeiro: Univ. Gama Filho: 2000.
- GONZÁLEZ, David M. *Fútbol y acción colectiva: la reinvención del espacio urbano*. Cidade do México: *Razón y Palabra*, nº 69, s/d (17 pags).
- GUIMARÃES, Manoel L. S. **Vendo o passado**: representação e escrita da história. São Paulo: Anais do Museu Paulista. N. ser. v. 15. n. 2. p.p. 11-30. jul-dez. 2007.
- HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge & LOVISOLLO, Hugo (org). **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- HOBSBAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1870**: Programa, mito e realidade. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- HOBSBAWM, Eric & RANGER, Terence. **A invenção de tradições**. Paz & Terra: Rio de Janeiro, 1997.
- HUIZINGA, J. *Homo ludens*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- JAMESON, Fredric. **Modernidade singular**: ensaio sobre a ontologia do presente. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- JESUS, Gilmar M. de. **Multiculturalidade e adoção do futebol**: platinos e alemães no Rio Grande do Sul. Revista Del Cesla, nº 6, s/d, p.p. 195-204.
- KENNEDY, John (org). *Sportting traditions in Ireland and Latin America*. Waterford: vol. 6, nº 1, mar 2008 (96 pags).
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006
- LUCA, Tânia R. de. **Fontes impressas. A história dos, nos e por meio dos periódicos**. In. PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p.p. 111-153.
- LEITÃO, Juarez. **Futebol: ofício de paixão**. Fortaleza: Livro Técnico, 2002.
- LOPES, José S. Leite. **A vitória do futebol que incorporou a pelada**. Revista USP: dossiê Futebol. São Paulo, n. 22, jun-ago, 1994. p.p. 64-83.
- MENEZES, Ulpiano T. B. **Fontes visuais**. Balanço provisório, propostas cautelares. São Paulo: Revista Brasileira de História, v. 23, nº 45, p.p. 11-36, 2003.
- \_\_\_\_\_. **O fogão da Societé Anonyme du Gaz**. Sugestões para uma leitura histórica da imagem publicitária. São Paulo: Proj. História, 21, nov. 2000.

- MIRANDA, Leonardo Affonso P. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro. Tese. Campinas: Unicamp, 1998.
- MOURA, Sergio Arruda de. **Crônica**: entre o campo literário e o campo jornalístico. Rio de Janeiro: Revista Contemporânea, nº 11, 2008.
- NOBRE, Geraldo. **Introdução à história do jornalismo cearense**. Fortaleza: NUDOC/SECULT-CE (edição fac-similar), 2006.
- \_\_\_\_\_. **História da ACI (1925-1975)**. Fortaleza, 1976.
- PARDINI, Melina. **A narrativa da ordem e a voz da multidão**: o futebol na imprensa durante o Estado Novo (1937-1945). Dissertação. São Paulo: USP, 2009.
- PINTO, Rodrigo Márcio S. **Do passeio público à ferrovia**: o futebol proletário em Fortaleza (1904-1945). Dissertação. Fortaleza: UFC, 2005.
- PONTE, Sebastião R. **Fortaleza Belle Époque**: reformas urbanas e controle social (1860-1930). Fortaleza: Fundação Demócrata Rocha/Multigraf Editora Ltda, 1993.
- RONCAYOLO, Marcel, **Cidade**. In. Encyclopédia Einaudi (vol. 08): **Região**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1986.
- ROLNIK, Raquel. **História urbana**: história na cidade? In. FERNANDES, Ana & GOMES, Marco Aurélio. **Cidade & História**: Modernização das Cidades Brasileiras nos Séculos XIX e XX. Salvador: UFBA, 1992.
- ROSENFELD, Anatol. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- SANTOS, Henrique S. dos. “**Desastres materiais, desordens morais**”: o “foot-ball de vagabundos” nas ruas de Salvador, 1905-1920. Rio de Janeiro: Revista Record, vol. 5, nº 1, jul. 2012 (26 pags).
- SEVCENKO, Nicolau. **Futebol, metrópoles e desatinos**. Revista USP: dossiê Futebol. São Paulo, n. 22, jun.-ago., 1994. p.p. 30-37.
- \_\_\_\_\_. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frenéticos anos 20. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- STREAPCO, João & RÚBIO, Kátia. **Hipóteses para a popularização do futebol em São Paulo (1894-1920)**. Rio de Janeiro: Revista Record, vol. 2, nº 1, jun 2009 (19 pags).
- THOMPSON, E. Palmer. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia das Letras, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Senhores e caçadores**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- TOMLINSON, Alan & YOUNG, Christopher. **German football: history, culture, society**. Londres: Routledge, 2006.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e sociedade na Grécia Antiga**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. Brasília: UNB, 2008.

VIEIRA, Sofia Lerche. **História da educação no Ceará**. Fortaleza: Ed. Demócrata Rocha, 2002.

WAHL, Alfred. ***La balle au pied: Histoire du football***. Paris: Gallimard, 2006.

\_\_\_\_\_. ***Les archives du football: Sport et société em France (1880-1980)***. Paris: Editions Gallimard Julliard, 1989.

WILDE, Oscar. **De profundis e outros escritos do cárcere**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2011.

WOOD, David. ***Golazo del Perú: de élites y fútbol***. Cidade do México: *Razón y Palabra*, nº 69, s/d (14 pags).